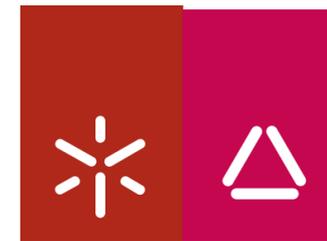


João Manuel Gonçalves Ribeiro **O TECIDO URBANO FLAVIENSE: DE AQUÆ FLAVIÆ A CHAVES MEDIEVAL**

UMinho | 2010

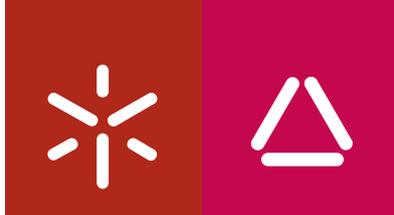


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

João Manuel Gonçalves Ribeiro

**O TECIDO URBANO FLAVIENSE:
DE AQUÆ FLAVIÆ A CHAVES MEDIEVAL**

Outubro de 2010



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

João Manuel Gonçalves Ribeiro

**O TECIDO URBANO FLAVIENSE:
DE AQUÆ FLAVIÆ A CHAVES MEDIEVAL**

Mestrado em Arqueologia

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria do Carmo Franco Ribeiro

Outubro de 2010

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

A realização de um trabalho como este não é algo que se consiga fazer sozinho. De facto, foram muitas as pessoas que nele se envolveram, tornando-se peças fundamentais para a sua concretização.

Considerando a relevância de todos os contributos, a todos quero expressar os meus mais sinceros agradecimentos. No entanto, cumpre-me destacar as pessoas que, pela sua assiduidade e dedicação, merecem um lugar de destaque nestas páginas.

Em primeiro lugar, as pessoas mais importantes da minha vida, únicos no seu contributo, e sem os quais este investimento não faria sentido:

Ao meu Pai Carlos e à minha Mãe Carina, cabe o maior de todos os agradecimentos. São as pessoas mais importantes na minha vida, às quais devo tudo e sem as quais nunca teria conseguido chegar até aqui. O apoio, o carinho, o zelo e principalmente o seu amor deram-me forças e coragem para conseguir fazer este trabalho. A eles agradeço não só o apoio durante a realização desta tese, mas também todos os sacrifícios que, ao longo dos anos, fizeram, para que nunca me faltasse nada e para que nunca ficasse sozinho nas minhas caminhadas.

Um agradecimento especial à minha avó Lina, que sempre cuidou de mim e que sempre esteve ao meu lado, com muito amor e predisposta a ajudar-me e a apoiar-me.

À Patrícia, que sempre esteve sempre do meu lado e me apoiou, sempre me incentivou e não me deixou desistir. Que aturou o meu mau humor quando as coisas não corriam bem. Por tudo isso e particularmente por todo o amor, carinho e dedicação com que sempre esteve ao meu lado, a ela o meu muito obrigado do fundo do coração.

A minha gratidão estende-se também, de forma muito singular, aos meus amigos (eles sabem quem são) que me foram dando o alento necessário para acreditar, particularmente o António, a Carla e o Sérgio, cuja predisposição, motivada somente pela grande amizade que nos une, foi um constante ao longo deste ano.

Em segundo lugar, quero deixar uma palavra de agradecimento a uma série de pessoas que permitiram que este trabalho prosseguisse e que sempre apostaram em mim, dando-me a oportunidade de continuar a amadurecer e enriquecer cientificamente.

À Professora Maria do Carmo Ribeiro, orientadora científica deste trabalho, minha professora e amiga, que, no cômputo das longas horas de trabalho que passámos juntos, sempre manifestou um apoio constante e uma disponibilidade total para esclarecer dúvidas, ensinar, ou, simplesmente, conversar e aconselhar. O meu sincero agradecimento por tudo, por todos os ensinamentos, imprescindíveis para a realização deste trabalho, e por me ter dedicado muito do seu tempo.

Ao Professor Luís Fontes, a minha sentida gratidão, por todos os ensinamentos, pela rectidão e ponderação que sempre empregou nas suas aulas tutoriais e nas nossas conversas sobre o tema da minha dissertação. A sua dedicação, disponibilidade e apoio merecem o meu reconhecimento e os meus mais francos agradecimentos.

Não poderia deixar de agradecer à Professora Doutora Manuela Martins, por toda a ajuda e apoio prestado, bem como a todos os docentes que em muito contribuíram para mais este passo na minha caminhada académica.

Para a concretização dos nossos objectivos contribuíram, do mesmo modo, um grupo particular de intervenientes, no qual se incluem: o Dr. João Batista, Presidente da Câmara Municipal de Chaves, pela colaboração, mediante a disponibilização de todo o material solicitado e de todas as condições necessárias à realização deste trabalho; os Arq̄tos. Cabelreira e Castanheira Penas, que sempre mostraram a maior atenção e disponibilidade para ajudar; os Arquitecto Rodrigo e as Dr^{as}. Eunice e Andreia, pela cedência do material cartográfico da cidade, bem como à Eng^a. Conceição Martins, pela cedência do seu próprio estudo sobre Chaves.

Os arqueólogos da Câmara Municipal de Chaves, Dr. Sérgio Carneiro e Dr. Rui Lopes, pela preciosa ajuda na cedência de informação sobre as intervenções arqueológicas, bem como pela sua disponibilidade para ajudar e pelo seu grande contributo na preservação e estudo do património arqueológico flaviense. Às empresas de arqueologia, nomeadamente Arqueohoje, Arqueologia e Património, Etnos Arqueologia e Era Arqueologia, pela colaboração na reunião de um acervo considerável sobre as intervenções realizadas na cidade de Chaves, a par das intervenções realizadas pelo Gabinete de Arqueologia da autarquia. A todos um muito obrigado.

Um agradecimento muito especial ao Sr. Carlos Félix, cuja experiência e predisposição o tornaram companheiro assíduo nas diferentes tarefas, bem como ao

Dr. Paulo Amaral e Dr. Ricardo Teixeira, cujo percurso académico também passou pelo estudo do povoamento de Chaves, pela cooperação neste trabalho.

A todas os mencionados e a outros que, directa ou indirectamente, contribuíram para a concretização desta tese, uma vez mais a minha gratidão.

A última palavra de agradecimento aos que não acreditavam que eu conseguisse, pois o seu descrédito apenas me fortaleceu e me deu alento para conseguir fazer este trabalho.

Muito obrigado.

Resumo

O presente trabalho teve como objectivo a análise da morfologia da cidade de Chaves, desde a sua fundação, em época romana, até à sua configuração medieval, enquanto vila de Chaves, mediante uma abordagem metodológica multidisciplinar filiada na Arqueologia da Arquitectura.

Enquanto organismo vivo, em constante mutação, Chaves foi-se transformando ao longo dos sucessivos períodos históricos, muito embora as marcas e os vestígios das anteriores ocupações sejam ainda possíveis de identificar no plano actual da cidade. Neste sentido, à semelhança do que ocorre com os demais centros urbanos históricos, o seu estudo será tanto mais completo quanto variados forem os olhares que sobre ela se debruçarem.

Esta abordagem pretendeu realizar uma análise diacrónica do espaço urbano, com ênfase para os elementos remanescentes, quer soterrados, quer integrados no tecido urbano actual, que permitiram dar continuidade à urbanística flaviense, mas também, no presente, proceder ao seu estudo.

Para tal, revelou-se imprescindível a articulação de um conjunto avultado de fontes de informações, bem como o recurso às novas tecnologias de informação.

As primeiras, categorizadas como fontes arqueológicas, iconográficas, cartográficas, histórico-documentais, bem como o tecido histórico construído, constituíram as bases para a teorização sobre a morfologia urbana de *Aquae Flaviae* e de Chaves medieval. Por seu turno, o recurso à Informática, nomeadamente ao *software* de desenho assistido por computador (CAD), aos sistemas de informação geográfica (SIG) e de reconstituição tridimensional (Google *Sketchup*) possibilitaram a materialização da proposta de reconstituição do tecido urbano romano e medieval.

Este trabalho inclui, ainda, um dossier constituído por um conjunto de anexos e apêndices, que incluem cartografia interpretada para os períodos históricos em questão, uma listagem e caracterização das zonas Intervencionadas até ao momento em Chaves.

Pese embora não se trate de um tema novo, a aplicação de uma metodologia multidisciplinar permitiu-nos a obtenção de respostas a questões levantadas em estudos anteriores e a formalização de novas problemáticas de análise.

Os resultados obtidos através deste tipo de abordagem revelaram-se bastante positivos e capazes de propiciar a continuação das pesquisas numa esfera mais

ampla, mas também, mais detalhada, de forma a incrementar os conhecimentos sobre a evolução urbana da cidade de Chaves.

Abstract

This work aimed to analyze the morphology of the town of Chaves, since it was founded, in the roman era, till it's medieval configuration as Vila de Chaves, using a multidisciplinary methodological approach based on the Architecture's Archeology.

As a living organism in constant mutation, Chaves continuously changed throughout the successive historical periods, even though the signs and traces of previous occupations can still be identified in the current plan of the town. Thus, like what happens with other historical urban centers, the more varied the approaches used to study it are, the more complete its study will become.

This approach not only aimed to do a diachronic analysis of the urban area, with a focus on the remaining elements, either buried or integrated in the current urban tissue, that allowed the continuity of Chaves' urbanism, but also, in the present, to study it.

To achieve this, it became evident that the usage of a vast group of information sources was fundamental, as well as using the new information technologies.

Firstly, the information sources were categorized into archeological, iconographic, cartographic, historical/documentation sources, as well as the historical tissue built were the bases for the theorization concerning the urban morphology of *Aquae Flaviae* and of the medieval Chaves. Secondly, the use of information technologies, like computer-aided design (CAD) software, geographic information systems (GIS) and tridimensional reconstitution (*Google Sketchup*) enabled the materialization of the proposal to reconstitute the roman and medieval urban tissue.

This work also includes a dossier composed of annexes and appendices, which include interpreted cartography for the aforementioned historical periods, a listing and characterization of the areas intervened till the present day in Chaves.

Even though it's not a new theme, the application of a multidisciplinary methodology allowed us to obtain answers to questions that came up in previous studies and also to formalize new problems for analysis.

The results obtained through this type of approach turned out to be positive and capable of furthering the research with a wider focus, but, at the same time, more detailed, so that it can increase our knowledge about the urban evolution of the town of Chaves.

Índice

AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	VII
INTRODUÇÃO.....	14
1. RESENHA HISTORIOGRÁFICA DE CHAVES	18
2. OBJECTIVOS	22
3. FONTES PARA O ESTUDO DO TECIDO URBANO FLAVIENSE.....	24
3.1 FONTES ARQUEOLÓGICAS.....	25
3.2 TECIDO HISTÓRICO CONSTRUÍDO.....	27
3.3 FONTES ICONOGRÁFICAS E CARTOGRÁFICAS	29
3.4 FONTES HISTÓRICO-DOCUMENTAIS	30
4. METODOLOGIA DE ANÁLISE	32
5. A CIDADE ROMANA DE AQUAE FLAVIAE	36
5.1 CONTEXTO HISTÓRICO	36
5.2 CONTEXTO FUNDACIONAL	38
5.3 A PLANIFICAÇÃO DA CIDADE.....	40
5.4 O ESPAÇO CONSTRUÍDO	44
5.4.1 <i>Forum</i>	45
5.4.2 <i>Teatro/Anfiteatro</i>	48
5.4.3 <i>Termas</i>	51
5.4.4 <i>Edifícios privados</i>	54
5.4.5 <i>Ruas</i>	59
5.4.6 <i>Muralha</i>	63
5.4.7 <i>Ponte Romana</i>	64
5.4.8 <i>Barragem</i>	67
5.4.9 <i>Vias</i>	70
5.4.10 <i>Necrópoles</i>	72
5.5. O PLANO URBANO DE <i>AQUAE FLAVIAE</i> : PROPOSTA DE RECONSTITUIÇÃO	75
6. A CIDADE MEDIEVAL DE CHAVES.....	82
6.1 CONTEXTO HISTÓRICO.....	82
6.2 ARQUITECTURA MILITAR MEDIEVAL	87
6.2.1 <i>O Castelo e as Muralhas</i>	87
6.2.2 <i>Paço dos Duques de Bragança</i>	94
6.3. ARQUITECTURA RELIGIOSA	97
6.3.1. <i>Igreja Matriz</i>	97

6.3.2 Capela de Santa Catarina	100
6.3.3. Capela de Santa Maria Madalena	102
6.3.4. Capela de Santo Amaro	103
6.4 ARQUITECTURA PRIVADA	103
6.4.1. A habitação corrente	103
6.5. MALHA URBANA MEDIEVAL	104
CONCLUSÃO.....	108
BIBLIOGRAFIA	112
ANEXOS	121
ANEXO I	123
ANEXO II	157
ANEXO III	159
ANEXO IV	181
APÊNDICES.....	203
APÊNDICE I	205
APÊNDICE II	227
APÊNDICE III	253

Índice de imagens

Figura 1 - Localização de Chaves no Google Earth (adaptado)	14
Figura 2 - Alain Tranoy, (1995-96), “La route, image et instrument de pouvoir impérial dans de nord-ouest ibérique” (adaptado)	36
Figura 3 - Antigos Populi / Civitates da Gallecia (Colmenero 1997b:13,14) ” adaptado	39
Figura 4 - “Povoados fortificados de origem proto-histórica”, (Teixeira 1996) adaptado	40
Figura 5 - - Marcação das orientações da futura cidade. (Maciel 2006:63).....	41
Figura 6 - Planta com a proposta do forum romano e de alguns eixos constatados segundo Colmenero (1997b).	46
Figura 7 - Foto aérea do Google Earth onde se assinala o quarteirão, que alguns autores atribuem como sendo o local do antigo teatro romano, dado a sua configuração distinta dos outros quarteirões da cidade	49
Figura 8 - Epígrafe consagrada a Hermes Eidevor (Colmenero 1997a: 73).....	50
Figura 9 - Planta do balneário descoberto no Largo do Arrabalde (Planta gentilmente cedida pelo Dr. Sérgio Carneiro, 2010)	52
Figura 10 - Vista geral das estruturas exumadas na intervenção no futuro Arquivo Municipal. Foto do relatório “Arquivo Histórico Municipal de Chaves. AMC.07” gentilmente cedido pela empresa Arqueologia e Património.	59
Figura 11 - Calçada romana identificada na intervenção levada a cabo na Rua 1º de Dezembro.....	62
Figura 12 - Muralha medieval da Rua do Postigo dos Manos em 2010.....	64
Figura 13 - Ponte de Trajano, vista S-N	65
Figura 14 - Propostas dos traçados do aqueduto segundo Colmenero (1997b) adaptado.....	70
Figura 15 - Sepulturas exumadas do Largo General Silveira. (Relatório da intervenção gentilmente cedido pelo Dr. Sérgio Carneiro)	74
Figura 16 - Proposta da malha urbana romana de <i>Aquae Flaviae</i> – <i>Apêndice I, planta nº 2</i>	79
Figura 17 - Quartel dos caçadores adossado ao Castelo.....	92
Figura 18 - Desenho de Duarte D’Armas, do livro das fortalezas séc. XV/XVI. Panorâmica Este da vila medieval	93
Figura 19 - Desenho de Duarte D’Armas, do livro das fortalezas séc. XV/XVI. Planta do Castelo de Chaves.....	94
Figura 20 - Desenho de Duarte D’Armas, do livro das fortalezas séc. XV/XVI. Planta do Castelo de Chaves.....	96
Figura 21 - Planta do “Pavimento terreo do Quartel do Castello em Chaves aonde se aloja o R.º d’Infanteria nº 13 : Pl. nº 1 em Bragança 26 de Junho de 1843. AHM/GEAEM 1460-1- 8-12” (adaptado de Gomes 2008:s.p.).....	96
Figura 22 - Igreja de Santa Maria Maior.....	100
Figura 23 - Capela de Santa Catarina.....	101
Figura 25 - Inserção do Castelo, da cerca medieval e da Igreja Matriz na planta da cidade de Chaves	107

Introdução

A cidade de Chaves possui um longo passado histórico, cujas origens remontam ao século I da nossa era. Desde a fundação romana como *Aquae Flaviae*, a cidade conheceu sucessivas ocupações, condicionadas por circunstâncias geográficas e históricas variadas. Actualmente, Chaves constitui uma verdadeira cidade histórica, onde as marcas e os vestígios materiais dos mais de 2000 anos de ocupação se entrelaçam no plano urbano actual.

Pese embora este conhecimento, reconstituir a forma urbana que caracterizou os diferentes momentos de ocupação do espaço urbano flaviense, bem como perceber as transformações morfológicas que ocorreram na diacronia, constitui, ainda, um enorme desafio.

A cidade de Chaves, localizada no distrito de Vila Real, desenvolve-se numa zona de vale, numa área correspondente a 25km², sendo banhada pelo Rio Tâmega, importante eixo fluvial, cuja transposição desde cedo determinou amplos investimentos públicos pelo poder central e local.

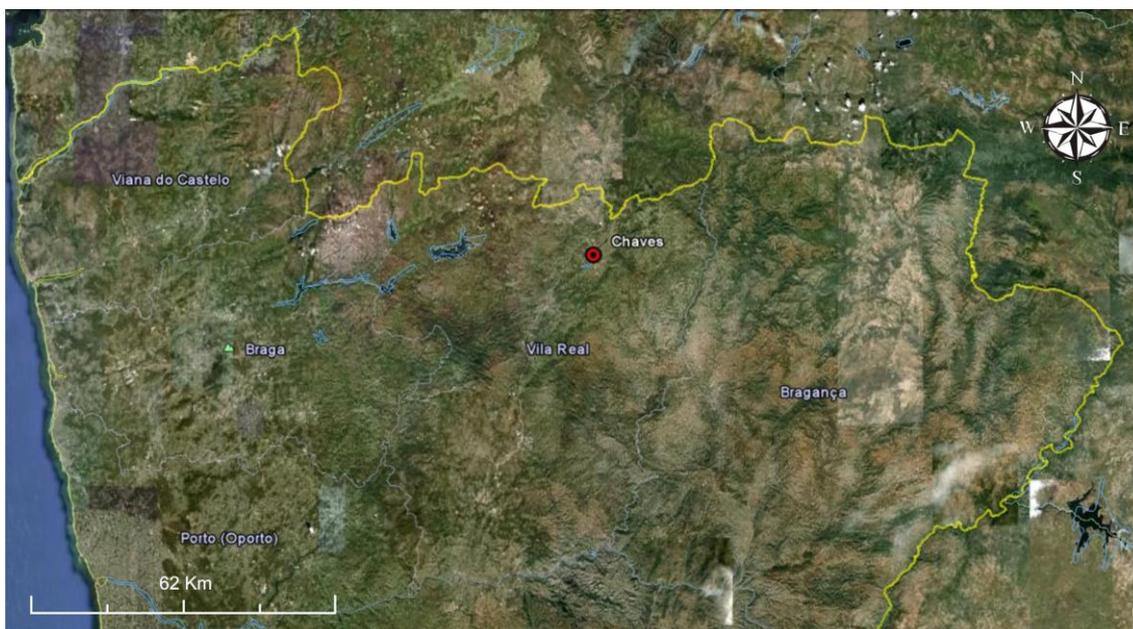


Figura 1 - Localização de Chaves no Google Earth (adaptado)

Enquadrada a leste pela Serra do Brunheiro, com altitude máxima de 919 metros, a cidade encontra-se limitada a oeste por pequenas elevações de terreno, as quais consolidam a Serra de Bustelo. Esta, por seu turno, constitui contraforte à Serra do Larouco e ao planalto de Barroso. A norte localiza-se a Serra de Mairos

que se expande até Espanha e a sul situa-se um conjunto de colinas que se prendem ao Brunheiro, no lugar de Pêto de Lagarelhos.

A posição geográfica de Chaves terá sido avaliada desde muito cedo, constituindo um espaço de circulação muito importante que desde os romanos materializou um conjunto relevante de vias. Uma dessas vias, a via XVIII, ligaria a cidade a duas importantes capitais de conventus, *Bracara Augusta* (Braga) e *Asturica Augusta* (Astorga).

Para além da importância geográfica, também os recursos naturais, designadamente as qualidades medicinais das suas águas, terão contribuído para a importância acrescida que a cidade de Chaves adquire no período de dominação romana, mas também, nos períodos seguintes. Actualmente, a cidade beneficia ainda de algumas destas vantagens.

O presente trabalho pretende estudar a evolução da morfologia urbana da cidade de Chaves, entre o período romano – *Aquae Flaviae* - e a Idade Média – *Flavias* ou Chaves medieval -, analisando o enquadramento histórico e geográfico que fundamenta os traços morfológicos e as principais construções que caracterizaram o plano urbano romano e medieval. É igualmente objectivo deste estudo analisar as transformações morfológicas ocorridas no espaço urbano flaviense entre os referidos períodos históricos, procurando aferir as continuidades e ou descontinuidades verificadas entre os sucessivos planos urbanos.

Não constituindo um tema novo, este estudo, inserido no âmbito da Arqueologia urbana, pretende introduzir uma abordagem metodológica inovadora, inspirada na Arqueologia da Arquitectura, mas também, em outras áreas do conhecimento que têm como objecto de estudo a cidade. Referimo-nos, concretamente, à História, à Arquitectura, ao Urbanismo e à Geografia. Igualmente importante será a utilização de diferentes fontes de informação onde se incluem as arqueológicas, mas também, as documentais, as iconográficas e as cartográficas.

Não menos valorizado será o recurso à Informática, designadamente às aplicações de desenho assistido por computador (CAD), aos sistemas de informação geográfica (SIG) e aos sistemas de reconstituição tridimensional (*Google Sketchup*).

Organização do Trabalho

Para a concretização dos nossos objectivos optámos por estruturar o presente trabalho em 7 capítulos. Nos quatro primeiros, de cariz mais teórico e metodológico, procurámos situar o tema e a temática deste estudo, bem como definir os objectivos, apresentar as fontes e a metodologia de abordagem. Nos restantes três procedemos ao estudo concreto do urbanismo da cidade de Chaves em dois momentos cronológicos distintos: o período romano e o medieval.

Assim, no Capítulo 1, intitulado *Resenha Historiográfica de Chaves* (1.), elaborámos uma síntese das principais obras historiográficas produzidas para a cidade de Chaves, delineando sumariamente as duas correntes teóricas que, no século XX, se formaram a propósito da urbanística flaviense.

Os objectivos que presidem a este trabalho são enunciados no segundo capítulo (2.), ocupando as *Fontes para o estudo do tecido urbano flaviense* o terceiro capítulo (3.), no qual se evidencia a importância do recurso a um leque diversificado de fontes para o estudo do urbanismo.

Os procedimentos metodológicos adoptados para a concretização deste trabalho, com ênfase para o carácter multidisciplinar da Arqueologia da Arquitectura, são abordados no quarto capítulo, intitulado *Metodologia de análise* (4.)

No quinto capítulo, intitulado *A cidade romana de Aquae Flaviae*, procede-se, primeiramente, ao enquadramento histórico e à síntese das principais teses sobre a sua génese e fundação (5.2) e, posteriormente, à análise da planificação da cidade (5.3) e do espaço construído (5.4), caracterizando-se os edifícios e os espaços estruturantes do perímetro urbano mas também, periférico, como as necrópoles, as vias e a barragem. Por fim, elaborámos uma proposta de reconstituição da malha urbana de *Aquae Flaviae* (5.5).

O sexto capítulo é dedicado ao estudo da cidade medieval (6.), abordando-se primeiramente o período de transição entre a cidade romana e a vila de *Flavias*, de modo a percebermos as condicionantes históricas que acompanharam a sua evolução e que, de certa forma, regularam a sua morfologia (6.1). A arquitectura militar medieval foi abordada no ponto 6.2, a religiosa no 6.3 e privada no 6.4.

Com base na análise do edificado medieval, teceremos algumas considerações a propósito da malha urbana medieval (6.5), numa lógica de percepção da evolução do traçado urbano ao longo deste amplo período histórico.

O presente trabalho integra ainda um conjunto de quatro anexos e três apêndices. O anexo I inclui a informação relativa às fontes arqueológicas. O anexo II possui os dados a cerca dos achados isolados, enquanto no anexo III apresentamos a colectânea epigráfica existente para o centro histórico da cidade de Chaves. Por fim, no anexo IV apresentamos as fontes iconográficas e cartográficas utilizadas neste trabalho. Para além da descrição das referidas fontes, elas serão acompanhadas de fotografias e sempre que se justifique representadas na planimetria actual da cidade. O apêndice I integra cartografia interpretada para os períodos históricos em questão. O apêndice II inclui um conjunto de fichas onde se realiza a análise comparativa do edificado e da morfologia da cidade entre o período medieval e a actualidade, com base na iconografia e cartografia.

No apêndice III, apresentamos uma proposta de reconstituição 3D dos principais elementos construídos da cidade medieval, designadamente da muralha, do castelo e da igreja matriz.

1. Resenha historiográfica de Chaves

A historiografia flaviense apresenta uma tradição de cerca de quinze séculos, mergulhando as suas origens nos relatos dos cenários das invasões suevas à cidade de *Flavias*, no século V. Reportamo-nos à *Cronica* ou *Cronicon* da autoria de Idácio, Bispo de Chaves, na qual é feita a descrição deste período tão atribulado da história da cidade (Idácio 1982). Pese embora a subjectividade empregue pelo autor, esta obra integra os acontecimentos que marcaram *Aquae Flaviae*, à data *Flavias*, no período de queda do Império Romano e consequente ocupação suevo-visigoda.

A narrativa histórica da cidade retomar-se-ia apenas no século XVIII, com a obra *Noticias Geographicas e Historicas da Provincia de Tras dos Montes*, da autoria de Tomé de Távora e Abreu e do Padre José da Fontoura Carneiro. Estes manuscritos modernos foram, já no século XX, transcritos e, por conseguinte, democratizados, por Júlio Montalvão Machado, em artigo homónimo à referida obra, publicado em 1989, no nº 2 da Revista *Aquae Flaviae* (1989: 9 - 76).

A referida revista viria a tornar-se num veículo editorial de significativa importância para a historiografia flaviense, constituindo o meio preferencial de publicação da história de Chaves, quer a nível arqueológico, designadamente das intervenções do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal, quer dos estudos de cariz histórico ou etnográfico.

Refiram-se, ainda, para o século XIX as referências feitas à cidade de Chaves, na obra *História de Portugal*, de Alexandre Herculano.

As últimas décadas do século XX correspondem, sem sombra de dúvida, ao período de maior “volume literário” a propósito das origens da cidade e da sua evolução urbana. A primeira obra de referência, da autoria de António Montalvão, remonta a 1972 e intitula-se *Permanece a urbanística de Aquae Flaviae?* (Montalvão 1972: 1- 5).

Este artigo constitui um ponto de partida irrecusável para quantos se debruçam sobre a análise do traçado urbanístico da cidade romana de *Aquae Flaviae* e determina o início de uma corrente de investigação que postula uma origem romana para a malha urbana da actual cidade de Chaves.

Nos finais da década de '70, Francisco Gonçalves Carneiro publica *A Igreja de Santa Maria Maior de Chaves*, obra que versa a história deste edifício polarizador

das urbanizações medievais, bem como a descrição do referido imóvel à data desta publicação (Carneiro 1979). A mesma igreja integraria uma obra de índole mais generalista, da autoria de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, denominada *História de Arte em Portugal. O Românico* (Almeida 1986).

O dealbar da década de '90 encontra-se pautado pela publicação da obra *Aquae Flaviae*, de Antonio Rodríguez Colmenero, a qual constitui a primeira grande exposição das evidências arqueológicas – móveis e imóveis – descobertas até à década precedente. Esta obra inclui ainda uma revisão da literatura a propósito da génese da cidade, filiando-se o autor na corrente presidida por António Montalvão (Rodríguez Colmenero 1990).

Com efeito, esta década marca, na historiografia flaviense, o incremento do leque de temas a desenvolver e o estabelecimento de novas posturas epistemológicas associadas às origens do traçado urbanístico de Chaves.

Em 1990, Firmino Aires, colaborador de Rodríguez Colmenero nas intervenções arqueológicas levadas a cabo na década de '80, publica um compêndio dos topónimos da cidade de Chaves, intitulado *Toponímia Flaviense*, que corresponde, mais do que à adscrição de ruas a determinados períodos históricos, a um enunciado das “histórias” e lendas associadas a cada um dos eixos viários da cidade (Aires 1990).

Ainda no mesmo ano, destacam-se as obras de Nuno José Pizarro Pinto Dias, intituladas *As cidades de fronteira de Portugal com a Galiza e Chaves medieval: séculos XIII e XIV*, profusamente imbuídas na corrente de alguns historiadores portugueses que preconizava um “ermamento” inerente ao processo de Reconquista, encetado por D. Afonso I.

Determinava-se, deste modo, a criação de uma nova corrente de investigação em defesa da génese medieval de Chaves, por oposição à tese “filo-romana”, presidida por António Montalvão. Nuno Dias defende a fundação e povoamento da cidade por iniciativa régia, na segunda metade do século XIII, no reinado de D. Afonso III.

O processo de Reconquista constitui, igualmente, um ponto central na obra de Mário Jorge Barroca (1990-91), intitulada *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX a XII)*, tema que o mesmo autor retoma, em 2004, num artigo publicado também na *Revista Portugalia*, desta feita intitulado *Fortificações e Povoamento no Norte de Portugal (Séc. IX a XI)*.

Em 1993, Paulo Amaral defende a sua tese de mestrado, subordinada ao tema *O Povoamento Romano no Vale Superior do Tâmega – Permanência e mutações na Humanização de uma Paisagem*. Esta obra constitui o resultado de continuadas investigações sobre a cidade romana e o mundo rural adjacente, contribuindo de forma significativa para o avanço nos conhecimentos sobre a evolução urbana da cidade de *Aquae Flaviae*. Dela fazem parte, igualmente, um importante e avolumado compêndio onde constam as evidências arqueológicas descobertas ou recolhidas até à data da sua publicação, bem como dos habitats romanos identificados nas proximidades de *Aquae Flaviae*.

No mesmo ano, Paulo Gomes apresenta a sua tese de mestrado, intitulada *Arqueologia das Vilas Urbanas de Trás-os-Montes e do Alto Douro. A reorganização do povoamento e dos territórios na Baixa Idade Média (séculos XII-XV)*, numa linha de investigação claramente filiada nas obras de Nuno Dias. No entanto, as asserções de Paulo Gomes, a propósito da cidade medieval, parecem denunciar uma postura mais tolerante em relação à génese do traçado urbano da cidade e à sua extensa ocupação anterior ao século XIII.

Em 1994, Rafael Alfenim, num artigo dedicado à *A Barragem de Aquae Flaviae*, analisa o sítio arqueológico do lugar de Abobeira e aventa alternativas às funções tradicionalmente propostas para esta estrutura hidráulica.

Em 1996, Ricardo Teixeira defende a sua tese de mestrado, intitulada *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*, uma obra notoriamente análoga à de Paulo Amaral, muito embora referente a um período cronológico diferente.

O início do século XXI constitui um ponto de viragem nas investigações sobre a evolução urbana da cidade, graças, sobretudo, ao aumento do número de intervenções arqueológicas realizadas, quer por organismos privados, quer pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal, que se constitui como o principal responsável pela gestão e salvaguarda do património arqueológico. Estas intervenções têm permitido, por sua vez, engrossar o volume das publicações, sob a forma de relatórios ou artigos, contribuindo, igualmente, para introduzir novas interpretações acerca das sucessivas ocupações que a cidade foi alvo.

Assiste-se, ainda, a publicações que reflectem sobre as considerações tecidas ao longo das décadas anteriores, tais como as revisões dos relatórios da Direcção-

Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, actualmente disponíveis num *site* dedicado a esta instituição, já extinta.

Em 2008, Ricardo Teixeira retoma o tema do *Povoamento e organização do território nas regiões de Chaves, Vila Real e Lamego (Séc. IX – XIV)*, no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, enquanto Paulo Gomes publica um estudo sobre a evolução urbana da cidade, intitulado *Chaves e as suas Fortificações. Estudo histórico, arqueológico e evolução Urbana e Arquitectónica*. Para além da evolução do sistema defensivo medieval e moderno de Chaves, o autor analisa as consequências provocadas na malha urbana pelas sucessivas alterações das referidas estruturas defensivas.

Pese embora não tenhamos enunciado toda a bibliografia produzida sobre a história da cidade, pensamos ter conseguido apresentar as obras que, por um lado, melhor demonstram o percurso peculiar da historiografia flaviense, por outro, mais significativamente se inserem na temática que pretendemos abordar neste trabalho.

2. Objectivos

O estudo da evolução urbana da cidade de Chaves, desde a sua fundação romana até aos nossos dias, constitui um tema extremamente aliciante, não só pelo seu carácter inovador, mas também, pelo enorme desafio que representa. Contudo, dado o elevado volume de dados que um estudo desta natureza implica e os limites de tempo que possuímos, centrar-nos-emos num período cronológico mais restrito, designadamente, na análise da paisagem urbana flaviense nos períodos romano e medieval.

Assim, pretendemos com este trabalho dar início a um estudo que tem por finalidade reconstituir a forma urbana que caracterizou a cidade no período de ocupação romana e medieval, bem como perceber as transformações que ocorreram entre estes dois momentos, através da implantação de uma nova metodologia com provas dadas em outras cidades históricas, como o caso de Braga (Ribeiro 2008).

Para a concretização do objectivo geral deste trabalho, contribuíram um conjunto de objectivos específicos que permitiram traçar a evolução morfológica entre a época romana e a época medieval, bem como aferir a continuidade ou descontinuidade urbanística existente entre os diferentes momentos de ocupação da cidade.

Para o estudo da cidade romana de *Aquae Flaviae*, definimos como objectivos específicos: reavaliar a localização dos eixos estruturantes da cidade (*Kardus* e *decumanus maximus*) e as ruas secundárias, bem como a localização do *forum*; propor uma malha teórica segundo a qual a cidade se organizaria, designadamente a dimensão e a localização de algumas *insulae*, bem como a orientação da cidade romana nos períodos alto e baixo-imperiais e por fim analisar a localização e funcionalidade de alguns edifícios.

No que se refere ao estudo da cidade tardo antiga, período em que se verifica uma redução acentuada dos vestígios sobreviventes, procurámos analisar as continuidades e/ou descontinuidades urbanísticas entre o período anterior e o sucedâneo, procurando identificar e determinar as principais transformações operadas no urbanismo que a cidade sofre neste período de transição.

Para o estudo do período medieval, foram nossos objectivos específicos a análise do perímetro amuralhado da vila medieval, bem como todo o sistema de

fortificação; a identificação e análise dos elementos definidores do espaço urbano medieval, designadamente as ruas, as praças, os quarteirões e as parcelas, bem como algum edificado civil deste período ainda remanescente na cidade actual.

A concretização destes objectivos permitiu a elaboração de plantas para cada um dos períodos históricos, designadamente para a cidade alto-imperial, tardo antiga e medieval, onde se identificam os principais componentes dos planos urbanos (ruas e praças, quarteirões e parcelas), bem como bem algum do seu edificado estruturante, como sejam as muralhas. Consequentemente, com a ajuda de tecnologias informáticas 3D, foi possível elaborar propostas de reconstituição tridimensional da cidade e de alguns edifícios dos períodos históricos abordados.

3. Fontes para o estudo do tecido urbano flaviense

O estudo das transformações morfológicas ocorridas nos espaços urbanos, ao longo do tempo, necessita da articulação de diversas fontes de informação. De facto, à semelhança do que se tem verificado com a análise diacrónica de outras cidades, é necessário valorizar a utilização de metodologias interdisciplinares, bem como o cruzamento de fontes de natureza distinta, designadamente as materiais, onde se incluem as arqueológicas, mas também, o tecido histórico construído, as fontes histórico-documentais, as iconográficas e as cartográficas (Ribeiro 2008).

Tendo em conta a escassez de elementos, de uma mesma categoria, que permitam estudar evolução urbana da cidade de Chaves, desde a época romana até a Idade Média, a nossa análise irá privilegiar o cruzamento de dados provenientes de diferentes fontes.

Para o estudo do urbanismo da cidade romana de *Aquae Flaviae*, as fontes existentes são por excelência de índole arqueológica e, como tal, dispersas e fragmentárias.

Para além do conjunto das evidências arqueológicas, recuperadas pelas escavações ou achadas ocasionalmente, existem, igualmente, um leque de outras fontes onde se incluem a fotografia aérea, a cartografia e a iconografia produzidas desde o século XVI, mas também, os traços morfológicos, de origem romana, fossilizados na planimetria da cidade actual.

No que diz respeito à análise da vila medieval, as principais fontes são as documentais que, muito embora sejam particularmente susceptíveis de proporcionar dados relativos à vida social, oferecem, igualmente, um contributo muito importante para a reconstituição do urbanismo medieval da cidade de Chaves.

De igual modo, para o estudo deste período contribuem os vestígios arqueológicos, a cartografia e a iconografia, bem como os elementos conservados da estrutura medieval no tecido urbano actual.

Assim, o nosso estudo sobre o tecido urbano flaviense romano e medieval será realizado com base na análise e articulação de diferentes fontes, que passaremos de seguida a caracterizar, designadamente as fontes arqueológicas, as iconográficas, as cartográficas, as escritas e o edificado histórico.

3.1 Fontes arqueológicas

As fontes arqueológicas são constituídas por uma gama muito diversificada de vestígios onde se incluem os artefactos, as estruturas ou as construções, mas também, os restos orgânicos (ecofactos) e inorgânicos (geofactos), recuperados pelo método arqueológico e que permitem proceder à interpretação do comportamento do homem no passado (Ashmore & Sharer 1996).

Das evidências arqueológicas fazem parte os restos materiais achados casualmente, normalmente à superfície, os vestígios soterrados, recuperados através de técnicas de escavação desenvolvidas no âmbito da disciplina, mas também, os elementos que se encontram à superfície, quer seja isoladamente ou integrados no edificado actual (Gutiérrez Lloret 1997).

As evidências de carácter imóvel, recuperadas nas escavações arqueológicas, como é o caso das estruturas pertencentes a edifícios, ruas, calçadas, canalizações ou sepulturas, possuem uma importância acrescida no estudo da forma urbana, constituindo os vestígios mais explícitos do traçado urbanístico das cidades.

A par das estruturas, também as evidências de carácter móvel, como as cerâmicas, os vidros ou os metais, constituem uma importante fonte de informação sobre as actividades humanas no passado, permitindo, simultaneamente, obter datações para as edificações e favorecer a análise evolutiva das mesmas (Fernández Martínez 1990:87).

Também os elementos arquitectónicos constituem uma fonte de informação importante nos estudos de urbanismo, sobrevivendo, por vezes, até à actualidade, integrados no edificado histórico.

Paralelamente, evidenciam-se todos os achados fortuitos que, apesar de descontextualizados, propiciam, pelo seu potencial, dados relevantes acerca da vida quotidiana da cidade e das suas relações com o exterior, nomeadamente no que respeita à exploração de recursos naturais e trocas comerciais.

Consideram-se, ainda, no âmbito das evidências arqueológicas, os ecofactos e os geofactos. Os primeiros, definidos pelo conjunto de vestígios ambientais ou restos orgânicos, como as madeiras, as sementes ou os ossos, permitem reconstituir os paleo-ambientes antigos (Ashmore & Sharer 1996). Todavia, a preservação dos ecofactos até aos nossos dias é por vezes bastante difícil, como acontece em Chaves.

Os geofactos são as evidências físicas que permitem analisar a estratigrafia e a formação dos sedimentos, mas também, os processos que actuaram sobre os sítios arqueológicos e contribuíram para o enterramento dos vestígios (Ashmore & Sharer 1996). Sobretudo em meio urbano, onde as ocupações e reconstruções do espaço se sucederam por vezes de forma intensa, os geofactos constituem um elemento fundamental do registo arqueológico.

As intervenções arqueológicas realizadas na cidade de Chaves, ao longo das duas últimas décadas, desdobram-se em projectos de investigação, individuais ou colectivos, e em acções de emergência e salvaguarda do património.

Os diferentes trabalhos arqueológicos (escavações, prospecções e acompanhamentos) têm sido realizados pela Divisão de Salvamento do Património Arqueológico e Arquitectónico da Câmara Municipal de Chaves (DSPAACMC), mas também, por empresas privadas e arqueólogos em nome individual.

Destas intervenções tem resultado um elevado e variado número de evidências arqueológicas, maioritariamente artefactos e estruturas, extremamente importantes para o conhecimento da vida social e económica da cidade romana, mas também, para a análise da sua morfologia urbana. Todavia, e infelizmente, nem toda a informação decorrente dos diferentes trabalhos arqueológicos realizados na cidade tem sido publicada, encontrando-se maioritariamente nos relatórios enviados à tutela.

Deste modo, foi necessário proceder, primeiramente, a um trabalho exaustivo de recolha e selecção dos dados arqueológicos dispersos por diferentes publicações tendo em conta os objectivos deste trabalho.

Dado o volume de informação existente, optámos por integrar todos os vestígios do registo arqueológico numa base de dados alfanumérica que apresentaremos no anexo I deste trabalho.

Das intervenções arqueológicas efectuadas até à data na cidade de Chaves, quer em projectos de investigação, quer em acções de salvamento, destacamos, pela informação proporcionada, a intervenção no balneário romano, localizado no Arrabalde das vilas medieval e moderna, tendo em conta que configura duas realidades distintas: o balneário baixo-imperial e a fortificação setecentista que se lhe sobrepõe.

Igualmente importantes foram os trabalhos realizados na necrópole do Largo das Freiras, tendo em conta os vestígios de enterramento e as sepulturas

identificadas, os quais, pelas suas características, são enquadráveis no período baixo-imperial, configurando um dos limites da cidade romana.

Destacáramos, ainda, a intervenção na Rua Bispo Idácio, suscitada pela construção do Arquivo Municipal, que permitiu recuperar diversas estruturas relacionadas com a cidade romana e com a vila medieval, deveras profícua para a análise da evolução da ocupação deste espaço urbano.

Por fim, revestem-se de igual valor os dados que integram o repertório epigráfico de Chaves, constituído nos últimos séculos. Dele fazem parte as epígrafes encontradas em contexto arqueológico, mas também, aquelas que foram sendo descobertas fruto do acaso, designadamente nos trabalhos de renovação urbanística efectuados na cidade. Pela sua importância na obtenção de dados sobre a morfologia urbana, destacam-se do conjunto das epígrafes, os miliários, sobretudo os que se encontram associados aos eixos viários. Através da análise da sua localização, podemos obter indicações acerca dos limites da área urbana, bem como da sua relação com o espaço envolvente, designadamente pela localização das vias.

A partir da avaliação global dos vestígios arqueológicos disponíveis até ao momento da publicação deste estudo resultaram conjuntos significativos de informações acerca das áreas ocupadas e construções referentes, quer do período romano, quer do período medieval.

A informação analisada foi integrada numa base cartográfica permitindo elaborar uma planimetria teórica da forma urbana romana que inclui a malha dos quarteirões e o sistema viário. Através dos dados referentes às necrópoles e às vias foi possível definir aproximadamente o que seria o perímetro urbano alto-imperial, bem como analisar a sua contracção no Baixo-Império. A conjugação desta informação com os dados referentes à envolvente, designadamente à localização dos povoados castrejos, do rio e das vias romanas numa mesma cartografia permitiu analisar a área de influência da cidade romana de *Aquae Flaviae*, bem como a sua ligação às restantes cidades do Império.

3.2 Tecido histórico construído

As cidades históricas integram no seu plano actual marcas e vestígios provenientes de épocas anteriores que compõem o seu tecido histórico. Referimos aos materiais que foram reaproveitados de períodos anteriores, como por

exemplo aqueles que provêm do período romano e integram os edifícios actuais, mas também, às construções que apresentam características arquitectónicas e morfológicas de cariz medieval ou moderna. Por fim, nos planos das cidades actuais encontramos ainda marcas que fossilizam características morfológicas dos períodos anteriores (Ribeiro 2008).

Para o estudo da evolução da morfologia urbana da cidade de Chaves, a análise do tecido histórico construído, revela-se de grande importância, na exacta medida em que “ ... na cidade actual encontramos diferentes temporalidades materializadas espacialmente” (Ribeiro 2008).

O tecido urbano flaviense actual conserva um número significativo de conjuntos construídos de épocas anteriores que incluem os traçados das ruas e a configuração dos edifícios, mas também, materiais e construções que, por sua vez, denunciam técnicas construtivas de épocas anteriores.

Referimo-nos, por exemplo, ao traçado ortogonal que caracteriza parte do plano do centro histórico da cidade actual, uma reminiscência romana, mas também, aos edifícios que possuem uma longa permanência temporal, como sejam as igrejas, o castelo e as muralhas. Igualmente, alguns edifícios privados conservam elementos característicos de construções anteriores. Referimo-nos, por exemplo, aos materiais de construção medieval, como o granito ou a madeira (taipa) ou a elementos de arquitectura e decoração provenientes de períodos anteriores.

A análise do edificado histórico construído permite-nos a obtenção de dados que, quando relacionados e cruzados com as restantes fontes, constituem um valioso complemento da informação já existente sobre a cidade. Esta análise contribuiu de forma proveitosa para o conhecimento da evolução do tecido histórico construído, bem como da arquitectura da cidade histórica.

À luz dos princípios da Arqueologia da Arquitectura, o edificado é analisado como um documento histórico estratigrafado, consequência de sucessivas acções construtivas, ocorridas ao longo do tempo: construções, demolições, reparações, reconstruções (Caballero Zoreda 2009).

As evidências materiais utilizadas neste estudo resultaram de um trabalho de prospecção realizado em alguns quarteirões da cidade. Todavia, face aos limites temporais impostos a este tipo de trabalhos de investigação, os dados utilizados foram em número reduzido.

3.3 Fontes iconográficas e cartográficas

Nas fontes iconográficas e cartográficas incluímos todas as ilustrações, representações, mapas e levantamentos topográficos efectuados ao longo dos séculos por diversos autores e com diferentes fins.

A cidade de Chaves conta com um limitado reportório de representações para épocas muito recuadas. Pese embora o seu valor documental, algumas delas apresentam lacunas, sobretudo no que respeita ao rigor e ao pormenor cartográfico. No entanto, os mapas e ilustrações reproduzidos a partir do século XVII facultam informações bastante relevantes sobre a morfologia da cidade moderna, permitindo, igualmente, identificar elementos urbanos pertencentes aos períodos anteriores.

Uma apresentação mais detalhada da documentação iconográfica e cartográfica existente para Chaves, e utilizada neste trabalho, será apresentada no anexo II.

Entre as fontes, deste tipo que se revestem de maior importância, encontramos a ilustração da autoria de Duarte D'Armas, publicada no *Livro das Fortalezas*, datado do século XVI. Trata-se da imagem mais antiga da cidade moderna, onde persistem, ainda, traços urbanos evidentes da cidade medieval, como sejam o perímetro amuralhado e a Igreja Matriz, mas também, as habitações que se localizam fora das muralhas antes da renovação da praça-forte empreendida no séc. XVII.

Para o século séc. XVII, encontramos uma planta do sistema de fortificações da cidade de Chaves, elaborada por Miguel de L'Escol , na qual é possível observar as linhas das muralhas seiscentista e setecentista com os respectivos fossos.

O século XVIII revela-se o mais profícuo em termos cartográficos. De facto, as obras de proveniência militar ilustram com precisão a morfologia das fortalezas da cidade, conferindo particular atenção aos muros e fossos destes equipamentos, bem como à rede viária que servia de ligação entre os mesmos.

O exame destes documentos corrobora uma sobreposição parcial entre a muralha da cidade moderna e a da cidade medieval. Correspondem a este século o *Plano de la Plaza de Chaves en la Provincia Tras los Montes*, da autoria do exército espanhol, bem como a *Planta da Praça de Chaves*, concretizada por Manuel Pinto VilaLobos. Ainda do mesmo século são a *Planta da Praça de Chaves Capital da*

Provincia de Trasmontes, de José Monteiro de Carvalho e a *Cópia da Planta da Praça de Chaves*, de 1797, elaborada por José Joaquim Freitas Coelho, 1º Tenente Demarcante da Província de Trás-os-Montes.

Por fim, destaca-se, ainda, no seio da cartografia oitocentista maioritariamente militar, a *Descrição Topographica da villa de Chaves, e seus arabaldes*, realizada em 1758, por José Lopes Batista e que integra as *Memórias Paroquiais ou Dicionário Geográfico*.

3.4 Fontes histórico-documentais

Por fontes histórico-documentais entendemos toda a informação que é transmitida mediante documentação escrita, quer sejam manuscritos ou documentos antigos transcritos, quer sejam as obras historiográficas mais antigas (Gutiérrez Lloret 1997).

Os documentos encontram-se dispersos por distintos arquivos de acordo com a sua proveniência. Os arquivos públicos, organizam-se em nacionais, regionais ou municipais enquanto os arquivos privados são do foro privado, individual ou colectivo.

As fontes histórico-documentais constituem um acervo necessário à compreensão evolutiva da morfologia da cidade histórica, permitindo obter novos e diferentes dados, com vista à realização de um estudo abrangente e completo. De facto, as fontes anteriormente descritas carecem de ser completadas designadamente com informações de carácter social, económico e religioso, fornecidas pelas fontes histórico-documentais.

Os documentos escritos assumem particular relevância na análise do período medieval. De facto, a ocupação contínua do espaço edificado de Chaves, desde a época romana até à actualidade, condiciona significativamente a exploração das evidências arqueológicas directamente relacionadas com as fundações ou mesmo com as reformulações arquitectónicas medievais e modernas, realçando o papel da documentação escrita.

De igual modo, as fontes histórico-documentais permitem documentar acontecimentos concretos, devidamente enquadrados temporal e espacialmente, contribuindo significativamente para o estudo da evolução das instituições que presidiram à vila ao longo destes séculos: o Poder Político e a Igreja.

Dado o manancial de documentos existentes para a cidade, o nosso estudo limitou-se à análise de uma parte muito limitada deste acervo.

Todavia, apesar da limitada utilização que fizemos das fontes escritas neste trabalho, não podemos deixar de reafirmar a sua importância nos estudos sobre urbanismo.

Tal como já abordado, a cidade de Chaves é referida pela primeira vez na obra do século V, intitulada *Crónica*, da autoria de Idácio de *Limia*, Bispo de Chaves.

Durante os séculos seguintes irá ser produzido um documento eclesiástico fundamental para a história do arcebispado bracarense intitulada *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*, para o período compreendido entre VI e XIV.

As demais fontes, de origem medieval e moderna, correspondem, sobretudo, a documentação régia. Referimo-nos, designadamente, aos forais de Chaves e de Santo Estevão de Chaves, assim como Chancelarias e Inquirições.

Tendo em consideração o percurso religioso da cidade, não podemos menosprezar os dados de proveniência religiosa, nomeadamente os propiciados pelos documentos respeitantes aos edifícios religiosos, sobretudo às Igrejas de Santa Maria Maior e da Misericórdia, assim como os relativos à Diocese de Vila Real e Arquidiocese de Braga, não esquecendo o *Tratado de Confissão*, impresso em Chaves, em 1489.

Os relatos de Tomé de Távora e Abreu, secretário do Governo das Armas da Província de Trás-os-Montes, no séc. XVIII, constituem, também, uma fonte valiosíssima de conhecimento sobre *Aquae Flaviae*. Entre as numerosas referências à cidade romana, assumem particular relevância as descrições das “*antiquilhas*” descobertas neste período, aquando de várias reformulações efectuadas na cidade, onde o autor faz referência a vários equipamentos públicos e privados romanos, bem como indica a sua localização.

Pese embora as limitações do acervo documental para o estudo da evolução urbanística e arquitectónica entre a cidade romana de *Aquae Flaviae* e a vila medieval de Chaves, ele constitui uma fonte proveitosa para a compreensão da evolução morfológica da cidade quando cruzada com as demais fontes, já referidas.

4. Metodologia de análise

A concretização dos objectivos supracitados implicou a adopção de uma metodologia que permitisse recolher e tratar um elevado número de dados, de natureza diversificada, susceptíveis de serem cruzados e analisados do ponto de vista arqueológico.

Para além da metodologia própria da Arqueologia utilizámos, igualmente, alguns conceitos e metodologias de outras áreas do saber que têm como objecto de estudo a cidade. Referimo-nos à Geografia, a História, à Arquitectura e ao Urbanismo, disciplinas que têm contribuído para o avanço no conhecimento da cidade histórica, bem como para a formalização de uma metodologia específica para o estudo da forma urbana. Estas áreas do conhecimento têm contribuído, igualmente, para a definição de alguns conceitos, como sejam o plano, as parcelas, os quarteirões, o sistema viário, os usos do solo e a edificação, componentes essenciais de análise no estudo da morfologia urbana das cidades históricas (Ribeiro 2008:68).

A primeira etapa do nosso trabalho consistiu na recolha e avaliação de todos os dados de natureza arqueológica, desde as estruturas e construções até às gamas mais diversificadas de artefactos, onde se incluem as epígrafes, os miliários ou os distintos elementos arquitectónicos, encontrados em contexto ou isoladamente.

Estes elementos foram armazenados e tratados numa base de dados alfanumérica e posteriormente georreferenciados na planta actual da cidade, como consta do Anexo I. Foi com base na planta com os vestígios arqueológicos encontrados até ao momento na cidade que elaborámos a nossa proposta para a malha urbana alto-imperial de *Aquae Flaviae*.

Paralelamente, procedemos à recolha e tratamento das fontes iconográficas e cartográficas, que foram igualmente armazenadas e tratadas numa base de dados alfanumérica, como se pode observar no Anexo IV.

A análise do tecido construído actual foi sendo realizada simultaneamente, através da observação e recolha das marcas e os vestígios das ocupações romana e medieval que integram, ainda, o plano urbano da cidade, fazendo uso, em larga medida, das metodologias aplicadas pela Arqueologia da Arquitectura. Esta disciplina tem por objectivo analisar “a história dos edifícios e dos espaços

conexos, considerados na sua individualidade construtiva e nos seus contextos sociais, económicos, artísticos e tecnológicos particulares” (Machado e Fontes 2004: 173).

Esta premissa, que alude à conjugação de uma panóplia de metodologias usadas em várias disciplinas e à manipulação dos dados destas provenientes, “desde os documentais aos estratigráficos e arqueométricos e dos historiográficos aos estilísticos”, encerra “um instrumento de análise imprescindível para a obtenção do conhecimento necessário a qualquer intervenção informada sobre o património edificado” (Machado e Fontes 2004: 173).

A evolução do espaço urbano da actual cidade de Chaves permitiu a fossilização de algumas marcas morfológicas significativas das anteriores urbanizações, romana e medieval, designadamente ao nível do traçado viário, das parcelas, dos quarteirões e do edificado, tornando-os passíveis de uma análise estratigráfica, à luz dos pressupostos da Arqueologia da Arquitectura.

Tal como já referido, a metodologia adoptada para a análise do tecido urbano flaviense beneficiou da utilização e do cruzamento de dados de natureza distinta, circunstância que nos permitiu avançar com a apresentação de propostas para os planos urbanísticos da cidade romana de *Aquae Flaviae* e vilas medievais de *Flavias* e de Chaves.

Aplicando o princípio regressivo, tentámos discriminar as dinâmicas construtivas inerentes a cada realidade urbana e, simultaneamente, esclarecer os pressupostos históricos condicionadores da morfologia actual da cidade de Chaves.

No caso do estudo de *Aquae Flaviae*, a ausência de documentação histórica e cartográfica determinou que utilizássemos apenas os dados provenientes das intervenções arqueológicas realizadas na cidade nas últimas décadas. A partir desses dados, pudemos caracterizar os espaços e as construções existentes na cidade romana. A multiplicidade de estruturas exumadas, em certos pontos da cidade, permitiu-nos estabelecer duas fases construtivas para este período cronológico, nomeadamente a cidade alto-imperial e a cidade baixo-imperial.

Através da análise das estruturas exumadas foi igualmente possível propor uma orientação para *Aquae Flaviae* e dos seus elementos definidores, o *kardus maximus* e o *decumanus maximus*, a localização do *forum* e de algumas *insulae*.

Aferidos estes elementos e recorrendo à análise cartográfica actual, procurámos as cicatrizes deste primeiro traçado urbano da cidade fossilizadas no

tecido actual, com o objectivo de perceber até que ponto permanece a urbanística de *Aquae Flaviae* no plano actual da cidade.

A interpretação realizada acerca da vila medieval beneficiou do cruzamento dos dados provenientes das fontes escritas com os elementos definidores da *urbs* medieval, como sejam o castelo, a igreja e as muralhas, bem definidos e fossilizados na malha urbana actual. Foi ainda possível perceber a persistência, ou não, da génese urbanística romana na vila medieval.

A metodologia para a concretização deste objectivo valorizou uma análise dinâmica realizada em diferentes e intercaladas escalas de abordagem. A partir das estruturas provenientes da primeira forma urbana, estabelecemos uma malha teórica para a organização da cidade romana, a qual posteriormente cruzámos com a malha urbanística actual. De modo contrário, partimos da malha urbana actual e fomos filtrando os diferentes componentes urbanos contemporâneos e modernos de modo a obtermos uma reconstituição do plano da cidade medieval.

Esta análise, baseada em avanços e recuos temporais, permitiu-nos estabelecer as dinâmicas construtivas ao longo dos séculos e perceber de que forma o tecido urbanístico se foi alterando e quais as causas dessas alterações.

Para que o cruzamento dos diferentes tecidos urbanos seja passível de fornecer informações mais concretas sobre a evolução urbanística da cidade de Chaves, a partir da cartografia actual, procedeu-se à individualização dos diferentes quarteirões que compõem o tecido urbano, dentro dos quais foram identificadas as parcelas construídas e os logradouros, como se apresenta na planta 4, do Apêndice I.

Com base nos traçados das fortificações medievais, previamente propostos por diversos autores e, juntamente com os resultados da nossa investigação, empreendemos uma reconstituição tridimensional do Castelo e da muralha da vila medieval de Chaves, bem como da Igreja de Santa Maria Maior, e a sua relação com o resto do edificado.

5. A cidade romana de *Aquae Flaviae*

5.1 Contexto histórico

As origens urbanas de Chaves remontam ao século I (d.C), quando os romanos aqui terão mandado fundar a primeira forma urbana de Chaves, *Aquae Flaviae*.

O local para a implantação da *urbs* estaria incluído no *conventus bracaraugustanus*, cuja capital, *Bracara Augusta*, foi mandada fundar, nos inícios do Império, por Octaviano César Augusto, no âmbito da reorganização política e administrativa da Hispânia (Martins 2004).

Ainda que não se possam dados que permitam avançar uma data para a fundação de *Aquae Flaviae*, tendemos a enquadrá-la num segundo momento de reorganização, pautado pelas fundações e renovações das cidades provinciais levadas a cabo pelos primeiros imperadores.

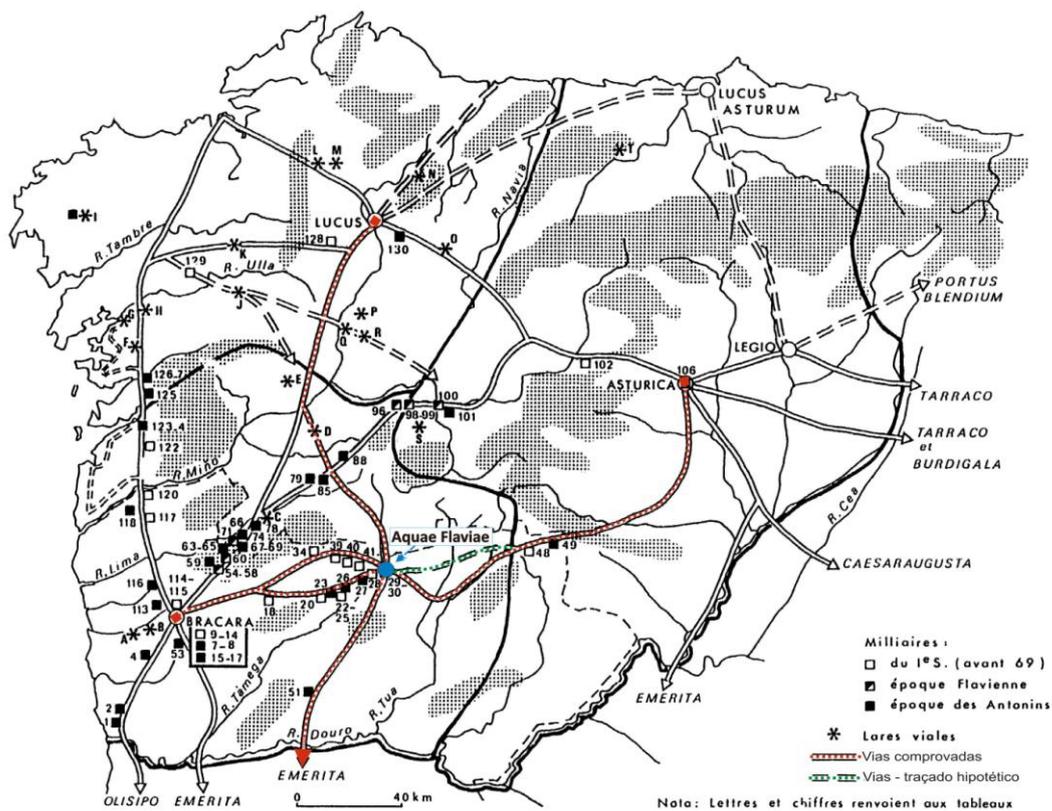


Figura 2 - Alain Tranoy, (1995-96), "La route, image et instrument de pouvoir impérial dans de nord-ouest ibérique" (adaptado)

De facto, cabe à dinastia Flávia, concretamente ao Imperador Vespasiano (69d.C. – 79d.C.), a concessão do direito latino - *ius latii* - aos hispânicos e à elevação de *Aquae Flaviae* a *municipium latinum*. A comprovar este facto, encontra-se a colecção epigráfica coetânea desta elevação e a inscrição dos habitantes da cidade – indígenas - na tribo flávia *Quirina*, como se pode comprovar pela epígrafe: [...] LAVCIO / [Q]VIR(ina) RVFIN[OS / LA]VCI(us) RVF[VS] / PATRI / [F(aciendum) C(uravit) ?].

A importância deste *municipium* prende-se não só com a sua localização geográfica, concretamente a relação com a via XVII, que ligaria *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta*, mas também, com a supremacia regional que parece ter adquirido a partir da época flávia (Teixeira 1996).

O auge de *Aquae Flaviae* parece consumir-se com a construção da ponte de pedra sobre o rio Tâmega, em 104, no reinado de imperador Trajano.

Provavelmente, à semelhança de outras cidades romanas, *Aquae Flaviae* teria conhecido uma intensa actividade construtiva no final do séc. I e inícios do II d.C. por oposição a uma contracção entre os séculos III e IV d.C. (Carneiro 2009).

Esta redução do perímetro urbano da cidade terá tido como consequência provável o seu amuralhamento, muito embora acerca do qual não tenhamos, ainda, quaisquer evidências.

A construção de uma muralha no Baixo-Império, característica de muitas cidades provinciais, como *Bracara Augusta*, *Lucus Augusti*, *Asturica Augusta*, entre outras, condicionou a organização interna das cidades, provocando significativas repercussões ao nível do sistema viário e das construções que lhe estão associadas. Esta situação poderá, igualmente, ter ocorrido em *Aquae Flaviae*, muito embora não tenhamos até ao momento evidências arqueológicas que a comprovem.

No decorrer da queda do Império Romano no Ocidente, a cidade de *Aquae Flaviae* conhece um período conturbado, mercê das invasões suevas.

Os relatos do próprio Bispo de Chaves, constituem o melhor testemunho dos fenómenos de decomposição do aparelho administrativo romano, mercê das invasões bárbaras e da consolidação do Cristianismo, como abordaremos no capítulo seguinte.

5.2 Contexto fundacional

A análise da génese e fundação de *Aquae Flaviae* encontra-se longe de constituir um tema consensual entre os diversos autores que sobre ela têm versado. A escassez de dados seguros sobre a sua fundação levou à criação de várias teorias, as quais passaremos brevemente a descrever.

O tema em causa conhece, entre outras, uma corrente teórica de “longa duração” que defende que a cidade romana está na continuidade de um povoado fortificado pré-romano. Presidida por Alain Tranoy, esta teoria tem conhecido aceitação por autores como Armando Coelho Ferreira da Silva e Rodríguez Colmenero, muito embora introduzindo-lhe algumas alterações.

Tradicionalmente, os referidos autores apresentam os *Turodi* como o povo que, tendo como capital *Aquae Laiae* - a avaliar pelos relatos do autor clássico Ptolomeu (II, 6, 39) -, ocuparia o Vale do Tâmega, correspondendo, por isso, aos antecedentes dos *Aquiflavienses*. A denominação deste segundo povo teria decorrido, segundo os mesmos, da reorganização administrativa romana inerente à conquista do território.

A este propósito, Paulo Amaral atesta que, até à data, não existem evidências que permitam considerar a existência de um povoado fortificado pré-romano no sítio ocupado pela cidade (Amaral 1993:115).

Pese embora tal asserção, o autor não exclui a possibilidade de existência de outra forma de ocupação anterior, associada à exploração de águas termais, em clara consonância com a tese, posteriormente defendida, de Ricardo Teixeira. Estes autores alertam, no entanto, para o facto de que, ainda que tentadora, esta hipótese não se encontra confirmada pelo registo arqueológico.

Tem ainda merecido destaque, ao longo das investigações, a denominação de uma *mansio* - *Ad Aquas* - adscrita a este local, indiciando a exploração de recursos termais e, provavelmente, a existência de uma ocupação anterior a *Aquae Flaviae*, a partir do qual a cidade romana se terá expandido.

No seguimento de Alain Tranoy, Paulo Amaral aventa que a fundação e desenvolvimento de *Aquae Flaviae* se apresentam indissociáveis das políticas de ocupação e organização do território por parte da capital do império, Roma. *Aquae Flaviae* constituiria, portanto, um pólo de gestão da região oriental do *Conventus Bracarenensis* para o aparelho imperial romano (Amaral 1993:118).

A sua principal função prender-se-ia com a tutela indirecta dos *populi* indígenas circunvizinhos, numa lógica de apoio e integração destas comunidades no processo de aculturação. Este fenómeno parece materializar-se no *Padrão dos Povos*, no qual *Aquae Flaviae* é a única das 10 *civitates* da região nomeadas que não possui um nome indígena (Teixeira 1996: 120).

Depois da análise dos trabalhos arqueológicos efectuados ao longo das últimas décadas no centro histórico de Chaves, é nosso entendimento não existirem elementos suficientes para considerar a cidade como estando na continuidade de um povoado anterior. De facto, os vestígios materiais exumados referentes ao período pré-romano são escassos e muitas vezes encontrados em contextos de revolvimento, o que na nossa opinião não se revela suficiente para suportar tal teoria.

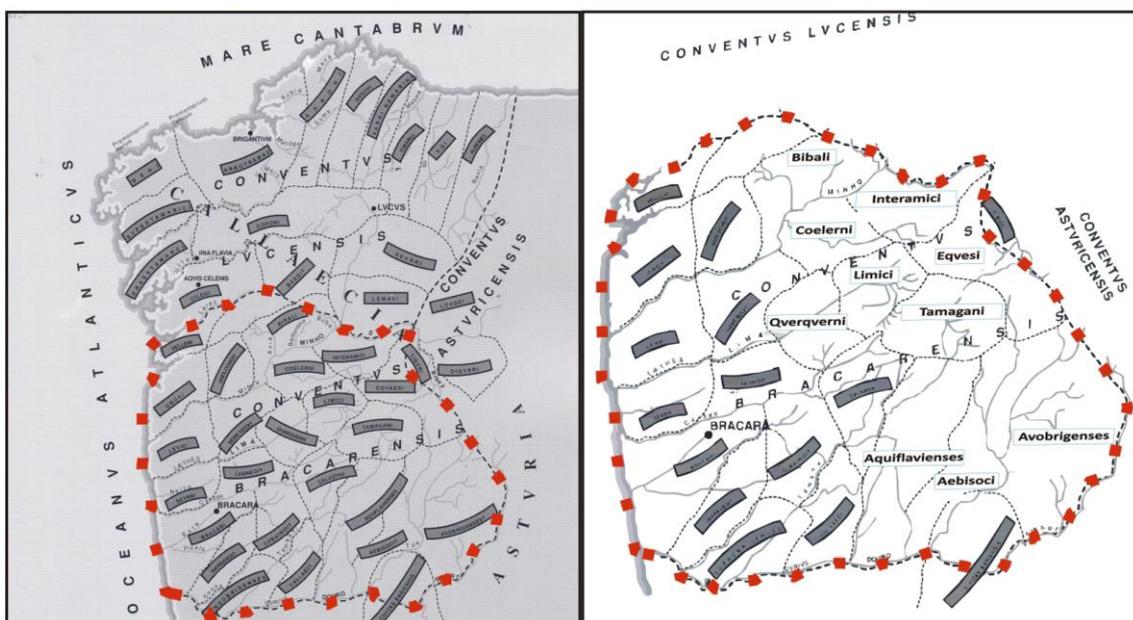


Figura 3 - Antigos Populi / Civitates da Gallecia (Colmenero 1997b:13,14) ” adaptado

A investigação que apresenta uma evolução a partir da *mansio - Ad Aquas*, carece igualmente de vestígios arqueológicos que a comprovem, o que até à data ainda não se verificou.

Todavia, pensamos que, no campo das probabilidades, outras duas teorias podem ser equacionadas. A primeira sustentando a fundação da cidade a partir de um acampamento militar, teoria já defendida por outros autores como Montalvão Machado. A outra, a de uma fundação *ex nihilo* de *Aquae Flaviae*.

No nosso entender a segunda probabilidade parece ser a que melhor se adequa, colhendo argumentos na posição geoestratégica e geomorfológica do local onde a cidade foi fundada. De facto, quer a exploração dos recursos naturais existentes, designadamente das águas minero-medicinais existentes na zona, quer a necessidade de controlar e atrair as populações que viviam nos vários povoados proto-históricos que se localizam à volta da cidade, pode ter estado na origem da fundação de *Aquae Flaviae*. A sua localização num ponto elevado e central do Vale do Tâmega, rodeada de povoados fortificados, com boas facilidades de acesso e escoamento, fazem dela um pólo de atracção e controlo dessas populações.

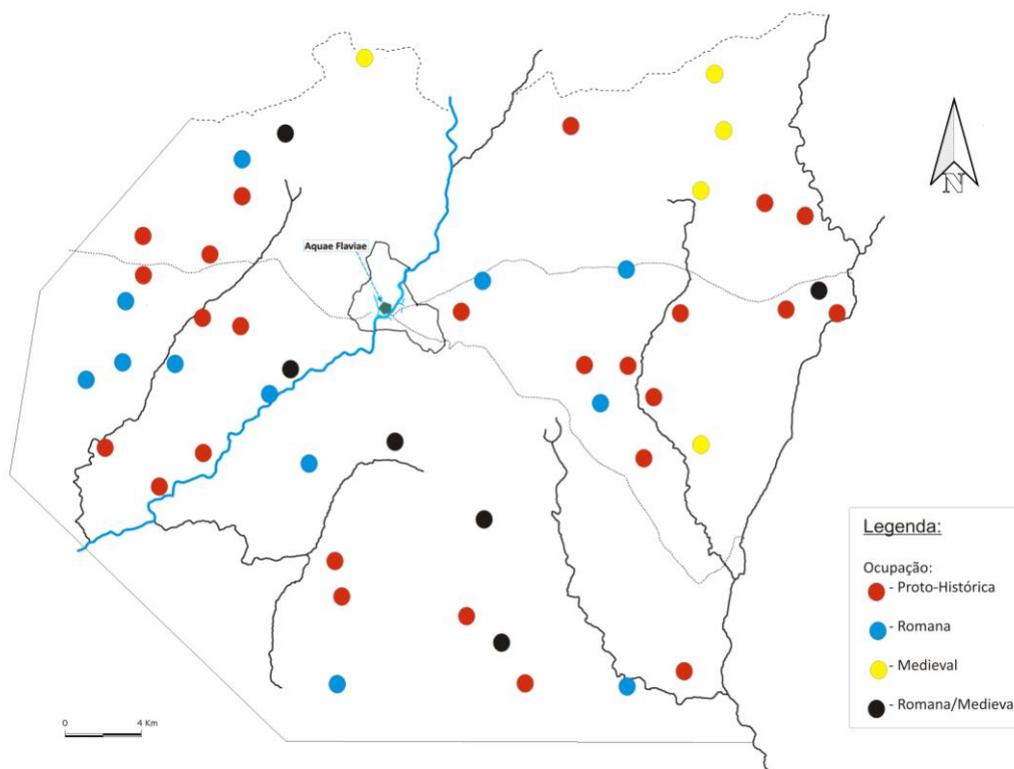


Figura 4 - “Povoados fortificados de origem proto-histórica”, (Teixeira 1996) adaptado

No entanto, tal como as outras teorias, também estas hipóteses carecem de fundamentação arqueológica.

5.3 A planificação da cidade

A fundação das cidades romanas obedecia a uma série de rituais realizados antes da materialização e ocupação efectiva com construções do espaço urbano. Estes procedimentos condicionavam em larga medida a morfologia que a cidade

iria adoptar. Na generalidade, as cidades romanas eram bastante regulares, algumas perfeitamente ortogonais, como é o caso de *Tamugadi* (Timgad), no Norte de África, mandada fundar pelo imperador Trajano, no ano 100 (Garcia y Bellido 1966).

Para uma melhor compreensão da cidade de *Aquae Flaviae*, da sua génese e os pressupostos da sua fundação, o recurso à obra *Tratado de Arquitectura* de Marco Vitruvius Polião, arquitecto e engenheiro romano, torna-se fundamental.

Este autor, entre muitos aspectos do urbanismo romano, aborda os processos, os rituais e as condicionantes que estão implicados na fundação das cidades.

Segundo Vitruvius, o lugar teria de ser o mais saudável possível: “alto e não nebuloso, sem geadas e voltado para um quadrante que não seja nem quente nem frio, mas temperado” (Maciel 2006:41).

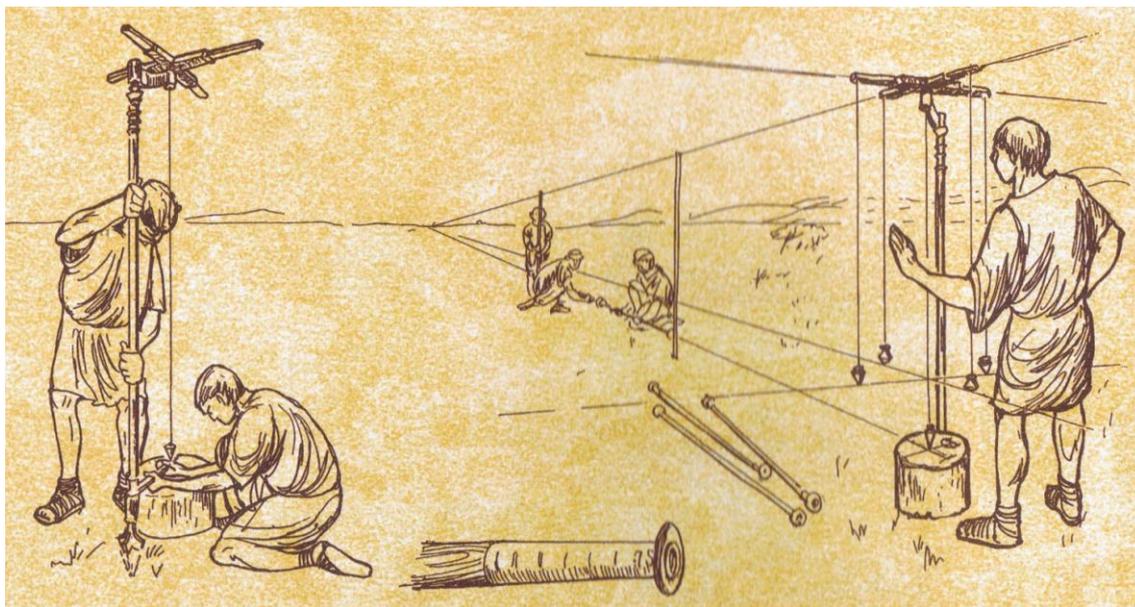


Figura 5 - - Marcação das orientações da futura cidade. (Maciel 2006:63)

Após a eleição do local, era necessário comprovar que o lugar era realmente o indicado. Para tal era necessário obter a aprovação divina do sítio, realizada por um áugure. Cabia-lhe interpretar os presságios, através da tomada dos auspícios, e examinar o céu, para, assim, determinar o diagrama da cidade, de acordo com as coordenadas e a orientação celestial. Posteriormente indicava no terreno o ponto central com base no qual a cidade iria ser edificada (Maciel 2006).

Todo o processo fundacional de uma cidade com os seus ritos e procedimentos era bastante complexo. Vitruvius descreve-nos que, primeiramente,

era traçado um círculo em cujo centro era colocada uma vara de bronze, o *sciotherum*, para que, com a projecção da sombra da vara nos dois pontos que, antes e depois do meio-dia, se intersectavam com a extremidade da circunferência, determinar o eixo com orientação E/O.

Posteriormente, no centro do círculo traçar-se-ia um alinhamento perpendicular que iria constituir o segundo eixo da cidade ou *kardus maximus*. Estes dois alinhamentos traçados no solo constituiriam os eixos estruturantes da cidade, a que vulgarmente chamamos de *decumanus maximus*, no sentido E/O, e o *kardus maximus*, no sentido N/S. A cidade era posteriormente organizada a partir deste dois eixos (Rykwert 1985).

Seguidamente eram marcados os limites da cidade através da abertura de um sulco, o *sulcus primogenius*, que definia um quadrado formado por quatro sulcos perpendiculares aos eixos principais (Rykwert 1985).

Estes complexos rituais e procedimentos tinham como finalidade transformar o solo da cidade em terra pátria - *terra patrum*- e a cidade delimitada em lugar sagrado, com a aprovação divina dos deuses.

Concluída esta fase, os agrimensores procediam à marcação das ruas secundárias que deveriam seguir a orientação dos eixos principais formando ruas paralelas e perpendiculares, ficando os espaços livres entre elas destinados às *insulae*.

Depois de traçados todos os alinhamentos e definidos os espaços livres dar-se-ia início à construção da cidade. Na intersecção do *kardus* e do *decumanus maximus* implantar-se-ia, normalmente, o *forum* que estava ligado às portas da cidade, através das quatro ruas que dele divergiam. Segundo Vitruvius, no caso das cidades interiores, o *forum* deverá ser implantado no meio do *opido* (Maciel 2006:54).

Por fim, a terra era distribuída por sorteio à população e o nome dos seus ocupantes consagrado numa tábuca de bronze.

Este rito fundacional dotava a cidade de uma morfologia regular e orientada, bem como perfeitamente ortogonal com os quarteirões quadrados ou rectangulares, como seria mais usual.

À semelhança das restantes cidades provinciais do Império também *Aquae Flaviae* deve ter sido fundada segundo os ritos descritos por Vitruvius, e, como tal, ter conhecido uma planificação regular do seu espaço urbano.

Todavia, o plano ortogonal tinha que ser adaptado às condições topográficas do lugar, circunstância que por vezes exigia a realização de trabalhos prévios de terraplanagem, como nivelamentos e aterros, ou a construção de muros de sustentação mas também, originar *insulae*, por vezes, bastante diferenciadas, apresentando no mesmo plano reticulado diversas formas e diferentes tamanhos (Ribeiro 2008).

A cidade romana era pensada e implementada como um organismo dinâmico e funcional, que concentrava em si os centros administrativos, jurídicos, religiosos e culturais. Por um lado, a organização em *insulae* conformadas por uma malha viária ortogonal permite a fluidez do quotidiano da cidade; por outro lado a implantação dos empreendimentos de cariz público e privado, atendendo às suas características construtivas e utilitárias, possibilita uma disposição ordenada do espaço urbano.

No seio dos equipamentos públicos, destacam-se o *forum*, os templos e espaços comerciais, bem como os edifícios de espectáculos e de ócio. Por seu turno, as áreas privadas encontram-se, organizadas em quarteirões ou *insulae* categorizando-se em *domus* e *insulae*, às quais se anexavam as *tabernae* ou *logiae*, geralmente no piso térreo dos edifícios voltadas para as ruas (Pelletier 1982).

Fora do perímetro urbano merecem destaque outros espaços, equipamentos e infra-estruturas essenciais para a cidade e para a vida urbana. Em primeiro lugar, os eixos viários, verdadeiras infra-estruturas de ligação, fundamentais não só para o acesso às cidades mas também, para a circulação de bens e pessoas. Afectos às vias encontram-se infra-estruturas de apoio à viagem nomeadamente as *mansiones* e as *mutationes*.

De igual forma, fora do perímetro urbano localizam-se as necrópoles que se desenvolviam ao longo das vias, numa clara separação entre o mundo dos vivos - as cidades - e o mundo dos mortos (Pelletier 1982).

Outra infra-estrutura fundamental para a vida na cidade é o sistema hidráulico ao qual se encontram afectos equipamentos como as barragens, os aquedutos e as canalizações, cuja articulação possibilitava o abastecimento de águas limpas e o escoamento das águas residuais para o exterior da cidade.

Não obstante os padrões de organização da cidade, a sua implantação era feita tendo em conta factores naturais como a topografia, os recursos e as

condições climáticas da região, configurando cada urbanização como caso único e irrepetível.

À fundação das cidades provinciais presidia ainda a lógica de reprodução dos modelos construtivos da grande capital do Império, materializada pelos conceitos de *firmitas*, *utilitas* e *venustas* (Maciel 2008: 98).

A cidade de *Aquae Flaviae*, enquanto cidade provincial, possuía um leque de equipamentos de cariz público e privado, identificados sob forma de evidências arqueológicas, recuperadas ocasionalmente ou através de escavações arqueológicas efectuadas ao longo das últimas décadas, que abordaremos de seguida.

5.4 O espaço construído

Abordaremos neste capítulo os componentes do urbanismo flaviense, cujas evidências arqueológicas permitem extrair algumas ilações quanto à localização do centro administrativo e das termas, bem como de um provável teatro/anfiteatro, revelando-se assaz insuficientes para determinar a existência e localização de edifícios religiosos e espaços comerciais – *macellum*, *tabernae*, entre outros.

Tendo por base a distinção tradicional entre os equipamentos pertencentes ao núcleo urbano, público *versus* privado, procederemos à caracterização de cada uma destas categorias, apresentando, ainda, as infra-estruturas externas ao perímetro urbano susceptíveis de proporcionar dados relativos à organização interna de *Aquae Flaviae*.

Como referido anteriormente, a arquitectura romana rege-se por três conceitos, nomeadamente *firmitas*, *utilitas* e *venustas* (Maciel 2008: 98), bem patentes nas cidades e melhor representados nos edifícios públicos.

De facto, estes monumentos constituem a marca arquitectural da civilização romana (Pelletier 1982) uma vez que correspondem a edifícios estereotipados, construídos para serem funcionais, sem, no entanto, deixarem de ser símbolos de prestígio e ostentação.

Ao contrário de outras cidades romanas, como as capitais conventuais *Bracara Augusta*, *Asturica Augusta* ou *Lucus Augusti*, fundadas durante o reinado de Augusto, não dispomos para a cidade de *Aquae Flaviae* de dados ou vestígios arqueológicos suficientes para analisarmos os equipamentos públicos que fariam parte do núcleo urbano da cidade.

Para colmatar esse facto e para um melhor entendimento dos equipamentos públicos existentes na cidade, faremos uma descrição geral de cada equipamento, observando os exemplos de outras cidades, nas quais estes estão bem conservados e melhor estudados, e analisando as propostas de outros autores sobre *Aquae Flaviae*.

5.4.1 *Forum*

Herdada da tradição helénica, a praça pública ocupa no seio da cidade romana um lugar destacado, por vezes isolado, propício ao encontro e à resolução de questões políticas, jurídicas e religiosas (Pelletier 1982).

O *forum* romano constitui um verdadeiro catalisador da vida urbana, correspondendo a um espaço repleto de simbolismo nas cidades provinciais do Império, associando-se ao culto ao imperador.

Localizado, geralmente, no ponto mais alto da cidade e no cruzamento do *kardus* com o *decumanus maximus*, o *forum* constitui o centro dinamizador da cidade romana. Nele se reúnem, simultaneamente, os centros administrativo, representado pelo edifício da basílica, político, pela Cúria, religioso, pelos templos e económico, pelo mercado (Pelletier 1982).

Tradicionalmente, apresenta uma configuração simétrica, quadrangular ou rectangular, ocupando uma área de quatro a seis *insulae*, sendo rodeado de pórticos por três lados e ladeado por uma basílica ou edifício de cariz administrativo no quarto lado (Pierre Gros 1996-2001).

Analisando o exemplo de outras cidades, concretamente, *Asturica Augusta*, verificamos que o *forum*, cuja orientação difere do restante edificado, desfruta de um lugar de grande destaque, quer pelas dimensões que possui, quer pela posição que ocupa, quase a totalidade do terço oriental da plataforma onde a cidade se desenvolve (Burón Álvarez 2006:298).

Outro exemplo de comparação é o *forum* de *Bracara Augusta*, localizado igualmente na plataforma mais elevada da cidade e ocupando um espaço bastante amplo, cerca de seis *insulae* (Ribeiro 2008).

No que respeita ao *forum* de *Aquae Flaviae*, os autores tendem a localizá-lo na actual Praça de Camões ou Largo da Principal, em virtude da topografia deste

local, uma plataforma elevada, tal como em outras cidades como *Bracara Augusta*, *Asturica Augusta* ou *Tarraco*.

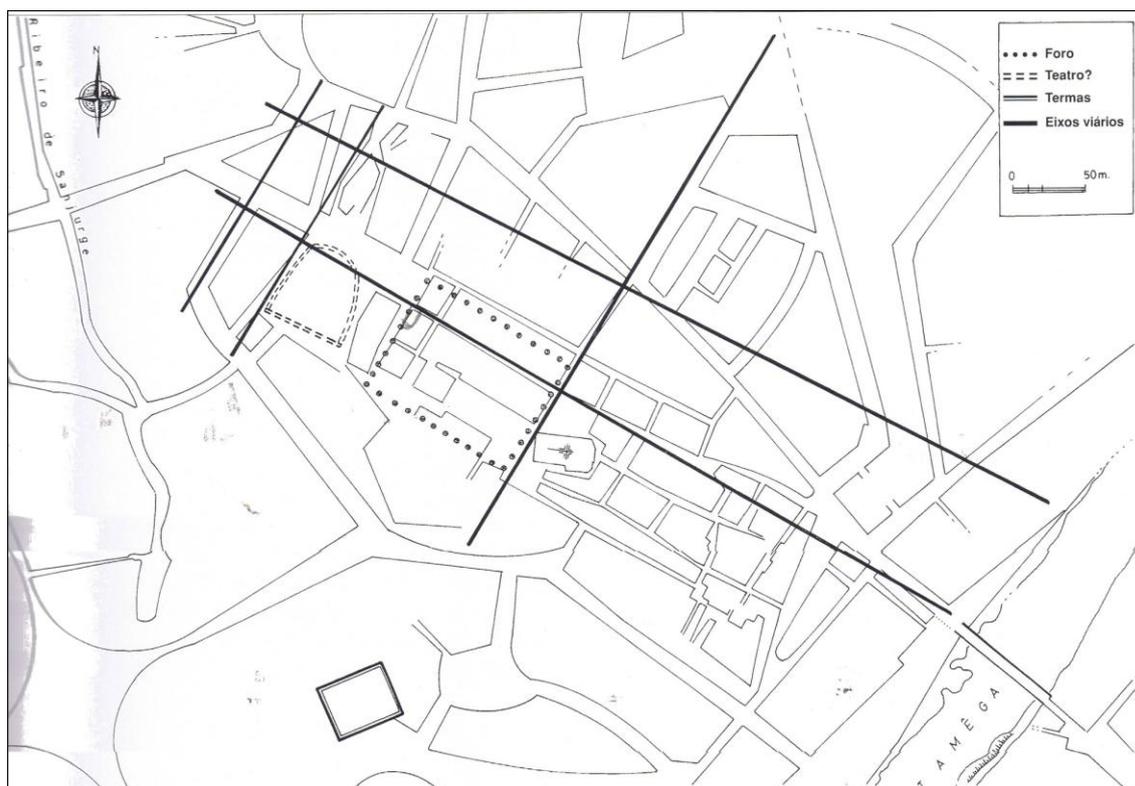


Figura 6 - Planta com a proposta do fórum romano e de alguns eixos constatados segundo Colmenero (1997b).

No entanto, as propostas até agora apresentadas pelos vários autores, apesar de o localizarem na mesma área, divergem quanto aos seus limites. António Rodríguez Colmenero afirma que o *forum* romano ocuparia a parte mais elevada da cidade (Colmenero 1997b:69), no sector delimitado pelas ruas da Tulha, a oeste, da Trindade, a este e a norte pela Rua do Bispo Idácio. O limite a sul corresponderia à muralha medieval que ainda se encontra parcialmente conservada e integrada no edificado.

A tese de Rodríguez Colmenero para a limitação do *forum* baseia-se em dados epigráficos e arqueológicos. Referimo-nos, em concreto, a duas epígrafes dedicadas a Júpiter e uma terceira dedicada pelo *municipium* à Concórdia municipal, que passaremos a apresentar:

I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / Δ (hedera) MUNI/ CIPALIS

I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / Soc(ilius) / V A LE/[RIVS] / PIVS (?) / [P]OSUIT (?)

[CON]CORDIA[E] / MVNICI[P]IV[M] / MVNICIPI[I] / AQVIFLAVIE[NSIVM] / L(ucius) VALERIVS / LONGINVS / DE SVO

Em termos arqueológicos, o autor apresenta como argumentos a descoberta de três enormes fustes de coluna reaproveitados na casa situada a sudoeste da esquina que forma a Rua Direita com o Largo do Anjo (Colmenero 1997b:70). Acrescenta ainda que a Igreja Matriz, situada no referido lugar, pode ter relação topográfica com a basílica paleo-cristã de Idácio que, por sua vez, teria sucedido ao Capitólio alto-imperial.

Refira-se que, tal como já mencionado, Rodríguez Colmenero elaborou a primeira tentativa de restituição da cidade romana, com o seu *forum*, constituindo a principal referência para os autores que se têm debruçado sobre este tema nas últimas décadas.

Posteriormente, Paulo Amaral preconiza a localização do *forum* romano na Praça de Camões, argumentando que constitui o ponto adequado relativamente às determinações de Vitruvius (Amaral 1993), referindo, no entanto, que poderia ainda abarcar o espaço abrangido pelo Largo do Anjo, Rua do Bispo Idácio e a Praça de Camões (Amaral 1993:124).

No seguimento de Colmenero, Paulo Amaral baseia-se na topografia, bem como na coleção epigráfica exumada nas imediações do local. Para além das epígrafes já apresentadas, Paulo Amaral destaca uma inscrição dedicada ao Imperador Antonino Pio e uma outra que Rodríguez Colmenero identificara como um pedestal de estátua (Amaral 1993:124).

Na primeira, consta a seguinte inscrição:

[I]MP(eratori) T[IT]O AELIO / HADRIANO ANT[ON]I[NO] AVG(usto) PONT(ifici) MAX(imo) / TR(ibunicia) POT(estate) II CO(n)S(uli) / P(atri) P(atriciae) / CIVI(tas) AQUIFLAVIENSIVM

A acrescentar a tais evidências, a descoberta de dois tambores de coluna estriados aparecidos nas proximidades, associáveis a um pórtico de dimensões consideráveis (Amaral 1993:124) corroboraria a localização do *forum* no referido espaço.

Mais recentemente, aquando da intervenção levada a cabo na Torre de Menagem, Carvalho e Barbosa documentaram a descoberta de blocos paralelepípedicos almofadados que teriam pertencido primitivamente a um arco, provavelmente, do pórtico do *forum* (Carvalho & Barbosa 2007:77). Estes autores identificaram, ainda, nesta intervenção, dois muros paralelos, que interpretaram como pertencentes a um grande edifício público, que integraria, provavelmente, o *forum*, uma vez que a estes muros estavam associados um grande número de

fragmentos de vidro de janela. Nas palavras dos autores tratar-se-ia de um conjunto verdadeiramente excepcional de um edifício extremamente importante (Carvalho & Barbosa 2007:77).

Do mesmo modo, a descoberta de um muro associado a um derrube com silhares almofadados que fazia parte de um edifício monumental, bem como de uma calçada de cronologia romana, detectada aquando das intervenções levadas a cabo por Sérgio Carneiro, vem dar mais consistência à proposta de localização do *forum* romano de *Aquae Flaviae* neste espaço.

5.4.2 Teatro/Anfiteatro

Espaços de ócio, os teatros e anfiteatros assumiam um papel preponderante na vida urbana romana. Num primeiro momento, de fábrica muito simples, com um cenário e umas estruturas em madeira, sob as quais se fazia o espectáculo. Segundo Vitruvius (V, 5, 7), a cada ano se erguiam muitos teatros em Roma, correspondendo, de facto, a edifícios móveis (Maciel 2006).

Posteriormente, os teatros e anfiteatros construía-se em pedra, com grande esplendor e magnificência, tornando-se num foco dinamizador das cidades. Arquitectonicamente, os teatros romanos caracterizavam-se por apresentar conformação em semicírculo, integrando a *cavea*, cujos limites caracterizam o edificado, bem como a *orchestra* e a *scaena*, palco dos espectáculos teatrais. Temos como exemplo o teatro de Pompeia.

No que respeita aos anfiteatros, apresentam uma configuração elíptica ou pseudo-elíptica, da qual fazem parte a *cavea*, o *podium* e a *arena*. O melhor exemplo que chegou até nós é o Anfiteatro de Trajano em Roma.

Um exemplo que perdurou até aos nossos dias e quem tem vindo a ser alvo de estudo intensivo é o teatro romano de *Bracara Augusta*, situado na Colina do Alto da Cidade, na área envolvente do *forum*. Compreendeu a construção de um conjunto monumental que inclui umas termas e um teatro, tendo ocorrido entre finais do século I e inícios do II (Martins, Ribeiro e Magalhães 2006)

Quanto à existência de um anfiteatro em *Aquae Flaviae*, os autores são unânimes quanto às incertezas que presidem às propostas que o localizam nas proximidades do actual Largo do Anjo.



Figura 7 - Foto aérea do Google Earth onde se assinala o quarteirão, que alguns autores atribuem como sendo o local do antigo teatro romano, dado a sua configuração distinta dos outros quarteirões da cidade

Antonio Rodríguez Colmenero afirma que o único indício da existência de um anfiteatro flaviano se prende com uma ara, encontrada em Outeiro Seco, nas imediações da cidade. A referida inscrição é consagrada a *Hermes Eidevor* como forma de reconhecimento pelo sucesso obtido no combate de gladiadores, que o dedicante *Gaius Cexaecus Fuscus* promovera:

ERMAE EIÐ/VORI OB EV/ENTVM BO/NVM GLADI/ATORI MVN/ERIS Δ (*hedera*) / G(*aius*)
CEXAEC/VS FVSCV(s) X (*decem*) EX / VOTO

Na opinião deste autor, tal monumento não denunciaria a existência de tal edifício de espectáculos em Outeiro Seco, mas antes na cidade de *Aquae Flaviae*. Pese embora tal asserção, Colmenero refere que não existiam, até à altura, vestígios de uma construção de tal envergadura.



Figura 8 - Epígrafe consagrada a Hermes Eidevor (Colmenero 1997a: 73)

O prosseguimento do discurso deste autor indicia, no entanto, que se poderia identificar um teatro no quarteirão que se desenha entre as ruas dos Açougues e a rua Verde (Colmenero 1993a:73), aludindo à configuração em arco de círculo das fachadas dos edifícios a Oeste do Largo do Anjo, argumento recorrente nas propostas de outros autores. Desta forma, *Aquae Flaviae* possuiria um teatro na orla do perímetro urbano.

Paulo Amaral partilha da opinião anteriormente apresentada, uma vez que o próprio declive do terreno se propiciaria à instalação da cavea sem grande dispêndio construtivo (Amaral 1993:125).

No entanto, o referido autor alerta para a necessidade de rever a adscrição da Rua Direita ao *decumanus maximus* da cidade, posto que esta estrutura se desenvolve num local central da cidade e em espaço contíguo ao *forum* (Amaral 1993:125).

5.4.3 Termas

O extenso vale onde se localiza a cidade é ocupado sobretudo por relevos graníticos e xistosos, os quais se expandem obliquamente em relação à depressão tectónica Régua-Verín, a qual, por sua vez, pauta toda a área envolvente.

A este propósito podemos referir as nascentes de águas minero-medicinais que existem nas zonas de contacto rochosas, designadamente no campo do Tabolado e junto ao Forte de S. Francisco, e que se incluem no âmbito da exploração termal que desde a Antiguidade marcou a cidade de Chaves (Amaral 1993).

Bem essencial em diversos aspectos da vida urbana ao longo dos séculos, a água determinou, no período romano, a individualização de determinadas cidades, cujas potencialidades de exploração deste recurso constituiriam a principal fonte dinamizadora do progresso urbano das mesmas.

São várias as cidades e vilas que têm o seu topónimo ligado ao culto das águas e a sua exploração. Com o elemento *Aquae* no seu topónimo existem cerca de uma centena em todo o Império e oito conhecidas na Hispânia (Velasco 2004 *in* Blogue Chaves 2009).

Os complexos termais romanos são um dos elementos fundamentais das cidades romanas. Locais de repouso e de exercício físico, as termas eram essenciais para a salubridade da vida romana.

Também *Aquae Flaviae* deve o seu nome à exploração das águas minero-medicinais que desempenharam um importante papel na implantação da cidade, porquanto as infra-estruturas inerentes a tal exploração constituíam o núcleo definidor do aglomerado urbano, que deveria ocupar uma parte significativa da área total da cidade.

De facto, a existência de filões silenciosos no subsolo da cidade conferiria à água - sulfurosa - propriedades medicinais, propiciando o desenvolvimento de termas e espaços afins, consagrados ao culto das águas e ao seu consumo.

Colmenero propõe a existência na cidade de termas privadas em mansões importantes, com piscinas e hipocaustos e atesta que os habitantes prefeririam as termas públicas, gratuitas, em detrimento das primeiras (Colmenero 1997b).

Indissociável da análise da morfologia urbana de *Aquae Flaviae* encontra-se a implantação das termas romanas recentemente descobertas no Arrabalde, cujas dimensões fazem antever um edifício de apreciável envergadura, provavelmente de natureza pública, cujo modelo arquitectónico parece assemelhar-se ao das termas de *Aquae Sulis*, na *Britannia*.

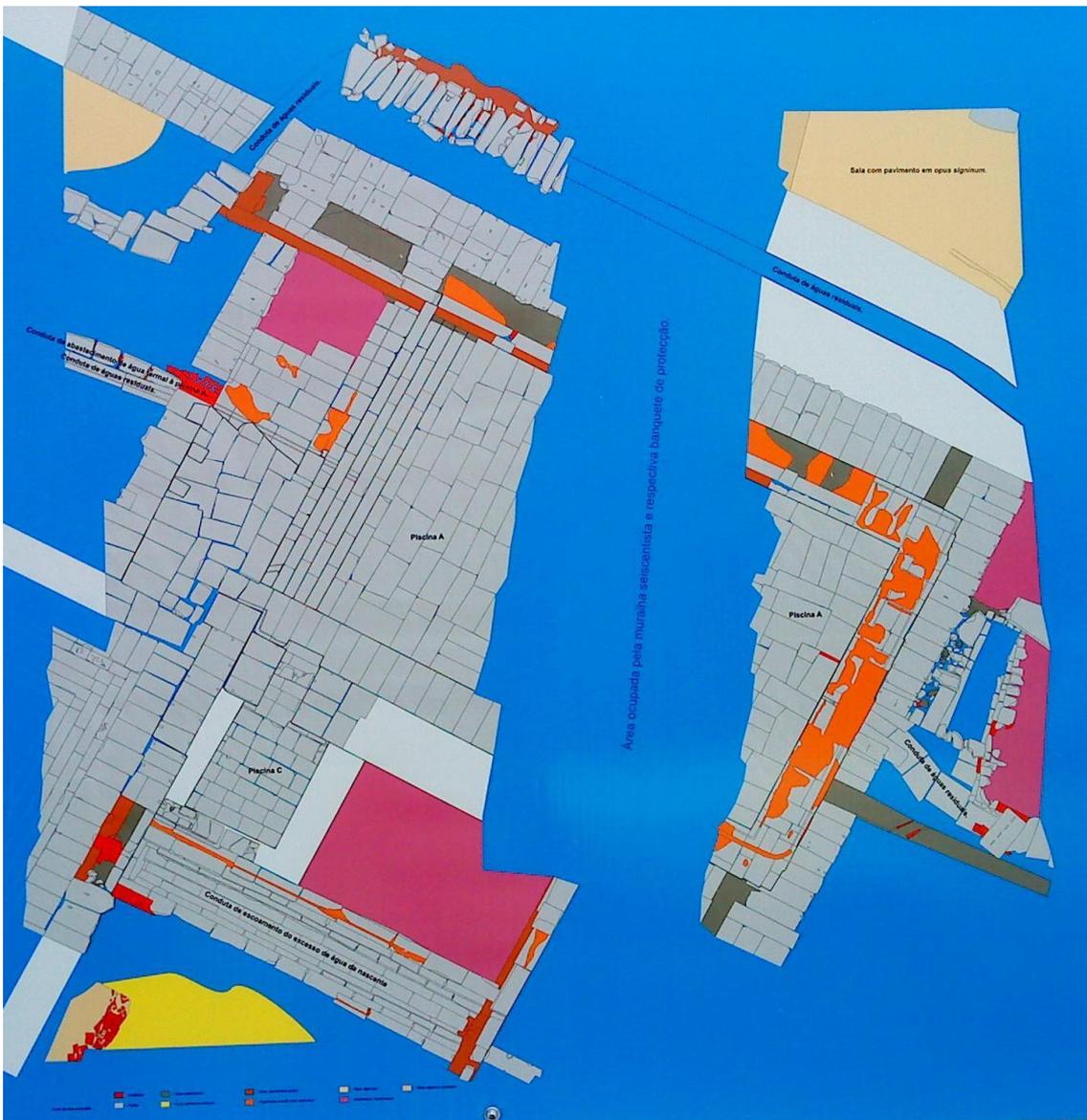


Figura 9 - Planta do balneário descoberto no Largo do Arrabalde (Planta gentilmente cedida pelo Dr. Sérgio Carneiro, 2010)

Quanto à cronologia deste edifício público, uma vez que não se concluiu a escavação, os únicos dados que se podem aventar reportam-se ao seu abandono/destruição, o qual remontará ao último quartel do séc. IV.

Ainda que a intervenção arqueológica seja recente, as notícias a respeito destes “tanques” de exploração de águas minero-medicinais remontam ao século XVIII. Tomé de Távora e Abreu, em 1721, relata que *“em o alicerce da cortina que corre do for/te de N^a S^a do Rosario athe o meyo baluarte / de s. António, ha menos de vinte annos se achou hum tanque que tinha 60 palmos de / comprido/ e se lhe não pode averiguar a largura/ obra excellente porque era fabricado de / pedra de cantaria, lavrada de hua e outra/ p(arte) a escoda, com hua escada de 6 degraos/ q(ue) dessia p(ara) elle, em o coal (...) sahia agoa morna porque se supoem serem / alguns banhos”* (Machado 1989:17/18).

De facto, as primeiras sondagens no Largo do Arrabalde, efectuadas pela FLUP, puseram a descoberto um nível de grandes lajes aparelhadas horizontalmente, esquadriadas com rigor, associado a significativas quantidades de tijoleira de construção e um bloco de *opus caementicium*, associado a uma nascente termal (Silva; Pinto; Quintino e Teixeira 2007:558).

Perante tais características, a estrutura foi interpretada como um edifício de banhos romano do tipo “minero-medicinal” (Moltó 1992:218 *in* Silva; Pinto; Quintino e Teixeira 2007:558). No entanto, qualquer consideração a respeito deste monumento revelar-se-á precipitada até à devida divulgação da informação produzida pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Chaves, que prosseguiu a escavação.

Para além destas termas, a análise dos relatos de Tomé de Távora e Abreu permite-nos deduzir que o complexo termal se prolongaria até ao final da Rua de Sto. António ou que neste local se localizaria um outro de características semelhantes. Descreve o referido autor a descoberta de

“hum fermoso tanque de tijo/los e argamaça tam perfeitam(ente) obrado que / bem mostrava ser fabrica magnifica, o coal / teria pouco mais ou menos 40 palmos em coa/dro e os tijollos erão de tal grandeza que pa/savão de ter em coadro dois palmos” (Machado 1989: 17).

Para além destes edifícios consagrados ao ócio e usufruto da água, existem evidências que denunciam o culto às Ninfas – divindades associadas à água -, concretamente uma ara encontrada na esquina conformada pela Rua de Santa

Maria e Rua da Alfândega Velha, na qual se pode ler: [N]YMPHIS AVR(*iensibus*) (?) / DIONYSIUS / AVG(*usti*) LIB(*ertus*)

A ausência de demais vestígios associados à epígrafe não nos permite aventar a possibilidade de existência no local ou nas imediações de um *Nimpheum*, uma fonte monumental de função dupla: templo das ninfas e fonte de água.

Ainda no que respeita a edifícios públicos constatados na cidade, apesar de não ter sido possível estabelecer que tipo de edifício era não podemos deixar de referir as evidências descobertas no gaveto da Rua de Sto. António com a Rua Padre José Fontoura, no edifício S. Paulo. Aquando da construção deste edifício detectaram-se, em 1989, estruturas romanas cujas características, a saber, muros aparelhados com silhares almofadados, levaram os autores a atribuí-los a um edifício público e a um pórtico (Teixeira 1996: 124; Amaral 1993:14). A cronologia deste edifício, provavelmente de cariz público, remonta ao período de elevação da cidade a *municipium*, entre meados do século I e inícios do século II.

De igual forma, destacamos outra intervenção realizada no nº 57 da Rua Direita onde se identificou uma estrutura em opus *quadratum*, que dado as dimensões dos silhares utilizados na sua construção e estar implantado numa das vias urbanas de Chaves romana foi interpretado como um muro integrante um edifício monumental.

5.4.4 Edifícios privados

A implantação de um plano urbanístico romano pressupõe, para além da construção dos equipamentos públicos, a definição das áreas habitacionais, por norma conformadas em quarteirões – *insulae* – recortados pela rede viária interna.

Os edifícios privados podem-se dividir em dois tipos, nomeadamente *domus*, e *insulae*. A primeira, de tradição itálica apresenta, em época imperial uma planta virada para o interior, centrada em átrio ou em átrio e peristilo. Corresponde a um edifício habitacional para as classes média e alta, cujas características construtivas denunciam o estatuto social dos proprietários.

São vários os exemplos deste tipo de arquitectura identificados em outras cidades romanas, constituindo um dos casos mais elucidativos a *domus* das Carvalheiras em Bracara Augusta. Descrita “como protótipo da habitação urbana corrente de *Bracara Augusta*” (Martins 2000:164), este edifício ocupa a totalidade de um quarteirão residencial, sendo ladeado por ruas porticadas.

Apesar do elevado número de intervenções arqueológicas, onde existem evidências identificadas como edificações domésticas, em nenhum caso possuímos para *Aquae Flaviae* uma área tão grande de escavação, nem um espólio tão elucidativo como o existente no quarteirão das Carvalheiras.

A *insula*, por seu turno, apresenta uma planta virada para o exterior com janelas abertas nas fachadas, e uma construção em altura resultante dos constrangimentos demográficos que afectavam as urbanizações romanas (Pelletier 1982:48 e 49). Cada um dos pisos, cujo número podia variar entre três e oito, era dividido em apartamentos e servido por uma escada.

A sua construção em altura levou alguns imperadores a intervirem e a fixarem alturas máximas; Augusto determina como altura máxima 70 pés (20m), devendo-se a Trajano a redução deste valor para 60 pés (18m) (Pelletier 1982:53).

As *insulae* eram edifícios de relativa fragilidade, o que favorecia a propagação rápida de incêndios. Construídas em material perecível, concretamente madeira e demais materiais orgânicos, consistiam em *habitats* colectivos, destinados aos habitantes pobres e estrangeiros, encontrando-se por vezes sobrelotadas.

A arquitectura privada tinha como principais características as lojas comerciais, exploradas ou não pelo proprietário, no piso térreo, ao longo das fachadas viradas para as ruas, que eram geralmente ladeadas pelos pórticos que funcionavam quer como passeios quer como extensões do negócio realizado nas lojas, às quais davam acesso (Martins 2000:155).

Pese embora as limitações decorrentes da escassez de dados sobre a área residencial em *Aquae Flaviae*, são vários os exemplos que nos permitem avançar um primeiro esboço da arquitectura privada flaviana.

Com efeito, as primeiras evidências de edificações são documentadas da seguinte forma por Tomé de Távora e Abreu (1721): “debaixo dos / alicerces de huã casa que o coron(el) Luis Vahia / Mont(eiro) mandou derrubar p(ara) a fazer de novo” (Machado 1989: 18) surgiram “outros a/licerces mais profundos com pedras grandes / q(ue) mostravão ser de edeficio sumptuoso” (Machado 1989: 18).

No âmbito de evidências decorrentes de intervenções arqueológicas, Rodríguez Colmenero, simultaneamente, atesta a escassez de evidências relacionadas com *domus* flavianas e menciona as descobertas fortuitas decorrentes da demolição de edificações.

A título de exemplo, refere um muro de edificação a duas faces e sem argamassa, descoberto na década de 1970 aquando da remodelação da Praça da República paralelo à fachada meridional da antiga Câmara, frente à fachada Norte da Igreja Matriz (Colmenero 1997b:101).

Para além desta ocorrência refere ainda as evidências descobertas na rua de Santo António e rua Direita, as quais correspondem a um muro em *opus quadratum*, bem como silhares, pilastras, jambas e dintéis almofadados. Numa análise ao aparelho das construções romanas, o autor postula três modalidades, nomeadamente, *opus quadratum*, *opus incertum* e *opus caementicium*.

O primeiro tipo de aparelhos foi empregue não só em grandes edifícios públicos mas também em edificações privadas de que é exemplo a construção encontrada a Sul do Terreiro da Cavalaria. Pressupõe duas variantes, traduzidas por silhares lisos e almofadados.

No que diz respeito ao *opus incertum*, constitui o aparelho mais utilizado, como se pode verificar nas remodelações e escavações na Praça de Camões. Os dois aparelhos referidos apresentam uma empregabilidade sobretudo alto-imperial.

Por último, o *opus caementicium* é reservado para infra-estruturas de grande envergadura como é o caso do dique da barragem romana de Abobeleira; a difusão deste aparelho parece corresponder ao séc. III d. C..

No que concerne aos pavimentos, a ausência de evidências determina a escassez de considerações apresentadas por Rodríguez Colmenero. O autor relata a descoberta de um pavimento em *opus signinum* de cronologia baixo-imperial na Praça de Camões, em 1985.

No seguimento de Tomé de Távora e Abreu, o referido autor refere a existência de pavimentos constituídos por lousas de granito, na área do *forum*, bem como solos de argila de terra batida e ladrilhos.

No que diz respeito aos elementos de cobertura descobertos até à data na cidade de Chaves, correspondem a *tegulae* e *imbrices*, não se descartando a hipótese de terem existido coberturas em colmo nas estruturas mais humildes.

A propósito do fabrico do material de construção, Antonio Colmenero refere que *Aquae Flaviae* é zona de boas argilas e água abundante, pelo que os fornos cerâmicos deveriam ser abundantes nas orlas do Tâmega ou dos seus afluentes (Colmenero 1997b:105).

Numa análise das actividades económicas da cidade, Paulo Amaral documenta a existência de uma indústria de materiais de construção, possivelmente de propriedade municipal (Amaral 1993:128), a avaliar pelas marcas AF e AFL impressas em material laterício exumado na cidade e nas imediações. No entanto, não existem até à data vestígios susceptíveis de corroborar a localização deste centro produtor.

Segundo o primeiro autor, são abundantes os vestígios relativos a suportes e entablamentos, em granito. Reporta-se à descoberta de fustes de colunas, os quais em *Aquae Flaviae* surgem sob um duplo modelo: lisos de que são exemplo os tambores descobertos na área que este autor indica como o *forum*, e estriados pertencentes a colunata de um templo ou de uma basílica. Para além dos fustes, surgem ainda bases e capitéis de colunas bem como cornijamentos todos numa lógica de austeridade na decoração arquitectónica.

Em 2000, aquando de uma intervenção no edifício nº 57 da Rua Direita, foi detectada uma estrutura em *opus quadratum*, provavelmente de carácter monumental, junto a uma das vias principais da Chaves romana. Esta estrutura coincide, em orientação, com a parte superior da referida rua e com o prolongamento desta até ao extremo ocidental da ponte de Trajano.

Na referida intervenção, detectou-se ainda uma outra estrutura erigida nos finais do séc. II de orientação Noroeste -Sudeste em manposteria ligada com argamassa de argila.

Na intervenção concretizada no edifício nº 25 da Rua do Poço, foram detectadas estruturas que denunciam dois níveis de ocupação romana, datando o primeiro destes momentos da primeira metade do séc. I e o segundo dos finais do séc. I e Início do séc. II.

As construções do primeiro momento são compostas por pedras graníticas de tamanho médio com núcleo de pedras miúdas ligadas com argamassa de cal. Associada a este muro foi detectada uma preparação de pavimento formada por seixos de pequenas dimensões, bem como uma lareira de cronologia romana.

Quanto ao segundo momento, destacam-se duas estruturas contemporâneas em pedra granítica irregular e de tamanho variável unidas com argamassa de cal. A detecção de negativos oblongos associados à referida estrutura parece denunciar a existência de uma estrutura em material perecível.

Mais recentemente, Sérgio Carneiro (2002) documenta a descoberta de um forno de pão e os alicerces de um eventual edifício de habitação, aquando da intervenção empreendida na Cadeia Velha de Chaves, localizada na esquina formada pela rua Bispo Idácio e rua da Trindade.

De facto, os vestígios encontrados remetem-nos para o suporte de um forno composto por um círculo de pedras de dimensões médias (Carneiro 2002: 193), as quais se encontram ligadas por uma argamassa de argila; como frequentemente ocorre, não se preservam vestígios do laboratório do forno e respectiva cúpula.

Em termos de estruturas romanas exumadas na referida intervenção, destacam-se muros em alvenaria composto com dois paramentos argamassados com argila de coloração amarelada/avermelhada, bem como a fundação de um edifício romano, cujas paredes foram destruídas no século XVIII.

Perante tais evidências, fragmentárias, os responsáveis inclinam-se para uma interpretação destas estruturas como pertencentes a arquitectura privada e não de edifícios públicos (Carneiro 2002:196).

Nas intervenções realizadas pela empresa Arqueohoje, nas imediações da Torre de Menagem foram detectadas, em 2006, estruturas alto-imperiais de significativa importância, dada a quantidade de vidros de janela encontrados; este facto denuncia algum prestígio sociopolítico ou financeiro do proprietário do imóvel.

Já no baluarte do Castelo, a mesma equipa detectou um piso a céu aberto associado a um muro alto-imperial correspondendo o primeiro a uma sucessão de camadas de areia e carvões, bem como de pedras e cerâmica de construção moída agregada por *opus caementicium*.

Por seu turno, a empresa Arqueologia e Património, na pessoa de César Guedes (2007), documenta a descoberta de diversos alinhamentos de muros com orientação Este-Oeste, formando compartimentos trapezoidais, que se adossam e sobrepõem a outros alinhamentos, de aparelho mais cuidado e com orientação diferente (Guedes 2007:17), cuja construção poderá ser atribuível ao período romano a avaliar pelo espólio exumado que remonta ao séc. I.

Os primeiros muros apresentam “aparelho não ixódomo de pedra irregular mas faceada, ligada com terra acastanhada muito desagregada” (Guedes 2007:11). O segundo conjunto de muros apresenta uma construção em “blocos graníticos ligados com argamassa branca apresentando um aparelho de fiadas

regulares”, formando compartimentos de planta rectangular e muito bem esquadriada. (Guedes 2007:13)

Não obstante a quantidade de ocorrências apresentadas, a restituição da malha que conforma o edificado privado ainda não se encontra estabelecida, uma vez que os vestígios já referidos revelam-se insuficientes para a determinação de uma trama, na qual se insiram os edifícios de cariz público e privado.



Figura 10 - Vista geral das estruturas exumadas na intervenção no futuro Arquivo Municipal. Foto do relatório “Arquivo Histórico Municipal de Chaves. AMC.07” gentilmente cedido pela empresa Arqueologia e Património.

5.4.5 Ruas

As ruas constituem o elemento definidor da planificação de uma cidade romana, porquanto se estruturam ortogonalmente no seu interior denunciando as linhas de orientação que presidem à fundação e/ou reestruturação da mesma

Com efeito, eleito o local de implantação da cidade, cujas características determinam uma adaptação dos eixos e parcelas à configuração do terreno e relação com o meio envolvente procedia-se ao traçado dos dois eixos principais da

urbanização, com orientação Norte-Sul e Este-Oeste. Em posição paralela a estes, determinavam-se os eixos menores que conformariam as parcelas da cidade.

A distinção entre eixos principais e eixos secundários, ultrapassava a fase inicial de implantação da cidade; de facto enquanto os primeiros apresentavam dimensões consideráveis e eram calçetados, os segundos, de menores dimensões possuíam somente um pavimento em terra batida (Pelletier 1982).

No que respeita à rede viária urbana flaviense, as evidências arqueológicas exumadas nas intervenções não têm sido profícuas em informações directas. A excepção a esta realidade corresponde calçada recentemente descoberta, na Rua 1º de Dezembro, que passaremos a analisar adiante.

Os registos que têm servido de base aos autores para identificar e estabelecer os alinhamentos das ruas da cidade constituem dados indirectos, uma vez que não se tratam de calçadas ou de eixos viários, antes de cloacas e canalizações que em general, verifica-se a associação colector - via romana (Burón Álvarez 2006:293), bem como de pórticos que conformariam as ruas e serviriam de passeio coberto.

Embora não tenhamos para *Aquae Flaviae* evidências de ruas e pórticos, como existem em Bracara Augusta, as evidências que até agora chegaram até nós, permitem-nos estabelecer um esboço do que seriam os eixos principais da cidade romana.

As referências mais antigas relacionadas com as ruas, remontam aos relatos de Tomé de Távora e Abreu, nos quais enuncia a descoberta de

“hum grande conducto por donde em / algum tempo corrião agoas, do poente para nascente que caminhava por hum citio baixo / entre as casas da rua da Cadeya que Olhão para / o forte de Nª Sª do Rosario, e o Convento das Relliogiosas da Conceição: ao qual vinhão pa/gar trebutos outros muitos menores de diferen/tes feitos” (Machado 1989:18)

“á menos de trez mezes se acharam dois cannos / muy galantes, hu de pedra lavrada, outro de / tijollos subterrados em huas casas que se / reedificarão na rua direyta por baixo da Praça / os coaes segundo o que demonstravão hião / meterce em o de que primeiro se fas mensão que de/via ser o principal donde sahião agoas para diversas p(artes) e recolhyão outras de diferentes p(artes)” (Machado 1989:18/19).

Estas referências às condutas - localizadas geralmente sob os eixos das ruas - proporcionam-nos dados indirectos sobre o traçado dos eixos de comunicação urbana, devidamente apetrechados de infra-estruturas hidráulicas, as quais propiciavam a salubridade da cidade.

Os autores que se têm debruçado sobre o traçado urbanístico de *Aquae Flaviae*, de tendência ortogonal, adscrevem, como previamente referimos, o *cardus maximus* à rua da Trindade e o *decumanus maximus* à rua Direita ou Rua do Bispo Idácio e seus respectivos prolongamentos.

A comprovar esta adscrição, Colmenero documenta a descoberta de uma cloaca na Rua Joaquim José Delgado, que corresponderia ao *cardus maximus*. A ausência de evidências deste género para o *decumanus maximus* determina que a sua proposta se baseie na sua saída quase rectilínea à ponte sobre o Tâmega, bem como na sua posição meridiana dentro da suposta quadrícula urbana (Colmenero 1997b:71).

No que concerne aos *cardines minores*, Colmenero atribui-os ao Largo da Maria Rita e Rua Verde com base na descoberta de duas cloacas em tudo similares à descoberta na Rua da Trindade. Apesar destas asserções, os autores que entretanto se têm debruçado sobre este assunto apresentam como urgente o empreendimento de uma investigação mais pormenorizada do traçado urbanístico da cidade.

Outros vestígios importantes dos alinhamentos das ruas da cidade foram detectados nas duas intervenções arqueológicas na Ladeira da Brecha, das quais existem relatos da existência de um pórtico e de um criptopórtico, bem como na construção do edifício São Paulo, no âmbito da qual se descobriram, entre outras estruturas um possível pórtico.

Mais recentemente, numa intervenção na Rua 1º de Dezembro paralela ao edifício São Paulo, identificou-se uma calçada, constituída por grandes lajes de granito, nas quais se podem observar marcas de rodados de carros. (Apêndice I, Planta nº 7)

Esta descoberta veio contribuir de forma significativa para o conhecimento das ruas e do urbanismo de *Aquae Flaviae*, na medida em que, para além da calçada, de cronologia baixo-imperial, foram ainda exumados dois muros paralelos à mesma e uma canalização entre esta e os referidos muros



Figura 11 - Calçada romana identificada na intervenção levada a cabo na Rua 1º de Dezembro

Este espaço corresponde a uma rua, cujas dimensões (4,80m aproximadamente), localização e orientação sugerem tratar-se da via pomeria, que delimitaria a cidade no baixo-império.

No entanto, este eixo viário da cidade seria mais antigo, a avaliar pelos muros identificados, um deles, contemporâneo da calçada, adossado a outro de cronologia alto-imperial, coincidente com outros muros alto-imperiais encontrados na cidade.

5.4.6 Muralha

A função das muralhas é por excelência de protecção, de pessoas e bens, mas também, espiritual, desempenhando muitas vezes um papel de prestígio e ostentação nas cidades.

Quase todas as cidades em algum momento da sua história conheceram um amuralhamento que pode ter ocorrido no período romano, medieval ou moderno.

As muralhas foram um equipamento muito importante nas cidades romanas, muito embora em alguns períodos da história do império a sua construção revelou-se militarmente desnecessária. Referimo-nos concretamente ao denominado período de paz romana. Contudo, encontramos cidades que conhecem neste período a edificação de muralhas monumentais que cumprem essencialmente uma função ideológica, relacionada com o próprio culto ao imperador.

A partir dos finais do século III/ inícios do IV, no contexto das ameaças provocadas quer internamente pelas sucessivas crises e usurpações do poder, quer externamente pelas investidas dos povos localizados no limes do Império, o poder central empreende uma estratégia de amuralhamento da maioria das cidades provinciais. Podemos constatar este facto em cidades como *Bracara Augusta* e *Asturica Augusta*.

Para *Aquae Flaviae* desconhece-se a existência de uma muralha alto-imperial, sendo as evidências para uma muralha baixo-imperial igualmente bastante parca.

Em termos de vestígios da muralha de *Aquae Flaviae*, Rodríguez Colmenero identificou na base de um troço da muralha medieval silhares almofadados de fábrica romana, alguns dos quais com marcas de *forfex*, que afirma pertencerem a uma muralha romana. Estas evidências, localizadas na parte média na rua do Postigo das Manas, pertenceriam, segundo o autor, a uma estrutura defensiva da segunda metade do séc. III.

Segundo este autor, a cidade romana baixo-imperial teria conhecido um processo de amuralhamento, à semelhança do que ocorre com outras cidades do império (Colmenero 1997b:60).

Colmenero apresenta ainda um conjunto de outras evidências que pertenceriam à muralha baixo-imperial localizadas na parte média da Rua Maria Rita, desta vez coincidindo com um troço da muralha moderna.

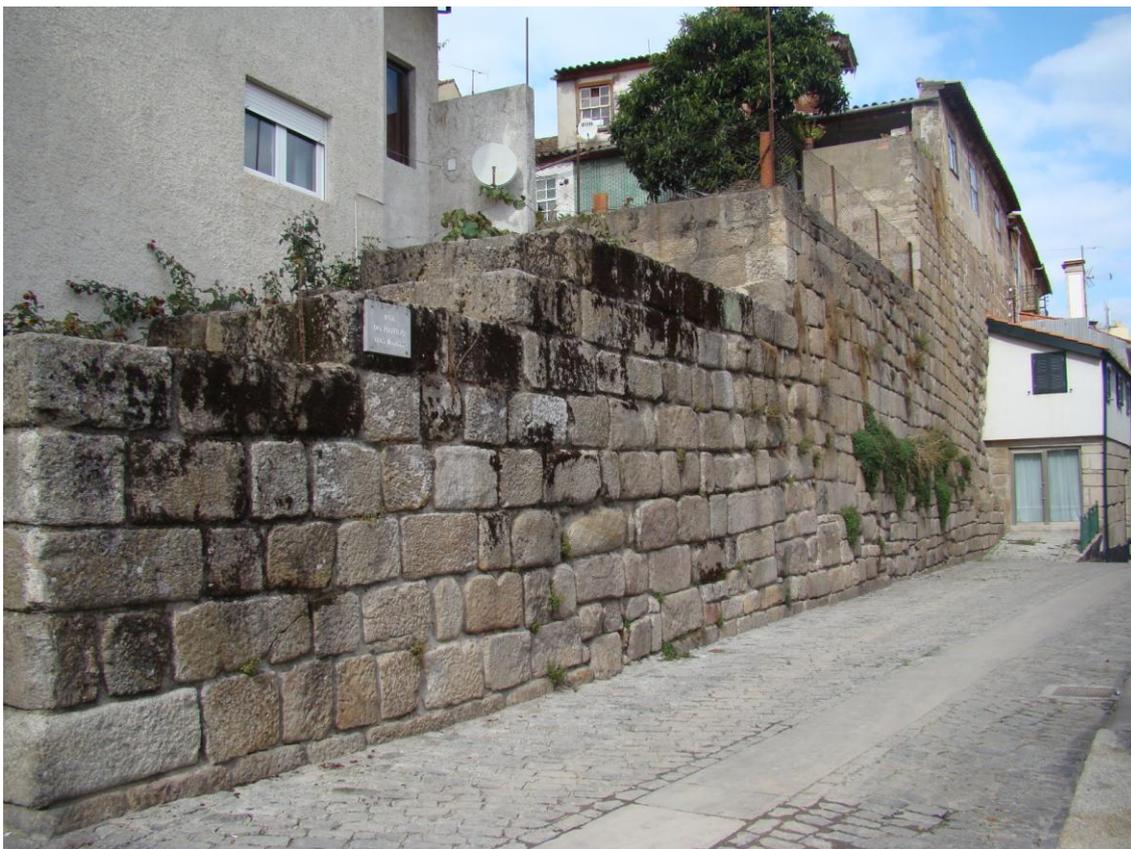


Figura 12 - Muralha medieval da Rua do Postigo dos Manos em 2010

Nas intervenções realizadas pela empresa Arqueohoje no Baluarte do Castelo, detectaram-se vestígios interpretados como pertencentes à muralha baixo-imperial, a qual teria sido edificada nos finais do séc. III inícios do IV. Os vestígios denunciam uma imponente estrutura com 2,80 metros de largura máxima (Carvalho & Barbosa 2007:77), edificada com silhares almofadados de dimensões significativas, os quais apresentam marcas de *forfex*.

Pese embora a identificação e caracterização de troços da muralha baixo-imperial, as evidências até à data recolhidas não permitem avançar com a localização e configuração da fortificação flaviense.

5.4.7 Ponte Romana

Elemento de ligação entre duas margens, as pontes em época romana assumiam um grande importância, tornando-se mesmo um elemento dinamizador no crescimento da cidade. Com efeito, á semelhança de outras cidades, como Lyon, Viena, Arles e Rêves (Pelletier 1982:15), o desenvolvimento de *Aquae Flaviae* é indissociável da travessia de um eixo fluvial.



Figura 13 - Ponte de Trajano, vista S-N

O auge de *Aquae Flaviae* parece consumir-se com a construção da ponte de Trajano sobre o rio Tâmega, em 104. De facto, este monumento encontra-se flanqueado, desde época Moderna, por dois marcos comemorativos, monolíticos, cilíndricos e com inscrições¹, denominados *Padrão de Trajano* e *Padrão dos Povos* ambos cópias dos padrões originais.

Quanto ao primeiro monumento epigráfico, coluna comemorativa da ponte, versa o seguinte:

IMP(eratori) CAES(ari) NERVA / TRAIANO AVG(usto) GER(manico) / DACICO PONT(ifici)
MAX(im)o / TRIB(unitia) POT(estate) CO(n)S(ule) V P(atr)i P(atr)iae / AQVIFLAVIENSES / PONTEM
LAPIDEVM / DE SVO F(aciendum) C(uravit).

Quanto ao *Padrão dos Povos*, encerra a referência a dez *civitates* inseridas no âmbito de influência de *Aquae Flaviae*. João Fonte atesta que a função desta última seria, de facto, tutelar as primeiras, exercendo sobre elas um domínio indirecto (Fonte 2006:VI.1).

Rodríguez Colmenero revela que a descoberta de outro cilindro com o mesmo texto, no decurso de operação de dragagem do rio durante o ano 1980, veio a acentuar as suspeitas acerca da autenticidade do *Padrão dos Povos* que actualmente se situa sobre a ponte (Colmenero 1997b:83).

¹ Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2004). *Ponte de Trajano e as colunas comemorativas nela colocadas, do tempo dos imperadores Vespasiano e Trajano*. N° IPA PT011703510001.

Na referida coluna granítica pode ler-se o seguinte:

IMP(eratori) CAES(ari) VE[SP(asiano) AVG(usto) PONT(ifici)] / MAX(imo) TRIB(unicia) POT(estate) [XX P(atri) P(atriae) CO(n)S(uli) IX] IMP(eratori) VESP(asiano) / CAES(ari) AV[G(usti) / F(ilio) PONT(ifici) TRIB(unicia) POT(estate)] / VIII IMP(eratori) XIII CO(n)S(uli) VI / (damnatio memoriae de Domiciano) / C(aio) CALPETANO RA[NTIO QVIRINALI] / VAL(erio) FESTO LEG(ato) A[VG(usti) PR(o) PR(aetore)] / D(ecio) CORNELIO MA[ECIANO LEG(ato) AVG(usti)] / L(ucio) ARRVTIO MAX[IMO PROC(uratori) AVG(usti)] / LEG(ioni) VII GEM(inae) [FEL(ici)] / CIVITATES [X] AQVIFLAVIEN[SES AOBRIGENS(es)] / BIBALI COEL[ERNI EQVAESI] / INTERAMIC[I LIMICI AEBISOCI] / QVARQVE[R]NI TA[MAGANI]

Esta coluna, provavelmente anterior à construção da ponte, cuja obra será de iniciativa exclusiva dos *Aquiflavienses*, constitui o reconhecimento pela atribuição do *ius Latii* atribuído aos respectivos povos pelos Flávios.

No que respeita às características construtivas da Ponte de Trajano, esta possui dezasseis arcos, quatro dos quais actualmente em dique seco, dado o estreitamento do leito do rio, postulando Rodríguez Colmenero que a ponte original possuísse mais arcos, entretanto destruídos, mercê da expansão urbanística da cidade em relação às margens.

Constituiria uma estrutura de cerca de cento e dezanove metros, dos quais restam, sobre o rio, apenas sessenta e três, cujos vãos ostentam uma altura que ronda os quatro metros. Quanto à largura, embora não se apresente uniforme, tem uma média de três metros e cinquenta centímetros.

Em termos de técnica construtivas aplicadas na erecção deste monumento, destaque para as aduelas almofadas e com marcas de *forfex* bem como talhamares, semelhantes a pirâmides truncadas, cujos silhares se prolongam como sustentáculos dos arcos (Colmenero 1997b:96).

O mesmo autor preconiza que a ponte de *Aquae Flaviae* seria o prolongamento do *decumanus* da cidade, testemunho da importância que devia ter o tráfego interno da cidade (Colmenero 1997b:97). De facto, o autor aventa que a calçada de pedra, localizada sobre o leito do Rio Tâmega, de posição oblíqua em relação ao eixo da ponte, denuncia que sobre esta “pôde ter-se situado a mencionada ponte *lignum*” (Colmenero 1997b:94), precedente à ponte de pedra.

A equipa da DGEMN² destacada para documentar as obras de restauro da Ponte de Trajano descreve-a como

² Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2004). Igreja Matriz de Chaves/Igreja de Santa Maria Maior. N° IPA PT011703500021.

“tabuleiro plano, com cerca de 140 m de comprimento, paramentos em aparelho regular almofadado, actualmente apenas sobre 16 arcos visíveis, de volta perfeita, de aduelas almofadadas e com orifícios para encaixe da forfex (...) a montante, a ponte é reforçada por oito talhamares prismáticos, ligeiramente escalonados e de tamanho e altura sensivelmente diferente, sendo uns estruturais” .

O relatório integra ainda a inserção desta ponte na via XVII do itinerário de Antonino Pio, correspondendo ao monumento romano mais representativo na cidade e paradigma de esplendor que a mesma atingiu.³

A observação directa deste monumento de fundação romana deve ter em conta a fábrica romana, mas também as sucessivas reconstruções de que foi alvo durante a Idade Média e posteriormente. Deste conjunto de reconstruções, evidenciam-se os talhamares e os arcos do lado Este – de conformação divergente dos homónimos romanos - erigidos no séc. XVI, no decorrer das cheias que terão destruído parcialmente a ponte.

5.4.8 Barragem

Essencial para a vida nas cidades, o sistema hidráulico consiste num conjunto de estruturas e infra-estruturas que garantem o abastecimento de águas limpas à cidade e o escoamento das águas residuais. Entre estas estruturas destacamos os locais de armazenamento de águas limpas, as barragens, e o complexo sistema que levava a água até à cidade através de aquedutos e canalizações.

A barragem romana situada no lugar de Abobeleira (Valdanta, Chaves), era a que forneceria água a *Aquae Flaviae*. Desde o século XVIII que se assume que a principal funcionalidade desta estrutura hidráulica seria o abastecimento à cidade romana.

Tomé de Távora e Abreu, autor destas referências, menciona ainda condutas no quadrante Sudoeste da referida barragem, bem como um troço de aqueduto aparecido junto ao actual Largo das Freiras. Mencionando, ainda, uma conduta de granito e tubos de barro aparecidos na Rua Direita, aparentemente em ligação com

³ Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2004). *Ponte de Trajano e as colunas comemorativas nela colocadas, do tempo dos imperadores Vespasiano e Trajano*. Nº IPA PT011703510001.

o aqueduto que levaria a água da barragem de Abobeira para a cidade (Amaral 1993:125).

Alvo de intervenções arqueológicas nos finais dos anos 80, o sítio arqueológico da Abobeira veio proporcionar valiosíssimas informações sobre a engenharia hidráulica romana, bem como reforçar o importante papel da água na concepção das cidades romanas.

Uma vez que não nos foi possível observar o sítio em questão, cingir-nos-emos às propostas apresentadas por Rodríguez Colmenero e por Rafael Alfenim, a propósito da sua edificação e modo de funcionamento, bem como das técnicas de construção utilizadas na referida barragem.

Os autores são unânimes no que diz respeito à sua localização, considerando-a a mais eficaz para os fins a que servia, na exacta medida em que se encontrava ladeada por duas colinas próximas, o que facilitava a construção do dique, ao mesmo tempo que a topografia do terreno permitia obter um ponto de desnível ideal para a condução das águas até à cidade, reduzindo os custos da sua construção (Colmenero 1997b:78). De facto, tratando-se de uma barragem de gravidade, sendo a sua estabilidade garantida pelo peso da própria estrutura, reforçada pelos rochedos das margens do ribeiro de Ribelas.

Da imponente estrutura chegaram até nós vestígios do dique e do aqueduto que conduziria a água à cidade. A propósito do primeiro, destacam-se somente pedaços dos extremos, tendo desaparecido, entretanto, o sector central, o qual atingiria a maior altura da estrutura.

No que diz respeito à modalidade construtiva do dique, Colmenero afirma que se trata de uma construção feita em muros, com recheios intermédios e contrafortes entre recheios que se encontram em ambas as margens (Colmenero 1997b:80). Corresponde, segundo o referido autor, a uma estrutura alveolar determinada por uma retícula ortogonal de panos verticais em direcções longitudinal e transversal (Colmenero 1997b:82). Rafael Alfenim, atesta que os muros paralelos que constituiriam o dique eram construídos em *opus incertum* de granito ligado por argamassa de cal, com pedras transversais, salientes, que atravessam os muros de um lado ao outro (Alfenim 1994:15), ou seja, pedras em perpianho que serviriam para sustentar e reforçar a construção.

A propósito das estruturas relacionadas com o aqueduto, Colmenero localiza o *castellum aquae ad caput* nas imediações de um canal descoberto no leito do

Ribelas, encontrando-se o *castellum aquae* terminal no ponto mais alto da cidade, o Largo do Anjo.

Quanto ao traçado do aqueduto até *Aquae Flaviae*, o autor apresenta duas hipóteses. Uma, em linha recta, pelo caminho que liga Sanjurge a Chaves e que culminaria no Largo do Anjo. A outra, num traçado mais suave, em direcção a norte, nas imediações do Regimento de Infantaria e Avenida dos Aliados, através do Terreiro da Cavalaria, em direcção ao referido Largo.

Ambos os traçados pressuporiam soluções de engenharia hidráulica materializadas em *specus* sobre *substruptiones* ou *arcuiciones*, que visavam superar as diferenças de nível, ou ainda mediante o sistema de sifão, o mais plausível na opinião de Rodríguez Colmenero (1997).

Pese embora o facto da barragem da Abobeira ser considerada pela generalidade dos autores como a principal no abastecimento de água a *Aquae Flaviae*, Rafael Alfenim (1994: 19) apresenta como proposta alternativa, o provimento de água desta barragem para explorações agrícolas ou mineiras, dada a proximidade com a veiga e com vestígios destas últimas explorações.

Apesar de tais considerações não se apresentarem desajustadas da realidade, parece-nos provável, pela análise do conjunto formado pelo dique e pelo aqueduto, que estaremos perante a barragem que abasteceria a cidade de *Aquae Flaviae*.

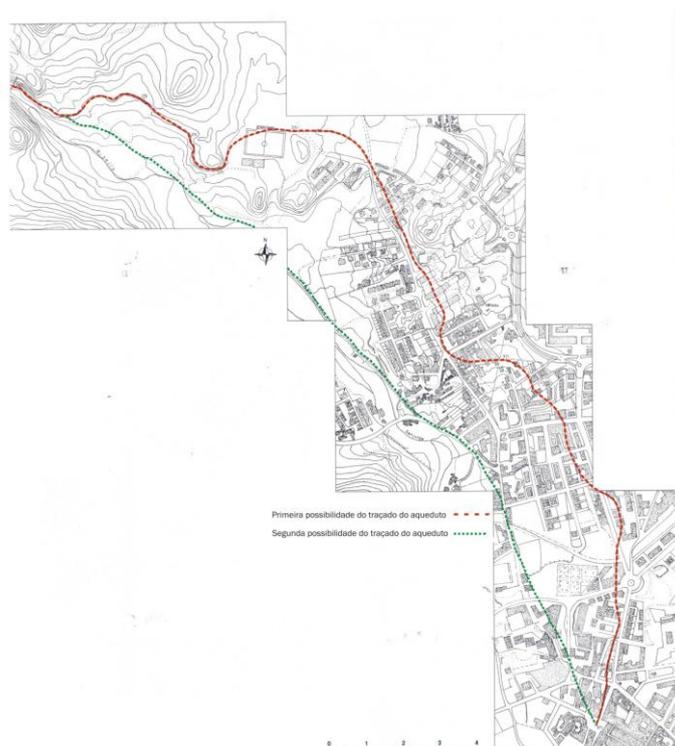


Figura 14 - Propostas dos traçados do aqueduto segundo Colmenero (1997b) adaptado

5.4.9 Vias

O desenvolvimento de uma extensa rede viária terrestre constituiu um dos principais legados do Império Romano. Profusamente subordinada a estratégias militares e administrativas e propiciadora de um domínio administrativo eficaz do território, a rede viária constitui uma das principais condicionantes de progresso de um núcleo urbano provincial.

De facto, o desenvolvimento da cidade de *Aquae Flaviae* beneficia da sua proximidade em relação à via XVII do Itinerário de Antonino, a qual transpunha o rio Tâmega, no lugar deste centro urbano (Teixeira 1996:133) e na qual se destacam as *mansiones* de *Praesidium*, *Caladunum*, *Ad Aquas* e *Pinetum* (Fonte 2006:VI.4).

Pese embora os problemas colocados pelas incertezas quanto ao traçado rigoroso do primeiro troço da via XVII, entre *Bracara Augusta* e *Aquae Flaviae*, Ricardo Teixeira postula que depois de sair de Braga a via tomava a direcção NE, ascendendo ao longo dos vales do Rio Cávado e do Rio Rabagão, inflectindo depois para Este, em direcção a Chaves (Teixeira 1996:135).

No que diz respeito às últimas milhas do referido troço, já na área de influência de Chaves, destaca-se a presença da exploração aurífera dos Poços das

Freitas, na bacia do Terva. De facto, partindo deste complexo mineiro, Ricardo Teixeira apresenta duas hipóteses para o trajecto da via XVII até *Aquae Flaviae* (Teixeira 1996:136).

A primeira hipótese de trajecto implica a transposição do relevo Elhos-Facho (Teixeira 1996:136), continuada pela descida até ao lugar de Soutelo, partindo daí em direcção a Valdanta e Chaves. Em alternativa, propõe um trajecto entre as bacias dos rios Terva e Tâmega, concretamente entre os lugares de Sapelos e Casas Nova, passando pela Pastoria, em direcção a Valdanta e Chaves. A partir da plataforma de Valdanta, a via XVII seguiria para Casas dos Montes e, daí, entraria na cidade (Teixeira 1996:137).

No troço entre *Aquae Flaviae* e *Asturica Augusta*, o autor postula, do mesmo modo, duas variantes do trajecto, uma a sul e outra a norte, partindo da Ponte de Trajano (Teixeira 1996:137). A primeira pressupunha a travessia da veiga de Chaves até ao sopé da Serra do Brunheiro, pela vertente Este, enquanto a segunda far-se-ia pelo planalto de Monforte em direcção a Vinhais e Bragança (Teixeira 1996:137-141).

Para além deste itinerário principal, *Aquae Flaviae* conheceria uma rede complexa de vias secundárias, que estabeleceriam a conexão entre esta e o mundo rural envolvente, a partir das duas margens do Tâmega, bem como em direcção a noroeste - em direcção a Montalegre - e uma última, a sul, em direcção a Outeiro Jusão e, possivelmente, ao complexo mineiro de Tresminas (Teixeira 1996:141-146).

De facto, Rodríguez Colmenero, na mesma linha de pensamento, admite as incertezas quanto ao trajecto da via entre *Praesidium* - *Aquae Flaviae* - *Compleutica*, propondo a existência de diferentes ramais que se cruzariam na *urbs* em causa, dando lugar às quatro “portas” da cidade (Colmenero 1997b:91).

Todas as referidas vias entravam na cidade através dos principais eixos viários que cruzam a cidade, designadamente o *kardo* e o *decumanus maximus*.

A entrada que corresponderia ao *cardus maximus* procederia de Boticas e Pastoria, cruzando o Ribelas pela ponte existente entre as Caldas e o actual Hotel *Aquae Flaviae*. Para além das vias que culminariam nas principais ruas urbanas, Colmenero apresenta outros caminhos de igual importância para a cidade, em virtude da existência de miliários (Colmenero 1997b:91).

No que diz respeito às calçadas documentadas, o autor dá-nos conta de sectores de empedrado remanescentes bem como muros de construção adjacentes e demais vestígios de conservação variável (Colmenero 1997b:97/98). Um destes exemplos foi recentemente descoberto a montante da Ponte de Trajano, revelando uma disposição oblíqua em relação à mesma, e, provavelmente, uma cronologia anterior ao referido monumento. De lajes largas, esta calçada encontrava-se servida de duas rampas e teria uma utilização sazonal adscrita à época de estiagem (Colmenero 1997b:93/94).

5.4.10 Necrópoles

Uma vez analisado o mundo dos vivos, encetaremos uma análise do mundo dos mortos. O ritual funerário romano era realizado fora do perímetro urbano, em cumprimento da lei que proibia o enterramento dos mortos na capital do Império, bem como em todas as cidades da província (*De Legibus*, II,23).

Nesta nítida separação dos espaços dos vivos e dos mortos, as necrópoles localizavam-se preferencialmente ao longo das vias que saíam da cidade, alinhando-se os monumentos funerários de um lado e do outro da via. Desta forma, ainda que fora da cidade, os mortos poderiam ser recordados por quantos usufruíssem das artérias do Império.

Durante os séculos I e II d.C., a prática funerária mais corrente correspondia à incineração dos defuntos, com a recolha das cinzas em urnas de vidro, barro ou chumbo, enterradas directamente no solo ou protegidas por lajes de pedra e tijoleira. Posteriormente, difundiu-se a inumação, em monumentos funerários concebidos para o efeito, com formatos e tamanhos diversificados (Pelletier 1982).

No caso de *Aquae Flaviae*, foram até à data propostas sete áreas de necrópole. No entanto, somente seis se encontram devidamente publicadas e, destas, apenas duas estão confirmadas como necrópoles do período romano, nomeadamente a necrópole do Largo das Freiras e a necrópole da Pensão Jaime.

Rodríguez Colmenero constitui o autor de duas propostas de necrópole não confirmadas, sitas no Alto da Petisqueira e na Rua da Trindade. Quanto à primeira, a sua localização prende-se com a ocorrência de três inscrições funerárias cujo paradeiro se desconhece, não associadas à descoberta de qualquer tipo de

enterramentos romanos. As seguintes interpretações das epígrafes que a seguir se apresentam são da autoria do mesmo autor (1997):

PICTELANCEA PICTELANCI FILIA A(*nnorum*)
XXX H(*ic*) S(*ita*) E(*st*) EMELVS F(*aciendum*) C(*urait*) AE
RAR(*io*) FRATER MODESTVS
P(*osuit*)
LAVCIA MATVRI F(*ilia*) CALADVA
SAQVA A(*nnorum*) L H(*ic*) S(*ita*) E(*st*) F(*rater*) F(*aciendum*) C(*urait*) MA
XVMVS S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*)
D(*iis*) M(*anibus*)
VISALA REBURRI (*filia*) <> AMBAV(*m*) COLEN(*ae*)
FILIAE PIENTISSIMAE ET NEOPOTIBUS
SUIS D(*e*) S(*uo*) FEC(*it*)

No que concerne à segunda possível necrópole, Colmenero relata a descoberta de uma epígrafe funerária por Armando Coelho da Silva e Rui Centeno, aquando da reconstrução de uma casa na referida rua. Sérgio Carneiro (2009) postula que o monumento epigráfico corresponde a um reaproveitamento como material de construção, já que não se documentou, no referido sítio, nenhum enterramento.

Uma outra teoria, que carece ainda de confirmação, é avançada por Ricardo Teixeira (1996), que se baseia no facto de ter descoberto alguns fragmentos de *tegulae*, que poderão ser interpretados como indícios de enterramentos na zona.

O autor postula que a localização das capelas de Sra. das Neves, actual S. Roque, e de Sto. Amaro, destruída no século XIX, parecem materializar as saídas da cidade medieval e moderna, numa lógica de sacralização do território ou mesmo de cristianização de necrópoles romanas (Teixeira 1996: 127).

As necrópoles confirmadas para *Aquae Flaviae* constituem verdadeiros vestígios de contextos fúnebres do período romano. A primeira necrópole intervencionada localiza-se na Rua Joaquim José Delgado, concretamente na Pensão Jaime.

Não tendo sido possível consultar o relatório final da referida intervenção, utilizaremos as considerações de Sérgio Carneiro (2009: 5), referentes à descrição integrante da ficha de sítio no IPA (CNS14291). As sete sepulturas identificadas na escavação, de inumação e incineração, apresentam várias tipologias, encontrando-se uma associada a parte de um esqueleto, aparentemente em conexão anatómica.

A segunda necrópole romana confirmada encontra-se no actual Largo das Freiras ou Largo General Silveira, correspondendo os seus vestígios de enterramento a sepulturas de período baixo-imperial. Em termos de tipologias das sepulturas, identificou-se uma em “covacho” simples e duas estruturadas em caixa de tégula (Carneiro 2009: 3). Todas as sepulturas se encontravam orientadas ao longo do eixo noroeste/sudeste, denunciando uma organização do espaço sepulcral em função de uma via ou limite da cidade.

O segundo tipo de sepulturas, pertencentes segundo Sérgio Carneiro ao século IV, coincide com o período em que tais estruturas adquirem ampla difusão.

Esta cronologia apresenta-se fundamentada não só na tipologia e ritual de enterramento identificados, mas também, na “ausência de deposições votivas e a utilização de tégulas formando duas águas” (Carneiro 2009:3).

Perante as poucas evidências enunciadas, consideramos que os espaços supra-referidos não nos proporcionam informações concretas sobre a extensão das zonas sepulcrais nem sobre os limites da cidade de *Aquae Flaviae*. No entanto, apontamos as duas últimas zonas apresentadas como limites sul e norte da área urbanizada no período romano.

Pela dispersão de vestígios, julgamos que a cidade se estenderia entre as margens do Tâmega e do Ribelas, localizando-se as necrópoles nas margens opostas, interpondo-se as próprias águas a sublinhar a separação entre o "mundo dos vivos" e o "mundo dos mortos", tão cara à mentalidade da época romana (Teixeira 1996:127).



Figura 15 - Sepulturas exumadas do Largo General Silveira. (Relatório da intervenção gentilmente cedido pelo Dr. Sérgio Carneiro)

5.5. O plano urbano de *Aquae Flaviae*: proposta de reconstituição

Apresentadas as propostas de alguns dos autores que se têm debruçado sobre o estudo do urbanismo de *Aquae Flaviae*, encetaremos neste apartado os resultados da nossa investigação, acompanhados de alguns pormenores metodológicos que aplicámos na sua elaboração.

De facto, refira-se que, desde logo, o recurso às novas tecnologias permitiu-nos dar resposta a algumas questões antigas, bem como lançar outras. Todavia, somente um programa continuado de intervenções arqueológicas em certos locais da cidade permitirá avanços mais substantivos nos conhecimentos alcançados.

Em virtude da existência de novos vestígios arqueológicos exumados na cidade, mas também, da ausência de uma proposta consensual para a localização do *forum* e dos principais eixos viários para *Aquae Flaviae*, procurámos traçar uma proposta alternativa, com base na metodologia que passaremos a apresentar.

Como já referido, a primeira fase do nosso trabalho consistiu em reunir num ficheiro CAD, as evidências passíveis de serem georreferenciadas em planta (Apêndice I, planta nº 1), de forma a podermos ter uma visão geral das estruturas exumadas na cidade.

Das evidências arqueológicas existentes, seleccionámos um conjunto de dados que considerámos essencial para a elaboração da nossa proposta e que se relacionam com os componentes da morfologia urbana, nomeadamente, os alinhamentos das estruturas relacionadas com edifícios, com as ruas e pórticos identificados até ao momento.

Com base nesta planta, empreendemos uma análise que consistiu no cruzamento dos dados utilizados em investigações anteriores, sobretudo os que permitiram sustentar as propostas já avançadas por outros autores para a malha urbana romana, com os potencializados pelas restantes fontes, designadamente, a icnografia e a cartografia, bem como com a morfologia urbana actual.

Em seguida, foi possível estabelecer a projecção para os alinhamentos das estruturas e dos eixos viários romanos, a orientação da cidade, bem como propor uma malha teórica para a organização do plano urbano da cidade no período alto-imperial.

Todavia, os elementos resultantes das intervenções arqueológicas levadas a cabo nas últimas décadas não permitem tirar ilações muito precisas acerca da

morfologia urbana de *Aquae Flaviae*, uma vez que são escassos os dados exumados relacionados com ruas, pórticos, cloacas ou calçadas, bem como com a organização das ínsulas.

Assim, no âmbito do traçado urbano da cidade romana, poucos são os elementos que nos permitem estabelecer uma configuração precisa da cidade.

Por outro lado, o estudo das dimensões e limites da cidade é significativamente dificultado pela ausência de referências a fortificações ou a entradas/saídas da cidade. No primeiro caso, pese embora o facto de alguns autores admitirem uma coincidência em alguns troços das muralhas romana e medieval, desconhece-se a existência de uma muralha alto-imperial, bem como dos limites da cidade.

Atendendo ao local onde a própria cidade foi fundada - entre dois rios - e à localização das necrópoles, a cidade romana extravasaria seguramente os limites definidos pela muralha medieval, designadamente no espaço compreendido entre esta e o Forte de S. Francisco. (Apêndice I, Planta nº 8)

Considerando que a necrópole da Pensão Jaime funcionou no mesmo local durante todo o período romano, podemos estabelecer os limites sul da cidade nesse local.

No que se refere aos limites norte da cidade, estes seriam definidos pelo Largo das Freiras, no baixo-império, desconhecendo-se, no entanto, os limites para o alto-império. Contudo, para este lado da cidade, o norte, com área urbanizada no alto-império seria superior, em virtude das evidências encontradas aquando das obras de restauro do Forte S. Francisco, tal como refere Tomé de Távora e Abreu (Amaral 1993).

Todavia, pese embora tais evidências, entendemos que área urbana alto-imperial não se estenderia até Outeiro Seco, como afirmam alguns autores, entre os quais Montalvão Machado (1972).

Relativamente ao limite oeste da cidade, este corresponderia à necrópole situada na zona da capela de Santo Amaro, tendo em conta a proposta de Ricardo Teixeira (1996).

Por sua vez, o limite este seria definido pelo Rio Tâmega. Contudo, e de igual modo, segundo Teixeira (1996), também a capela de São Roque teria sido construída para a sacralização do espaço da anterior necrópole romana.

No nosso entender, parece adquirir mais fundamento que a sacralização do espaço da anterior necrópole romana tenha sido realizada através da construção da capela junto à Ponte de Trajano, a capela de Santa Maria Madalena, actualmente correspondente a um edifício habitacional privado. Por sua vez, enquanto esta capela se encontra representada na planta de Duarte D'Armas, a capela de S. Roque não.

A corroborar a nossa teoria encontram-se os relatos de Tomé de Távora e Abreu, que menciona que a referida capela “situada no Arrabalde deste nome da outra parte da Ponte, foy fundada p.la Sn.ra Dona Mafalda molher de El Rey de Castella Enrrique Primr.o, e filla do sr D. Sancho primro do nome e segundo Rey de Portugal” (Aires 1990: 98).

Outro indicador que suporta a esta proposta é a própria orientação do edifício. Se observarmos a planta da cidade actual, concluimos que esta construção tem a mesma orientação da Igreja Matriz, ou seja, Este-Oeste, orientação típica das igrejas medievais. (Apêndice I, Planta nº 4)

Dentro dos prováveis limites definidos para a cidade alto-imperial, a *urbs* estruturar-se-ia em função dos eixos principais, *kardo maximus* e *decumanus maximus* e da praça principal, o *forum*.

De acordo com a nossa proposta para a reconstituição do plano urbano romano, a cidade encontrava-se organizada em ínsulas de 127X120 pés, ou seja, de 37X30 metros, considerando que o pé romano equivale a 0,296 metros.

Para a obtenção desta malha baseámo-nos nas evidências arqueológicas exumadas até ao momento, relacionadas com ruas e canalizações, mas também, com os restantes vestígios de construções. De entre estes refiram-se a calçada encontrada na rua da Misericórdia, as canalizações das ruas José Joaquim Delgado e Verde e das construções das ruas 1º de Dezembro, Direita, Bispo Idácio, da Ladeira da Brecha, do Postigo das Caldas, da Travessa do Teatro, bem como da zona envolvente do Castelo, entre outros (Anexo I, Planta nº 1 e 2)

Tendo em conta as referidas estruturas, definimos a orientação da cidade bem como alguns dos seus alinhamentos viários. Foi igualmente possível definir o limite este de uma área construída, correspondente a uma ínsula do núcleo urbano romano. Esta, por sua vez, parece encontra-se totalmente fossilizada no plano urbano actual, correspondendo ao quarteirão definido a norte pelas ruas de Santa Catarina, a sul pela Rua General Sousa Machado, a este pela Travessa General

Sousa Machado e a oeste pela Travessa das Caldas (Apêndice I, Planta nº 9). Este quarteirão apresenta no sentido E/O, 127 pés, e no sentido N/S, 120 pés. A aplicação deste módulo à restante área revelou-se bastante satisfatória, coincidindo com as restantes evidências, não se verificando colisões entre a referida malha e as restantes estruturas.

Igualmente, a comprovar esta malha, encontra-se a topografia de algumas ruas actuais, designadamente alguns dos seus traçados regulares, como sejam, as ruas da Trindade, de Santa Maria, Direita, Travessa General Sousa Machado, 1º de Dezembro, dos Açougues, entre outras.

Relativamente aos eixos principais da cidade romana, propomos que o *kardus maximus* se localize na Rua da Trindade, à semelhança do que propõe Rodríguez Colmenero (1997b). A comprovar esta hipótese encontramos a localização das necrópoles nas extremidades deste eixo e uma cloaca de grandes dimensões, na Rua José Joaquim Delgado.

Por sua vez, a localização do *decumanus maximus*, corresponderia aproximadamente à Rua Direita, tal como também propõe Rodríguez Colmenero. Esta rua desembocava, a oeste, na Ponte de Trajano.

Outro argumento da nossa proposta prende-se com a largura das actuais Rua Direita e Rua da Trindade, as mais largas do centro histórico, resultado provavelmente da fossilização dos eixos viários estruturantes da cidade romana, aproveitados aquando da reconstrução da cidade medieval. De facto, estes eixos permaneceram até à actualidade como os dois grandes eixos do centro histórico, claramente destacados pelas suas dimensões em relação aos restantes. Todavia, o caso da Rua Direita apresenta uma ligeira distorção, relativamente ao eixo romano proposto. Este desvio pode ter ocorrido na Idade Média, aquando da construção dos torreões da muralha, localizados nas imediações das extremidades este e oeste da referida rua (Apêndice III, Folha A).

Com base no cruzamento das diferentes fontes de informação, propomos que o *forum* se localizaria no espaço correspondente, grosso modo, à actual Praça de Camões, ocupando aproximadamente seis ínsulas da malha teórica proposta para a organização da cidade (Apêndice I, planta nº 2).



Figura 16 - Proposta da malha urbana romana de *Aquae Flaviae* – Apêndice I, planta n.º 2

Para além das características topográficas deste local, coincidentes com as orientações de Vitruvius e dos vestígios já apresentados pelos autores que anteriormente se dedicaram ao estudo da cidade, as estruturas recentemente exumadas junto ao Castelo, pertencentes a um edifício monumental, parecem reforçar a nossa proposta.

Para além destes indícios, deparámo-nos, ao longo da nossa investigação, com outro pormenor que, a confirmar-se, vem reforçar a proposta de localização do *forum* neste espaço. Referimo-nos à existência, neste local, da capela de Santa Catarina que foi trasladada, em 1618, para a Rua 1.º de Dezembro por prejudicar a fortificação moderna (Aires 1990:97), tal como mencionado na inscrição epigráfica inserida na actual capela (Apêndice III).

Segundo Tomé de Távora e Abreu, “ A Cappella Alvergaria e Morgado de S. Catherina,” foi fundada “no anno de 1279 (...) junto ao Castello desta V.a” (Aires 1990:96). Este dado leva-nos a equacionar uma possível fundação sobre uma

edificação anterior, talvez a igreja de Idácio ou o baptistério desta igreja. Confirmando-se esta hipótese, será legítimo equacionar a existência de uma sobreposição desta capela a um antigo templo ou outro edifício do *forum* romano.

Admitindo esta hipótese, a proposta de localização do *forum* de *Aquae Flaviae* neste local ganha ainda mais consistência.

Do mesmo modo, não ignorámos o conjunto epigráfico exumado nesta área, designadamente na Praça de Camões, onde foram descobertas epígrafes que podemos associar ao *forum*. Referimo-nos, por exemplo, às dedicadas a Júpiter (Anexo III).

Todavia, uma percentagem considerável do espólio epigráfico flaviense provem da zona do Castelo e do Paço dos Duques, muito embora, neste caso, face à diversidade tipológica das epígrafes (epígrafes votivas, honoríficas, funerárias), possamos estar perante o resultado de uma prática de recolha deste tipo de espólio, em época medieval ou moderna, em contexto de coleccionismo.

Numa lógica de ocupação do espaço, a localização do *forum* nesta área faria todo o sentido, uma vez que ocuparia toda a plataforma mais elevada da cidade, desenvolvendo-se em seu redor o resto da urbanização propriamente dita.

A proposta de organização apresentada teia presidido à fundação da cidade no alto-império.

Todavia, à semelhança do que ocorre nas restantes cidades do império, a malha urbana alto-imperial poderá ter sofrido transformações decorrentes da instabilidade política e das alterações características do baixo-império. Entre as principais alterações morfológicas conhecidas, destacam-se a redução do perímetro urbana e as transformações que decorrem da construção das muralhas tardias.

No caso de *Aquae Flaviae* verifica-se que a cidade teria sofrido uma retracção neste período, provavelmente na área a norte, uma vez que, quer para este quer para oeste, estaria confinada pelos dois eixos fluviais. Para sul os limites permanecem coincidentes com os do alto-império, já anteriormente referidos.

Assim, *Aquae Flaviae* localizar-se-ia, no Baixo-Império, entre os dois eixos fluviais, o Rio Tâmega, a este, e o Rio Ribelas, a oeste, e pelas necrópoles do Largo das Freiras, a norte, e da Pensão Jaime, a sul. (Apêndice 1 Planta nº 3).

Esta proposta, apesar de necessitar de ser confirmada por um número maior de dados, designadamente arqueológicos, resultou num exercício válido, baseado

no cruzamento de diferentes fontes de informação, assumindo-se o plano urbano actual, bem como o seu edificado, como uma base de trabalho promissora.

Pese embora todos os estudos que se têm sido levados a cabo nas últimas décadas, uma abordagem mais abrangente do urbanismo de *Aquae Flaviae* necessita de um maior e mais diversificado número de dados de natureza arqueológica. Referimo-nos a dados recolhidos do subsolo, através de escavações arqueológicas programadas, mas também, à análise estratigráfica do edificado que integra a cidade actual e pode ser interpretado à luz dos princípios da Arqueologia da Arquitectura.

6. A Cidade medieval de Chaves

6.1 Contexto Histórico

Após a queda do Império Romano no Ocidente, a cidade de Chaves, *Aquae Flaviae*, vai dar lugar a *Flavias* ou *Chavias*. Neste período de transição e de tempos conturbados vai-se destacar um personagem incontornável da história de Chaves, Idácio de Límia, bispo de Chaves.

O Bispo Idácio que, em 26 de Julho de 460, “foi preso pelas hordas do suevo Frumário na sua Igreja de Aquae Flaviae; e que a ela voltou em Novembro (...) quando recuperou a liberdade” (Cardoso 1982:41; López Silva 2004:89), constitui o melhor testemunho dos fenómenos de decomposição do aparelho administrativo romano, mercê das invasões bárbaras e da consolidação do Cristianismo, esmerando-se na narrativa da destruição e saque empreendidos pelos suevos na cidade.

No seu *Cronicon*, Idácio relata os eventos ocorridos entre os anos de 379 e 469. Vivenciando os conturbados tempos nos sécs. IV-V, faz diversas referências a povoados defendidos por muralhas - designados genericamente por *oppida* - e a cidades, herdadas do período romano (Cardoso 1982: 13).

As descrições de Idácio sobre o seu tempo desvendam-nos uma sociedade etnicamente dividida, com uma fixação territorial diferenciada, tendo as populações hispânicas conseguido preservar na sua posse as mais importantes cidades, enquanto os povos germânicos se viram obrigados a optar por uma implantação essencialmente rural.

Idácio é explícito quando se refere aos “... hispânicos, espalhados pelas cidades e ópidos ...” e aos “... Bárbaros, dominadores das províncias ...” (Cardoso 1982: 13).

No que concerne às mudanças da morfologia da antiga cidade de *Aquae Flaviae*, no período que corresponde à queda do Império Romano do Ocidente, poucas são as referências; no entanto, a cidade parece ter vivenciado o fenómeno generalizado de substituição do decadente aparelho romano por uma nova organização eclesiástica, que inevitavelmente matiza o traçado urbano da época. (Teixeira 1996:125)

Na transição do século VI para o século VII, apenas sabemos que em *Flav(i)as* existia cunhagem de moeda visigoda (Ferreira 2007: 89), a avaliar pela descoberta

de dois trientes em ouro, dos reinados de Recaredo I e Viterico, nas quais se encontrava gravada, respectivamente, “FLAVAS” e “FLABAS”.

De facto, *Flavias*, à semelhança de outras cidades, terá presenciado “uma cristianização da topografia” (Teixeira 1996:128), materializada pela desarticulação do seu centro polarizador - forum romano -, mediante a edificação de monumentos religiosos, de foro episcopal, no centro da cidade - Igreja Matriz e Capela de Santa Catarina -, e cemiterial, num primeiro momento extra-muros. Estes novos centros espaços passam a constituir elementos marcadores da cidade medieval.

À exclusão dos mortos das cidades, nos sécs. VI e VII, ter-se-ia sucedido a reintrodução da tumulação intra-muros, já documentada na cidade de Chaves, nas imediações da Igreja Matriz, aquando das escavações realizadas por Rodríguez Colmenero em 1985.

Ricardo Teixeira (1996: 129) equaciona, na ausência de evidências a este respeito, como teria sido aplicado o plano medieval em Chaves. Por um lado, a Igreja Matriz, centro da vila medieval, poderia já existir, bem como a Capela de santa Catarina. De certo, um destes templos ocuparia o lugar do precedente templo paleocristão, determinando que o novo traçado urbanístico aproveitasse os alinhamentos romanos.

Por outro, a iniciativa urbanística medieval poderia ter apagado as referências da cidade romana, edificando de raiz o seu centro polarizador (Nuno Dias 1990:45), ainda que, alguns alinhamentos medievais se tenham sobreposto aos romanos.

Na análise da hipótese de continuidade urbanística, evidencia-se a acção “repovoadora” desencadeada pelo rei asturiano, Afonso III, na segunda metade do século IX (866-910), a qual conduziu à presúria de Chaves em 872, consumada pelo conde Odoário (Barroca 2004:183).

Este distinguiu-se pelas políticas de promoção e enquadramento das populações distribuídas pelos diversos tipos de habitats - *civitates*, *vilae*, *castella* -, atribuindo-lhes estatutos e limites bem clarificados.

Na ultima categoria de habitat, inscrever-se-iam antigos castros com ocupação tardo-romana e suevo-visigoda que, ou nunca chegaram a ser totalmente abandonados ou conheceram uma reocupação mais intensa neste período de insegurança (Teixeira 2008).

Esta acção de “Reconquista” pautou-se por uma organização fortemente apoiada em civitates, numa lógica de continuidade da tradição romana, de que Flávias é exemplo. De facto, o aproveitamento e adaptação de estruturas anteriores terá sido determinante, tanto na localização como na topografia urbana de cada civitas (Teixeira 2008).

As menções a esta organização administrativa são deveras escassas e correspondem sobretudo a referências à cidade e ao seu termo em doações que integram a obra *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae* (Teixeira 1996: 129; Costa 1965,1978 e 1990).

A política de expansão empreendida por Fernando, o Magno, no século XI, constitui, sem dúvida, uma adaptação às novas condicionantes determinadas pelo já referido processo de “Reconquista”.

A esta reestruturação subjaz o desmembramento da organização administrativa em *civitates*, as quais dão lugar a centros administrativos de menor expressão, denominados terras, chefiados por um castelo cabeça de terra. (Gomes 1993; Barroca 2004: 189)

No caso da *civitate Flávias*, este processo reformador determinou a redução do seu termo, o qual conheceu uma desagregação em várias terras, e provavelmente a deslocação da cabeça do território para Santo Estêvão de Chaves (Dias 1990:41).

No entanto, segundo Ricardo Teixeira (1996, 82-83; 2001, 97) o castelo a que se refere Dias como cabeça do território, correspondente à torre baixo-medieval que se observa na actual sede da freguesia de Santo Estêvão, mais não será do que uma residência senhorial fortificada, cuja construção considera de período posterior, propondo como castelo cabeça do território de Chaves a estrutura roqueira conhecida pelo topónimo de Penedo de Santiago, localizada próximo do lugar do Castelo, na freguesia das Eiras, mais afim com os modelos preferenciais de encastelamento.

A situação geoestratégica da cidade de Chaves, que integra a Coroa portuguesa desde 1160, determinou que esta desempenhasse um papel importante nas investidas bélicas entre os reinos de Portugal, no governo de D. Afonso II, e Leão, governado por Afonso IX.

De uma das invasões deste último ao território de Trás-os-Montes, resultou a tomada do castelo e terra de Chaves. Não obstante a restituição do castelo de

Chaves ao reino de Portugal, em 1223, o castelo de Santo Estêvão de Chaves – cuja localização precisa se desconhece – só é restituído durante o reinado de D. Sancho II, já em 1231. Um documento régio do início do séc. XIV, de autoria de D. Dinis, corrobora o povoamento desta cidade por D. Afonso III. (Herculano s/d: IV, 121 *in* Gomes 2008:13).

A propósito da urbanística medieval de Chaves, Paulo Gomes (1993:40) refere que “os castelos continuavam, no primeiro quartel do séc. XIII, os verdadeiros pólos organizadores do território”, como comprovam as inquirições de 1258, que adscrevem a população deste território ao seu castelo, apresentando-a como *homines de populla de Castello de Clauibus* (PMH-Inq. 1353,1354, 1355).

A segunda metade do século XIII e os inícios do século XIV constituíram um novo período de transformações administrativas, desta feita, consubstanciadas pela reorganização territorial em vilas – “habitat concentrado e fortificado” (Teixeira 1996: 208) – e conseqüente declínio dos castelos cabeças de terra.

No decorrer desta iniciativa régia, a vila de Chaves volta a constituir-se cabeça de território, desta vez com um termo muito mais reduzido, tendo-se restituído o seu povoamento, num processo que Paulo Gomes integra no fenómeno das “vilas novas”. Somente a anexação do território de Montenegro, pautada por peripécias políticas incomuns, durante o reinado de D. Afonso III, proporciona um alargamento significativo do termo da vila.

Estas vilas urbanas “novas”, cuja implantação é feita de raiz, apresentam-se contemporâneas “da fase de reorganização baixo-medieval” (Gomes 1993:48) e situadas preferencialmente num outeiro amplo de topografia pouco acidentada. Quanto ao traçado ortogonal do tecido urbano da actual cidade, considera que sobrepõe a póvoa baixo-medieval.

No entanto, não coloca de parte a possibilidade de terem sido aproveitados os traçados remanescentes do período romano e admite que o despovoamento da cidade não tivesse sido total.

A este propósito, Nuno Dias (1990:45) afirma “Cidade fortaleza de fronteira, Chaves foi fundada e povoada por iniciativa régia, na segunda metade do séc. XIII, não tendo portanto, para além da sua situação geográfica, uma ligação directa com *Aquae Flaviae* ou *Flavias*”.

Subjaz a tal afirmação o conceito de “ermamento” tão popularizado na historiografia portuguesa. Contudo, José Baptista descreve de forma incisiva tal

afirmação apelidando-a de “radical e imprecisa (...) contraditória e ilegítima” (2007:52), evidenciando a longa ocupação habitacional da cidade e criticando o já referido “ermamento”.

Remonta a este período o primeiro aforamento de Chaves sob o reinado de D. Afonso III – 15 de Maio de 1258 - concedido a todos os povoadores de Santo Estêvão de Chaves (PMH - Leges 686-687) determinando como termo da vila, os territórios dos Castelos de Santo Estêvão e de Gouveia.

Lamentavelmente perdeu-se tal documento, vindo a cidade de Chaves a conhecer um novo foral em 1474, reprodução de um documento do séc. XIII. circunstância assim descrita por Nuno Dias (1990:69)

“ (...) depois de procurar nos vários registos o guarda-mor passou o requerido documento com base no único texto do foral que encontrou (...) testemunho do juiz flaviense Mendo Aires, retirada das inquirições gerais de 1258-1259”

No entanto, uma carta de sentença emitida por D. Dinis, no início do séc. XIV (1305), expõe a criação desta póvoa por D. Afonso III e a divisão de terrenos pelos seus povoadores. Posteriormente, em 1350, D. Afonso IV viria a confirmar todos os privilégios da Vila (Dias 1990:69).

As investidas bélicas contra a Vila de Chaves continuam no século XIV, no contexto da crise dinástica que opõe Portugal e Castela. De facto, o apoio do alcaide da praça de Chaves a D. Beatriz e Castela, determina o seu cerco, sob a iniciativa de D. João I, em 1385-86. Após quatro meses de cerco e consequente tomada da praça, processa-se a doação desta a D. Nuno Álvares Pereira, doação que é alvo, em 1388, de alargamento a toda a jurisdição e termo da Vila (Dias 1990: 91).

No século XV, Chaves continua a constituir objecto de negociações entre a classe nobiliária portuguesa, já que, em 1401, é doada por D. Nuno Álvares Pereira à sua filha D. Beatriz, como dote do seu casamento com D. Afonso – filho bastardo de D. João I -, conde de Barcelos.

O mesmo D. Afonso, que recebe em 1442 o título de primeiro duque de Bragança, manda construir um paço, no qual se estabeleceu durante longos períodos de tempo até 1461, data do seu falecimento. Sepultado na Igreja Matriz de Santa Maria, o duque é trasladado, num primeiro momento (1462) para o Convento da Veiga e, já no século XVII, para a Igreja de São Francisco, sita no Forte com o mesmo nome. Dá-nos conta um documento oficial do século XX da última

trasladação do túmulo de D. Afonso para a Igreja dos Agostinhos, Panteão da família ducal (Carneiro 2006: 52-53).

A sucinta análise do contexto histórico medieval da cidade flaviense permite-nos compreender, claramente, a importância da sua posição estratégica – dado que se trata de uma cidade de fronteira. Com efeito, esta situação determinou que fosse palco de uma série de peripécias bélicas, desde a transição da Antiguidade Clássica para a Idade Média, mas sobretudo ao longo desta, associadas quer à formação de Portugal quer à independência do nosso país em relação ao vizinho reino de Castela.

6.2 Arquitectura militar medieval

A cidade de Chaves encontra-se dotada de um imponente sistema defensivo, do qual se destacam a Torre de Menagem do Castelo e as muralhas medievais, bem como as fortificações modernas.

Palco de conflitos ao longo da sua história, a morfologia deste aparelho militar vai-se configurando para responder a práticas de guerra cada vez mais complexas, em termos técnicos e de armamento.

As cicatrizes que actualmente se vislumbram no antigo sistema defensivo de Chaves não resultam apenas desta evolução arquitectónica, mas em larga medida de reconstruções e restauros, consequentes das sucessivas investidas bélicas e, mais recentemente, de derrocadas provocadas por intempéries.

6.2.1 O Castelo e as Muralhas

Como já referimos, o bispo Idácio integra, no seu *Cronicon* (séc. V), diversas referências a povoados defendidos por muralhas, mas não apresenta uma única referência explícita a um castelo na cidade de *Flavias*, hiato que persiste até às invasões muçulmanas, a partir de 711.

De facto, as alusões mais antigas ao Castelo de Chaves remontam às primeiras presúrias de Afonso III das Astúrias, entre 866 e 910 (Barroca 2004: 182). Em 872, o Conde Odoário presuria a cidade de Chaves e, a partir deste momento, inicia-se o processo de reorganização do povoamento da zona setentrional de Trás-os-Montes.

A preponderante acção de Odoário documentou-se numa notícia, encerrada numa doação de 982, onde se regista que o conde ergueu vicos e castelos, amuralhou cidades e povoou vilas:

“ data est terra ad populandum illustrissimo viro domno Odoario digno bellatori, in Era DCCCCX, a principe serenissimo domno Adefonso, qui venit in civitate Flavias, secus fluvium Tamice, vicos et castella erexit, et civitates munivit, et villas populavit, atque eas certis limitibus firmavit, et terminis certis locavit, et inter utrosque habitantes divisit ...” (Barrau-Dihigo 1989: p. 172; Azevedo L. G. 1939: II, p. 88 in Barroca 2004: 183).

Aceita-se, por conseguinte, uma primeira construção do Castelo de Chaves por iniciativa do Conde Odoário, o qual, “encarregado da reorganização e repovoamento da comarca flaviense, ao longo do rio Tâmega”, mandou “edificar castelos (...) um dos quais, com toda a certeza, em Flavias” (Dias 1990:40).

A ausência de evidências documentais e arqueológicas que localizem e caracterizem este primeiro castelo de *Flavias*, destruído no século X, não nos permitem aventar uma relação entre este e o Castelo que actualmente se conhece.

As referências ao castelo de Chaves até à segunda metade do século XIII revelam-se deveras imprecisas, sobretudo no período que corresponde à iniciativa reformadora de D. Fernando, no decorrer da qual o Castelo de Chaves teria cedido lugar, enquanto cabeça do território, a um outro, localizado nas imediações – Santo Estêvão de Chaves, segundo Nuno Dias (1990), ou Penedo de Santiago, na opinião de Ricardo Teixeira (1996; 2001).

No que diz respeito à existência de um castelo românico em Chaves, todas as considerações que possam tecer-se constituem meras hipóteses, dada a circunstância das evidências se apresentarem escassas. Apesar disso, o cenário de edificação de um castelo coetâneo da construção de uma Igreja de configuração românica não será anacrónico.

No âmbito do conflito entre D. Afonso II e D. Afonso IX, rei de Leão, menciona-se a tomada de um “castelo” de Chaves, cuja cronologia de construção se desconhece. Constituiria este castelo uma edificação de estilo românico? A acreditarmos nesta hipótese, a localização de tal estrutura corresponderia à da estrutura destruída no século X?

Em 1223, documenta-se a devolução do castelo à coroa portuguesa, não se mencionando, mais uma vez, qual a sua situação geográfica ou princípios

construtivos. Ponderamos ainda a hipótese de construção do castelo quando a cidade se encontrava sob o domínio leonês, numa lógica de protecção da cidade recentemente tomada ao reino vizinho. Por fim, a edificação de um castelo de estilo românico poderá ter sido empreendida após a devolução da cidade. Qualquer uma destas hipóteses carece de comprovação mediante vestígios arqueológicos ou informações documentais mais concretas.

De facto, no séc. XIII, o Castelo de Chaves sofre alterações e reconstruções, inicialmente sob iniciativa de D. Afonso III, no contexto de amuralhamento da vila por volta de 1258/1259; tais empreendimentos são continuados pelo sucessor D. Dinis, como atesta Paulo Gomes (2008: s.p.), da opinião de que “a obra da cerca e do castelo de Chaves” testemunham “a arquitectura do castelo e a sua tardia conclusão.”

Segundo Mário Barroca, D. Afonso III foi o principal impulsionador das reformas nos castelos portugueses, devendo-se, contudo, ao seu filho D. Dinis a “mudança significativa do panorama da arquitectura militar portuguesa” (Barroca 2004:804).

Tais reformas régias determinam que neste período “os castelos mudaram (sic) seus sistemas de defesa, de sistemas passivos (românico) a sistemas activos (gótico)” (Grzybowski 2000:2). O Castelo de Chaves parece enquadrar-se neste segundo modelo arquitectónico, já que a torre de menagem encontra-se adossada ao pano de muralha, dotando a estrutura de características que lhe permitam “responder aos cercos de forma mais eficiente” (Barroca 2004: 801).

A torre encontra-se também coroada por merlões e ameias, contendo nos vértices pequenos balcões semicirculares suportados por matacões, típicos das estruturas militares góticas. Esta estrutura, circundada por passadiço, apresenta planta quadrangular e dimensões que atingem os 26 metros de altura por 12 metros de cada lado; encontra-se dividida em três andares, rasgados por frestas simples e “bíforas”, provavelmente implantadas em construção posterior à das primeiras⁴.

⁴ Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2004). *Castelo de Chaves e restos da fortificação abaluartada na cidade*. Nº IPA PT011703500004.

O interior desta estrutura, em cantaria de granito, apresenta algumas pedras sigladas e é iluminado pelas referidas frestas, que se configuram interiormente como janelas, com vão em abóbada de berço e “conversadeiras laterais”

O acesso à torre é materializado no segundo piso, mediante uma escada paralela à fachada com guardas em pedra com chanfro, as quais constituem um balcão, assente em cornija. A porta, em arco de volta perfeita, apresenta moldura torada e encontra-se encimada por um brasão real.

O pavimento associado à porta corresponde a um lajeado granítico rasgado por um vão quadrangular, protegido por grade de ferro que dava acesso à cisterna, a qual ocupa todo o primeiro piso. Esta última receberia as águas pluviais conduzidas desde o telhado por uma conduta de pedra, adossada à parede, de secção octogonal, no segundo piso.

Quanto ao terceiro piso, merece destaque a porta de acesso ao passadiço de ligação ao adarve da muralha, cuja modinatura denuncia uma cronologia posterior às do piso inferior; o quarto piso possui um fogão de sala e apresenta uma cobertura em abóbada de berço – em granito –, seccionada por arcos diafragmas, os quais se apoiam em mísulas.

O último andar possui um balcão de pedra a proteger a abertura das escadas, bem como o saco da chaminé e uma conduta das águas pluviais, de secção quadrangular, em pedra. Evidencia-se ainda uma escada de madeira de acesso ao telhado de quatro águas, com travejamento à vista, apoiado, a toda a volta, nas linhas de asnas que assentam em mísulas, algumas das quais esculpidas.

As fachadas são em cantaria de granito com um aparelho em fiadas regulares que são rasgadas por frestas em arco de volta perfeita e terminadas em parapeito encimado por ameias de corpo estreito e piramidais. Apresentam, nos ângulos do topo, balcões semicirculares firmados em mísulas escalonadas e com matacões circulares. Os balcões semicirculares alternam com balcões rectangulares, localizados igualmente no topo, mas a meio de cada uma das paredes da torre. Estes últimos apoiam-se, do mesmo modo, em mísulas escalonadas e possuem parapeito coroadado por ameias piramidais.

A solução de implantação de balcões providos de matacães, no topo da torre de menagem, “aponta para uma época de construção mais tardia”, possivelmente atribuível aos séculos XIV/XV⁵.

Nas paredes da torre, rasgam-se algumas seteiras e no alçado a leste destacam-se varandas em madeira. Na parte inferior destas paredes, são observáveis fiadas com pedras sigladas, distinguindo-se cinco marcas diferentes. A concentração de siglas nas fiadas inferiores da torre pode constituir testemunho de uma construção anterior à “elevação” das paredes até às dimensões que actualmente possuem.

Pese embora esta apresentação de conjunto dos elementos que actualmente compõem a torre de menagem, é possível individualizar-se, mediante observação dos paramentos, diferentes fases construtivas, atendendo não só à morfologia das frestas e portas, mas também a cicatrizes de reconstruções e às siglas que se observam nas primeiras fiadas desta estrutura.

A cerca, de planta rectangular, apresenta um perímetro de cerca de 860 m, o qual integra a torre de menagem e parte da alcáçova. Este é composto por uma muralha construída no prolongamento dos ângulos Norte e Sul da torre e envolve-a a Noroeste e a Sudoeste. Em cantaria de granito, esta cerca apresenta aparelho em fiadas irregulares, encontrando-se rasgada na fachada Sudoeste por uma porta em arco ligeiramente apontado aberto no nível térreo; termina em adarve com comunicação à torre um passadiço no terceiro piso.

Na fachada Sudoeste, identificam-se os negativos e os agulheiros resultantes da construção do antigo quartel militar que lhe estava adossado desde o séc. XIX, e que foi desmontado no século XX.

⁵ Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2004). *Castelo de Chaves e restos da fortificação abaluartada na cidade*. N.º IPA PT011703500004.

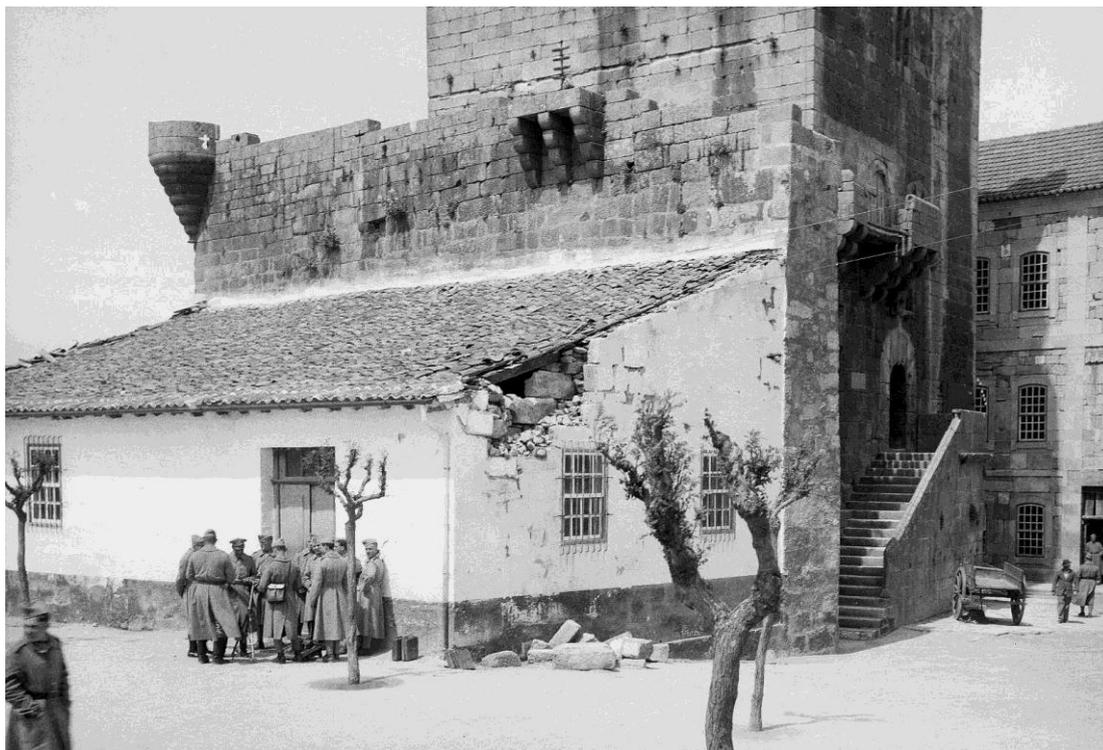


Figura 17 - Quartel dos caçadores adossado ao Castelo

No que concerne ao adarve, apresenta-se provido de balcões rectangulares firmados em mísulas escalonadas com matacões, nas fachadas Noroeste, Sudeste, Sudoeste e no ângulo Oeste, bem como de um balcão de ângulo circular sobre uma mísula composta por vários toros escalonados, a qual ostenta um parapeito vazado por troneiras cruzetadas.

Da cerca medieval da vila, de configuração rectangular, conservam-se somente dois pequenos lanços incorporadas nas traseiras de habitações na Rua Bispo Idácio, a Noroeste, e na Rua do Poço, a Sudeste.

O sistema defensivo da Vila medieval inclui, para além das estruturas apresentadas, os reforços das portas principais empreendidos durante o reinado de D. Fernando, os quais se traduziram na edificação de torres adossadas a tais entradas, em cantaria.

No decorrer do cerco da Vila medieval no final do século XIV, sob iniciativa de D. João I, Mestre de Avis, documenta-se a construção de outra torre, desta feita em madeira, “de “três sobrados”, na margem do rio junto à ponte, o que tinha por fim impedir que os sitiados se abastecessem de água” (Dias 1990: 87).

A representação iconográfica mais antiga de Chaves e do seu sistema defensivo data da transição do século XV para o século XVI e integra a obra “Livro

das Fortalezas”, de Duarte D’Armas. A ilustração da Vila apresenta-a enquadrada pela cerca medieval, quase na totalidade da sua extensão; representa também as torres que reforçavam as portas da Vila, uma das quais (em segundo plano) já parcialmente destruída.



Figura 18 - Desenho de Duarte D’Armas, do livro das fortalezas séc. XV/XVI. Panorâmica Este da vila medieval

Destaca-se a torre de menagem do Castelo, o ponto mais alto da fortificação, e último reduto de defesa. Este reduto defensivo constitui também o objecto de uma ilustração em planta, por parte do mesmo autor.

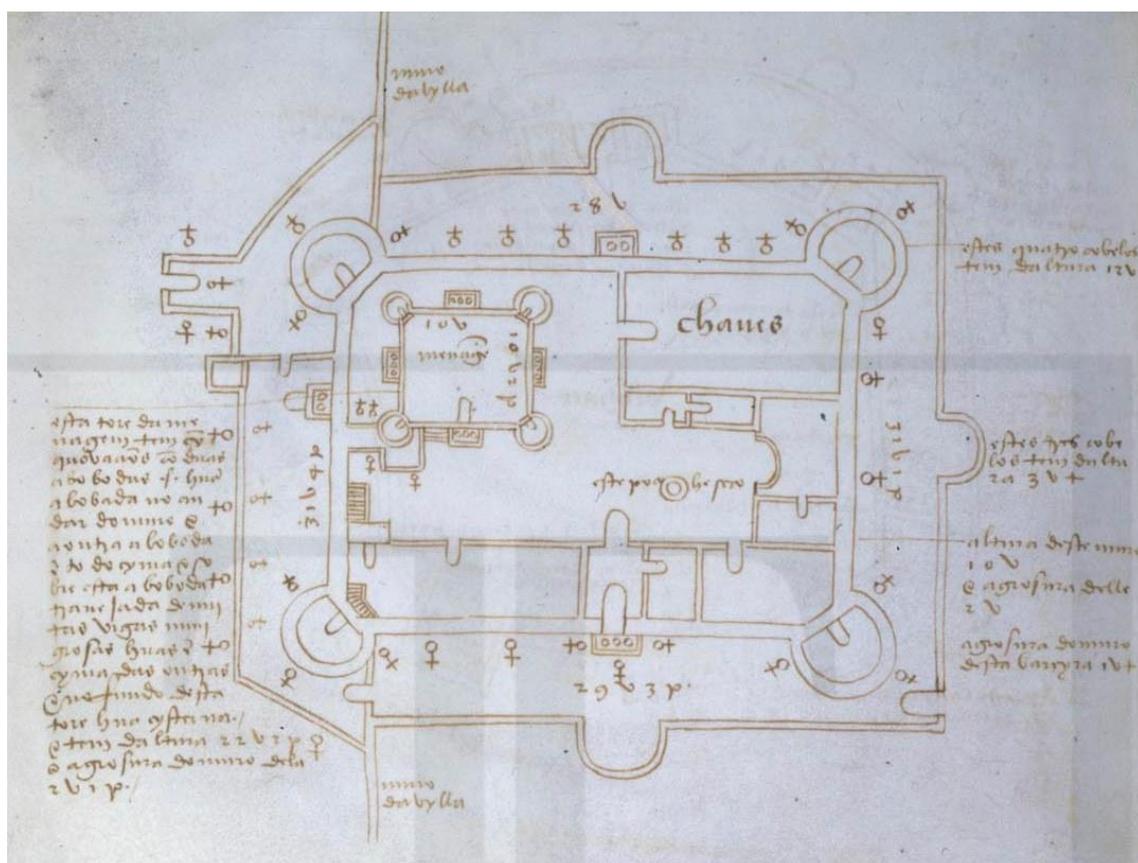


Figura 19 - Desenho de Duarte D'Armas, do livro das fortalezas séc. XV/XVI. Planta do Castelo de Chaves

A análise desta ilustração, ainda que tendo em consideração, não só a escala, mas também alguma eventual imprecisão do autor, permite-nos aventar que os elementos do sistema defensivo que actualmente persistem na malha urbana da cidade correspondem ao traçado e características observáveis nos finais da Idade Média.

6.2.2 Paço dos Duques de Bragança

No que diz respeito ao paço dos duques de Bragança, tem vindo a ser tradicionalmente atribuído ao edifício que, actualmente, alberga o Museu Flaviense. No entanto, tal adscrição revela-se errada, pois o edifício do Paço dos Duques encontrava-se já destruído no séc. XVIII, aquando do início da construção do actual edifício, para efeitos militares, em 1739⁶.

⁶ Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2004). *Quartel da Guarda Principal / Museu Flaviense*. Nº IPA PT011703500068.

Após o casamento com D. Beatriz, D. Afonso, Conde de Barcelos, recebe de D. Nuno Álvares Pereira, em 1401, “a vila e castelo de Chaves, com seus termos, e terra (...) e com todas jurisdições civees e criminaees e com todollos padroados das Igrejas” (ANTT, Chancelaria de D. João I, Lv. 2, fl. 175v a 177, in Dias 1990, 93-94).

D. Afonso recebe, em 1442, a vila de Bragança e o título de primeiro duque de Bragança. A partir desta data, o duque “transforma os paços do alcaide no castelo de Chaves (...) uma das suas principais moradas” (Gomes 2008:s.p.). A ausência de informações a propósito das características arquitectónicas deste palácio, nas imediações do castelo, invalida qualquer tipo de considerações que se possam apresentar.

A representação que Duarte d’ Armas faz do edificado localizado no interior do castelo – o qual supomos, na esteira de Paulo Gomes (2008: s.p.), corresponda ao Paço ducal – carece do pormenor necessário para o estabelecimento do estilo arquitectónico do palácio.

No entanto, a sobreposição da planta do castelo representada por Duarte d’Armas e a que, no século XIX, ilustra a planta Quartel Militar, sito no mesmo espaço, parece denunciar uma continuidade do parcelamento, que entretanto estivera destruído.

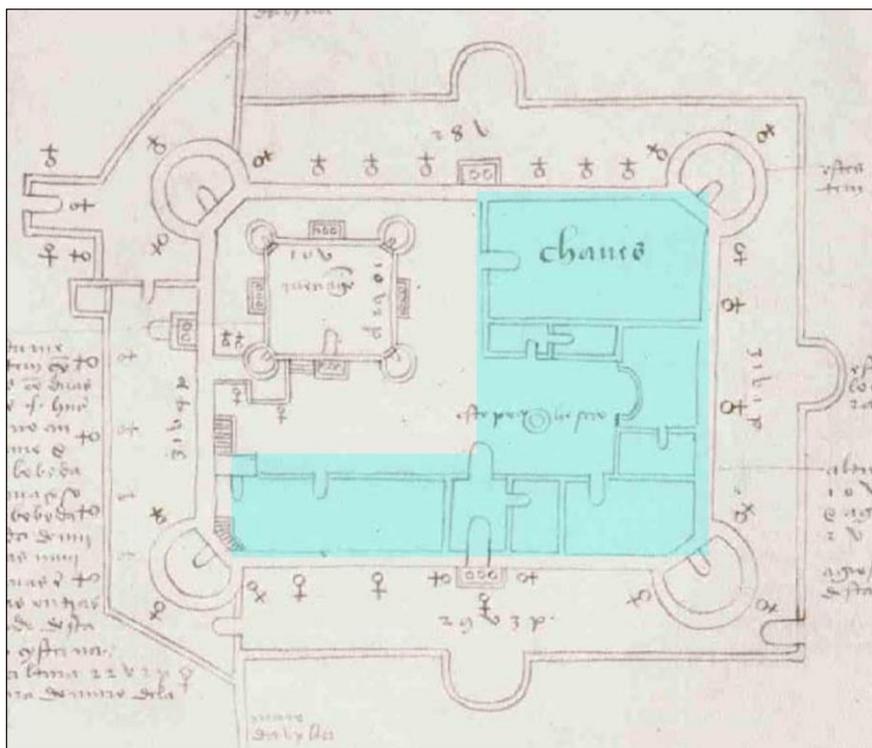


Figura 20 - Desenho de Duarte D'Armas, do livro das fortalezas séc. XV/XVI. Planta do Castelo de Chaves

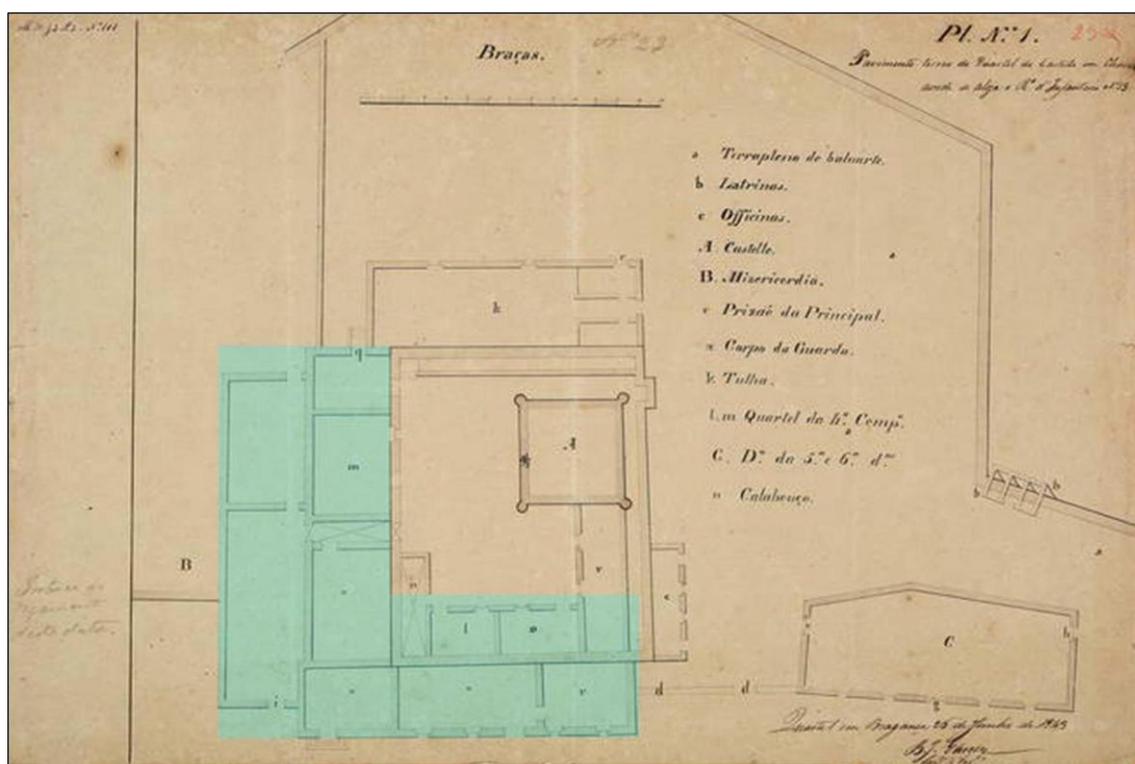


Figura 21 - Planta do "Pavimento terreo do Quartel do Castello em Chaves aonde se aloja o R.º d'Infanteria nº 13 : Pl. nº 1 em Bragança 26 de Junho de 1843. AHM/GAEM 1460-1- 8-12" (adaptado de Gomes 2008:s.p.)

6.3. Arquitectura religiosa

6.3.1. Igreja Matriz

Edifício ícone da nova concepção religiosa medieval, a Igreja Matriz passa a constituir física e simbolicamente o centro da cidade de Chaves. Quanto a Flávia, cidade do bispo Idácio, a ausência de dados não nos permite tecer considerações acerca da localização e características construtivas da igreja. Desconhecemos, pois, se tal edifício, sede de bispado, ocuparia a topografia da sua sucessora Igreja Matriz ou Igreja de Santa Maria Maior, ou mesmo da Capela de Santa Catarina, localizada originalmente na mesma praça onde se localiza a matriz.

As obras decorrentes da presúria de Chaves por D. Odoário, capitão de D. Afonso III, acima mencionadas, não incluem edifícios religiosos, no entanto, acreditamos que, no século IX, a instituição eclesiástica mantivesse o seu poder em Chaves.

Data do século XII a primeira referência à paróquia de Chaves e do século seguinte - 1258/1259 - a menção ao rendimento de um casal pertencente a esta instituição, o qual integra as Inquirições de D. Afonso III, bem como um restauro do castelo e da Igreja. Pressupõe-se, portanto, a pré-existência deste edifício religioso, a cuja configuração inicial românica se poderão atribuir a torre, um portal em arco, actualmente na fachada Oeste da Igreja, e alguns fragmentos de decoração arquitectónica, reaproveitados nos paramentos interiores desta.

No que diz respeito à torre sineira, o relatório de intervenção da DGEMN⁷ descreve-a “ rasgada por duas sineiras por face, com molduras e frisos de interligação decorados com boleados, motivos vegetalista e em ziguezague”.

O referido portal apresenta dois planos distintos: um primeiro plano composto por um arco de volta perfeita apoiado sobre pilastras toscanas sobrepostas e um, mais recuado, cujo arco também de volta perfeita constituído por quatro arquivoltas, assenta em quatro colunelos e encimado por uma mísula central. A gramática decorativa desta composição restringe-se somente ao plano recuado:

⁷ Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2004). *Castelo de Chaves e restos da fortificação abaluartada na cidade*. N.º IPA PT011703500004.

motivos geométricos ou vegetalistas esculpidos nas arquivoltas e capitéis com motivos vegetalistas estilizados.

A escassez das evidências não permite adscrever um modelo arquitectónico à igreja em causa, nem uma localização precisa; no entanto, os elementos supra descritos apresentam-se de tipologia românica, como o defende Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1986:102). O edifício românico, de menores dimensões que a Igreja actual, pressuporia uma área adjacente de extensão considerável, reservada para o adro ou cemitério.

Reflexo de uma mentalidade claramente antagónica à romana, traduzida pela separação entre os mundos dos vivos e dos mortos, o cemitério constitui, na Idade Média, espaço para enterramento destes, mas também para socialização daqueles – praça pública e lugar de mercado. A introdução deste espaço na área intra-muros condicionou significativamente a ocupação da zona urbana, pautada pela restrição à edificação na proximidade imediata da Igreja.

A preponderância da Igreja Matriz no século XIII é ainda atestada pela criação da Colegiada de Santa Maria de Chaves, entre 1259 e 1262. Dá-nos conta o relatório da DGEMN⁸ do grande número de habitantes e da crescente importância do novo centro populacional de Chaves, os quais tornariam insuficiente a acção de um pároco.

No século XIV, as alusões à Igreja são escassas, correspondendo a um documento datado de 1307, cujos intervenientes são D. Dinis e a vila de Chaves e no qual se determina que as rendas que até aí pertenciam ao concelho, entre as quais as relativas à Igreja, passam a pertencer à coroa. A propósito dos rendimentos da Igreja, evidencia-se um manuscrito de 1320, no qual se discriminam 400 libras, correspondendo 200 libras à Igreja e quantia igual às rendas auferidas por leigos da Vila. (Dias 1990:58)

Em 1415, volta a referir-se a instituição da Colegiada de Santa Maria de Chaves, sob iniciativa do rei D. João I. Dezanove anos depois, esta colegiada contar-se-ia entre as mais importantes do arcebispado de Braga (Dias 1990:58; Carneiro 2006:53).

⁸ Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2004). *Igreja Matriz de Chaves/Igreja de Santa Maria Maior*. N.º IPA PT011703500021.

O único dado que possuímos relaciona-se com o já mencionado cerco por D. João I, no contexto da crise dinástica de 1383-85 e do apoio desta Vila ao partido castelhano. Em 1386, rendida a praça, D. João I e D. Nuno Álvares Pereira, a quem seria doada a Vila, ouvem missa na Igreja de Santa Maria.

A informação dos séculos XIV e XV relativa à Igreja Matriz revela-se insuficiente para postular modelos arquitectónicos, uma vez que não existem referências a obras ou às características do edificado existente.

Somente na transição do século XV para o século XVI, Duarte D'Armas empreende, na obra "Livro das Fortalezas", uma ilustração da conformação tardo-gótica da Igreja. A avaliar pela representação da planimetria da igreja nesta obra, esta situar-se-ia aproximadamente na mesma localização da Igreja actual, com a orientação canónica (Este-Oeste) que lhe permite destacar-se de toda a malha urbana.

A distinção entre "igreja românica" e "igreja tardo-gótica" prende-se com a observação directa dos paramentos e o cruzamento destes dados com referências documentais. Com efeito, estas não fornecem informações específicas para comprovar as dimensões da igreja românica, dado que a representada por Duarte d'Armas de traça tardo-gótica, se aproxima claramente da configuração da actual Igreja Matriz.

Actualmente, a Igreja de Santa Maria Maior integra o centro histórico da cidade de Chaves, em concreto um núcleo muito peculiar que se desenvolve em torno de duas praças - Praça de Camões, a Oeste da Igreja, e Praça da República, a Norte.

A fachada principal - Oeste - da Igreja Matriz encontra-se voltada para a primeira praça, na extremidade da qual se situa o edifício da Câmara Municipal; do lado esquerdo, evidenciam-se a Igreja da Misericórdia e o Museu Flaviense. A este amplo espaço, outrora conhecido como Toural, corresponderia o lugar de mercado e feira da Vila.

Quanto à Igreja da Misericórdia, erigida no século XVI, constitui a sucessora da Capela de Nossa Senhora das Lágrimas, mandada construir por D. Afonso e por D. Constança, sua segunda esposa, na primeira metade do séc. XV. Tal edifício religioso, que viria a servir o Paço dos duques de Bragança, integraria um conjunto arquitectónico constituído ainda por um albergue ou hospital.

Do lado direito da Praça de Camões, merece destaque a Capela de Nossa Senhora do Loreto ou da Santa Cabeça, integrada actualmente num alinhamento de edifícios modernos; o prolongamento deste amplo eixo de circulação corresponde à segunda praça, na qual se ergue o Pelourinho de Chaves de estilo manuelino.



Figura 22 - Igreja de Santa Maria Maior

6.3.2 Capela de Santa Catarina

Ainda no mesmo espaço geográfico, da Igreja Matriz, como já referido, existiu segundo Tomé de Távora e Abreu, a Capela de Santa Catarina, trasladada “do sitio do Toural”, em 1618, para a Rua 1º de Dezembro “por prejudicar a fortificação” (Aires 1990:97).

Esta “Cappella Alvergaria e Morgado de S. Catherina,” segundo uma inscrição inserida na fachada na actual capela, foi fundada “no anno de 1279 (...) junto ao Castello desta V.a” (Aires 1990:96). Esta edificação neste local, sugere uma possível fundação sobre uma edificação anterior, talvez sobre a anterior igreja paleocristã ou mesmo sobre o baptistério desta, uma vez que é normal neste período o baptistério estar separado da igreja.

Actualmente a arquitectura da Capela em nada indica a sua antiguidade, de certo a quando da sua trasladação a arquitectura original foi alterada, edificando-se à luz dos preceitos da arquitectura religiosa da época. Trata-se no presente de uma capela “maneirista de planta longitudinal simples, com coro-alto, e fachada principal em empena recortada, rasgada por portal de verga recta com friso e cornija, encimado por óculo circular” .



Figura 23 - Capela de Santa Catarina

6.3.3. Capela de Santa Maria Madalena

Outro exemplo de arquitectura religiosa medieval presente em Chaves é a Capela de Santa Maria Madalena. Fundada no século XIII por D. Mafalda (1200-1257) filha de D. Sancho I, refere Tomé de Távora e Abreu, que possuía também “huã Albergaria p.a recolhimento dos passageiros, e peregrinos deixando para isso varias lendas, das coaes existem muy poucas, e da Albergaria so a memoria.” (Abreu in Aires 1990:98)

De facto a representação de Duarte D’ Armas, como já referido é clara na existência desta capela junto à Ponte de Trajano, bem como de alguns edifícios contíguos os quais sugerem dado a sua proximidade serem ainda da albergaria referida por Abreu.

Segundo Firmino Aires teria sido esta capela que esteve na origem do Bairro da Madalena, do qual derivou a actual da freguesia com o mesmo nome.

A localização deste edifício religioso na saída da cidade como já avançamos teria certamente a ver com uma clara intenção de sacralizar um espaço que outrora corresponderia à necrópole romana localizada a saída da cidade ao longa da via.



Figura 24 - Loja comercial no antigo edifício da Capela de Santa Maria Madalena

6.3.4. Capela de Santo Amaro

Na saída Oeste da cidade encontrava-se a Capela de Santo Amaro, localizada a Noroeste do actual Largo com o mesmo nome. Este edifício religioso foi demolido em finais do séc. XIX aquando da construção da ponte de Ribelas, bem como o “Paço pegado à mesma” em 1891, com o objectivo de “desafrontar a estrada de Braga” (Aires 1990: 105). Tomé de Távora e Abreu (*in* Aires 1990: 105), refere que “Não se sabe quem foy o fundador della, porque não aparece a instituição, mas sim he muy antigua”.

Como já referido, no seguimento de Ricardo Teixeira (1996: 127) a construção desta capela extra muros junto a uma via de saída da vila medieval, sugere uma sacralização do território ou mesmo de cristianização da antiga necrópole romana.

6.4 Arquitectura privada

6.4.1. A habitação corrente

No que concerne aos edifícios de cariz privado, em particular as habitações correntes, são muito poucas as informações que chegaram até nós. Neste período pautado por grande instabilidade, os edifícios mais afectados pelas guerras, acidentes e por factores ambientais, são as habitações correntes.

Sabemos por observação de alguns edifícios mais antigos que ainda conservam o tipo de construção que era típico neste período, e por comparação com outras cidades, que os materiais utilizados para as construções das casas são materiais perecíveis como a madeira, que em caso de incêndio facilmente desaparece.

De facto, as informações que chegaram até nós do período medieval revelam que as habitações eram construídas muito próximas umas das outras, além disso caracterizam-se por serem habitações estreitas, geralmente com um sobrado. Quanto aos materiais utilizados, seriam a pedra para o piso inferior e a madeira para o superior com paredes em tabique ou em taipa. “Para além dos alicerces, onde tudo parece indicar que era necessário material mais resistente, por certo o

granito (...) o predomínio vai, sem dúvida para os madeiramentos à mistura com a terra e o adobe.” (Falcão 2000:20)

Estas características do edificado medieval, juntamente com as instabilidades vivenciadas por *Flavias* e Chaves medieval, são propícias a que não chegassem até nós grandes informações sobre como seriam as habitações correntes neste período.

6.5. Malha urbana medieval

A malha urbana do período medieval da cidade de Chaves pode dividir-se em dois momentos de génese distinta: *Flavias*, entre os sécs. V e XIII, cidade do Bispo Idácio e palco de guerras, primeiro com as invasões bárbaras, depois entre monarcas portugueses e castelhanos; e Chaves pleno medieval, entre os sécs. XIII e XV, após a reconstrução do castelo e amuralhamento da cidade por parte de D. Afonso III, cuja obra foi continuada pelo seu filho D. Dinis.

No que diz respeito a *Flavias*, pouco ou nada se conhece acerca do seu traçado urbano. De facto, no período do Bispo Idácio (séc. V), como já vimos anteriormente, a cidade não teria castelo; no entanto, sabemos da existência de uma Igreja, que seria sede de bispado, da qual depreendemos se situe na área da actual Igreja Matriz. A comprovar esta afirmação está o relato do próprio Bispo de Chaves, no seu *Cronicon*: “ ... capturado (...) na sua Igreja de Chaves, no dia 7 anterior às calendas de Agosto (...) após ter cumprido três meses de um miserável cativo no mês de Novembro, pela graça de Deus e ontra a vontade expressa e as ordens dos delatores acima referidos, regressa a Chaves” (Cardoso 1982: 41; López Silva 2004: 88-89).

Flavias constitui palco de grandes transformações político – religiosas e estruturais, num contexto em que a concepção urbanística da cidade romana deixa de fazer sentido, com os seus aparelhos administrativos e imponentes edificações públicas. Estas últimas conhecerão, à semelhança de outras cidades coevas, um processo de substituição em termos funcionais e morfológicos, e, em alguns casos, uma “cristianização”.

A este propósito atente-se na localização das capelas de Santa Maria Madalena e de Santo Amaro - destruída no século XIX –, que parece materializar as saídas da cidade medieval, numa lógica de sacralização do território ou mesmo de cristianização de necrópoles romanas (Teixeira 1996: 127).

A evolução do traçado urbano de *Flavias* nunca constituiu um objecto de análise, uma vez que, atendendo à profunda reconstrução da praça-forte de Chaves no séc. XVII, os vestígios medievais e provavelmente muitos dos vestígios baixo-imperiais foram arrasados, dificultando qualquer proposta de restituição do traçado urbano da cidade alto-medieval.

Em contraponto, alguns elementos da póvoa baixo-medieval persistem na malha urbana da actual cidade de Chaves. Como já referido, o traçado urbano baixo-medieval da cidade, caracteriza-se por ter uma configuração rectangular, moldada pela sua cerca murária construída no séc. XIII. Contudo existem relatos da existência de uma muralha anterior mandada construir no ano 888 por Afonso III de Leão, da qual mais nada sabemos.

Na zona intra-muros, observamos o castelo numa das extremidades da vila adossado às muralhas e a igreja no centro da póvoa. À sua volta desenvolver-se-ia pelos quarteirões regulares resultantes provavelmente dos traços remanescentes do traçado romano, a habitação privada. A organização da malha urbana desta zona parece não ter sofrido significativas alterações até à actualidade.

Na esteira de Paulo Gomes (2008: s.p.), inclinamo-nos a dividir esta zona em duas áreas distintas, em termos de génese e, conseqüentemente, de morfologia. A zona de fronteira entre estas áreas corresponderia a uma “linha” de orientação Nordeste que passaria pela Ladeira da Brecha e pela travessa General Sousa Machado.

A área individualizada a Noroeste resulta do planeamento eficaz de um traçado tendencialmente ortogonal, observável nos eixos da Rua Bispo Idácio e Rua Direita, sendo que esta última continua para lá da linha previamente referida.

No que diz respeito à área a Sudeste, pautada por um traçado mais irregular parece denunciar um planeamento menos rigoroso, como se constata pelas orientações das ruas que a compõem.

A avaliar pela ausência de evidências arqueológicas que comprovem a teoria de Paulo Gomes (2008: s.p.) não nos parece plausível a existência de uma primeira cerca que enquadrasse a área a Noroeste. Na área Sudeste, verifica-se uma “maior irregularidade do tecido urbano [que] resultaria de uma determinação planeadora menos firme ou mesmo inexistente” (Gomes 2008:s.p.), de uma urbanização posterior sem iniciativa régia; parece-nos mais plausível esta hipótese.

No que diz respeito à problemática da génese da cidade actual, identificam-se duas interpretações distintas. Uma, na qual se destaca António Montalvão Machado (1972), que defende uma identificação clara do actual traçado com o eventual traçado urbanístico da cidade romana.

Na opinião deste autor, o *decumanus* da cidade romana corresponderia à actual Rua Direita que liga o Arrabalde ao Largo do Anjo, passando pelo provável *forum*, actual Praça de Camões. António Montalvão realça, com efeito, a ortogonalidade das ruas da actual cidade de Chaves.

A outra corrente, no seio da qual se evidenciam Nuno Dias (1990) e Paulo Gomes (1993), apresenta a cidade de Chaves como uma “cidade fortaleza de fronteira”, fundada e povoada por iniciativa régia, na segunda metade do século XIII, no reinado de D. Afonso III. Perante o traçado ortogonal das ruas da actual cidade, os autores outorgam-no à iniciativa régia, não colocando de parte a possibilidade de terem sido aproveitados os traçados remanescentes do período romano.

Os mesmos fundamentam a sua teoria na documentação escrita que comprova a deslocação do centro do território para Santo Estêvão de Chaves, no século XII e primeira metade do século XIII. Encontra-se subjacente às suas opiniões, sobretudo à do primeiro, a tese do “ermamento”, muito em voga num dado período da historiografia portuguesa.

Na nossa opinião, cremos que a vila medieval se desenvolve sobre os eixos romanos, sobretudo na área a Noroeste da Ladeira da Brecha, uma vez que não achamos plausível um abandono da cidade, “mesmo nas mais sanguinárias invasões ou nas mais pestilentas epidemias.” (Batista 2007:53). De facto, neste período “Chaves tinha muito mais de mil anos como povoação activa (...)” (Batista 2007:53), e existem relatos, ainda que esporádicos, relativos à cidade antes do séc. XIII, denunciando a continuidade da sua ocupação.

A reforçar esta nossa proposta está a sobreposição em época medieval da Rua Direita - a mais importante no período medieval - em relação ao *decumanus maximus* da cidade romana. Do mesmo modo, verifica-se que os dois elementos definidores da vila medieval - Castelo e a Igreja - se encontram na área que anteriormente teria sido ocupada pelo *forum* romano, mantendo-se esta área como o núcleo dinamizador das duas urbanizações morfologicamente tão distintas entre si.

Conclusão

O estudo da morfologia de Chaves, desde a sua fundação até à Idade Média, compreendeu a análise das sucessivas ocupações da cidade, tendo em conta os elementos definidores e caracterizadores do espaço urbano para cada período histórico, bem como da forma como estes evoluíram ao longo dos períodos cronológicos abordados.

A análise da evolução do traçado urbano de Chaves ao longo dos períodos romano e medieval implicou a pesquisa de vários tipos de fontes, assim como o recurso a uma metodologia multidisciplinar que beneficiou de conceitos e procedimentos provenientes de diferentes áreas do saber, como a História, a Arqueologia, a Geografia, a Arquitectura e o Urbanismo.

De facto, os estudos de morfologia das cidades históricas realizados pela Arqueologia Urbana têm-se revelado extremamente produtivos quando realizados na multidisciplinaridade característica da disciplina. A Arqueologia, enquanto disciplina que tem como objecto de estudo as cidades, tem possibilitado a compreensão das características urbanísticas dos núcleos urbanos antigos, através da interpretação dos restos que se encontram soterrados, mas também, mais recentemente, do edificado que se encontra à superfície, através da Arqueologia da Arquitectura.

Procurámos elaborar, na nossa análise, o percurso evolutivo da cidade, contemplando os dois grandes momentos históricos representados por duas concepções distintas de cidade: a cidade romana planificada e a cidade medieval fortificada. Para além das principais características urbanísticas inerentes a cada período cronológico, procurámos identificar e analisar a evolução dos elementos definidores da cidade romana e de como estes se vão integrar na *urbs* medieval, em conexão com os elementos emergentes neste novo período.

A análise de *Aquae Flaviae* constituiu um verdadeiro exercício de cruzamento de dados. Face às limitações das evidências arqueológicas recuperadas até ao momento, foram extremamente úteis os dados potencializados pela iconografia e cartografia do século XVI, na exacta medida em que o núcleo central da cidade moderna, retratado nas fontes, não conhece grandes diferenças relativamente ao medieval. Por sua vez, e em função do conhecimento que temos de que a cidade medieval se irá constituir no mesmo local em que se encontrava a romana,

podemos trabalhar com base na hipótese de que o plano urbano do centro histórico actual, permanece muito idêntico ao da cidade medieval e este, por sua vez, ao da cidade romana.

Este exercício possibilitou-nos propor uma hipótese de organização do plano urbano que terá presidido à fundação da cidade, de acordo com os rituais de fundação das mesmas, mas também, com os conhecimentos alcançados para outras cidades.

As estruturas descobertas ao longo das intervenções arqueológicas, bem como os materiais recuperados fortuitamente, permitiram definir periodizações, ainda que alargadas, para a ocupação romana da cidade. Assim, para além dos vestígios do século I, II e III, encontramos evidências que atestam pontuais alterações no século III/IV, referentes ao baixo-império.

O primeiro momento engloba a fundação da cidade, provavelmente no século I, resultante da necessidade de consolidação da conquista romana e da integração das populações autóctones no império. Igualmente, no século II, a cidade conhece a elevação a *municipium*, na dinastia Flávia, mercê entre outros, da sua localização e importância como elemento central de ligação entre duas das principais cidades do Noroeste Peninsular. A importância da cidade deverá igualmente, estar relacionada com a exploração dos recursos naturais da região, onde se destacam as águas minero-medicinais e a exploração de minério.

O segundo momento, apesar de arqueologicamente mal documentado, pode ser caracterizado por uma alteração na orientação das principais construções.

A escassez de informação acerca da cronologia exacta das estruturas exumadas impediu-nos de proceder à distinção das malhas urbanas alto e baixo-imperial, facto que consideramos que empobrece as relações relativas aos fenómenos construtivos verificados nos vários séculos de ocupação romana.

As alterações urbanísticas ocorridas no plano urbano durante a antiguidade tardia são ainda muito difíceis de precisar. De facto, o período de transição da cidade romana para o período alto-medieval, caracterizado pela decadência do sistema administrativo romano e consequentes perturbações relacionadas com as invasões visigotas, explícito nos relatos do Bispo Idácio, no século V, carece, igualmente, de dados arqueológicos que o permitam perceber. Todavia, e à semelhança do que ocorre nas restantes cidades da noroeste peninsular, prevê-se

uma retracção da área urbana e o abandono de algumas áreas e edifícios da cidade, como sejam as termas ou as necrópoles.

A vila medieval, edificada sobre o plano romano, irá reaproveitar alguns dos traços morfológicos da cidade romana, designadamente alguns eixos de circulação, bem como alguns quarteirões, que passam a estar divididos em parcelas mais pequenas. Todavia, algumas destas parcelas continuam a manter a orientação que parece ter caracterizado a cidade no alto-império.

Para a cidade medieval, não só as fontes são em maior número, designadamente documentais, iconográficas e cartográficas, mas também, o edificado actual apresenta, ainda, muitas características típicas da Idade Média. Referimo-nos à tipologia habitacional, mas também, às técnicas e matérias de construção.

O plano actual do centro histórico da cidade de Chaves é claramente o reflexo da sua história ocupacional. Compreende, eixos e quarteirões bastante regulares, herdados de acordo com a nossa proposta da cidade romana, como é o caso das ruas da Trindade ou parte das ruas Direita e de Santa Maria, e eixos irregulares, de génese medieval, como é o caso da rua do Poço ou Luís de Viacos. Alguns dos eixos medievais são o reflexo claro da organização da cidade medieval, onde a partir do centro e em direcção das portas da cidade é organizada a rede viária intramuros.

A ocupação do mesmo espaço urbano, desde a época romana até à actualidade, implicou a reutilização e incorporação de alguns elementos da morfologia urbana nos períodos subsequentes. Assim, encontramos ruas actuais que fossilizam eixos romanos, como é o caso da Rua da Trindade, correspondente ao *kardo maximus*.

Esta reutilização está igualmente presente na implantação dos principais elementos da cidade medieval, o Castelo e a Igreja, na zona envolvente do *forum* romano de *Aquae Flaviae*.

Igualmente, algum do edificado que integra a cidade actual resulta do reaproveitamento de estruturas ou materiais de cariz medieval. Infelizmente este tipo de estudo carece de um maior investimento. A este propósito refira-se a pertinência de estudos sobre o edificado actual à luz dos princípios da Arqueologia da Arquitectura.

Os resultados da nossa investigação permitiram, para além da proposta de reconstituição da cidade romana de *Aquae Flaviae*, apresentar os principais edifícios e espaços identificadores do espaço urbano, romano e medieval. Possibilitou-nos, igualmente, reproduzir a configuração da vila medieval num modelo 3D.

Pretendemos com esta dissertação dar um contributo para o estudo diacrónico da evolução urbanística da cidade de Chaves, através de uma perspectiva que valorizou a utilização de diferentes fontes de informação, bem como de uma nova metodologia de abordagem.

Longe de estar concluído, este trabalho carece, como já referimos, de um plano de intervenções arqueológicas, capazes de confirmar ou infirmar as nossas propostas. Sendo certo que partimos com um conjunto concreto de questões, também é verdade que terminamos com um outro, que emergiu ao longo da nossa investigação.

Não podemos deixar de referir que a cidade de Chaves constitui um exemplo privilegiado para o estudo da evolução da morfologia histórica dos núcleos urbanos, na medida em que corresponde a uma área de ocupação contínua, em permanente evolução e transformação.

Esta evolução, lenta e gradual, permitiu a fossilização de marcas materiais das ocupações anteriores, que se integram no tecido construído actual, onde por vezes apenas sobrevivem parcas cicatrizes. À medida que a cidade se foi transformando, os diferentes componentes do plano urbano, ruas, parcelas, quarteirões, edificado foram-se adaptando e reciclando às novas realidades históricas e urbanísticas.

Por último, no momento de terminar este trabalho, temos que considerar que apenas foram dados os primeiros passos para o estudo da evolução da morfologia urbana da cidade de Chaves, desde a sua fundação até à Idade Média. De facto, esta temática requer ainda muito investimento, tornando-se imprescindível dar seguimento a este estudo.

Nesta linha, apresentamos uma proposta para um plano de intervenções arqueológicas a realizar futuramente, nos locais que, na nossa opinião, são passíveis de proporcionar dados importantes para o avanço do estudo da evolução da cidade histórica de Chaves (Apêndice I, planta nº 6).

Bibliografia

- Aires, Firmino (1990). *Toponímia Flaviense*. Câmara Municipal de Chaves.
- Alarcão, Jorge de (1988a). *Roman Portugal*. Aris & Phillips, Warminster.
- Alarcão, Jorge de (1988b). O Domínio Romano em Portugal. Lisboa.
- Alarcão, Jorge de (1990). Portugal das Origens à Romanização. *Nova História de Portugal*, vol. 1, dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques. Editorial Presença, Lisboa.
- Alarcão, Jorge de (1992a). A Cidade Romana em Portugal: A formação de "lugares centrais" em Portugal da Idade do Ferro à Romanização. *Cidades e História*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 35-72.
- Alarcão, Jorge de (1992b). A Cidade Romana em Portugal: Renovação Urbana em Portugal na Época Romana. *Cidades e História*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 73-128.
- Alarcão, Jorge de (1995). Aglomerados Urbanos Secundários Romanos de Entre Douro e Minho. *Biblos*, vol. LXXXI, pp.387-401.
- Alarcão, Jorge de (1995-1996). As Civitates do Norte de Portugal. *Cadernos de Arqueologia*, II série, 12-13. Braga, pp. 25-30.
- Alfenim, Rafael (1995). A Barragem de Aquae Flaviae. *Revista Aquae Flaviae*, nº13. Chaves, pp. 9-34.
- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de (1986). *História de Arte em Portugal. O Românico*, Vol. 3. Publicações Alfa, Lisboa.
- Amaral, Paulo (1993). O Povoamento Romano no Vale Superior do Tâmega – Permanência e mutações na Humanização de uma Paisagem, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Amaral, Paulo e Teixeira, Ricardo (1999). Ocupação e Organização do território em torno de Aquae Flaviae. *Actas da Mesa-Redonda: Emergência e Desenvolvimento das Cidades Romanas no Norte da Península Ibérica*. IPPAR-EPA, Porto, pp. 109-113.
- Argote, Jerónimo Contador de (1732-34). *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*. Tomo I e II. Lisboa.

- Armas, Duarte d' (1990). *Livro das Fortalezas*, introdução de Manuel da Silva Castelo Branco. Lisboa.
- Ashmore, W. & Sharer, R.J. (1996). *Discovering Our Past: A Brief Introduction to Archaeology Mountain View*. Mayfield Publishing Company.
- Baptista, José Dias (1990). Via Prima: a Via Imperial Romana de Braga/Astorga. *Revista Aquae Flaviae*, nº 3. Chaves, pp. 135-182.
- Baptista, José Dias (2007). Fortalezas medievais do concelho de Chaves. *Revista Aquae Flaviae*, nº37. Chaves.
- Barroca, Mário Jorge (1990-91). Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX a XII). *Portugália*, Nova Série, Vol. XI-XII. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Barroca, Mário Jorge (1998). D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa, *Revista da Faculdade de Letras, História*, nº 15, Universidade do Porto, Porto.
- Barroca, Mário Jorge (2003). *Nova História Militar de Portugal*, vol. 1. Círculo de Leitores. Casais de Mem Martins, Rio de Mouro.
- Barroca, Mário Jorge (2004). Fortificações e Povoamento no Norte de Portugal (Séc. IX a XI), *Portugália*, Nova Série, Vol. XXV. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Caballero Zoreda, L. (2009). Edificio Histórico y Arqueología: un compromiso entre exigencias, responsabilidades e formación. *Arqueología de la Arquitectura*, 6, pp. 11-19.
- Cardoso, José (1982). Crónica de Idácio: Descrição da invasão e conquista da península Ibérica pelos Suevos (séc. V). Versão e anotações de José Cardoso. Universidade do Minho, Braga
- Carneiro, Francisco Gonçalves (1978). *Chaves, cidade heróica*. Oficinas Gráficas da Livraria Editora Pax, Lda. Braga, pp.199-201.
- Carneiro, Francisco Gonçalves (1979). *A Igreja de Santa Maria Maior de Chaves*, Oficinas Gráficas da Livraria Editora Pax, Lda. Braga.
- Carneiro, Maria Florinda Fontoura (2006). Subsídios para a história da música sacra em Chaves. *Revista Aquae Flaviae*, nº 35. Chaves, pp.37-148.
- Carneiro, Sérgio (2002). Escavações arqueológicas na Cadeia Velha de Chaves. *Revista Aquae Flaviae*, nº28. Chaves.
- Carneiro, Sérgio (2003). *Excavations in the County Gaol of Chaves*, in Vila, Xurxo M. Ayán; Rotea, Rebeca Blanco e Borrazás, Patrícia Mañana (coords.).

- Archaeotecture – Archaeology of Architecture*. BAR, International Series 1175, Oxford.
- Carneiro, Sérgio (2005a). Intervenções Arqueológicas de Emergência no Centro Histórico de Chaves (1999-2000). *Revista Aquae Flaviae*, nº33. Chaves, pp. 7-91.
- Carneiro, Sérgio (2005b). Novos Contributos para a Epigrafia de *Aquae Flaviae* – Achados Fortuitos 1999-2005. *Revista Aquae Flaviae*, nº33. Chaves, pp. 131-139.
- Carneiro, Sérgio (2009). A Necrópole Romana do Largo das Freiras em Chaves. *Revista Aquae Flaviae*, nº 41. Chaves.
- Carneiro, Sérgio e Lopes, Rui (2005). Terra Sigillata das Intervenções de Emergência no Centro Histórico de Chaves (1999-2000). *Revista Aquae Flaviae*, nº33. Chaves, pp. 92-130.
- Centeno, Rui (1987). *Circulação Monetária no Noroeste da Hispânia até 192*. Sociedade Portuguesa de Numismática. Porto.
- Centeno, Rui (1988). Tesouro Monetário Romano da Região de Chaves. *Nummus*, 2a S., XI. Porto.
- Chueca Goitia, F. (1982). *Breve História do Urbanismo*. Editorial Presença, Lisboa.
- Costa, A.J. (1978). *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae* (edição crítica), tomo I e II. Assembleia Distrital de Braga, Braga.
- Dias, Nuno J. Pizarro P. (1985). A Vila de Chaves na Segunda Metade do Século XIV: Rui e Garcia lopes, a Lenda e a História. *Separata de Jornadas de História Medieval: 1383/1385 e a Crise Geral dos séculos XIV/XV*, pp. 137-150.
- Dias, Nuno J. Pizarro P. (1990a). Chaves Medieval: séculos XIII e XIV. *Revista Aquae Flaviae*, nº3. Chaves, pp. 35-94.
- Dias, Nuno J. Pizarro P. (1990b). As cidades de fronteira de Portugal com a Galiza. *Separata de Cadernos do Noroeste*, Vol. 3. Braga, pp. 81-102.
- Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2004). *Castelo de Chaves e restos da fortificação abaluartada na cidade*. Nº IPA PT011703500004.
- Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2004). *Igreja Matriz de Chaves/Igreja de Santa Maria Maior*. Nº IPA PT011703500021.
- Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2004). *Ponte de Trajano e as colunas comemorativas nela colocadas, do tempo dos imperadores Vespasiano e Trajano*. Nº IPA PT011703510001.

- Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2004). *Quartel da Guarda Principal / Museu Flaviense*. N° IPA PT011703500068.
- Fernández Martínez, V.M. (1989). *Teoría y Método de la Arqueología*. Serie Historia Universal, Prehistoria, 1. Síntesis. Madrid.
- Ferreira, Jaime M. M. (2007). *Flav(b)as, a chave visigoda*. *Revista Aquae Flaviae*, nº37. Chaves.
- Ferreira, Maria da Conceição Falcão (1999). *Habitação urbana corrente no Norte de Portugal Medieval*. *Edades, Revista de História*, 6, Jóvenes Historiadores Cantabria.
- Fonte, João Mário Martins da (2006a). *Em torno da Aquae Flaviae e Chaves: algumas considerações*. *Revista Aquae Flaviae*, nº35. Chaves.
- Fonte, João Mário Martins da (2006b). *O “Padrão dos Povos” de Aquae Flaviae*. *Al-Madan*, III série, nº 14. Centro de Arqueologia de Almada.
- Frighetto, Renan (1997). *Aquae Flaviae na Crónica de Hidácio*. *Revista Aquae Flaviae*, nº18. Chaves, pp. 32-40.
- Garcia Moreno, L. A. (1998). *Civitates e Castella durante la época Suevográfica en el Noroeste de las Españas*. *Actas del Congreso Internacional: Los orígenes de la Ciudad en el Noroeste Hispánico*, 2 vol. Lugo, pp. 1347-1366.
- Gomes, Paulo José Antunes Dordio (1993a). *Arqueologia das Vilas Urbanas de Trás-os-Montes e do Alto Douro. A reorganização do povoamento e dos territórios na Baixa Idade Média (séculos XII-XV)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto (policopiado).
- Gomes, Paulo José Antunes Dordio (1993b). *O Povoamento Medieval em Trás-os-Montes e no Alto-Douro. Primeiras impressões e hipóteses de trabalho*. *Arqueologia Medieval*, 2. Edições Afrontamento. Porto, pp. 171-190.
- Gomes, Paulo José Antunes Dordio (2008). *Chaves e as suas Fortificações. Estudo histórico, arqueológico e evolução Urbana e Arquitectónica*. *Arqueohoje* (Junho).
- Grzybowski, Lukas Gabriel (2006). *Os castelos medievais portugueses e o poder régio na Baixa Idade Média*. *II Ciclo Internacional de Estudos Antigos e Medievais e VIII Ciclo de Estudos Antigos e Medievais - Religião, Religiosidade e Política no Mediterrâneo Antigo e Medieval*. Assis - SP. Anais.

- Guedes, César (2007). *Intervenção Arqueológica na Rua do Bispo Idácio, Chaves, Arquivo Histórico Municipal de Chaves, Arqueologia e Património Lda., Porto.*
- Gutiérrez Lloret, S. (1997). *Arqueología. Introducción a la historia material de las sociedades del pasado. Publicaciones de la Universidad de Alicante. Alicante*
- Le Roux, P. e Tranoy, A. (1973). *Rome et les Indigènes dans le Nord-Ouest de la péninsule Ibérique. Mélanges de la Casa de Vélasquez, 9, pp. 177-231.*
- Le Roux, P. e Tranoy, A. (1983-84). *Villes et Fonctions Urbaines dans le Nord-Ouest Hispanique sous Domination Romaine. Portugália, Nova série, vol. IV/V. Porto.*
- Lemos, F. Sande (2004). *Rede Viária do Conventus de Bracara Augusta: a Via Secundária entre o Vale do Douro (Peso da Régua) e Aquae Flaviae (Chaves). Au Jardin des Hespérides: Histoire, Société et Épigraphie des Mondes Anciens. Mélanges Offerts à Alain Tranoy, pp 407-419.*
- Lemos, F. Sande e Morais, Paula (2007?) – *Vias Augustas e Mineração Aurífera. Revista Fórum, nº36 Braga.*
- López Quiroga, J. (2000). *Romanización e Impulso Romanizador del Noroeste Peninsular en Época Flavia. Actas del I Congreso Internacional de Historia Antigua. Valladolid, pp. 291-297.*
- López Quiroga, J. e Rodríguez Lovelle, M. (1990). *Chaves entre la Romanidad Tardia y el Altomedievo: Continuidad o Ruptura? Revista Aquae Flaviae, nº 3. Chaves, pp. 9-13.*
- Machado, André e Fontes, Luis (2004). *Experências em Arqueologia da Arquitectura na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Arqueología de la Arquitectura, nº3, pp. 173-183.*
- Machado, Júlio Montalvão (1989). *Notícias Geográficas e Históricas da Província de Trás dos Montes (transcrição da crónica do mesmo título de Távora e Abreu). Revista Aquae Flaviae, nº2. Chaves.*
- Machado, Júlio Montalvão (2000). *Crónica da Vila Velha de Chaves. Câmara Municipal de Chaves, Chaves.*
- Maciel, M.J.P. (2006). *Vitrúvio. Tratado de Arquitectura. Instituto Superior Técnico, ICT Press. Lisboa.*
- Mar Medina, Ricardo (2008). *La construcción pública en las ciudades hispanas. Los agentes de la construcción. Dessales, Hélène & Pizzo, Antonio (coords.). Arqueología de la construcción I: los procesos constructivos en el mundo*

- romano: *Italia y provincias occidentales*. Instituto de Arqueología (25-26 de octubre de 2007), Mérida.
- Martins, Manuela (2000). *Bracara Augusta: Cidade Romana*. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- Martins, M. (2004). Urbanismo e Arquitectura de Bracara Augusta. Balanço dos contributos da Arqueologia Urbana. *Simulacra Romae. Roma y las capitales provinciales del ocidente europeu*. Estudios Arqueológicos, pp. 149-173.
- Martins, Manuela; Lemos, F. Sande e Pérez Losada, F. (2005). O Povoamento Romano no Território dos Galaicos Bracarense. *III Colóquio Internacional de Arqueologia en Gijón: Unidade y Diversidad en el Arco Atlántico en Época Romana*. BAR International Series 1371, pp. 279-296.
- Martins, M.; Ribeiro, J. e Magalhães, F. (2006). A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta, *Forum*, Nº. 40 (Jul-Dez). Braga, pp. 9-30.
- Montalvão, António (1972). Permanece a urbanística de *Aquae Flaviae*? *Separata de Conimbriga*, Vol. XI, Gráfica de Coimbra.
- Pelletier, A. (1982). *L'Urbanisme Romain sous l'Empire*. Picard, Paris.
- PMH, Script. - *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores* (1856 e ss). Academia das Ciências, Lisboa.
- Quiroga, Jorge L. e Lovelle, Monica R. (1990). Chaves entre la romanidad tardia y el altomedieval: Continuidad o ruptura? *Revista Aquae Flaviae*, nº 3. Chaves.
- Ribeiro, Maria do Carmo Franco (2008). *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia - Área de Conhecimento de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.
- Rodrigues, Maria João Madeira; Sousa, Pedro Fialho de e Bonifácio, Horácio Manuel Pereira (2005). *Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura*, 4ª edição. Quimera Editores, Coimbra.
- Rodríguez Colmenero, A. & Alcorta Irastorza, E. (1998). *Aquae Flaviae* (Chaves), Ciudad Romana. Balance e Posibilidades. *Actas del Congreso Internacional: Los orígenes de la Ciudad en el Noroeste Hispánico*. 2 vol. Lugo.

- Rodríguez Colmenero, A. (1989). El Conjunto Epigráfico de *Aquae Flaviae* e su area de influencia. *Actas del V Colóquio sobre lenguas e culturas prerromanas*. Salamanca.
- Rodríguez Colmenero, A. (1989). Vestígios Urbanísticos de *Aquae Flaviae*. *Revista Aquae Flaviae*, nº2. Chaves, pp. 133-139.
- Rodríguez Colmenero, A. (1995). Cidades e Urbanismo na Galicia Romana. Pérez Losada, F. e Castro Pérez, L. (coord.), *Arqueoloxia e Arte na Galicia Prehistórica e Romana*, Monografias 7. Museo Arqueolóxico e Histórico de A Coruña. A Coruña, pp. 147-163.
- Rodríguez Colmenero, A. (1997a). *Aquae Flaviae I. Fontes Epigráficas da Gallaecia Meridional Interior*. Câmara Municipal de Chaves, Chaves.
- Rodríguez Colmenero, A. (1997b). *Aquae Flaviae II. O Tecido Urbanístico da Cidade Romana*. Câmara Municipal de Chaves, Chaves.
- Rykwert, J. (1985). *La idea de ciudad. Antropología de la forma urbana en el mundo antiguo*. H. Blume [publicação original: *The Idea of the Town* (1926)], Madrid.
- Silva, Armando Coelho Ferreira da e Centeno, Rui (1997). *Aquae Flaviae: Novos Dados Arqueológicos e Epigráficos. Castrejos e Romanos no Noroeste. Colóquio de Homenaxe a Carlos Alberto Ferreira de Almeida*. Santiago de Compostela.
- Silva, Armando Coelho Ferreira da; Pinto, Filipe Soares; Quintino, Núria e Teixeira, Vera (2006-2007). Novos dados sobre o urbanismo e história da cidade de Chaves. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas de Património*, I Série, Vol. V-VI, Porto.
- Teixeira, Ricardo (1996). *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto (policopiado).
- Teixeira, Ricardo (2001). Castelos e Fortificações da Região de Chaves entre a "Reconquista" e a Baixa Idade Média. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. VII: Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica*. ADECAP, Porto.
- Teixeira, Ricardo (2002). Castelos e Organização dos Territórios nas duas Margens do Curso Médio do Douro (Séculos IX-XIV). *Mil Anos de Fortificações na*

Península Ibérica e no Magreb (500-1500). Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos. Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela. Lisboa, pp. 463-476.

Teixeira, Ricardo (2008). Povoamento e organização do território nas regiões de Chaves, Vila Real e Lamego (Séc. IX – XIV). *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-montes, Alto Douro e Beira Interior - Actas*, Vol. 4, Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão.

Teixeira, Ricardo e Amaral, Paulo (1985-1992). *Levantamento Arqueológico do Concelho de Chaves.* Relatórios Anuais de Actividades, Chaves.

Tranoy, A. (ed.) (1974). HYDACE. Chronique, 2 Vols. (col. Sources Chrétiennes, n° 218). Les Éditions du Cerf, Paris.

Tranoy, A. (1977). A Propos des Callaeci de Pline. Epigraphie et Peuplement. *Bracara Augusta*, XXXI. Braga, pp. 225-233.

Tranoy, A. (1981). *La Galice Romaine. Recherches sur le Nord-Ouest de la Peninsule Ibérique.* Diffusion de Boccard, Paris.

Sites consultados

<http://@flickr.com> (consultado a 10 de Março de 2009)

<http://chaves.blogs.sapo.pt/> (consultado a 10 de Julho de 2009)

<http://chavesantiga.blogs.sapo.pt/> (consultado a 10 de Julho de 2009)

<http://ttonline.dgarq.gov.pt/> (consultado a 17 de Julho de 2009)

http://www.ipa.min-cultura.pt/main_page.html (consultado a 10 de Março de 2009)

<http://www.advrl.org.pt> (consultado a 17 de Julho de 2009)

<http://www.images.google.com> (consultado a 10 de Março de 2009)

Anexos

Pese embora a longa tradição historiográfica da cidade de Chaves, somente a partir da década de 80 se deram os primeiros passos na investigação arqueológica propriamente dita. Desde então, mas sobretudo a partir da elaboração do Plano de Salvaguarda do Património do Centro Histórico de Chaves, têm sido levados a cabo trabalhos de avaliação arqueológica com certa regularidade, os quais viabilizam a investigação e a produção de conhecimentos acerca da evolução urbanística da cidade.

A recolha efectuada para a concretização deste trabalho traduziu-se num catálogo de zonas intervencionadas (ZA) – Anexo I -, organizadas por Unidade Morfológica de Análise (U.M.A) e, no seio de cada uma destas abstracções, cronologicamente. As descrições sintéticas dos resultados obtidos em cada intervenção elucidam quanto ao potencial patrimonial de cada uma destas zonas, identificadas na planta de localização das zonas arqueológicas. (Anexo I, planta nº 1)

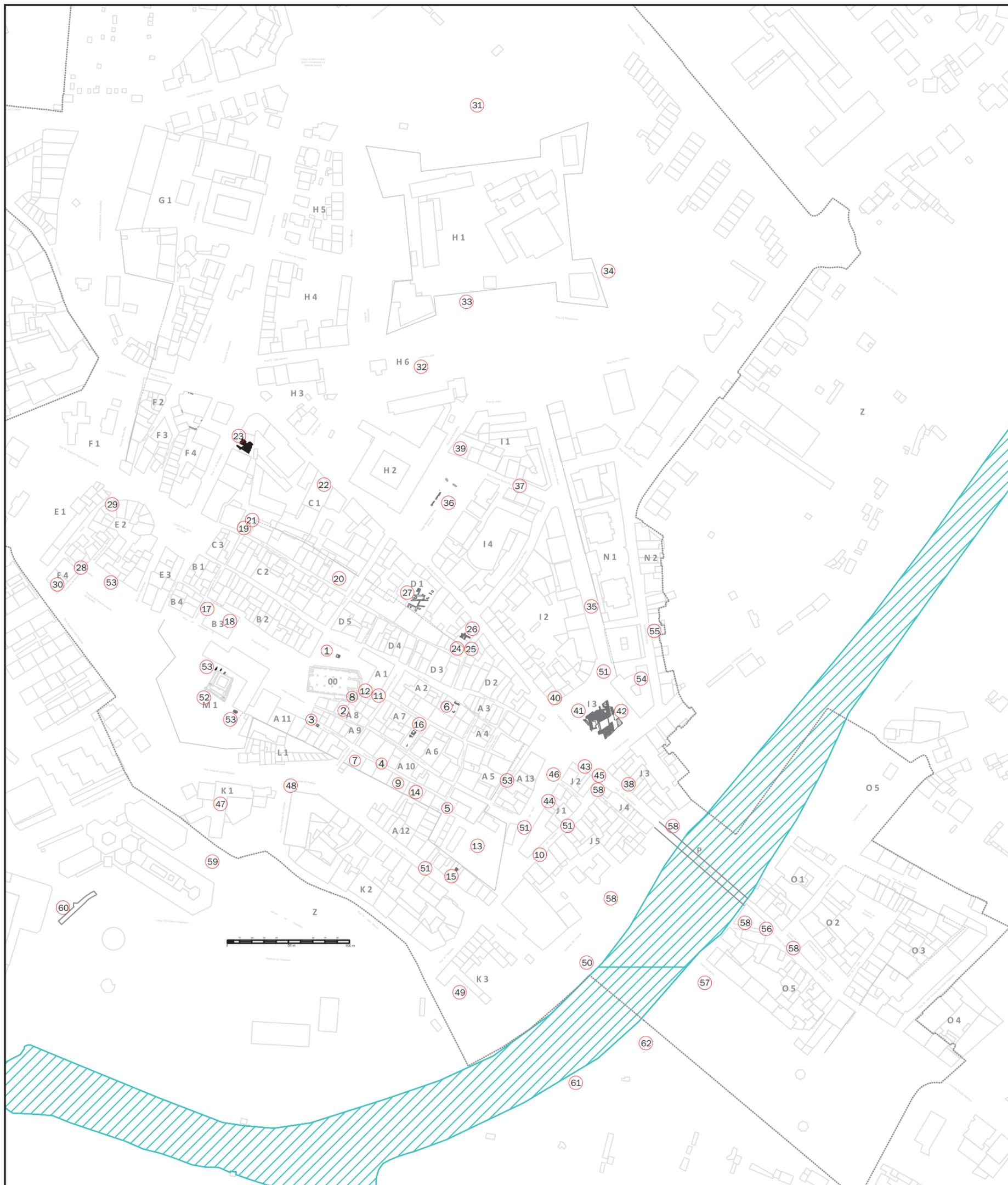
Portadores de dados preciosos sobre o quotidiano na cidade, particularmente no que diz respeito a *Aquae Flaviae*, os achados isolados merecem referência no Anexo II, o qual corresponde a uma listagem destas ocorrências – móveis e imóveis – quer em contexto de obra quer fortuitamente, presidida novamente pelo conceito de Unidade Morfológica de Análise.

A circunstância de *Aquae Flaviae* possuir um corpus epigráfico deveras rico impeliu ao destacamento desta informação dos restantes achados fortuitos, muito embora ambos provenham de situações semelhantes. O enunciado destes monumentos ocupa o Anexo III, no qual merece destaque a descoberta de um conjunto avultado de epígrafes de categorias distintas no mesmo local – Quartel de Caçadores 3 –, fenómeno provavelmente inerente a um coleccionismo de época moderna ou contemporânea.

A análise das fontes iconográficas e cartográficas materializou-se num catálogo específico – Anexo IV -, estruturado por ordem cronológica, no qual tem lugar uma descrição sumária de cada um dos levantamentos gráficos efectuados, desde o século XVI, para a cidade de Chaves.

Anexos

Anexo I



Planta Zonas Arqueológicas					
Legenda		Rio Tâmega	Escala: 1:3000		Planta nº: 01
		Edificado			
		Muralhas remanescentes			Data
		Limite Centro Histórico			2010
		Zonas Arqueológicas			

O tecido urbano flaviense: de Auae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	1	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	República, Praça da
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	A	Período Atribuível:	Romano e Medieval
Quarteirão:		Ano Trabalho:	1985
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

As escavações arqueológicas levadas a cabo por António Rodriguez Colmenero permitiram identificar: muro alto-imperial; pavimento de opus signinum baixo-imperial; enterramentos medievais.

Referências bibliográficas:

Amaral 1993: 12

Zona Arqueológica:	2	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:	22738	Rua:	Gatos, Rua dos
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	MRF99/IV
UMA:	A	Período Atribuível:	Romano
Quarteirão:		Ano Trabalho:	1999
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica conduzida por Sérgio Carneiro proporcionou a detecção de um muro romano, em alvenaria de granito e revestimento em argamassa de cal e areia, o qual, tendo em conta o tipo construtivo, poderia pertencer a um edifício privado, parte de uma insula ou domus.

Referências bibliográficas:

Carneiro (2005); <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	3	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:	17562	Rua:	Misericórdia, Rua da		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	MRF99/V		
UMA:	A	Período Atribuível:	Romano		
Quarteirão:		Ano Trabalho:	1999		
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No âmbito das escavações arqueológicas, identificou-se um pavimento romano, datado de finais do séc. I/ meados do séc. II d. C., bem como um buraco de poste baixo-imperial.

Referências bibliográficas:

Carneiro (2005); <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	4	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:	22737	Rua:	Poço, Rua do		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	MRF99/VI		
UMA:	A	Período Atribuível:	Romano		
Quarteirão:		Ano Trabalho:	1999		
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica levada a cabo no edifício nº 25 desta rua permitiu a identificação de um muro de inícios do Séc. II d. C., reutilizado posteriormente, tendo-se mantido em utilização até ao período moderno.

Referências bibliográficas:

Carneiro (2005); <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	5	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:	22740	Rua:	Cavaleiro, Largo do		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	MRF99/VI		
UMA:	A	Período Atribuível:	Moderno e Contemporaneo		
Quarteirão:		Ano Trabalho:	1999		
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No decorrer da escavação arqueológica, exumou-se material cerâmico datado, sobretudo, de época moderna e contemporânea, havendo a registar apenas alguns exemplares de época romana, provenientes de contextos de revolvimento.

Referências bibliográficas:

Carneiro (2005); <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	6	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:	11790	Rua:	Direita, Rua		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:			
UMA:	A	Período Atribuível:	Romano a Contemporaneo		
Quarteirão:	2	Ano Trabalho:	2000		
Parcela:	5	Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica lavada a cabo no edifício nº 57 revelou-se propícia em resultados: espólio de inícios do século I d.C.; um muro do século II d.C., de provável carácter monumental, junto de uma das vias principais romanas; estrutura em opus quadratum, com orientação coincidente com a parte superior da Rua Direita; estrutura, datada de finais do séc. II, em mamposteria ligada com argamassa argilosa - técnica documentada com assiduidade nas escavações realizadas no interior do recinto urbano -, com orientação paralela à actual estrutura urbana.

No âmbito desta intervenção, merecem ainda destaque as ocupações medievais e modernas, entre as quais se incluem várias fases construtivas, cuja datação se desconhece. Sobre as ocupações modernas destacam-se os níveis correspondentes às construções do século XIX.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	7	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Poço, Rua do
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	RPC25/03
UMA:	A	Período Atribuível:	Romano
Quarteirão:	12	Ano Trabalho:	2003
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No âmbito dos trabalhos arqueológicos realizados no edifício nº 25, nas imediações do local onde se situava uma das portas da vila medieval, identificou-se uma estrutura formada por um silhar granítico e algumas pedras pequenas de calço, bem como um alicerce formado por pedras de granito de tamanho médio e pequeno, de orientação igual à da parede Norte do edifício actual. Numa fase posterior, identificaram-se dois alicerces: o primeiro, pertencente a uma estrutura de dimensões consideráveis, de orientação NE-SW; o segundo, de orientação E-O. Por último, uma estrutura identificada na zona Sul, orientado sensivelmente a NE-SO.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	8	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:	22401	Rua:	Ordem Terceira, Rua da
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	A	Período Atribuível:	Romano
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2004
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A avaliação prévia do potencial arqueológico do futuro Museu de Arte Sacra concretizou-se mediante a abertura de sondagens, cujos principais objectivos se prendiam com a detecção de eventuais vestígios de interesse arqueológico e com a obtenção de cronologia da construção da Igreja de Santa Maria. Quanto a resultados, merece destaque um muro romano, orientado no sentido Este/Oeste, que teria pertencido a uma estrutura de dimensões consideráveis.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	9	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Poço, Rua do
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	A	Período Atribuível:	
Quarteirão:	12	Ano Trabalho:	2004
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

O acompanhamento arqueológico dos trabalhos realizados no edifício nº56, em parte construído sobre a muralha medieval, revelou-se infrutífero, uma vez que os trabalhos efectuados não tiveram impacto no subsolo.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	10	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:	25503	Rua:	Tabolado (Rua do Calau), Rua do
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	A	Período Atribuível:	Romano
Quarteirão:	13	Ano Trabalho:	2005
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Nas ruas do Tabolado e 25 de Abril, bem como no lado Oeste do Largo do Arrabalde, foram detectados níveis preservados de cronologia romana.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	11	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Santa Maria, Rua de
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	A	Período Atribuível:	Alto-Imperio
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2006
Parcela:		Estado Conservação:	Mau
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No âmbito da realização de uma avaliação de impacto sobre o património arqueológico no edifício que corresponde aos nº 20 e 18 das ruas de Santa Maria e do Postigo, respectivamente, detectaram-se duas fases de ocupação de época romana, cujas estruturas se encontravam deveras arrasadas: dois muros que formam um cumhal pertencentes a um primeiro momento; um muro que prolongava o alinhamento dum dos anteriores, datável dum segundo momento.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	12	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Santa Maria, Rua de
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	RSM19/06
UMA:	A	Período Atribuível:	
Quarteirão:	2	Ano Trabalho:	2006
Parcela:	14	Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica levada a cabo no edifício nº 19 desta rua, efectuada no âmbito do Plano de Salvaguarda do Centro Histórico de Chaves, não se revelou frutífera em termos de vestígios de relevância patrimonial e histórica.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	13	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:	31232	Rua:	Cavaleiro, Largo do		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:			
UMA:	A	Período Atribuível:	Moderno e Contemporaneo		
Quarteirão:	12	Ano Trabalho:	2008		
Parcela:	16	Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Os trabalhos arqueológicos empreendidos no decurso da obra no Baluarte do Cavaleiro, para caracterização e registo adequado das realidades arqueológicas, revelaram os aterros que continuamente aí tiveram lugar, desde a fundação do Baluarte. Quanto a ocupações anteriores, não se obtiveram dados concretos, uma vez que inclusive o espólio surgiu em contextos de revolvimento.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	14	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:	31935	Rua:	Poço, Rua do		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:			
UMA:	A	Período Atribuível:	Romano		
Quarteirão:	12	Ano Trabalho:	2009		
Parcela:		Estado Conservação:	Mau	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Os trabalhos arqueológicos levados a cabo nos edifícios nº 62 – 64 produziram os seguintes resultados: um muro, uma canalização e um piso de época romana; fossas e diversos depósitos de aterro e de enchimento.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	15	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:		Rua:	Sol, Rua do		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	CHAV09R		
UMA:	A	Período Atribuível:	Romano a Contemporaneo		
Quarteirão:	12	Ano Trabalho:	2009		
Parcela:		Estado Conservação:	Bom	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No âmbito dos trabalhos arqueológicos empreendidos no edifício nº 28, identificou-se um muro e um pavimento, composto por tegulae, datáveis de época romana, sob um provável nível de circulação de época moderna.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	16	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:		Rua:	General Sousa Machado, Travessa do		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	CHAV09T		
UMA:	A	Período Atribuível:	Romano		
Quarteirão:	7	Ano Trabalho:	2009		
Parcela:		Estado Conservação:	Bom	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Aquando das sondagens arqueológicas efectuadas na Travessa General Sousa Machado, identificaram-se vestígios de uma possível habitação romana, nomeadamente um pavimento em opus signinum, associado a uma soleira. Para além destas estruturas, detectaram-se dois muros perpendiculares e o resto de um pavimento em opus signinum, bem como uma canalização atribuível ao séc. I, cuja datação ainda carece de confirmação.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	17	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Município, Largo do
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	B	Período Atribuível:	Romano
Quarteirão:	4	Ano Trabalho:	1998
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No âmbito de uma intervenção arqueológica no Largo do Município, identificou-se um pequeno tramo de muro, pertencente a um edifício de época romana.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	18	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Camos, Praca de
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	MRF02/I
UMA:	B	Período Atribuível:	Romano a Contemporaneo
Quarteirão:	3	Ano Trabalho:	2002
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Na sequência das obras de remodelação do edifício dos Paços do Concelho, procedeu-se à escavação parcial de um poço de elevador, da qual resultou a detecção, para além das valas de fundação do edifício, de aterros do século XVIII e XIX, bem como uma vala de época romana com carvões e cinzas e parte de uma estrutura romana, de orientação Este-Oeste.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	19	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Bispo Idacio, Rua do
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	C	Período Atribuível:	Alto-Imperio
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	1985
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Durante as escavações arqueológicas conduzidas por Antonio Rodriguez Colmenero, em 1985, no edifício nº 62 desta rua, registaram-se vestígios de um muro romano alto-imperial, associados a fragmentos de cerâmica fina romana e material de construção.

Referências bibliográficas:

Amaral 1993:15; Rodriguez Colmenero 1989: 134-135

Zona Arqueológica:	20	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Bispo Idacio, Rua do
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	C	Período Atribuível:	Romano a Contemporaneo
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	1999
Parcela:	17	Estado Conservação:	Bom
		Musealização:	<input checked="" type="checkbox"/>

Descrição:

Durante a intervenção arqueológica, identificaram-se vários vestígios de relevo histórico e patrimonial: forno de pão de cronologia romana; muro de alvenaria; estrutura de cronologia romana, interpretada como as fundações de um edifício civil; muro composto por silhares colocados em pedra seca, alternando com paramentos argamassados e enchimento de pedras pequenas.

Referências bibliográficas:

Carneiro 2002:181-203

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	21	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:	11799	Rua:	Bispo Idacio, Rua do
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	RBI62/05
UMA:	C	Período Atribuível:	Moderno e Contemporâneo
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	2005
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Acompanhamento arqueológico cujos resultados, tendo em conta a pouca afectação provocada no subsolo, se revelaram escassos. Note-se a presença de cerâmicas de época moderna/contemporânea, associadas às mais recentes ocupações do edifício nº62.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	22	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Santo António, Rua de
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	RSA169/0
UMA:	C	Período Atribuível:	Romano
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	2009
Parcela:	9	Estado Conservação:	Mau
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Os trabalhos de avaliação arqueológica empreendidos no edifício nº 169 revelaram uma potência estratigráfica considerável, merecendo destaque a identificação de uma estrutura de época romana arrasada, a qual foi interpretada como calçada. O posicionamento de alguns dos elementos do derrube faz equacionar a existência de uma cloaca ruída sob o pavimento da mencionada calçada.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	23	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:		Rua:	Primeiro de Dezembro, Rua de		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	CHAV10R		
UMA:	C	Período Atribuível:	Romano		
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	2010		
Parcela:	4	Estado Conservação:	Bom	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica levada a cabo nesta rua permitiu a identificação de uma imponente calçada romana, de orientação SE-NO, cujos elementos de diagnóstico remetem para época baixo-imperial, bem como dois muros, um dos quais baixo-imperial, associado a um piso e a uma estrutura de drenagem de águas.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	24	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:	11971	Rua:	Brecha, Ladeira da		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:			
UMA:	D	Período Atribuível:	Romano		
Quarteirão:	3	Ano Trabalho:	1997		
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica proporcionou a detecção de vestígios de um edifício de dimensões consideráveis, nomeadamente três compartimentos: o primeiro, com cerca de 2m de comprimento, teria entrada pelo lado Sudoeste; do segundo, foram registados somente 6m²; do terceiro, restam duas paredes formando um espaço com mais de 6m². Pelas observações dos autores, estes vestígios correspondem à área SE de uma insula, cujo alinhamento coincide com o do tramo inferior da actual Ladeira da Brecha.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	25	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:	11971	Rua:	Brecha, Ladeira da
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	MRF99/II
UMA:	D	Período Atribuível:	Romano e Medieval
Quarteirão:	3	Ano Trabalho:	1999
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica levada a cabo no Gaveto da Ladeira da Brecha confirmou o potencial arqueológico do local. Os principais resultados desta intervenção correspondem a: lajeado de dimensões consideráveis, datado do séc. II, com reformulações no séc. III; cloaca composta por pedra e tegulae, de orientação Este-Oeste, datável de finais do séc. I d.C.; parte do pano de muralha medieval que atravessava a rua transversalmente. As fundações desta fortificação eram constituídas por blocos de granito de grandes dimensões, com marcas de cunha de extracção bem visíveis.

Referências bibliográficas:

Carneiro 2005; <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	26	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:	16668	Rua:	Santo António, Rua de
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	nº43
UMA:	D	Período Atribuível:	Romano e Medieval
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	2002
Parcela:	19	Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No decorrer da intervenção arqueológica efectuada aquando da abertura das fundações do edifício nº 43, identificou-se um sistema de muros relacionados com vestígios de um pequeno criptopórtico de casa romana, provavelmente edificada no Alto Império e demolida em finais do séc. III/ inícios do séc. IV. Em época pós-romana, aquela área teria sido transformada em lixeira, com depósitos provavelmente arremessados do alto da muralha medieval; data deste período a construção de uma cloaca de orientação Sul-Norte.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Auae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	27	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:		Rua:	Bispo Idacio, Rua do		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	AMC.07		
UMA:	D	Período Atribuível:	Romano e Medieval		
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	2007		
Parcela:	27	Estado Conservação:	Bom	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica empreendida no âmbito do projecto do futuro Arquivo Municipal de Chaves confirmou a ocupação intensa e contínua desta zona. Com efeito, entre os resultados obtidos, merecem ênfase: conjunto defensivo composto pela muralha medieval e respectivo fosso; pequena necrópole, composta por cinco inumações de orientação canónica, algumas das quais de perfil antropomórfico, anterior à construção da muralha medieval; alinhamentos de muros com orientação Este-Oeste, formando compartimentos trapezoidais, parcialmente destruídos pelo fosso, em situação de adossamento e/ou sobreposição em relação a outros alinhamentos, de aparelho mais cuidado e orientação diferente, indiciando duas fases distintas de organização urbanística.

Referências bibliográficas:

Relatório Preliminar "Intervenção Arqueológica na Rua do Bispo Idácio, Chaves, Arquivo Histórico Municipal de Chaves. AMC.07"

Zona Arqueológica:	28	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:		Rua:	Muralha, Rua da		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:			
UMA:	E	Período Atribuível:			
Quarteirão:		Ano Trabalho:	1999		
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Os trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito do Plano de Salvaguarda do Centro Histórico de Chaves não proporcionaram a identificaram de quaisquer vestígios arqueológicos.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aque Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	29	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:		Rua:	Verde, Rua		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	RV7/04		
UMA:	E	Período Atribuível:	Romano		
Quarteirão:	2	Ano Trabalho:	2004		
Parcela:	8	Estado Conservação:	Mau	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No decorrer dos trabalhos de avaliação arqueológica levados a cabo no edifício nº 7, verificou-se uma potência estratigráfica mínima; pese embora esta realidade, foi possível identificar uma estrutura romana arrasada, constituída por pedras graníticas de tamanho médio-pequeno e material de construção, com orientação Norte-Sul. Constatou-se ainda a existência de uma canalização de dimensões consideráveis, de orientação Noroeste-Sudeste, cuja cronologia não foi possível estabelecer.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	30	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:		Rua:	Joaquim José Delgado, Rua de		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:			
UMA:	E	Período Atribuível:	Romano		
Quarteirão:	4	Ano Trabalho:	2007		
Parcela:	1	Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No âmbito do Plano de Salvaguarda do Centro Histórico de Chaves foram realizados trabalhos arqueológicos nesta zona, tendo deles resultado a detecção de uma possível cloaca romana.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	31	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Estação, Rua da
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	H	Período Atribuível:	
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2003
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica teve como principal objectivo avaliar o impacto da obra projectada para uma ampla área da envolvente ao Forte de São Francisco e obter uma sequência estratigráfica o mais completa possível.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	32	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Lapa, Largo da
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	H	Período Atribuível:	Moderno
Quarteirão:	6	Ano Trabalho:	2004
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A realização de sondagens prévias de avaliação arqueológica permitiu a identificação de um fosso a Oeste do Forte de São Francisco, tornando possível caracterizar de forma mais precisa a estrutura existente nas imediações do forte - muro em alvenaria -, elemento pertencente ao conjunto do sistema defensivo do forte. Identificou-se ainda espólio de cronologia romana e de tradição indígena (castreja).

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	33	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Lapa, Largo da
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	GAC09/I
UMA:	H	Período Atribuível:	
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	2009
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

O acompanhamento arqueológico da implantação de uma estátua equestre do General Silveira não permitiu a identificação de quaisquer vestígios de interesse patrimonial e histórico.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	34	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Forte de São Francisco
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	H	Período Atribuível:	Moderno e Contemporâneo
Quarteirão:		Ano Trabalho:	
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Os trabalhos de reabilitação da área envolvente ao Forte de São Francisco permitiram a identificação de vestígios de época moderna e contemporânea, pertencentes às ocupações mais recentes da zona, sobretudo relacionadas com a dinâmica construtiva do Forte.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	35	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Cândido dos Reis, Rua
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	I	Período Atribuível:	Contemporaneo
Quarteirão:	2	Ano Trabalho:	1999
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No decorrer dos trabalhos arqueológicos levados a cabo durante a abertura das valas para posterior implantação de sapatas, não foram detectados quaisquer estruturas passíveis de possuir valor patrimonial.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	36	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:	14960	Rua:	General Silveira, Largo
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	I	Período Atribuível:	Romano
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2000
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica levada a cabo no Largo das Freiras confirmou a contracção urbana de Aquae Flaviae no século III, porquanto permitiu a identificação de uma necrópole baixo-imperial, escavada num nível de abandono da área urbana da cidade alto-imperial. Constatou-se, mediante a observação da sequência estratigráfica, uma extensa construção nos finais do séc. I/ inícios do II d.C., à qual se seguiu um período de abandono e posterior implantação de uma necrópole, cuja datação parece remontar ao séc. IV.

Referências bibliográficas:

Carneiro 2009; <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	37	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:	16843	Rua:	Coronel Bento Roma, Rua do
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	I	Período Atribuível:	
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2002
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A realização do acompanhamento arqueológico à abertura de alicerces para a reconstrução de um edifício nesta rua revelou a inexistência de vestígios de valor patrimonial e histórico na área intervencionada.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	38	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:	17725	Rua:	Ferradores, Rua dos
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	RFER03
UMA:	I	Período Atribuível:	Romano
Quarteirão:	2	Ano Trabalho:	2003
Parcela:	2	Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

As sondagens arqueológicas projectadas inserem-se no edifício nº36, implantado numa zona próxima de um dos principais eixos estruturantes da malha viária, posicionado face ao arruamento que conduzia à saída da cidade romana, através da ponte de Trajano. Durante a intervenção, foi possível identificar uma cloaca romana de grandes dimensões, alinhada no sentido Norte-Sul, datada de época alto-imperial. A descoberta desta infra-estrutura pode ser determinante para averiguar possíveis alterações da malha urbana subjacentes à construção da ponte, no século II. Detectou-se ainda estrutura de época romana, de orientação Este-Oeste, formando cunhal em direcção a Norte.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Auae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	39	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	General Silveira, Largo
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	I	Período Atribuível:	
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	2004
Parcela:	1	Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No âmbito do projecto "Biblioteca Municipal de Chaves e Arranjos Exteriores, Remodelação do Largo General Silveira (Freiras) e Reabilitação Urbanística da Rua Bento Roma", empreenderam-se trabalhos de avaliação arqueológica, cujos resultados não nos foi possível constatar.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/projectos/?sid=projectos.resultados&subsid=2278403>

Zona Arqueológica:	40	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Santo António, Rua de
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	AFL/STA0
UMA:	I	Período Atribuível:	Moderno e Contemporaneo
Quarteirão:	2	Ano Trabalho:	2004
Parcela:	14	Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica levada a cabo para determinar o grau e extensão de destruição provocada pelas obras de recuperação e reformulação do edifício, correspondente aos nºs 2 e 4 da Rua de Santo António e 36 a 42 do Largo do Arrabalde, permitiu a detecção de um muro de alicerce de orientação NE-SO, o qual, provavelmente até à data de construção do presente imóvel no último quartel do séc. XIX, serviu de base à parede delimitadora de uma propriedade pré-existente, alinhada com a rua dos Ferreiros. Por seu turno, esta propriedade teria sido construída após o séc. XVII, porquanto se apresenta encostada à muralha setecentista e limitada a Nordeste pela Rua dos Ferreiros, de extensão superior até ao séc. XIX.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	41	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Arrabalde, Largo
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	I	Período Atribuível:	Romano a Contemporaneo
Quarteirão:	3	Ano Trabalho:	2006
Parcela:		Estado Conservação:	Bom
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica revelou-se deveras frutífera em vestígios de valor patrimonial e histórico. Entre os resultados obtidos, encontram-se várias estruturas em granito, datáveis desde o final da Idade Média até ao século XX, merecendo destaque parte de uma estrutura pétreia, de faces trabalhadas, de planta, aparentemente, trapezoidal, que se viria a confirmar corresponder à muralha moderna. Constatou-se ainda a existência de um nível composto por grandes lajes aparelhadas, associado a um derrube de material laterício, e um bloco de opus caementicium, relativo a uma nascente termal, de época romana.

Referências bibliográficas:

Silva et alii 2006

Zona Arqueológica:	42	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Arrabalde, Largo
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	I	Período Atribuível:	Romano e Medieval
Quarteirão:	3	Ano Trabalho:	2007
Parcela:		Estado Conservação:	Bom
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A intervenção arqueológica no Largo do Arrabalde foi retomada pelo DSPAA da Câmara Municipal de Chaves, tendo sido possível esclarecer a função das estruturas previamente identificadas e estabelecer a planta do edifício termal de época romana; os resultados encontram-se em análise.

Referências bibliográficas:

<http://hpserra.blogs.sapo.pt/266375.html>; <http://chaves.blogs.sapo.pt/319912.html>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	43	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:	31454	Rua:	Arrabalde, Largo		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:			
UMA:	I	Período Atribuível:	Romano		
Quarteirão:	3	Ano Trabalho:	2009		
Parcela:	1	Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Os trabalhos de avaliação arqueológica empreendidos no edifício nº 59 possibilitaram a detecção de duas fases de ocupação romana distintas, ainda que não muito distanciadas em termos cronológicos, uma vez que uma delas corresponde ao século I d.C. e a segunda pertence ao século II.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	44	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:		Rua:	Vinte e cinco de Abril, Rua		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	ABR00/I		
UMA:	J	Período Atribuível:	Contemporaneo		
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	2000		
Parcela:	4	Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

A sondagem arqueológica empreendida revelou-se marcada por uma sucessão de camadas contemporâneas. Em sequência de revolvimentos do terreno, registaram-se alguns fragmentos de material de construção romanos, os quais não são passíveis de proporcionar informações relevantes, já que se encontram descontextualizados.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Auae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	45	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Arrabalde, Largo
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	LA61/01
UMA:	J	Período Atribuível:	Romano
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2001
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No âmbito dos trabalhos desenvolvidos no edifício nº 61, detectou-se um lugar arqueologicamente fértil, com diferentes ocupações no tempo, balizadas cronologicamente pelos elementos de diagnóstico que indiciam uma primeira ocupação em época flaviana, seguida de uma ocupação do séc. III/inícios IV.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	46	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Vinte e cinco de Abril, Rua
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	R25A/04
UMA:	J	Período Atribuível:	Romano a Contemporaneo
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2004
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No contexto do projecto de renovação urbanística da rua, empreenderam-se trabalhos de avaliação arqueológica, cujos resultados mais relevantes corresponderam a: estrutura paralela ao alinhamento da actual rua, parcialmente destruída aquando da construção do edifício contemporâneo; estrutura constituída por dois muros travados conformando duas esquinas. Compostos por blocos graníticos de dimensões médias, com núcleo de cascalho e fragmentos de material de construção, os muros de época romana apresentam orientação Noroeste-Sudeste e Nordeste-Sudoeste.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aque Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	47	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:	14291	Rua:	Joaquim José Delgado, Rua de		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	AFL99V		
UMA:	K	Período Atribuível:	Romano		
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	1999		
Parcela:	2	Estado Conservação:	Bom	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Aquando dos trabalhos de reparação e restauro da Pensão Jaime, a intervenção arqueológica proporcionou a identificação de vestígios de sepulturas de inumação e incineração, algumas das quais em bom estado de conservação. Pese embora correspondam a diversas tipologias de enterramento, as características deste conjunto indiciam tratar-se de uma necrópole de período romano.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	48	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:		Rua:			
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:			
UMA:	K	Período Atribuível:			
Quarteirão:	2	Ano Trabalho:	2006		
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No âmbito do projecto de instalação da Rede de Gás Natural, desenvolveram-se trabalhos de avaliação arqueológicas, cujos resultados não se revelaram susceptíveis de fornecer dados de valor patrimonial e histórico.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	49	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Tabolado (Rua do Calau), Rua do
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	RTAB59/0
UMA:	K	Período Atribuível:	
Quarteirão:	3	Ano Trabalho:	2007
Parcela:	20	Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Os trabalhos de avaliação arqueológica permitiram detectar uma potência estratigráfica considerável, tendo sido interrompidos pelo surgimento de níveis de origem fluvial.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	50	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Trajano, Alameda de
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	K	Período Atribuível:	
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2008
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No âmbito do acompanhamento arqueológico levado a cabo na margem esquerda do Rio Tâmega, entre a Ponte de Trajano, a Ponte Eng.º Barnosa Carmona e a ciclovia da Madalena, não foram identificados quaisquer vestígios arqueológicos.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	51	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:		Período Atribuível:	
Quarteirão:		Ano Trabalho:	
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Os trabalhos de avaliação arqueológica inerantes à "Reabilitação Urbanística do Largo do Arrabalde e das Ruas 25 de Abril, Tabolado, Sol, Olival e Travessa Cândido Reis" não permitiram a identificação de vestígios de valia patrimonial e histórica.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	52	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Camos, Praca de
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	M	Período Atribuível:	Medieval
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	1985
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

As escavações arqueológicas conduzidas por Antonio Rodríguez Colmenero na zona da Parada do Castelo permitiram a identificação de níveis de ocupação medievais.

Referências bibliográficas:

Amaral 1993: 16-17, nº30; Rodriguez Colmenero 1989: 135

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	53	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:	27947	Rua:			
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:			
UMA:		Período Atribuível:	Romano e Medieval		
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2006		
Parcela:		Estado Conservação:	Bom	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No âmbito do Projecto de Caracterização da Cintura Muralhada de Chaves, foram projectadas dez sondagens arqueológicas em locais estratégicos da fortificação: Torre de Menagem, Baluarte do Castelo, Rua da Muralha e na Rua Postigo dos Manos. Quanto a resultados, merece ênfase a identificação de um compartimento alto-imperial, cortado pela construção da Torre de Menagem, e de um troço de muralha provavelmente baixo-imperial constituída por blocos paralelepípedicos almofadados, primitivamente pertencentes a um arco, provavelmente do pórtico do forum. Procedeu-se ainda ao registo dos alicerces da Torre de Menagem, da cerca medieval e da linha de muralha adossada à Torre de Menagem, de finais do século XV/inícios do século XVI.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	54	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:		Rua:	Arrabalde, Largo		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:			
UMA:	N	Período Atribuível:	Moderno e Contemporaneo		
Quarteirão:	1	Ano Trabalho:	2009		
Parcela:	4	Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Integradas no projecto de recuperação do Palácio da Justiça de Chaves, as sondagens arqueológicas levadas a cabo tiveram como intuito analisar a sequência estratigráfica do subsolo e avaliar eventuais estruturas pré-existentes passíveis de fornecer dados sobre ocupações anteriores da zona. A sequência estratigráfica permitiu distinguir cinco momentos, balizados entre a ocupação do século XVI e o edifício actual, construído já no século XX.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	55	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:		Rua:	Longras, Rua das		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	CHAV09RL		
UMA:	N	Período Atribuível:	Romano a Contemporaneo		
Quarteirão:	2	Ano Trabalho:	2009		
Parcela:	10	Estado Conservação:	Bom	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No âmbito da intervenção arqueológica levada a cabo no edifício nº 52, constatou-se uma sequência estratigráfica pautada por diversos níveis de aterro modernos e contemporâneos. No cômputo final, não se registaram quaisquer vestígios de valia patrimonial e histórica.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	56	Freguesia:	Madalena		
CNS:	15898	Rua:	Cândido Sotto Maior, Rua de		
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:			
UMA:	O	Período Atribuível:	Romano		
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2001		
Parcela:		Estado Conservação:	Bom	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No decorrer dos trabalhos arqueológicos empreendidos na margem direita do Rio Tâmega, identificou-se um troço de uma calçada romana, bem como um muro e um pavimento da mesma época.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aqueae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	57	Freguesia:	Madalena
CNS:		Rua:	Jardim, Canto do
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	JP.07
UMA:	O	Período Atribuível:	Moderno
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2007
Parcela:		Estado Conservação:	Bom
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Durante a intervenção arqueológica levada a cabo no Jardim Público, detectaram-se vários vestígios de carácter patrimonial, de época moderna e contemporânea: alicerces da muralha do hornaveque da Madalena, associado a um nível de circulação do interior do recinto amuralhado; condutas em pedra, associadas a um sistema de escoamento, quer para o rio Tâmega, quer para o ribeiro do Caneiro; enterramentos enquadráveis nas guerras peninsulares.

Referências bibliográficas:

Relatório Preliminar "Intervenção Arqueológica Jardim Público de Chaves – JP. 07"

O tecido urbano flaviense: de Aque Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	58	Freguesia:	Sta Maria Maior		
CNS:		Rua:			
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	AFL-A.07/		
UMA:	0	Período Atribuível:	Romano a Contemporaneo		
Quarteirão:	5	Ano Trabalho:	2007		
Parcela:	2	Estado Conservação:	Desconhecido	Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Os trabalhos de avaliação arqueológica integrados no projecto de “Requalificação do Pavimento e das Infra-Estruturas da Ponte Romana” revelaram uma zona da cidade deveras próspera em vestígios patrimoniais, resultado de uma ocupação intensa desde época romana. Estas intervenções tiveram lugar na Alameda de Trajano, na Rua do Rio, na Rua do Tabolado, no cruzamento desta com a Rua da Ponte, na Rua Cândido Sotto Maior e na Rua Canto do Rio.

Quanto a resultados, realça-se a detecção de: muro anterior ou contemporâneo ao século XVII, relacionada com a praça do Arrabalde da Madalena, sito nas imediações da actual Igreja da Madalena; duas canalizações em pedra, de orientação NW/SE e NE/SW, datadas do século XX, na Alameda de Trajano; vestígios de calçada em seixos, provavelmente do séc. XIX e possível estrutura de cronologia romana, na Rua do Rio; muro romano e vestígios de calçada romana, na Rua do Tabolado; muro de cronologia imprecisa, paralelo a um edifício de século XIX e cujos alicerces sustentou, na Rua Canto do Rio; na mesma rua, sistema de abastecimento de água ao bairro da Madalena presumivelmente datado do século XVIII e antigo pavimento; blocos em granito associados aos arcos da ponte romana aterrados, na Rua Cândido Sotto Maior, bem como vestígios de calçada moderna.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	59	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Família Camões, Rua da
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	MRF00/I
UMA:	Z	Período Atribuível:	Romano
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2000
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

No decorrer da intervenção arqueológica levada a cabo no lado Este do balneário das Caldas, identificou-se uma ocupação romana, balizada entre os finais do século I e meados do século II d. C., provavelmente relacionada com a necrópole romana da Pensão Jaime – CNS 14291 -, localizada nas imediações. Segundo os autores, os dados obtidos nesta intervenção assumem particular relevo para o aprofundamento quanto à cronologia da fundação da cidade romana e às relações económicas com demais áreas do Império Romano.

Referências bibliográficas:

Carneiro 2005; <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	60	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Tomás António Gonzaga, Travessa de
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	Z	Período Atribuível:	Romano a Contemporaneo
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2004
Parcela:		Estado Conservação:	Bom
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Os trabalhos arqueológicos de diagnóstico realizados no âmbito do projecto de remodelação urbanística e tecnológica da Área Termal de Chaves possibilitaram a detecção de alicerces de um edifício doméstico, datado do século XIX, um piso em seixos, bem como o antigo paredão do rio Ribelas e o talhamar da ponte das Caldas. Para além destas realidades estruturais, identificaram-se os antigos paredões que delimitavam o rio Ribelas, edifícios domésticos e públicos (Pensão Jaime), condutas de água, assim como diversos muros compostos por pedras graníticas, cuja finalidade e cronologia não foi possível definir com exactidão.

Referências bibliográficas:

Relatório Final " Requalificação Urbanística da Área Termal" Mythica Arqueologia

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

Zona Arqueológica:	61	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Poldras, Canelha das
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	Z	Período Atribuível:	
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2007
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

Os trabalhos de avaliação arqueológica tiveram como principal objectivo minimizar os impactes de renovação do pavimento da Ponte de Trajano sobre o monumento, o qual não sofreu qualquer impacto directo no decorrer desta obra.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Zona Arqueológica:	62	Freguesia:	Sta Maria Maior
CNS:		Rua:	Trajano, Alameda de
Sítio Arqueológico:	Chaves	Acrónimo:	
UMA:	Z	Período Atribuível:	
Quarteirão:		Ano Trabalho:	2008
Parcela:		Estado Conservação:	Desconhecido
		Musealização:	<input type="checkbox"/>

Descrição:

O acompanhamento arqueológico das obras de construção da ponte pedonal sobre o rio Tâmega visou a salvaguarda de eventuais vestígios arqueológicos nas zonas afectas, bem como o registo de todos os revolvimentos de terras.

Referências bibliográficas:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Anexos

Anexo II

Nº	UMA	Freguesia	Rua	Tipologia	Descrição	Referências_bibliográficas
1	A 0	Sta Maria Maior	Republica, Praca da	Estrutura	Alicerce de edifício de orientação perpendicular à Rua Direita.	Amaral 1993: 12
2	A	Sta Maria Maior	Direita, Rua	Estrutura	Canalizações, uma em granito e outra em material laterício, identificadas no século XVIII.	Amaral 1993:12; Abreu 1721: 18-19
3	A	Sta Maria Maior	Direita, Rua	Achado isolado; Material de construção	Mós manuais rotativas e fragmentos de tegulae.	Amaral 1993: 12
4	A	Sta Maria Maior	Santa Maria, Rua de	Material de construção	Elementos de coluna romana, associados a fragmentos de cerâmica comum	Amaral 1993: 15, nº26
5	A	Sta Maria Maior	General Sousa Machado, Rua	Material de construção	Fragmentos de tegulae.	Amaral 1993: 21, nº 42
6	A	Sta Maria Maior	Santa Maria, Rua de	Estrutura	Alicerce de muro paralelo ao eixo da Rua Luís de Viacos.	Amaral 1993: 14
7	B	Sta Maria Maior	Camoes, Praca de	Espólio	Moedas e placa de cinturão.	Amaral 1993: 11, nº 7
8	B 2	Sta Maria Maior	Camoes, Praca de	Estrutura	Lageado sob canalização, identificados no século XVIII.	Amaral 1993: 21, nº44
9	C 2	Sta Maria Maior	Bispo Idacio, Rua do	Material de construção	Pedra almofadada na base do cunhal do edifício casa que faz esquina entre a Rua Bispo Idácio e a Travessa do Município; fragmentos de tegulae.	Amaral 1993: 15; Teixeira - Amaral 1985-1992
10	C 3	Sta Maria Maior	Oito-8 de Julho (Anjo), Largo	Material de construção	Três fustes de coluna de grandes dimensões na base dos cunhais do edifício que ocupa o quarteirão.	Amaral 1993:14
11	D 1	Sta Maria Maior	Brecha, Ladeira da	Espólio; Estrutura; Material de construção	Muro composto por grandes silhares, fragmentos de tegulae e cerâmica romana.	Amaral 1993: 22-23, nº51
12	D 2	Sta Maria Maior	Direita, Rua	Espólio; Material de construção	Soleira de porta, aparentemente in situ; base de coluna, associada a cerâmica comum, tegulae e pregos.	Amaral 1993: 12
13	E	Sta Maria Maior	Muralha, Rua da	Material de construção	Fragmentos de tegulae.	Amaral 1993: 21, nº48; Teixeira - Amaral 1985-1992
14	E	Sta Maria Maior	Muralha, Rua da	Material de construção	Fustes e base de coluna reaproveitados.	Amaral 1993: 21, nº46; Teixeira - Amaral 1985-1992
15	F 2	Sta Maria Maior	Maria Rita, Rua da	Espólio; Estrutura; Material de construção	Muro alinhado no sentido NE-SW; fragmentos de cerâmica e elemento dormente de mó rotativa.	Amaral 1993: 21, nº47; Teixeira - Amaral 1985-1992
16	F 3	Sta Maria Maior	Aljube, Rua	Material de construção	Fragmentos de tegula e imbrex, em contextos de revolvimentos; silhar fragmentado de grandes dimensões, almofadado numa das faces (CNS 15512).	http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pequisa/geral/arqueologico-endovelico/

Nº	UMA	Freguesia	Rua	Tipologia	Descrição	Referências_bibliográficas
17	F 4	Sta Maria Maior	Portas do Anjo,	Espólio; Estrutura; Material de construção	Alicerce composto por pedras almofadadas; muro com cerca de 6 metros de comprimento; restos de outras estruturas com sequências de muros sobrepostos; fragmentos de tegulae e de cerâmica romana; elementos de colunas.	Amaral 1993: 14; Teixeira - Amaral 1989
18	H 2	Sta Maria Maior	Santo Antonio, Rua de	Estrutura	Aqueduto composto por paredes de granito e por material cerâmico, identificado em 1942.	Amaral 1993:10; Abreu 1721:17
19	I 4	Sta Maria Maior	General Silveira, Largo	Material de construção	Fragmentos de tegulae, fustes e base de coluna, identificados em 1942.	Amaral 1993:10
20	I 4	Sta Maria Maior	General Silveira, Largo	Estrutura; Material de construção	Fragmentos de tegulae e tijolo; muro paralelo ao eixo da rua; conduta em granito.	Amaral 1993:11
21	I 4	Sta Maria Maior	Candido dos Reis, Travessa	Espólio; Estrutura; Material de construção	Tanques em tijolo e tubagem em cerâmica, associados a moeda de Trajano em ouro e vasos de cerâmica.	Amaral 1993:10
22	J 3	Sta Maria Maior	Longras, Rua das	Espólio; Estrutura; Material de construção	Fragmentos de tegulae e cerâmica comum; silhares e pedra almofadada.	Amaral 1993: 14; Teixeira - Amaral 1985-1992
23	K 1	Sta Maria Maior	Joaquim Jose Delgado, Rua d	Material de construção	Fragmentos de tegulae.	Amaral 1993: 15
24	N	Sta Maria Maior	Candido dos Reis, Rua	Estrutura	Tanque em cantaria, no alicerce da muralha entre o forte de Nª Sra. do Rosário e o meio baluarte de Sto. António, identificado no século XVIII.	Amaral 1993: 21, nº43; Abreu 1721: 17-18
25	N 1	Sta Maria Maior	Candido dos Reis, Rua	Material de construção	Fragmentos de tegulae e elementos de coluna.	Amaral 1993: 12
26	Z	Sta Maria Maior	Raposeira, Largo da	Material de construção	Fragmentos de tegulae e pia em forma de cálice.	Amaral 1993: 11
27	Z	Sta Maria Maior	Tenente Valadim, Avenida	Material de construção	Fragmentos de tegulae, elementos de coluna e mós manuais rotativas.	Amaral 1993: 12, nº 9
28	Z	Sta Maria Maior	Longras, Canelha das	Material de construção	Fragmentos de tegulae.	Amaral 1993: 21, nº45; Teixeira - Amaral 1985-1992
29	Z	Madalena	Sao Roque, Rua de	Material de construção	Fragmentos de tegulae.	Amaral 1993: 21, nº53; Teixeira - Amaral 1985-1992

Anexos

Anexo III

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

1

Tipo:

Honorífica

Datação:

Romano

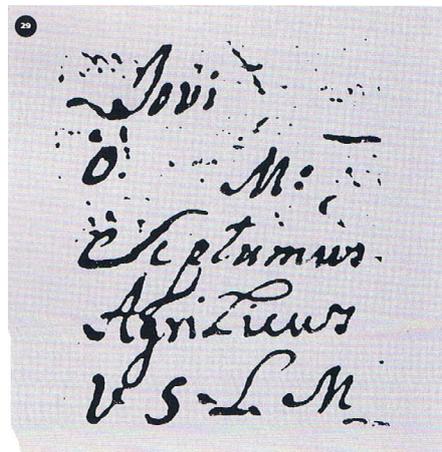
Interpretação:

IOVI O(ptimo) M(aximo) /
SEPTVM[I]VS / AGRILICVS /
V(otum) S(olvit) L(ibens)
M(erito)

Descrição:

Ara a Júpiter. Interior da
Igreja Matriz.

Fotografia:



Referências_bibliográficas:

CIL II: 5615; Colmenero
1997a:74, nº 29

EPI:

2

Tipo:

Funerária

Datação:

Romano

Interpretação:

[...] SVIS (hedera) F(ecit)
(hedera) [...]

Descrição:

Epígrafe funerária. Praça da
República, 1969

Fotografia:



Referências_bibliográficas:

Colmenero 1997a: 209,
nº208

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Fotografia:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

[MON]TANIANI [...]

Descrição:

Fragmento de epígrafe monumental. Praça da República, 1972

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 15, nº27

EPI:

Fotografia:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

EV. VAN. THI.

Descrição:

Miliário reaproveitado como tampa de sepultura. Praça da República, 1972



Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 15, nº27;
Colmenero 1997a:277, nº
336

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Fotografia:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

Descrição:

Vaso de cerâmica cinzenta com inscrição paleocristã. Praça da República, 1972

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 15, nº27

EPI:

Fotografia:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

[N]YMPH[I]S AVR(elius) /
DION[Y]S[I]VS / AVG(usti)
LIB(ertus)

Descrição:

Epígrafe votiva dedicada às Ninfas. Esquina entre ruas de Santa Maria e Alfândega Velha.



Referências_bibliográficas:

CIL II: 2474; Colmenero 1997a:102, nº 71

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

7

Tipo:

Honorífica

Datação:

Romano

Interpretação:

I(ovi) O(ptimo) M(aximo)
(hedera?) MVNI/CIPALIS

Descrição:

Ara a Júpiter. Praça de
Camões, 1972

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 11, nº 7;
Colmenero 1997a:50, nº4

Fotografia:



EPI:

8

Tipo:

Datação:

Baixo-Império

Interpretação:

DEP(ositio) ET / [FLA(viae)
MAT]JERNAE / VIX(it)

Descrição:

Jarro globular com grafito no
bojo. Praça de Camões,
1972

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 11, nº 7;
Colmenero 1997a:288, nº
355

Fotografia:



O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Fotografia:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

AVRC / C OAC [...]

Descrição:

Fragmento de epígrafe. Rua Direita

Referências_bibliográficas:

CIL II: 2490

EPI:

Fotografia:

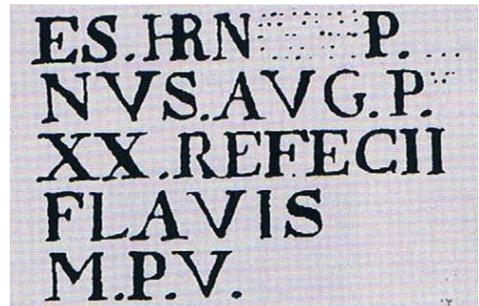
Tipo:

Datação:

Interpretação:

Descrição:

Miliário da Via XVII. Capela do Anjo



Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 19, nº 37;
Colmenero 1997a: 320, nº
405

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

[CO]ROQVI AMIC[...]
[...]ARIVS NV . S[...]

Descrição:

Fragmento de epígrafe. Rua da Muralha, 2005

Fotografia:



ROQVI AMIC
ARIVS·NV·S

Referências_bibliográficas:

Carneiro 2005: 105-106

EPI:

Tipo:

Datação:

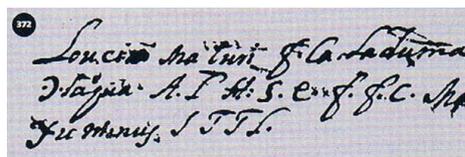
Interpretação:

LOVCIVS MATVRI F(ilio)
CALADVMA / J SAQVA
A(nnorum) L H(ic) S(epultus)
E(st) F(rater) F(aciendum)
C(uravit) MA/XVMINVS S(it)
T(ibi) T(erra) L(evis)

Descrição:

Lápide funerária. Alto da Pedisqueira.

Fotografia:



Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 18-19, nº35;
Colmenero 1997a: 295,
nº372

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI: 15

Tipo: Funerária

Datação: Romano

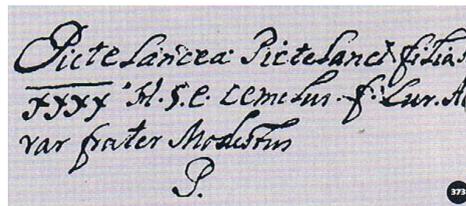
Interpretação:

PICTELANCEA PICTELANCI
FILIA A(nnorum) / XXXX H(ic)
S(itus) E(st) / [G]EMELVS
F(aciendum) CVR(auit)
AE/RAR(io) / FRATER
MODESTVS / P(osuit)

Descrição:

Lápide funerária. Alto da
Pedisqueira.

Fotografia:



Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 18-19, nº35;
Colmenero 1997a: 295, nº
373

EPI: 16

Tipo: Funerária

Datação: Final séc. I / 1ª metade séc. II

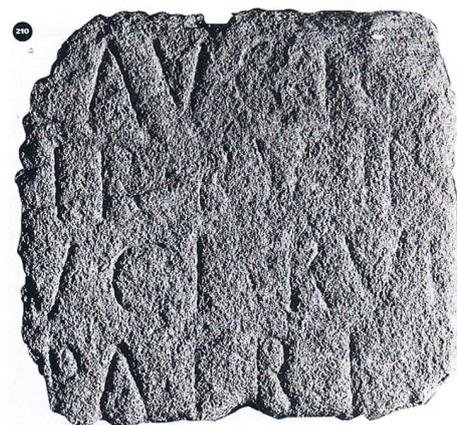
Interpretação:

[...] LAVCIO / [Q]VIR(ina)
RVFIN[OS / LA]VCI(us)
RVF[VS] / PATRI /
[F(aciendum) C(uravit?)

Descrição:

Lápide funerária. Quartel
dos Caçadores 3, 1935

Fotografia:



Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 17, nº31;
Colmenero 1997a: 211, nº
210

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Fotografia:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

[...]MAXELA / [...] NI

Descrição:

Tampa de sepultura. Quartel dos Caçadores 3, 1935

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 17, nº31

EPI:

Fotografia:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

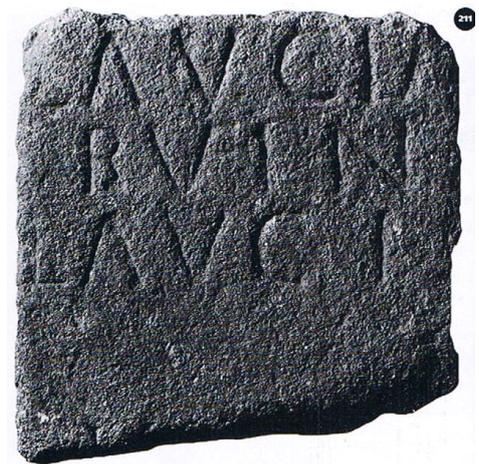
LAVCIA / RVFIN(a) / LAVCI
[F(ilia)] / [...]

Descrição:

Lápide funerária. Quartel dos Caçadores 3, 1935

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 17, nº31;
Colmenero 1997a: 212, nº
211



O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI: 19

Tipo: Funerária

Datação: Final séc. II/ início séc. III

Interpretação:

[R]EBVRRVS / VIRIATIS /
INTERAMICVS [...]

Descrição:

Lápide funerária. Quartel
dos Caçadores 3, 1935

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 17, nº31;
Colmenero 1997a:234, nº
236

Fotografia:



EPI: 20

Tipo: Votiva

Datação: 2ª metade séc. I/ séc. II

Interpretação:

[CON]CORDIA[E] /
MVNICI[P]IV[M] /
AQVIFLAVIENS(is) / L(ucius)
VALERIVS / LONGINVS / DE
SVO

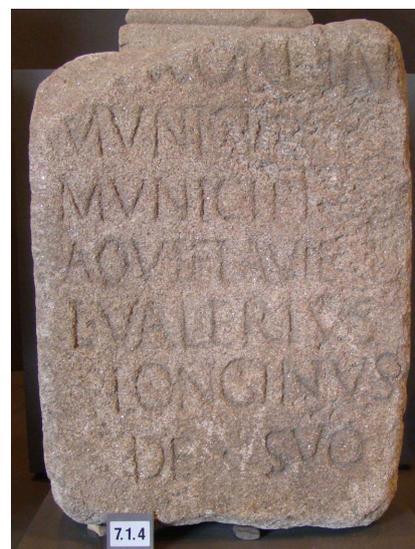
Descrição:

Ara ou base de estátua
dedicada à Concórdia.
Quartel dos Caçadores 3,
1935

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 17, nº32

Fotografia:



O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

MATRI / DEVM / GELASIVS /
CAESARIA / [NVS] (?) [...]

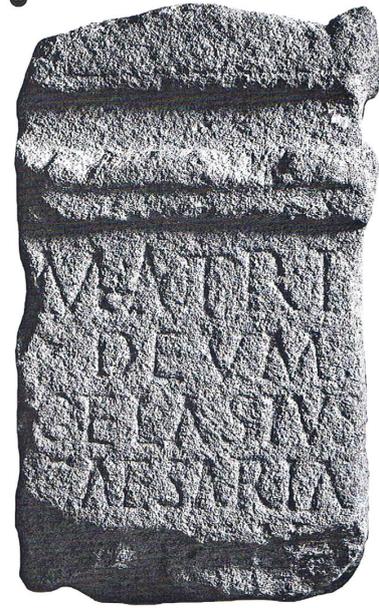
Descrição:

Ara dedicada a Cibele.
Quartel dos Caçadores 3,
1935

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993:18, nº33;
Colmenero 1997a:118, nº88

Fotografia:



EPI:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

[...] [CO]S DES(signatus) /
[PRO]CO(n)S(uli) / L(iberti)
P(ublici) P(atrono)

Descrição:

Epígrafe honorífica. Quartel
dos Caçadores 3, 1935

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 18, nº34;
Colmenero 1997a:437, nº
601

Fotografia:



O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Fotografia:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

[...] O [...] / [...] O SE / A V [...]

Descrição:

Epígrafe honorífica. Quartel dos Caçadores 3, 1935

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 18, nº34

EPI:

Fotografia:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

[...] / [...] MAR(cus)
IA(nuaris) / [...] AN [...] ET
FRATER / [...] [CVM] BASSI

Descrição:

Epígrafe honorífica. Quartel dos Caçadores 3, 1935

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 18, nº34

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

I(ovi) O(ptimo) M(aximo) /
SOC(ilius) / V-A-LE/ [RIVS] /
PIVS / [P](osuit?)

Descrição:

Ara dedicada a Júpiter.
Quartel dos Caçadores 3,
1935

Referências_bibliográficas:

Colmenero 1997a: 63, nº16

Fotografia:



EPI:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

TVTELAE / M(unicipium) (?)
AQ(ui)flaviense) (?) LEDA (?) /
PEREGRINORVM / EX
V(otum) P(osuit)

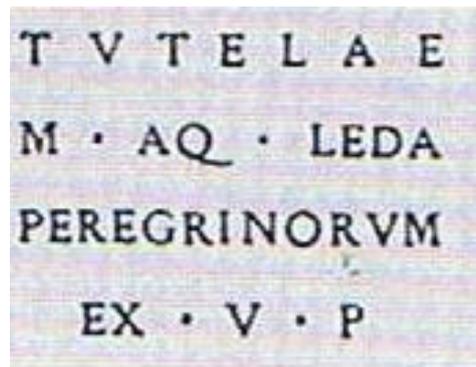
Descrição:

Epígrafe votiva dedicada à
Tutela. Praça de Camões

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 17-18,
nº32; Colmenero
1997a:104, nº 74

Fotografia:



O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

[IMP(eratori) CAES(ari)
T(ito) AELIO / HADRIANO NA
/ T]ON[INO AVG(usto)] /
PONT(ifici) MAX(im)o /
TR(ibunitia) POT(estate) II
CO(n)S(uli) / P(atri) P(atriae)
/ CIVI(tas)
[AQVIFLAVIENSIVM]

Descrição:

Inscrição honorífica
dedicada ao Imperador
Antonino Pio. Torre de
Menagem, 1971

Fotografia:



Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 16, nº29;
Colmenero 1997a:429, nº
590

EPI:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

CINNA MVS(etius) PIVS[S
P(osuit)]

Descrição:

Lápide funerária ou
honorífica. Torre de
Menagem

Fotografia:

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 16, nº29

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Fotografia:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

Descrição:

Ara aparentemente anepígrafa. Muralha

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 16, nº29

EPI:

Fotografia:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

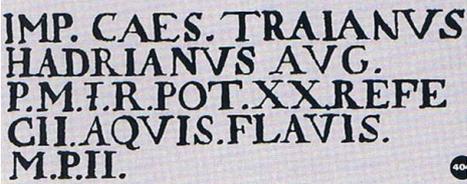
IMP(erator).CAES(ar)
TRAIANVS HADRIANVS
AVG(ustus). P(ontifex)
M(aximus) TR(ibunica)
POT(estate) XX REFECI[t]
AQVIS FLAVIS M(iliam)
P(asuum) II

Descrição:

Miliário da Via XVII. Igreja e Convento de São João de Deus

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 19, nº36;
Colmenero 1997a: 320, nº
404



IMP. CAES. TRAIANVS
HADRIANVS AVG.
P.M.I.R.POT.XX.REFE
CII.AQVIS.FLAVIS.
M.P.II.

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

I(ovi) O(ptimo) M(aximo) /
VAL(erius) REBV/[R]RVS /
SACRVM / P(osuit) L(ibens);
(lado direito) [...] VSO [...] /
P[...]

Descrição:

Ara dedicada a Júpiter.
Largo da Madalena

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 23, nº 52

Fotografia:



EPI:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

IMP(eratori) CAES(ari)
NERVA / TRAIANO AVG(usto)
GER(manico) / DACICO
PONT(ifici) MAX(imo) /
TRIB(unitia) POT(estate)
CO(n)S(ule) V P(atri) P(atria)
/ AQVIFLAVIENSES /
PONTEM LAPIDEUM / DE
SVO F(aciendum) C(uravit)

Descrição:

Coluna comemorativa. Ponte
de Trajano

Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 20, nº 39;
Colmenero 1997a: 427, nº
588

Fotografia:



O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI: 33

Tipo: Honorífica

Datação: 79 d.C.

Interpretação:

IMP(eratori) CAES(ari)
VE[SP(asiano) AVG(usto)
PONT(ifici)] / MAX(imo)
TRIB(unitia) POT(estate) [X
IMP(eratori) XX P(atri)
P(atriciae) CO(n)S(uli) IX] /
IMP(eratori) VESP(asiano)
CAES(ari) AV[G(usti) F(ilio)
PONT(ifici) TRIB(unitia)
POT(estate)] / VIII
IMP(eratori) XIII CO(n)S(uli)
VII / [...] / G(aio) CALPETANO
RA[NTIO QVIRINALI] /
VAL(erio) FESTO LEG(ato)
A[VG(usti) PR(o) PR(aetore)]
/ D(ecimo) CORNELIO
MAE[CIANO LEG(ato)
AVG(usti)] / L(ucio)
ARRVNTIO MAX[IMO
PROC(uratori) AVG(usti)] /
LEG(ioni) VII GEM(inae)
[FEL(ici)] / CIVITATES [X]
AQVIFLAVIEN[SES
AOBRIGENSES] / BIBALI
COEL[ERNI EQVAESI] /
INTERAMIC[I LIMICI
AEBISOCI] / QVARQVE[R]NI
TA[MAGANI]

Descrição:

Padrão dos Povos. Ponte de Trajano, 1980

Fotografia:



Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 20, nº40

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Fotografia:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

F SEVERI

Descrição:

Fragmento de epígrafe.
Edifício Angola, 1989



Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 15;
Colmenero 1997a:462,
nº622

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

FONT(i) / GAND(...) / LIBER

Descrição:

Ara dedicada a Fons Gand(?). Urbanização da Muralha, 2004

Referências_bibliográficas:

Carneiro 2005: 103-104

Fotografia:



FONT
GAND
LIBER

EPI:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

VEN-ERI / VICTRICI /
L(ucius)? A(vitus)? (hedera)
EX . VI(su) / AR(am) P(osuit)

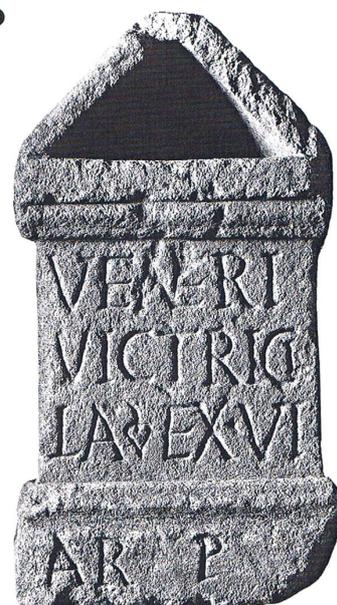
Descrição:

Árula a Vénus. Rua Padre Afonso Magalhães, 1929

Referências_bibliográficas:

Colmenero 1997a: 110, nº 80

Fotografia:



O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval

EPI:

Tipo:

Datação:

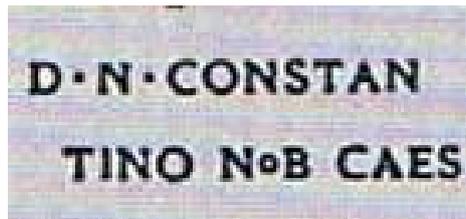
Interpretação:

DO(mi)N(o) N(ostro) /
CONSTA/NTIN(o) /
N[O]B(ilissimo) CAES(ari)

Descrição:

Miliário. Localização inexacta

Fotografia:



Referências_bibliográficas:

Amaral 1993: 19, nº 37;
Colmenero 1997a: 332, nº
424

EPI:

Tipo:

Datação:

Interpretação:

FUNDOU-SE ESTA CAPELA
NO SITIO DO TOURAL NA
ERA DE 1287 QUE
CORRESPONDE AO ANNO DE
CHRISTO DE 1249

Descrição:

Inscrição de fundação da
Capela de Santa Catarina.
Rua 1º de Dezembro

Fotografia:



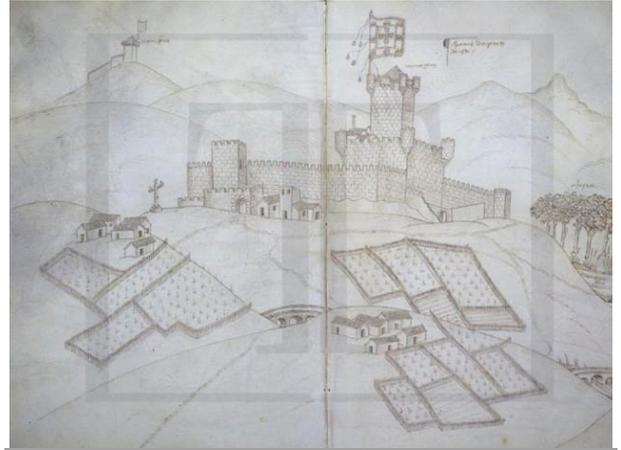
Referências_bibliográficas:

Machado 2000: 225

Anexos

Anexo IV

O tecido urbano flaviense: Aqueae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

1

Título:

Livro das Fortalezas de Duarte D' Armas

Sítio Arqueológico:

Chaves

Século:

XVI

Autor:

Duarte D'Armas

Ano:

1494-152

Escala:

Descrição:

- Trata-se da representação mais antiga da cidade de Chaves.
- O autor representa neste desenho o recinto medieval da vila e os seus dois arrabaldes, onde é perfeitamente perceptível que a vila permanecia na sua quase totalidade fechada no interior da cerca rectangular, rodeada pelo muro baixo da barbacã. Na vista Oeste, observa-se no interior do castelo umas casas altas com uma chaminé, que corresponderão aos paços de D. Afonso e seus descendentes, edificados sobre os anteriores paços do alcaide. De referir ainda as duas pontes que cruzavam o rio Ribelas.

Notas:

Observações:

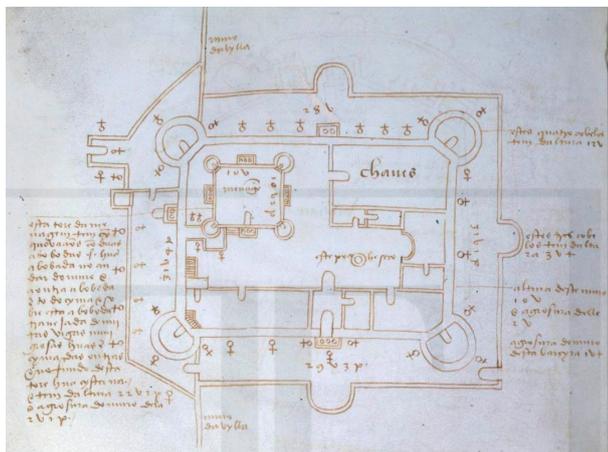
Publicada:



Referências bibliográficas:

Duarte De Armas 1507; www.ttonline.pt

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

2

Título:

Livro das Fortalezas de Duarte D'Armas

Sítio Arqueológico:

Chaves

Autor:

Duarte D'Armas

Século:

XVI

Ano:

1494-152

Escala:

Descrição:

- Esta representação do Castelo de Chaves insere-se no Livro das Fortalezas deste autor, são as representações mais antiga da cidade de Chaves.
- O autor representa neste desenho a planta do Castelo de Chaves.

Notas:

- Nesta representação são exibidas várias notas do autor, no entanto dado a baixa qualidade, não nos foi possível perceber as anotações.

Observações:

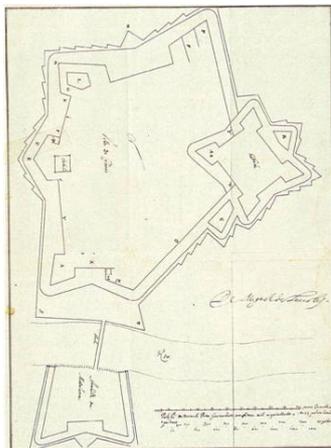
Publicada:



Referências bibliográficas:

Duarte De Armas 1507

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

3

Título:

[Planta da Praça de Chaves] / Miguel de Lescole

Sítio Arqueológico:

Chaves

Autor:

Michel d` ou Lescolle, Michel de ou Lescol, Miguel de l'École

Século:

XVII

Ano:

Escala:

200 passos geométricos=134 mm

Descrição:

-Planta de Miguel de l'École, mais conhecido por Miguel d' Lescole, engenheiro com o título de tenente de artilharia. É este autor que inicia a obra de fortificação da vila de Chaves a qual teria tido lugar, a 8 de Fevereiro de 1663. Segundo os Apontamento de Obra do próprio Lescole, o plano das muralhas da praça de acordo com desenho que dele fizera, foi "trassado na terra" em Fevereiro de 1664. O projecto de fortificação concebido por Lescole visava ligar num único circuito amuralhado as duas fortificações pré-existentes: a Cerca e Castelo medievais e o Forte de N. Sra. Do Rosário ou de São Francisco.

Notas:

- À margem (ms. Post.): «Veja-se Decreto de 20 de Abril de 1700 (Chaves, Sinopse dos Decretos do C.G.) Vol. III, p. 313 a 317»

Observações:

O modelo utilizado pelo autor é uma estrutura abaluartada hexagonal do lado Oeste da ponte, e no lado Este, um hornaveque para maior protecção quer da passagem no rio quer da cortina em que se abriam duas das portas: as Portas da Vila e o Postigo das Manas.

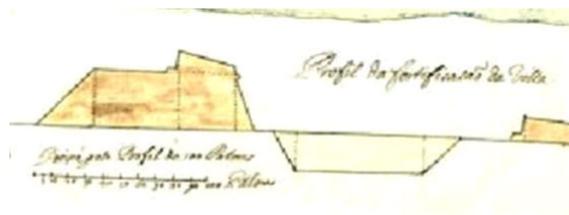
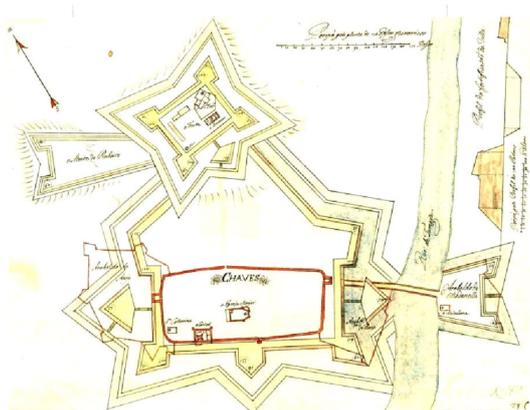
Publicada:



Referências bibliográficas:

Gomes 2006

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

4

Título:

CHAVES / Perfil da fortificação da villa

Sítio Arqueológico:

Chaves

Autor:

Sem autor

Século:

XVII

Ano:

1640

Escala:

Planta, 150 passos, Perfil- 100 palmos

Descrição:

- Planta das fortificações abaluartadas da cidade. Observa-se um perfil da fortificação com um projecto de melhoria. Em todos os baluartes, anota-se o grau que formam os seus lados.
- Orientação dada por seta (canto sup. Esq.).

Notas:

O autor é o mesmo que elaborou os planos de Vinhais, Bragança e Miranda. - Contém um perfil da fortificação com um projecto de melhoria

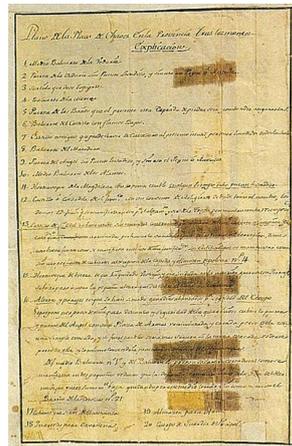
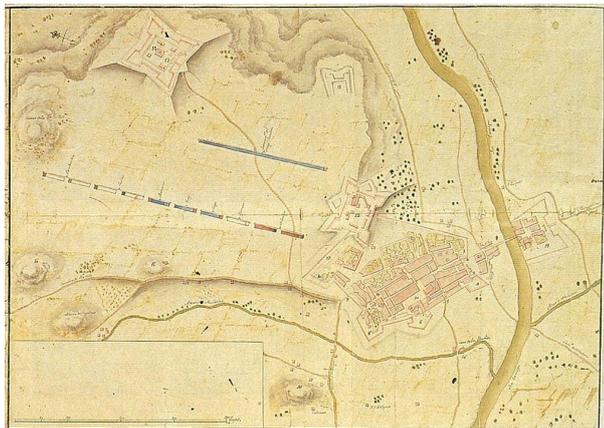
Observações:

Publicada:

Referências bibliográficas:

NÚÑEZ, RUBIO; RUBIO (s.d.) - La memoria ausente. Cartografía de España y Portugal en el Archivo Militar de Estocolmo. Siglos XVII y XVIII, Badajoz

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

5

Sítio Arqueológico:

Chaves

Século:

XVIII

Ano:

Título:

Plano Dela Plaza De Chaves en la
Provincia tras los montes

Autor:

Exército espanhol

Escala:

400 toesas = 149 mm

Descrição:

- Planta da cidade de Chaves e arredores próximos mostrando as posições ocupadas pelas tropas. A metade esquerda da folha é ocupada por uma extensa legenda identificadora dos pontos... na planta e descritiva dos movimentos das tropas.

Notas:

Observações:

- Observa-se nesta representação a rede viária que saía da cidade, provavelmente aproveitando ainda a rede viária romana.

Publicada:



Referências bibliográficas:

<http://cartografiaurbana.ceurban.com>

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

6

Sítio Arqueológico:

Chaves

Século:

XVIII

Ano:

1755

Título:

Descripção Topographica da villa de Chaves e seus arrabaldes

Autor:

Joseph Baptysta

Escala:

Descrição:

- Representação da cidade onde se nota um clara alteração da realidade da cidade, uma vez que apresenta as ruas e o edificado completamente ortogonal.

Notas:

Observações:

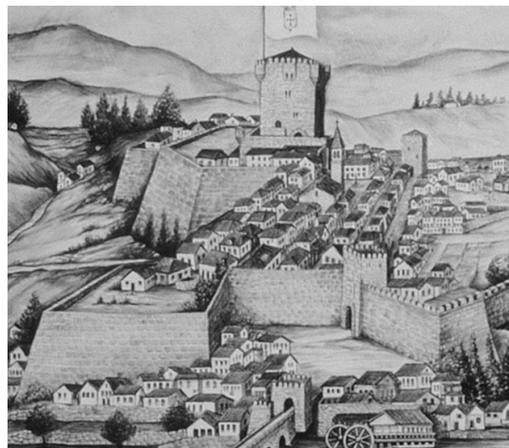
Publicada:



Referências bibliográficas:

Colmenero 1997:55

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

7

Título:

A Villa de Chaves. Praça das Armas da
Provincia de Tras os Montes

Sítio Arqueológico:

Chaves

Autor:

Sem autor

Século:

XVIII

Ano:

Escala:

Sem escala

Descrição:

- Representação da Vila de Chaves e das suas fortificações, onde se observa o recinto medieval, perfeitamente rectangular, e uma só ponte sobre o rio Ribelas, ainda que como refere Rodríguez Colmenero "um sombreado do desenho corresponde ao caminho que, na representação de Duarte D'Armas aparece constatado como a segunda dessas pontes mencionadas" Colmenero 1997:56

Notas:

Observações:

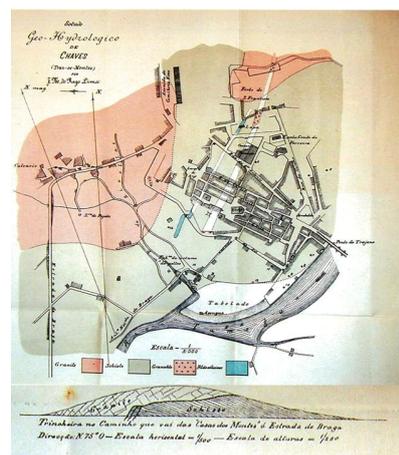
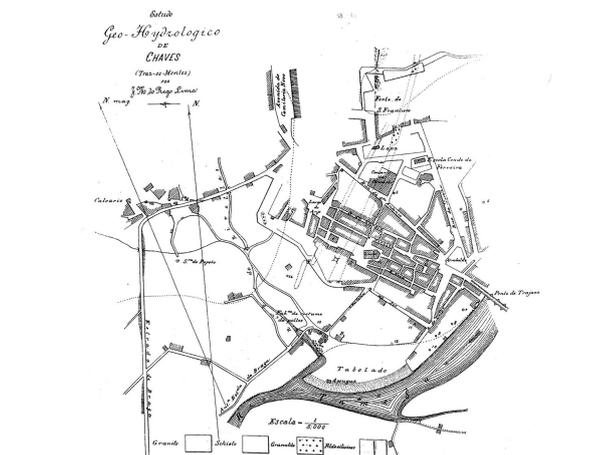
Publicada:



Referências bibliográficas:

Montalvão :157; Colmenero 1997:56

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

8

Título:

Estudo Geo-Hydrologico de Chaves (Trás-os-Montes)

Sítio Arqueológico:

Chaves

Século:

XIX

Autor:

J. M. Do Rego Lima

Ano:

Escala:

1:5000

Descrição:

- Planta do estudo geo-hidrologico da cidade de Chaves.
Observa-se a indicação dos vários tipos de elementos litológicos presentes na área da cidade, e os locais por onde passaria o filão silicioso de onde brotam as águas termais.

Notas:

- Elementos litológicos;
- Escala;
- Nome do autor;
- Indicação do Norte magnético e cartográfico

Observações:

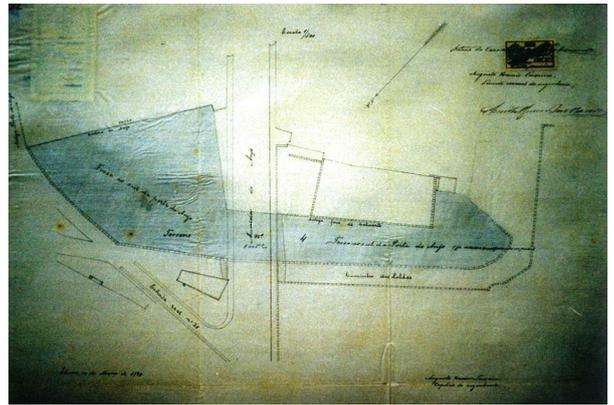
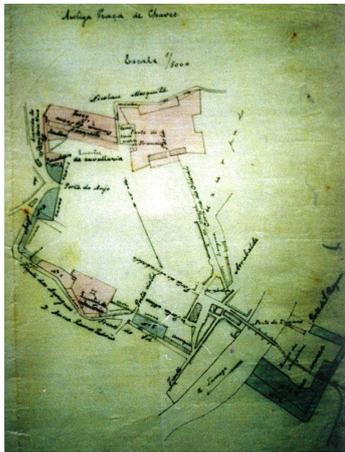
Publicada:



Referências bibliográficas:

Colmenero 1997:58, Fernandes 2005

O tecido urbano flaviense: Aque Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

9

Título:

- Antiga Praça de Chaves
- Fosso ao Sul da Porta do Anjo

Sítio Arqueológico:

Chaves

Autor:

Augusto Xavier Teixeira, Capitão de Engenharia

Século:

XIX

Ano:

1893

Escala:

1:5000 / 1:500

Descrição:

- Planta da cidade com a localização de todos os terrenos pertencentes ao Ministério da Guerra, e com a discriminação dos terrenos a serem cedidos.
- Planta do Fosso ao Sul da Porta do Anjo

Notas:

Observações:

- Planta de 10 de Março de 1893

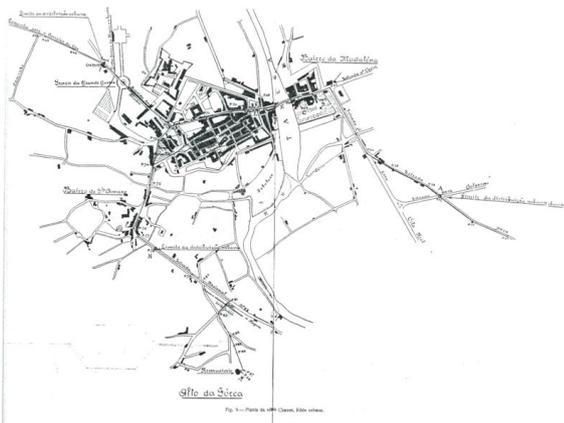
Publicada:



Referências bibliográficas:

Fernandes 2005

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

10

Título:

Planta da vila de Chaves. Rêde Urbana

Sítio Arqueológico:

Chaves

Autor:

Eng. Mário Filgueiras

Século:

XX

Ano:

1921

Escala:

1:8000

Descrição:

- Planta dos anos 20 do séc. XX que nos dá conta do abastecimento da água à vila de Chaves

Notas:

Observações:

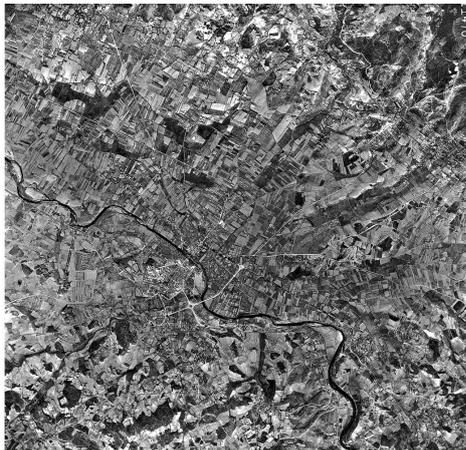
Publicada:



Referências bibliográficas:

Fernandes 2005

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

11

Título:

Fotografia aérea da veiga de Chaves
(RAF 1947, foto 5.045)

Sítio Arqueológico:

Chaves

Século:

XX

Autor:

Royal Air Force

Ano:

1947

Escala:

1:25000

Descrição:

- Fotografia aérea da veiga de Chaves (RAF 1947, foto 5.045)

Notas:

Observações:

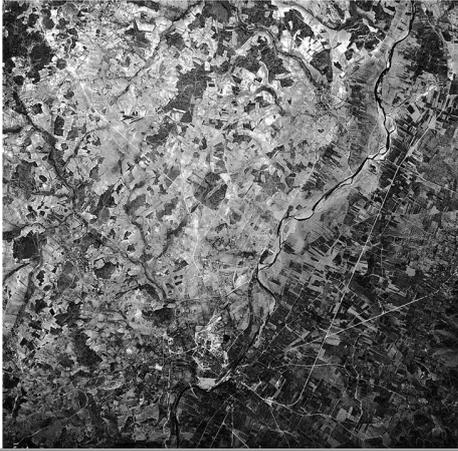
Publicada:



Referências bibliográficas:

Colmenero 1997:130

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

12

Título:

Fotografia aérea da veiga de Chaves
(USAF 1958, foto 11.470)

Sítio Arqueológico:

Chaves

Século:

XX

Autor:

USAF

Ano:

1958

Escala:

1:25000

Descrição:

- Fotografia aérea da veiga de Chaves (USAF 1958, foto 11.470)

Notas:

Observações:

Publicada:



Referências bibliográficas:

Colmenero 1997:128

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

13

Título:

Fotografia aérea actual e limite do centro histórico

Sítio Arqueológico:

Chaves

Século:

XXI

Autor:

Ano:

2006

Escala:

Descrição:

- Fotografia aérea actual da cidade de Chaves e limite do centro histórico

Notas:

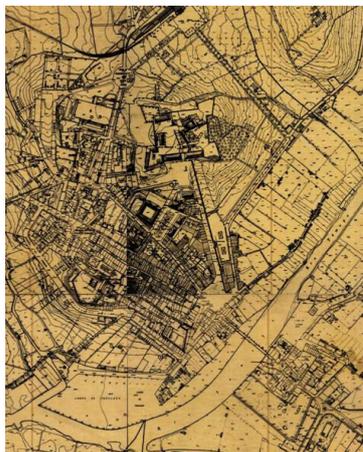
- Fotos gentilmente cedidas pela Câmara Municipal de Chaves

Observações:

Publicada:

Referências bibliográficas:

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

14

Título:

Carta topográfica de Chaves

Sítio Arqueológico:

Chaves

Século:

XX

Autor:

Ano:

1940

Escala:

Descrição:

Levantamento da cidade de Chaves realizado em 1940

Notas:

- Plantas gentilmente cedidas pela Câmara Municipal de Chaves

Observações:

Publicada:



Referências bibliográficas:

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

15

Título:

Carta topográfica de Chaves

Sítio Arqueológico:

Chaves

Século:

XX

Autor:

Ano:

1950

Escala:

Descrição:

Levantamento da cidade de Chaves realizado em 1950

Notas:

- Plantas gentilmente cedidas pela Câmara Municipal de Chaves

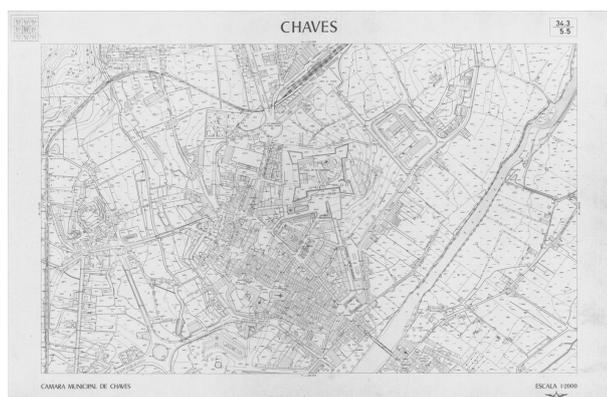
Observações:

Publicada:



Referências bibliográficas:

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

16

Título:

Carta topográfica de Chaves

Sítio Arqueológico:

Chaves

Século:

XX

Autor:

Ano:

1974

Escala:

Descrição:

Levantamento da cidade de Chaves realizado em 1974

Notas:

- Plantas gentilmente cedidas pela Câmara Municipal de Chaves

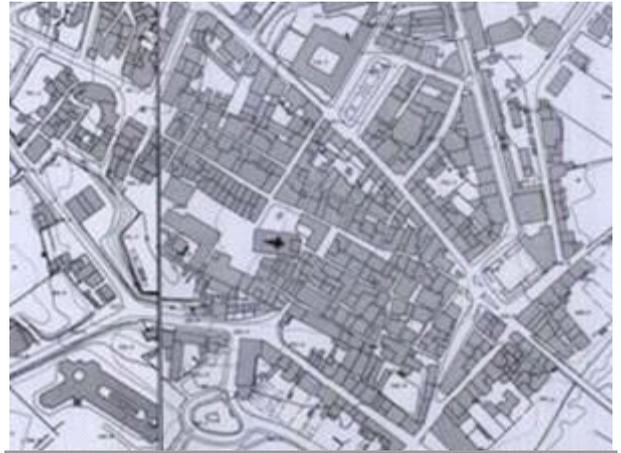
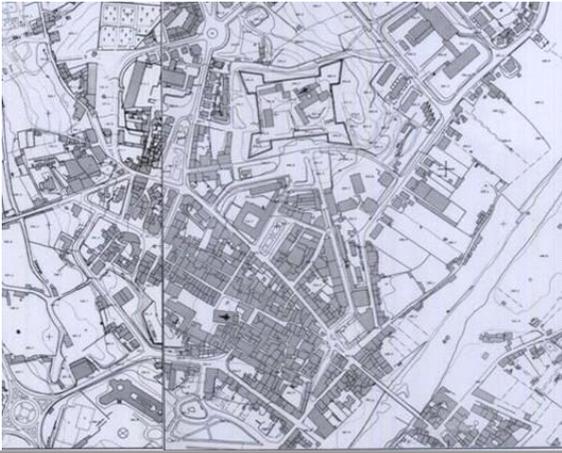
Observações:

Publicada:



Referências bibliográficas:

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

17

Título:

Carta topográfica de Chaves

Sítio Arqueológico:

Chaves

Século:

XX

Autor:

Ano:

1984

Escala:

Descrição:

Levantamento da cidade de Chaves realizado em 1984

Notas:

- Plantas gentilmente cedidas pela Câmara Municipal de Chaves

Observações:

Publicada:



Referências bibliográficas:

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

18

Título:

Planta actual da cidade

Sítio Arqueológico:

Chaves

Autor:

Câmara Municipal de Chaves

Século:

XXI

Ano:

2006

Escala:

Descrição:

- Planta da cidade actual, onde se pode observar o edificado e as muralhas medieval e setecentistas integradas com o edificado actual.

Notas:

- Plantas gentilmente cedidas pela Câmara Municipal de Chaves

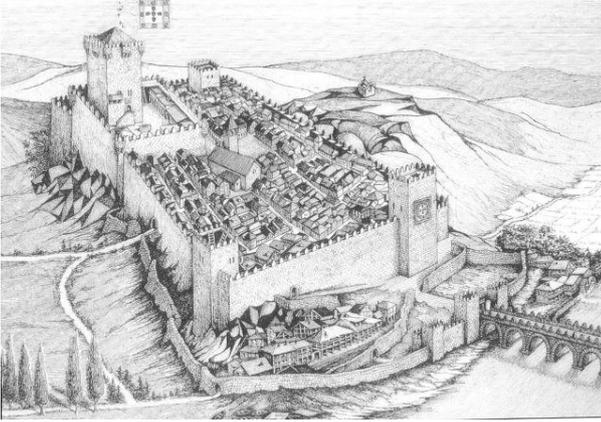
Observações:

Publicada:

Referências bibliográficas:

Inédita

O tecido urbano flaviense: Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Ficha nº:

20

Título:

Chaves medieval

Sítio Arqueológico:

Chaves

Autor:

desconhecido

Século:

XVI ?

Ano:

Escala:

Descrição:

- O autor representa nesta ilustração o recinto medieval da vila, onde é perfeitamente perceptível o edificado no interior da vila. Observa-se no interior da barbacã do Castelo os edifícios, que corresponderão ao antigo Paço dos Duques.

Notas:

Observações:

- Esta ilustração, é apresentada na segunda edição da publicação de Montalvão Machado, contudo não apresenta a referência bibliográfica, o que sugere que a ilustração foi feita pelo autor da publicação.

Publicada:



Referências bibliográficas:

Machado 2006

Apêndices

O apêndice I integra um conjunto de 6 plantas interpretadas, elaboradas em software de desenho assistido por computador (CAD), tendo como base cartográfica a planta cedida pela Câmara Municipal de Chaves.

A planta nº 01 documenta as estruturas romanas de Aquae Flaviae que têm sido identificadas, ao longo das últimas décadas, as quais serviram de base para a elaboração da planta nº 02, que encerra a nossa proposta de reconstituição da malha urbana romana. A planta nº 03 diz respeito ao período de transição entre os períodos romanos e medieval, integrando, por conseguinte, elementos que nos parecem terem persistido do traçado urbanístico baixo-imperial, bem como a fortificação medieval, determinante na conformação interna de uma urbanização.

A planta nº 04 representa a vila medieval de Chaves, com as estruturas definidoras da sua morfologia, designadamente a Igreja Matriz, o Castelo e o sistema de fortificação. A planta nº 05, de cariz mais técnico, corresponde à definição das Unidades Morfológicas de Análise, conceito que presidiu à estruturação das bases de dados relativas às fontes arqueológicas. Por último, a planta nº 06 reproduz o plano de intervenções arqueológicas que consideramos estratégico para a confirmação/ infirmação das propostas apresentadas ao longo do trabalho e, sobretudo, para a compreensão da evolução urbanística de Chaves.

O apêndice II integra um conjunto de fichas dedicadas à análise comparativa do edificado e da morfologia urbana de Chaves, através da iconografia e cartografia produzidas desde o século XVI. A Folha A diz respeito à comparação entre documentos iconográficos dos séculos XVI e XVIII, enquanto a confrontação da iconografia do século XVI com a cartografia do século XXI ocupa a Folha B. A Folha C corresponde à análise comparativa da iconografia do século XVIII com a cartografia do século XXI. Ainda neste apêndice, têm lugar 3 análises comparativas de pormenor do Castelo – Folhas A, B e C -, correspondendo ao mesmo número as análises comparativas de pormenor da Igreja Matriz ou Igreja de Santa Maria Maior. Por último, analisam-se as capelas medievais de Santo Amaro – Folha A -, de Santa Catarina – Folha B - e de Santa Maria Madalena – Folha C.

O apêndice III é dedicado à modelação tridimensional dos principais elementos definidores da vila medieval de Chaves – Folha A -, merecendo ênfase o Castelo – Folha B - e a Igreja de Santa Maria Maior – Folha C.

Apêndices

Apêndice I

O tecido urbano flaviense de Aquae Flaviae a Chaves Medieval



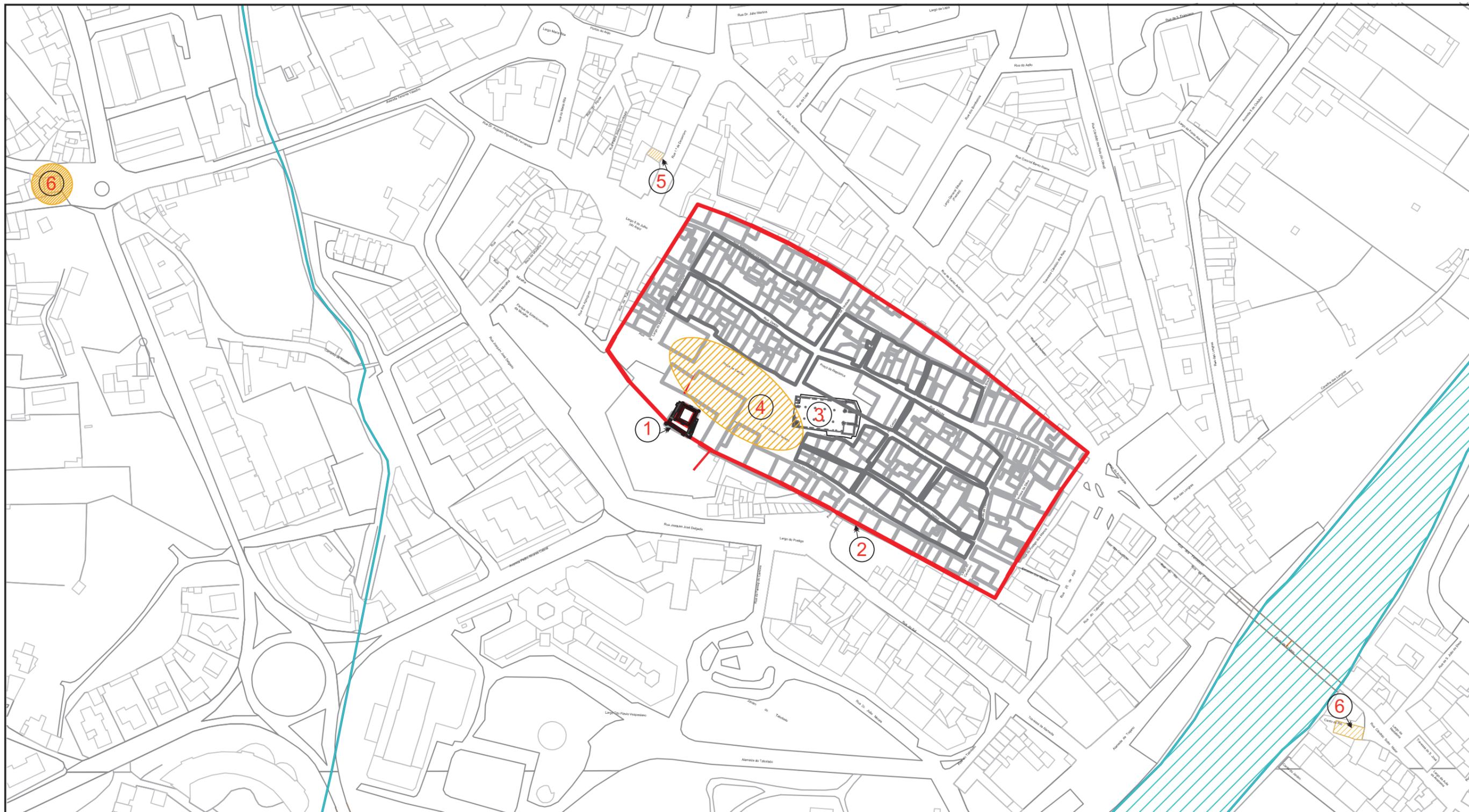
Planta das estruturas romanas			
Legenda	 Rio Tâmega	Escala:	 N
	 Edificado	1:2500	
	 Estruturas romanas		Planta nº: 01
			Data 2010



Proposta da malha urbana de Aquae Flaviae				
Legenda	 Rio Tâmega	Escala:		Planta nº:
	 Estruturas romanas			02
	 Proposta da malha urbana	1.2500		Data
				2010

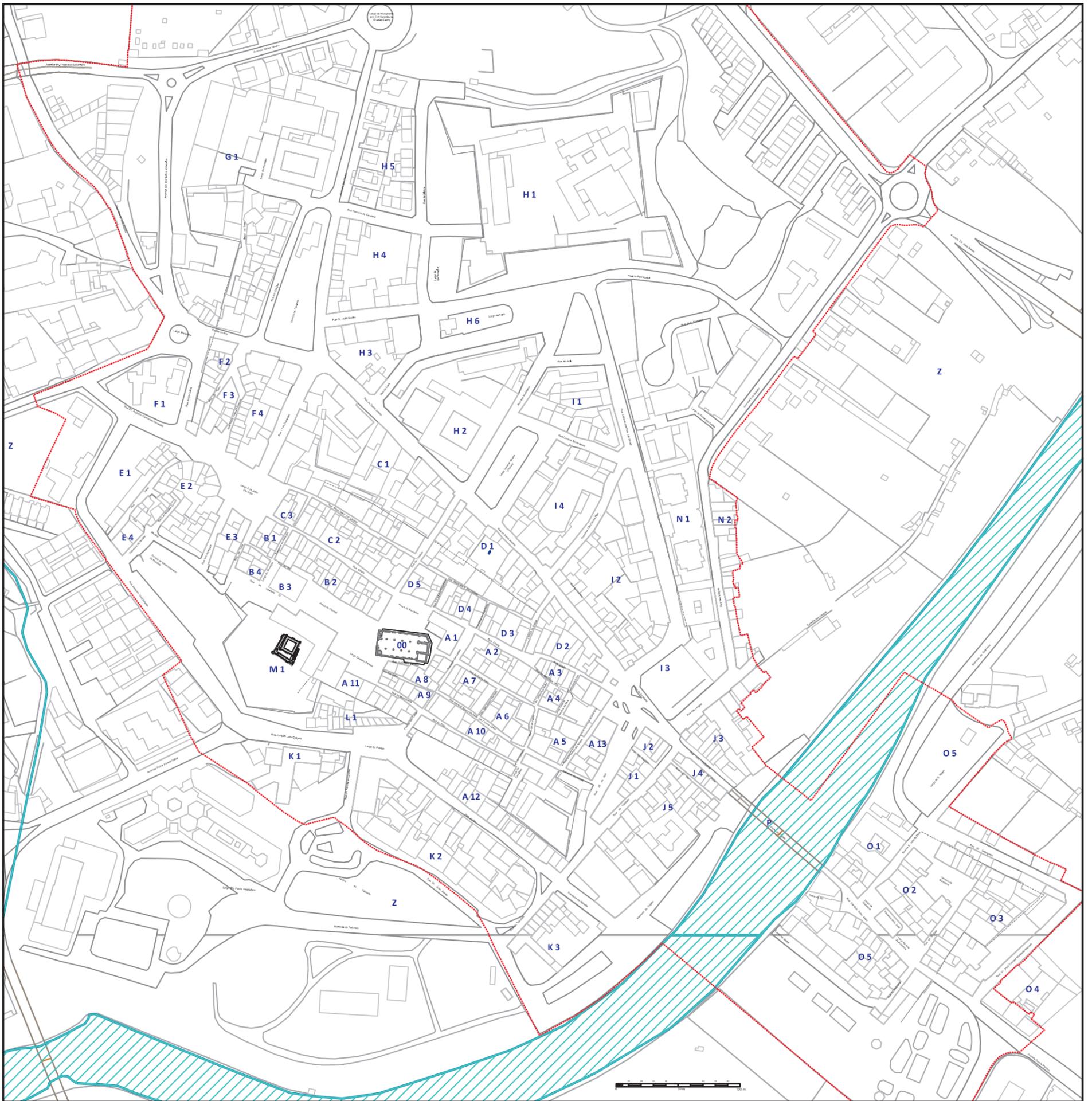


Proposta da malha urbana de Aquae Flaviae		Escala:		Planta nº:
Legenda	 Rio Tâmega	1:2500		03
	 Muralha medieval		Data	
	 Estruturas romanas		2010	
	 Quarteirões medievais			
	 Proposta da malha urbana			



Planta elementos medievais

Legenda	① Castelo	④ Localização original da Capela de Sta. Catarina	⑦ Capela de Sta. Maria Madalena	 Planta nº: 04
	② Muralha medieval	⑤ Localização actual da Capela De Sta. Catarina		
	③ Igreja de Sta. Maria Maior	⑥ Localização da Capela de Sto. Amaro		1:2500

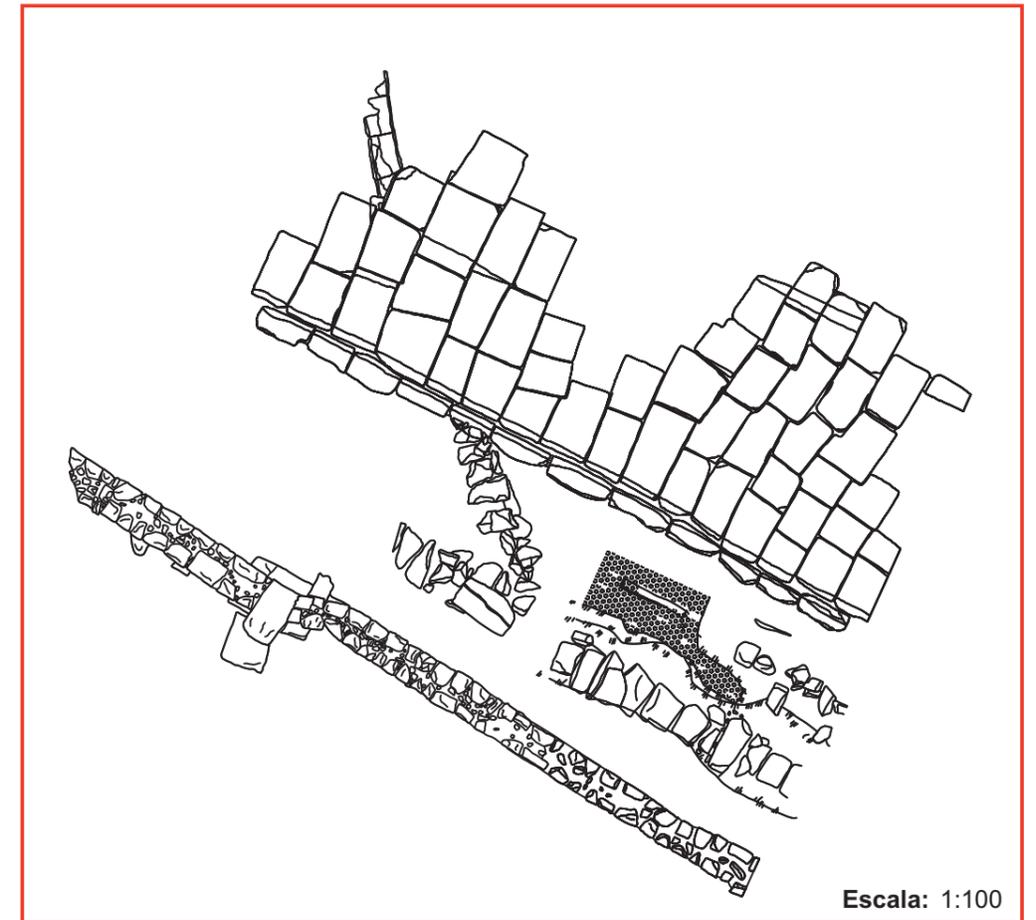
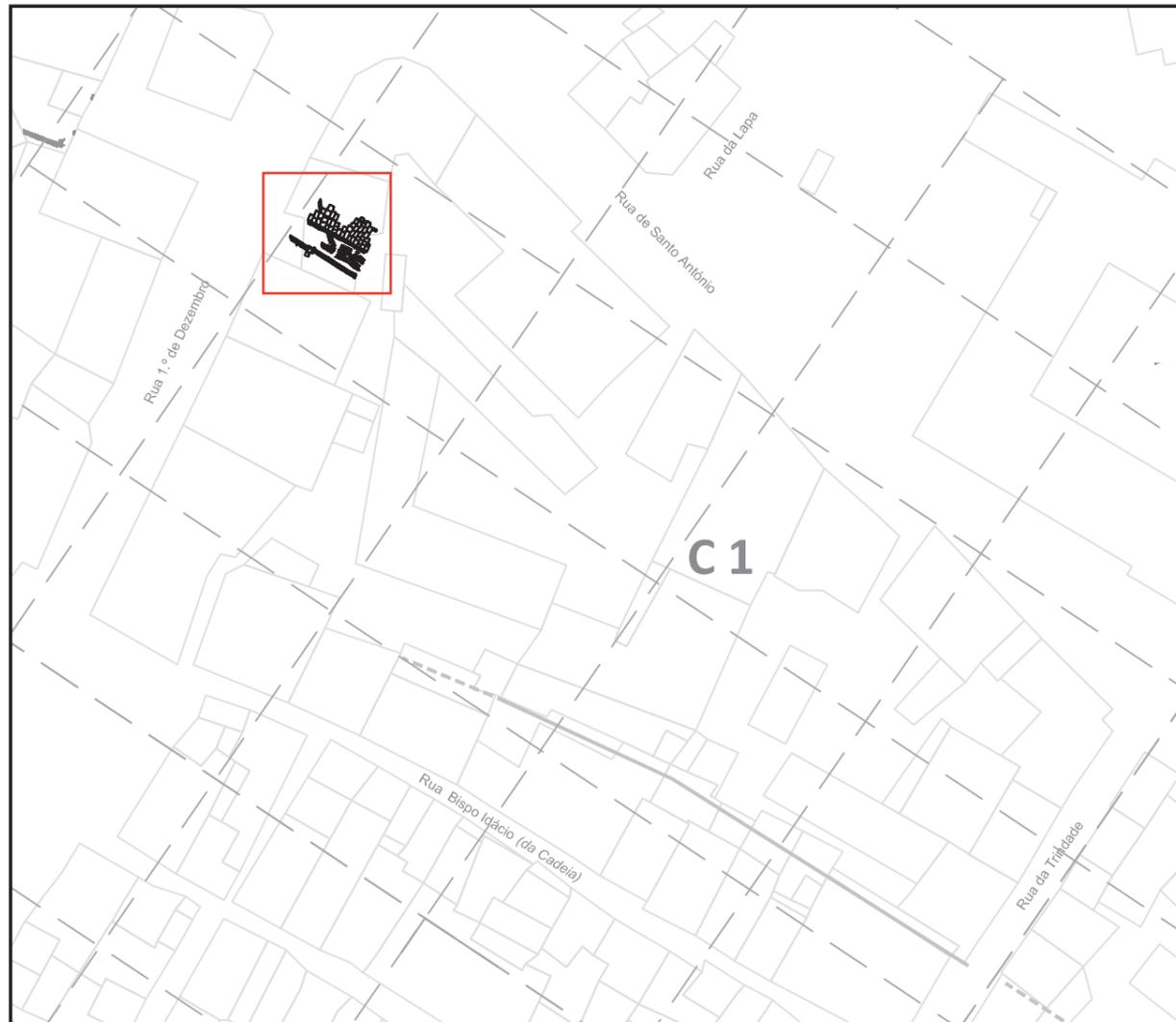


Quarteirões do Centro Histórico de Chaves		Escala 1:3000		Planta nº:
Legenda	 Nome do quarteirão			
	 Muralhas remanescentes		Data	
	 Limite do centro histórico		2010	

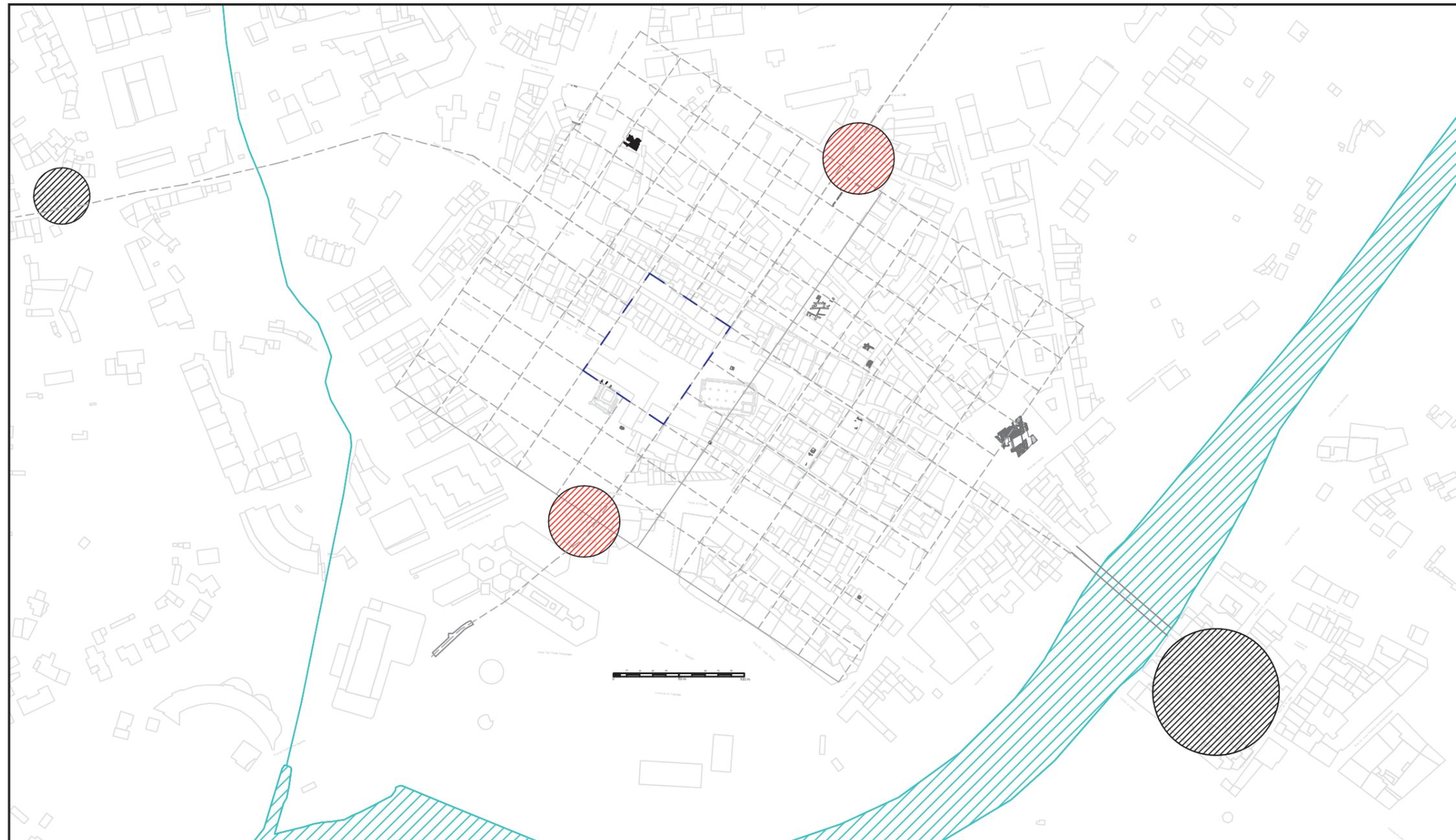


Proposta de zonas a intervencionar		
Escala:		Planta nº:
1:2000		06
		Data
		2010
Legenda		
1- Praça de Camões		
- Confirmar ou infirmar a localização do fórum romano		
2- Adro da Igreja de Santa Maria Maior		
- Identificar a fundação e apurar cronologia da Igreja de Santa Maria Maior		
3- Castelo		
- Definir a relação do Castelo actual com primeira edificação do século IX		
4- Beco da Muralha		
- Confirmar ou infirmar a existência do suposto teatro romano neste local		
5- Rua 1º de Dezembro		
- Estabelecer a relação entre as estruturas identificadas em 1989 no edifício São Paulo e a calçada romana identificada em 2010 na Rua 1º de Dezembro		
6- Rua do Sol		
- Estabelecer a relação entre a muralha actual com a primeira muralha do século IX e confirmar ou infirmar a existência de uma sobreposição da muralha medieval com uma muralha romana		

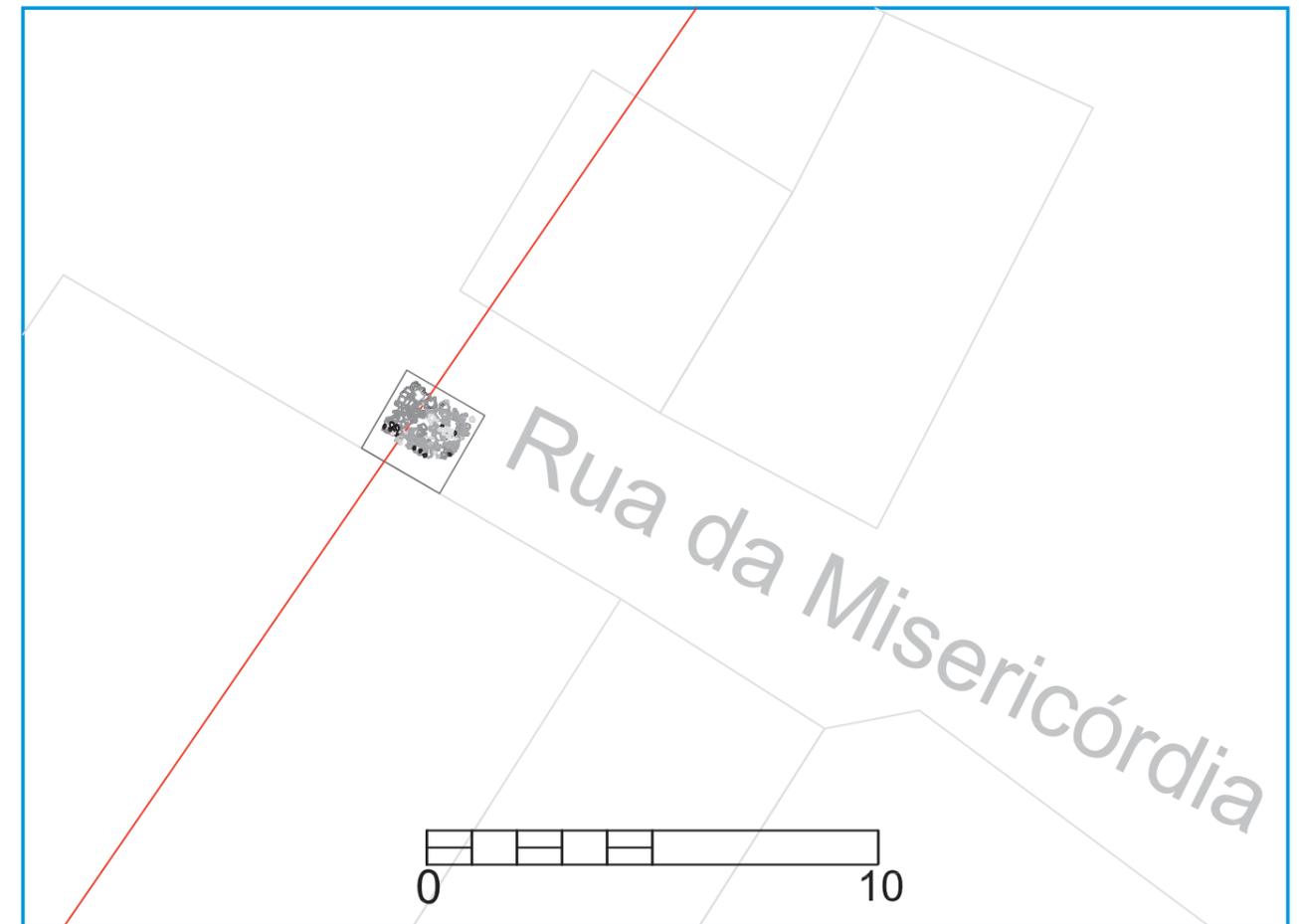
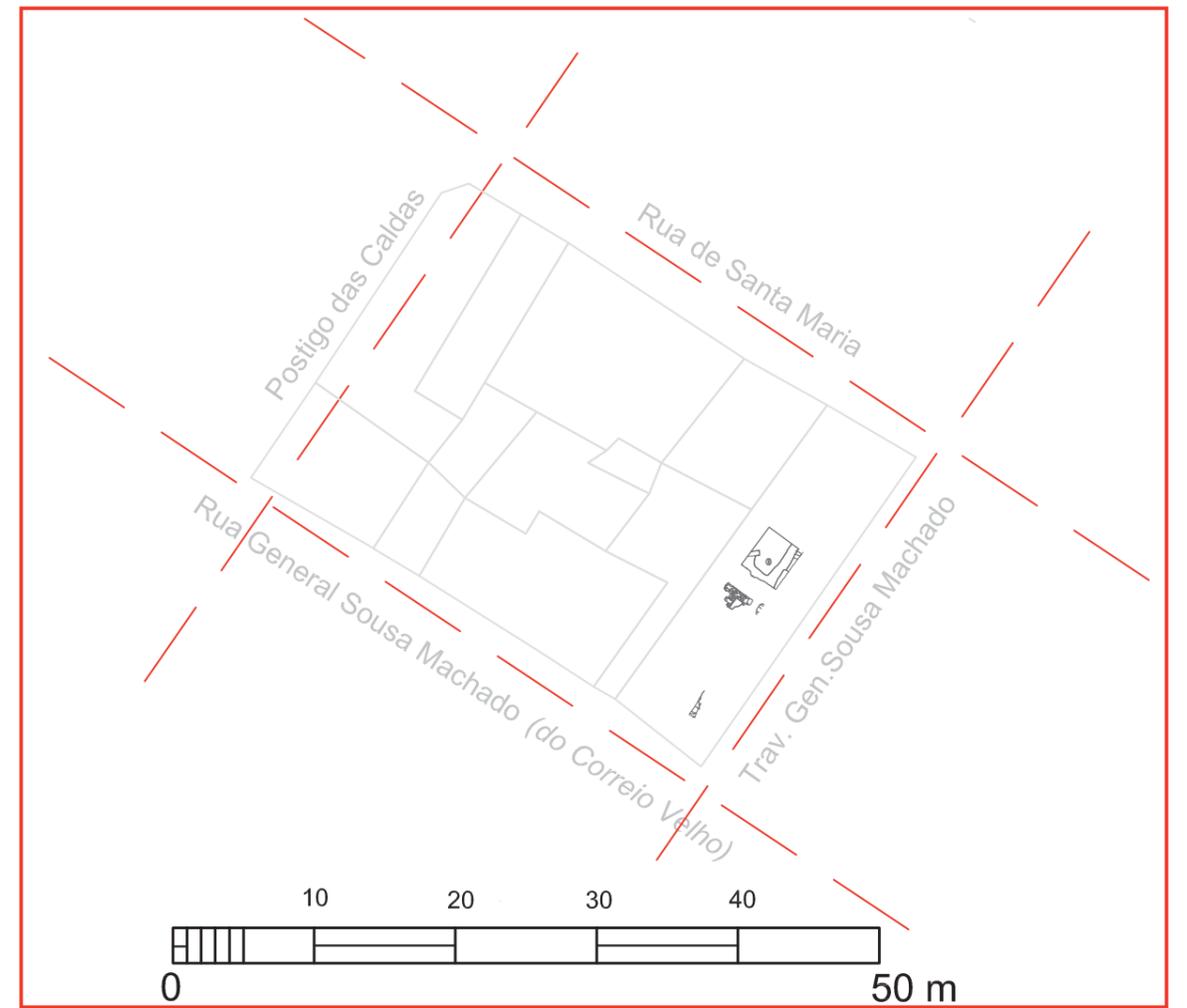
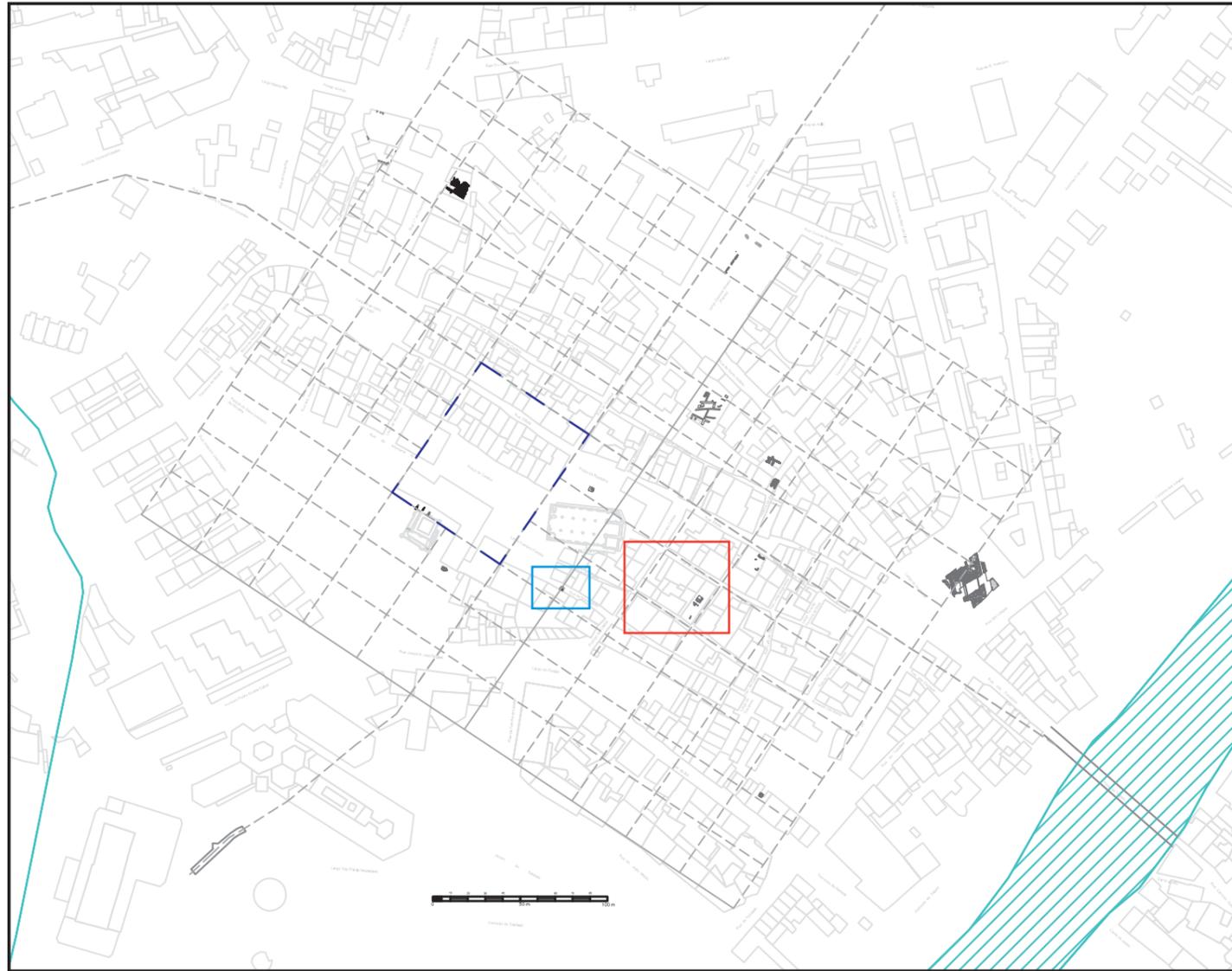
O tecido urbano flaviense de Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Planta pormenor calçada da Rua 1º de Dezembro				
Legenda	-----	Malha teórica proposta	Escala:	
	—	Edificado	1:1000	
	—	Estruturas romanas		
				Planta nº:
				07
			Data	
			2010	



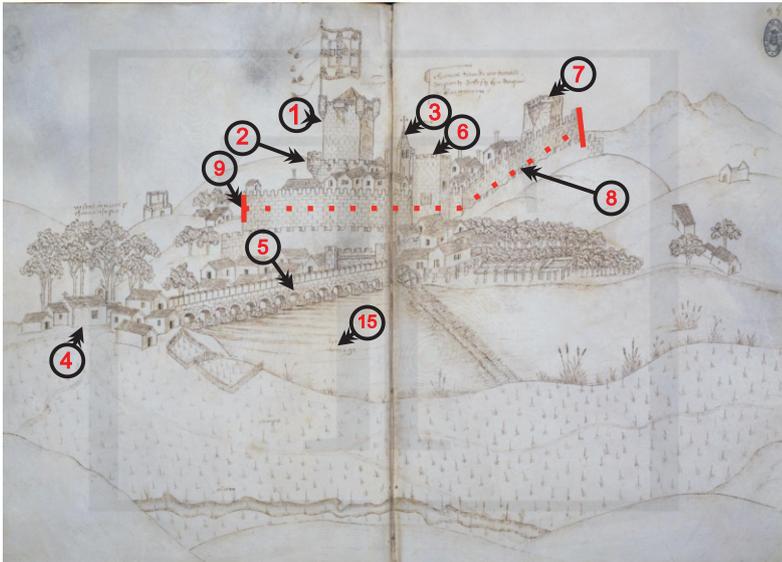
Planta limites da cidade romana			
Legenda	----- Malha teórica proposta	● Necrópole constatada	Escala:
	Edificado		
— Estruturas romanas		1:3500	
▨ Rio Tâmega			
▨ Ribeiro Ribelas			08
			Data
			2010



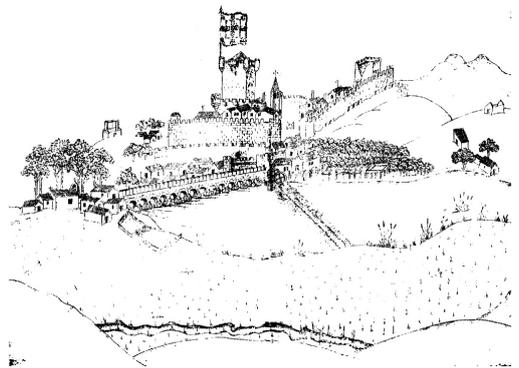
Planta limites da cidade romana		Escala: 1:3500		Planta nº:
Legenda	 Malha teórica proposta			 Pormenor <i>Insulae</i> fossilizada
	 Edificado	 Pormenor calçada na Rua da Misericórdia	Data	
	 Estruturas romanas		2010	
 Rio Tâmega				
 Ribeiro Ribelas				

Apêndice II

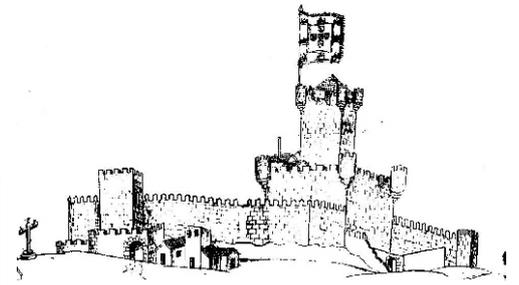
Análise



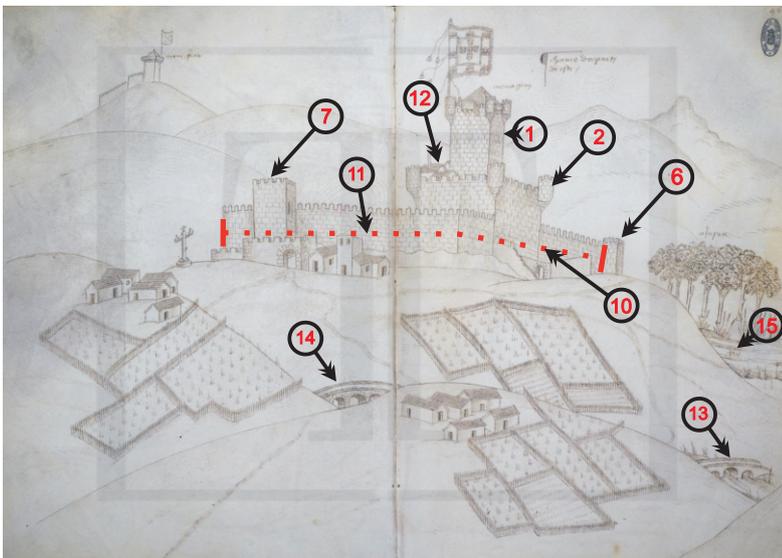
- Planta séc. XVI, Livro das Fortalezas de Duarte D' Armas, vista Este - Oeste



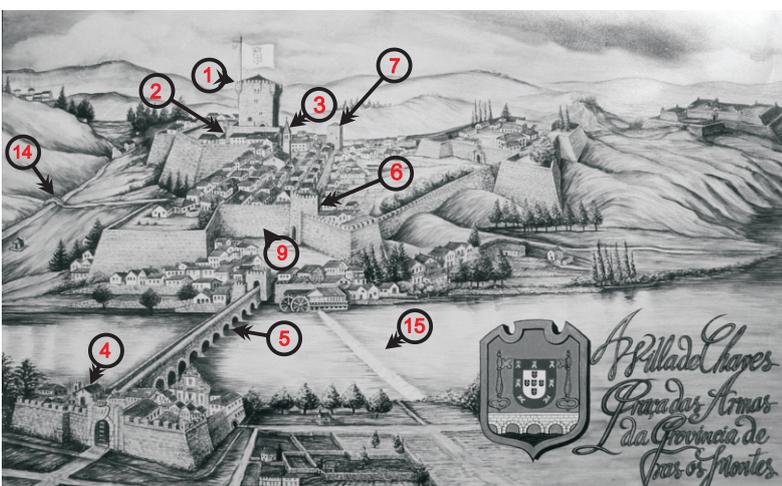
- Livro das Fortalezas de Duarte D' Armas, vista Este - Oeste- adaptado



- Livro das Fortalezas de Duarte D' Armas, vista Oeste - Este- adaptado



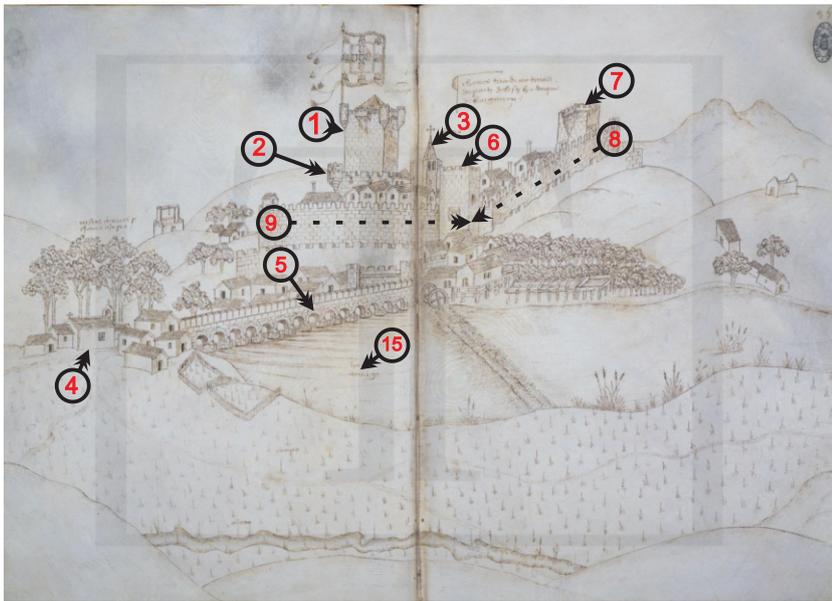
- Planta séc. XVI, Livro das Fortalezas de Duarte D' Armas, vista Oeste - Este



- Planta "A Villa de Chaves Praça das Armas da Provincia de Tras os Montes" - séc. XVIII

Folha:	A
- Iconografia século XVI e século XVIII	
Data:	2010
Legenda	
1- Castelo	
2- Barbacã	
3- Igreja de Santa Maria Maior	
4- Capela de Santa Maria Madalena	
5- Ponte de Trajano	
6- Torreão Este da muralha medieval	
7- Torreão Oeste da muralha medieval	
8- Pano Norte da muralha medieval	
9- Pano Este da muralha medieval	
10- Pano Sul da muralha medieval	
11- Pano Oeste da muralha medieval	
12- Paço dos Duques de Bragança	

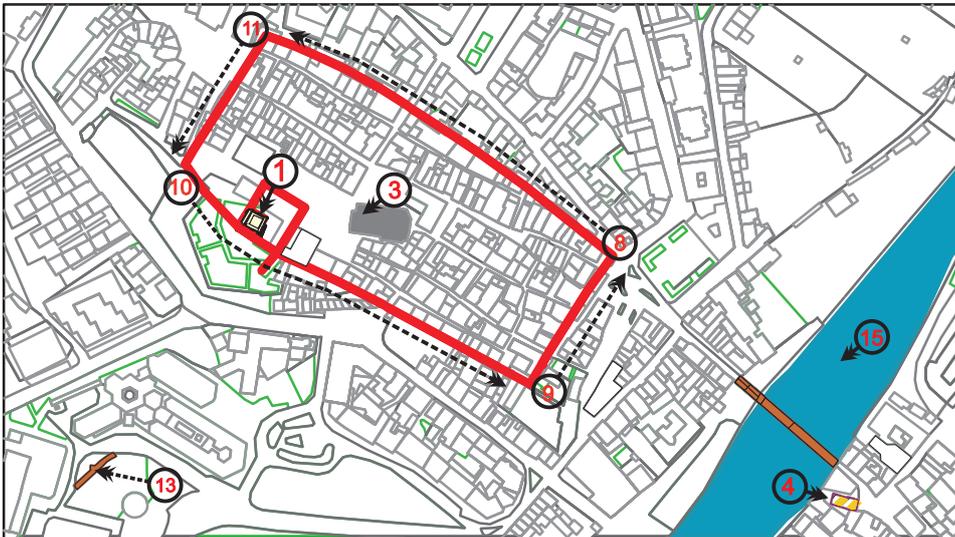
Análise



- Planta séc. XVI, Livro das Fortalezas de Duarte D' Armas, vista Este - Oeste



- Planta séc. XVI, Livro das Fortalezas de Duarte D' Armas, vista Oeste - Este



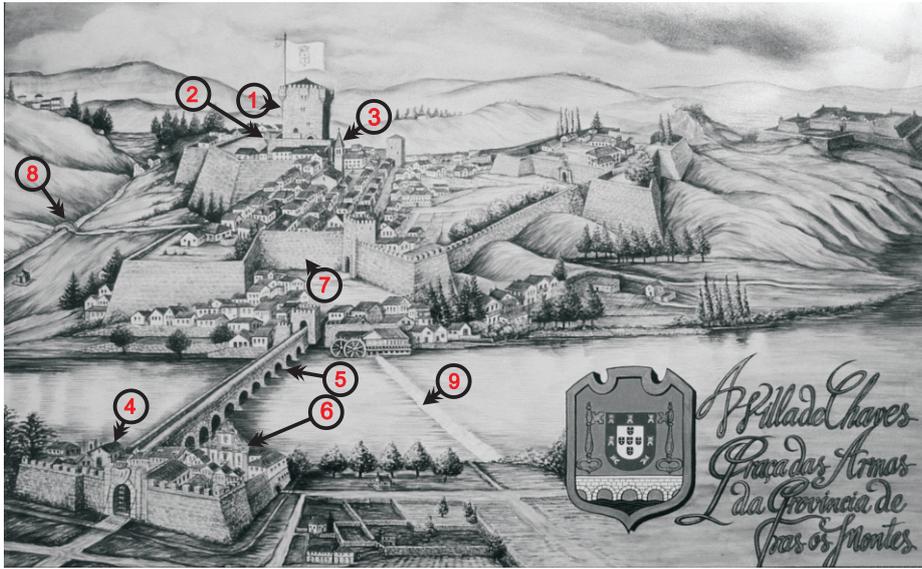
- Planta actual da cidade de Chaves

0 100 200 Metros

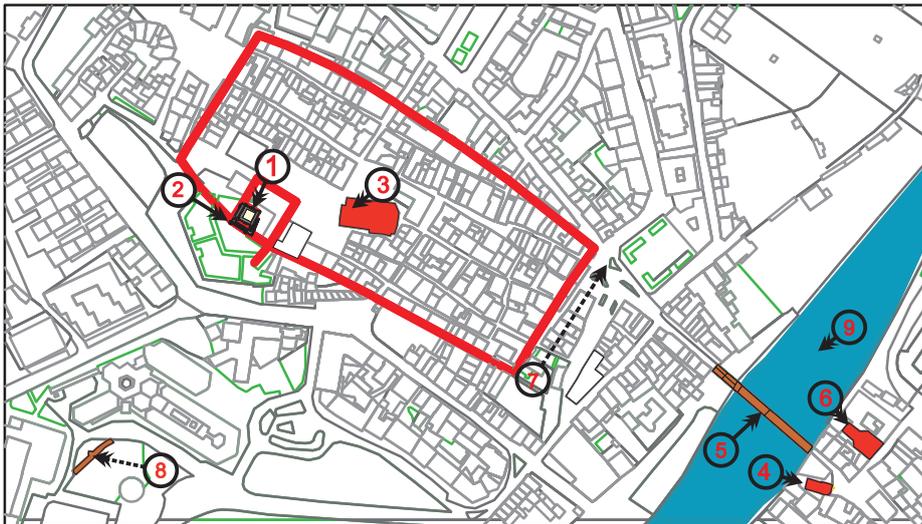
Escala: 1:5000

Folha:	B
- Iconografia século XVI e planta actual	
Data:	2010
Legenda	
1- Castelo	
2-Barbacã	
3- Igreja de Santa Maria Maior	
4- Capela de Santa Maria Madalena	
5- Ponte de Trajano	
6- Torreão Este da muralha medieval	
7- Torreão Oeste da muralha medieval	
8- Pano Norte da muralha medieval	
9- Pano Este da muralha medieval	
10- Pano Sul da muralha medieval	
11- Pano Oeste da muralha medieval	
12- Paço dos Duques de Bragança	
13- Ponte medieval	

Análise



- Planta "A Villa de Chaves Praça das Armas da Provincia de Tras os Montes" -

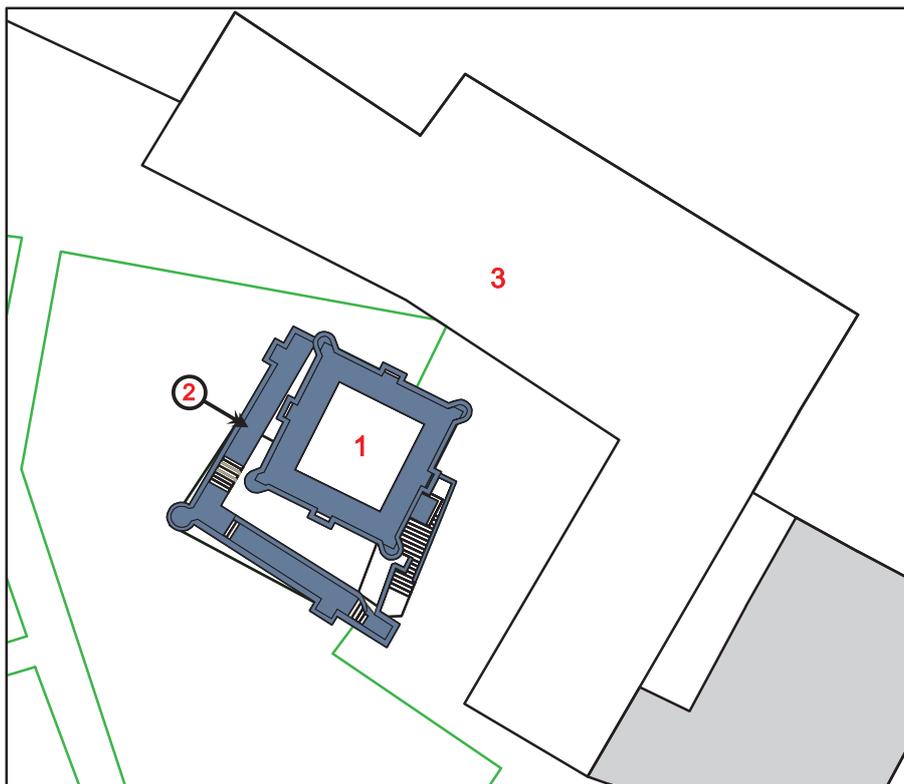


- Planta actual da cidade de Chaves

Folha:	C
- Iconografia século XVIII e planta actual	
Data:	2010
Legenda	
1- Castelo	
2-Barbacã	
3- Igreja de Santa Maria Maior	
4- Capela de Santa Maria Madalena	
5- Ponte de Trajano	
6- Igreja de São João de Deus	
7- Pano de Muralha Este	
8- Ponte medieval	
9- Rio Tâmega	

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves Medieval

Análise comparativa das plantas e representações do Castelo:

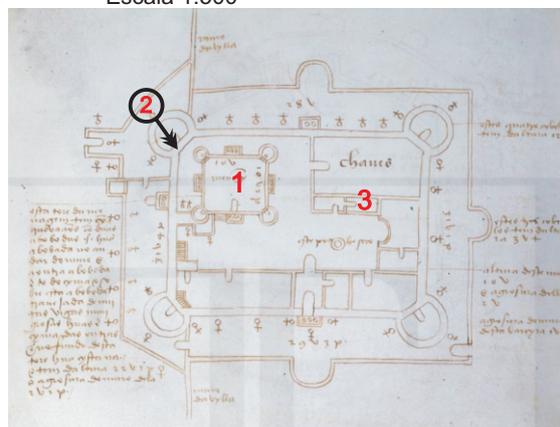
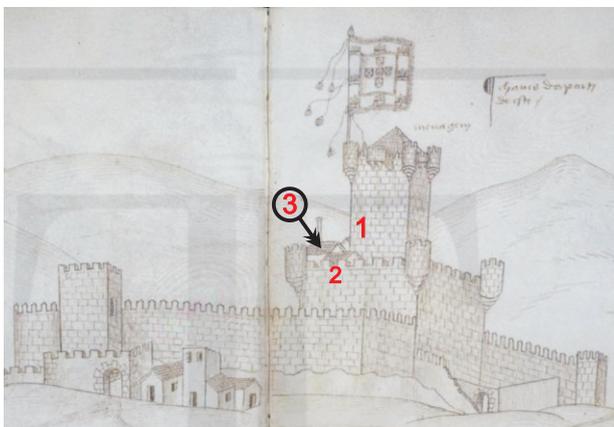


Folha:	A
-Planta actual e representações do séc. XVI	
Data:	2010
Legenda	
1- Torre de Menagem	
2- Adarve	
3- Paço dos	

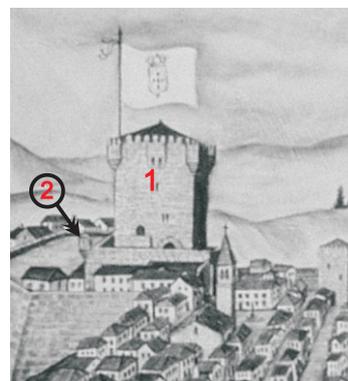
Planta actual da cidade de Chaves



Escala 1:500



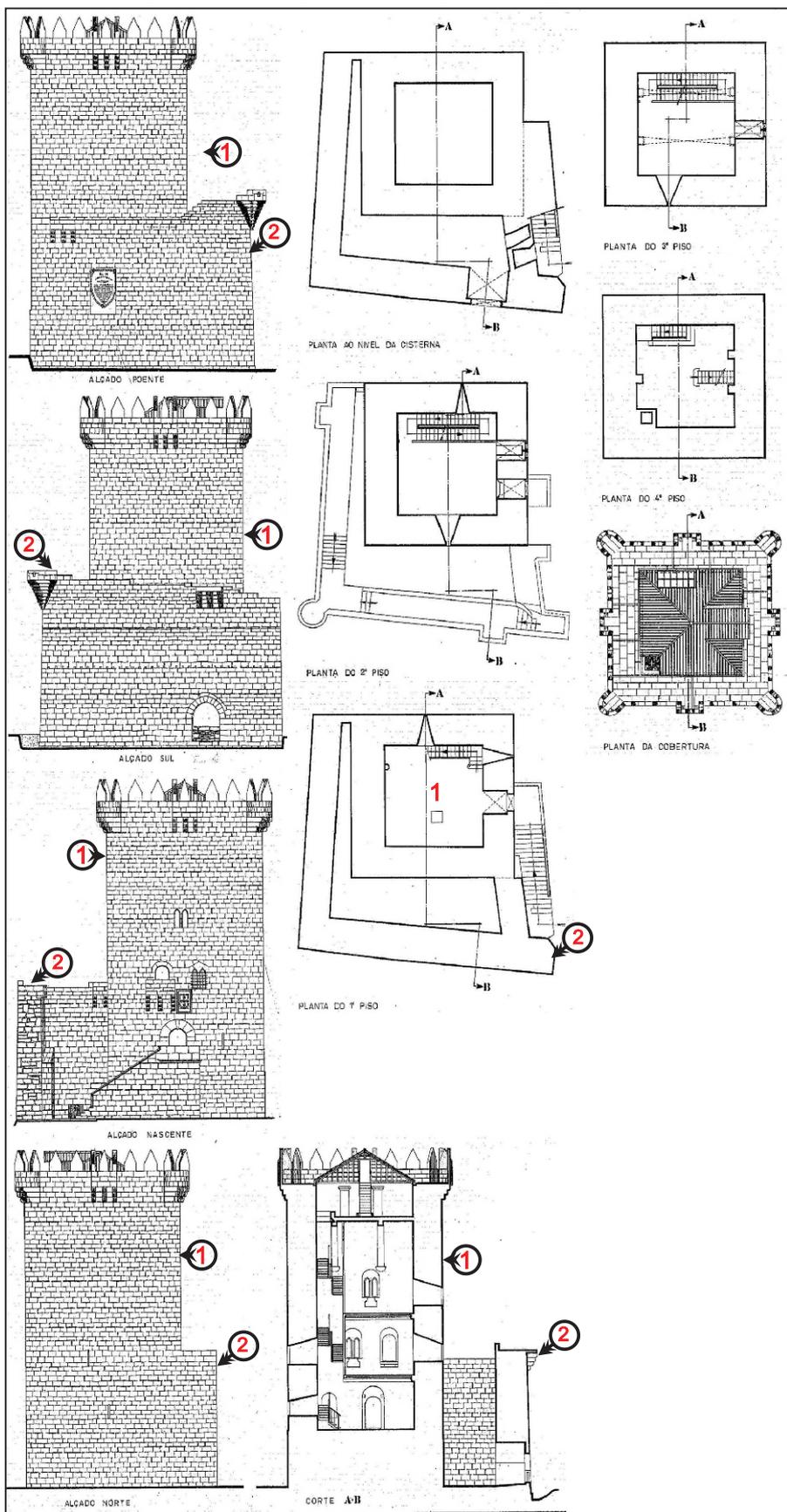
-Planta do Castelo de Duarte D'Armas - séc. XVI



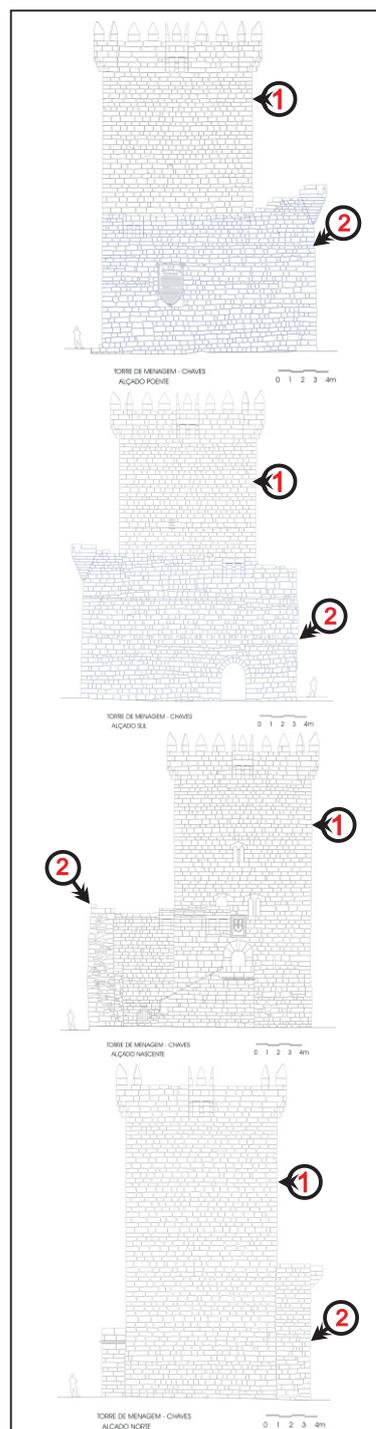
-Pormenor do Castelo - séc. XVIII

-Pormenores das vistas Oeste e Este e Este Oeste das representações de Duarte D'Armas no séc. XVI

Análise comparativa das plantas e representações do Castelo:



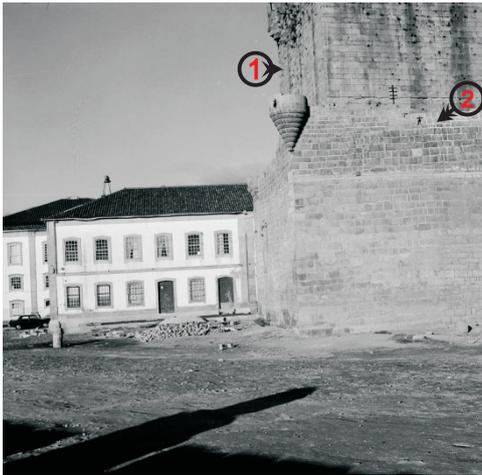
-Plantas e alçados do Castelo, levantamento da DGEMN em 1972



- Levantamento dos alçados do Castelo pela empresa

Folha:	B
- Levantamento dos alçados e plantas pela DGEMN em 1972 e pela Arqueohoje em	
Data:	2010
Legenda	
1- Torre de Menagem	
2- Adarve	

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves Medieval



a) Arranjo do espaço envolvente pela DGEMN em 1972



e) 2010



b) Foto DGEMN



f) 2010



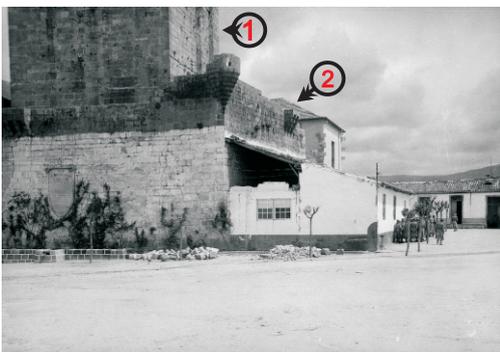
c) Foto DGEMN



g) 2010



h) 2010



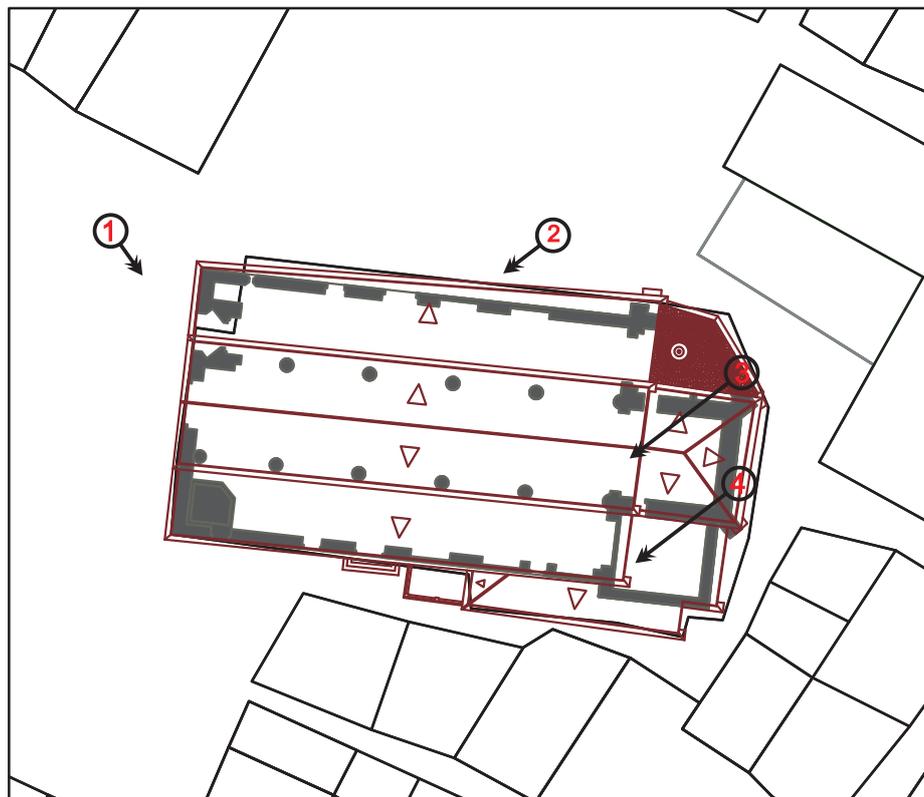
d) Foto DGEMN



i) Pormenor de uma sigla do paramento do Castelo, 2010

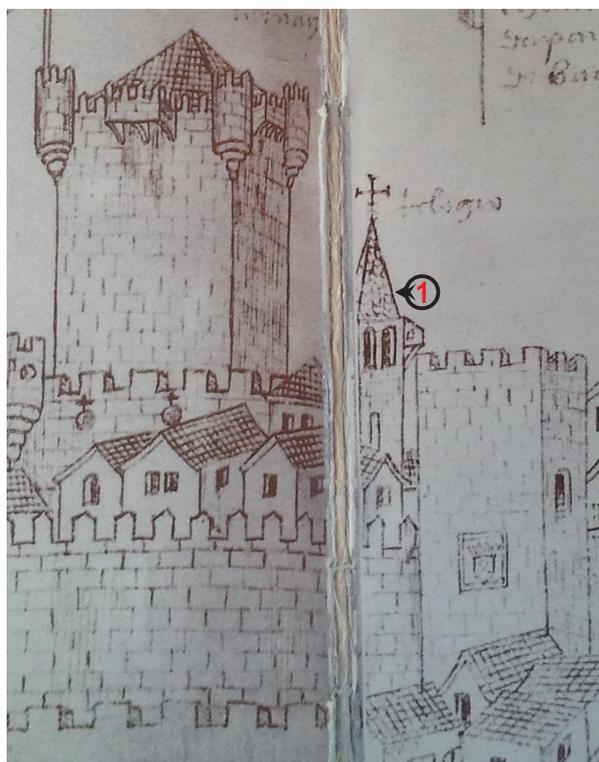
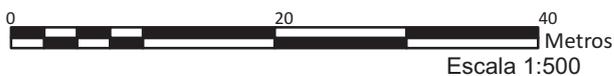
Folha:	C
- Fotografias do Castelo onde se observa as alterações sofridas ao longo	
Data:	2010
Legenda	
1- Torre de Menagem	
2- Adarve	

Análise comparativa das plantas e representações da Igreja de Santa Maria Maior:

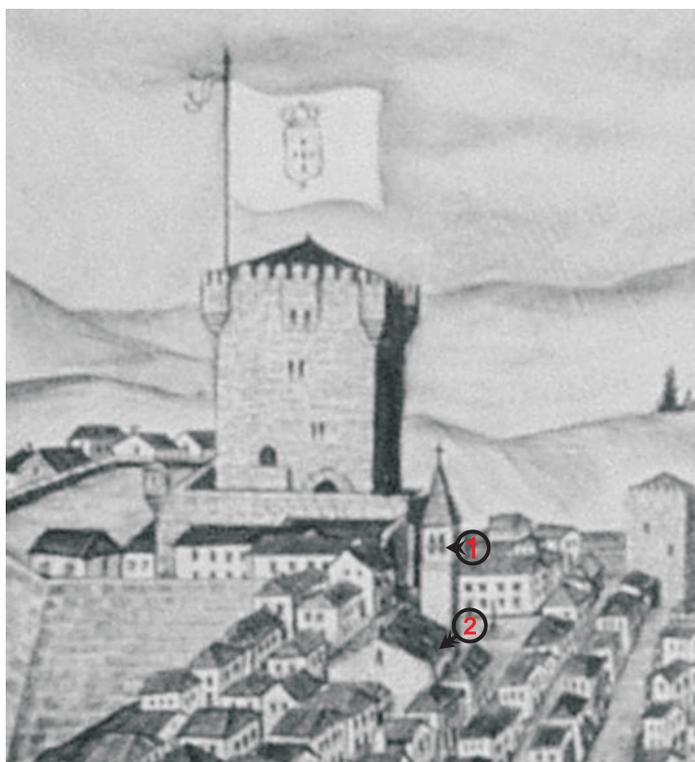


Folha:	A
- Planta actual e representações do séc. XVI e Séc. XVIII	
Data:	2010
Legenda	
1-	Campanário
2-	Corpo da igreja
3-	Altar Mor

Planta actual da cidade de Chaves

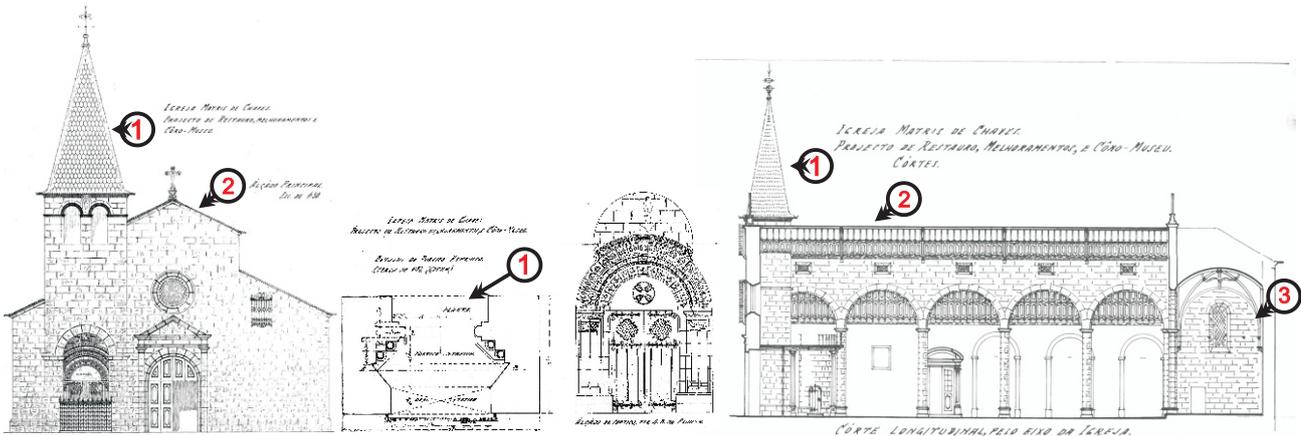
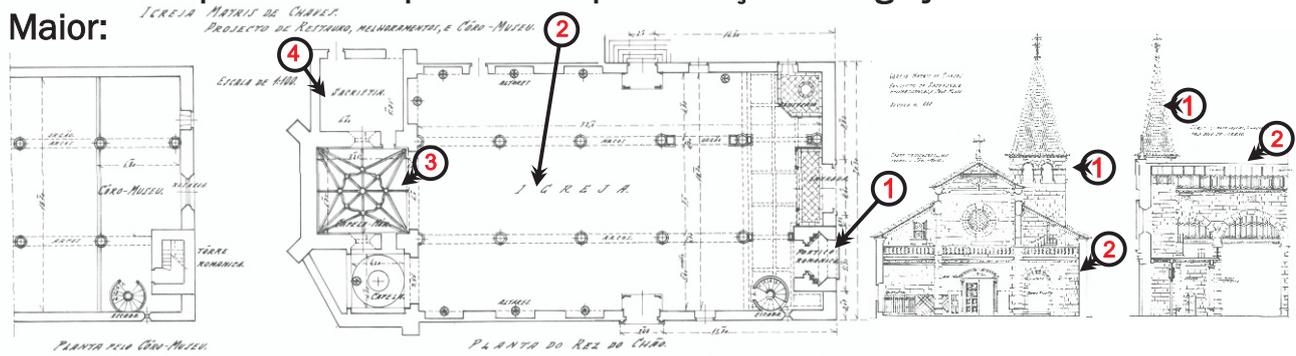


-Pormenor da Igreja Matriz na Planta de Duarte D'Armas - séc. XVI

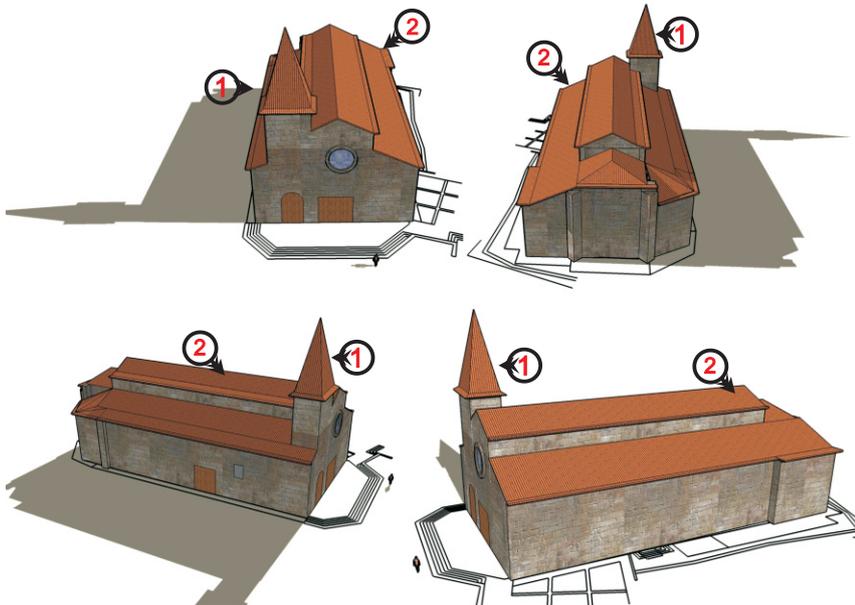


-Pormenor da Igreja Matriz na Planta "A Villa de Chaves Praça das Armas da Provincia de Tras os Montes" - séc. XVIII

Análise comparativa das plantas e representações da Igreja de Santa Maria Maior:



-Plantas e alçados da Igreja de Santa Maria Maior, levantamento da DGEMN em 1972

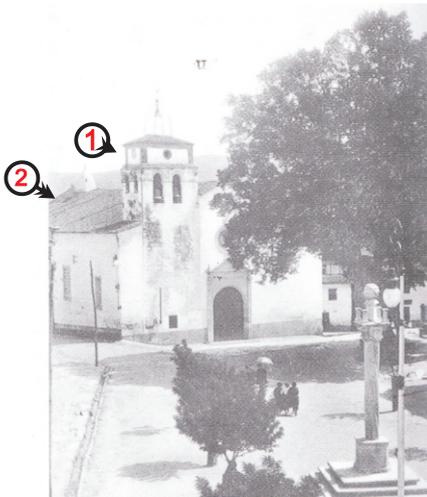


Folha:	B
- Levantamento dos alçados e plantas pela DGEMN em 1972	
Data:	2010
Legenda	
1- Campanário	
2- Corpo da igreja	
3- Altar Mor	

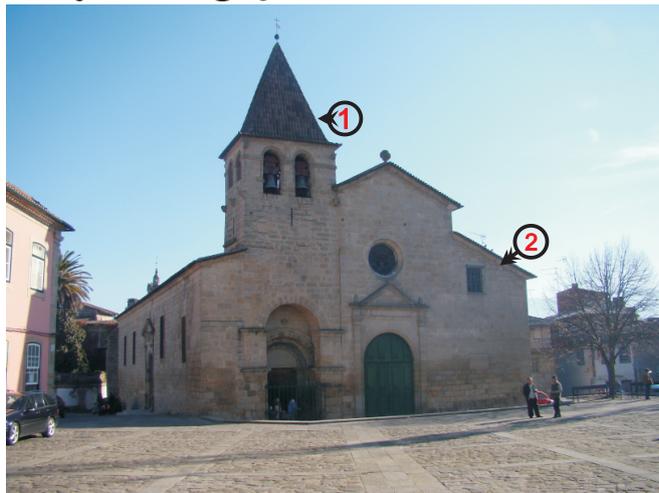
-Reconstituição tridimensional da volumetria da Igreja de Santa Maria Maior

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves Medieval

Análise comparativa das plantas e representações da Igreja de Santa Maria Maior:



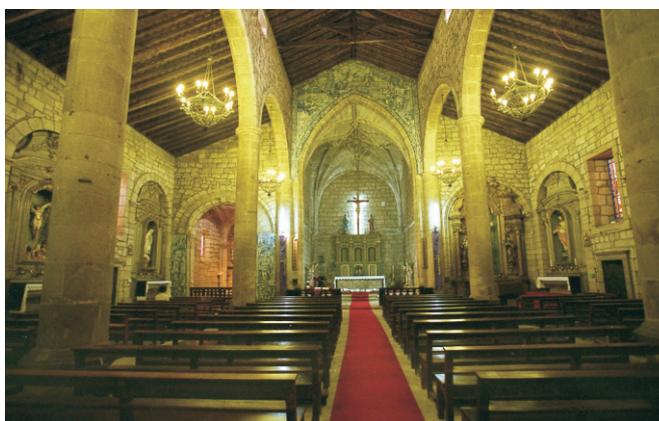
a) 1912



f) 2009



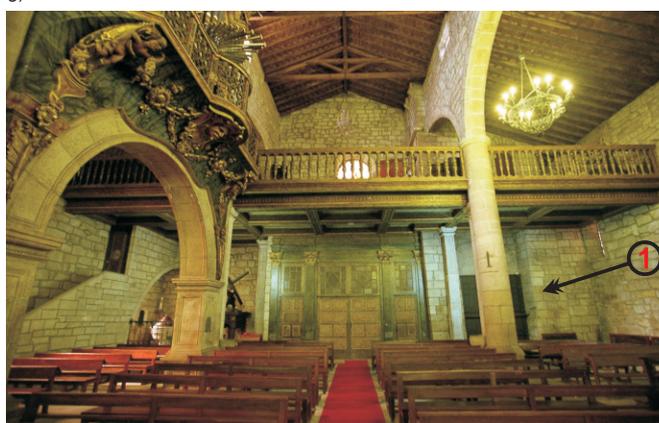
b) Início do séc. XX



g) 2009



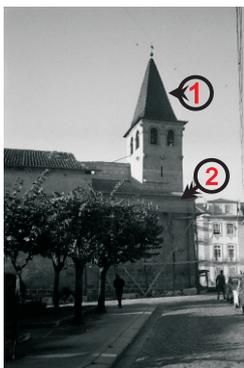
c) 1927



h) 2009



d) 1959



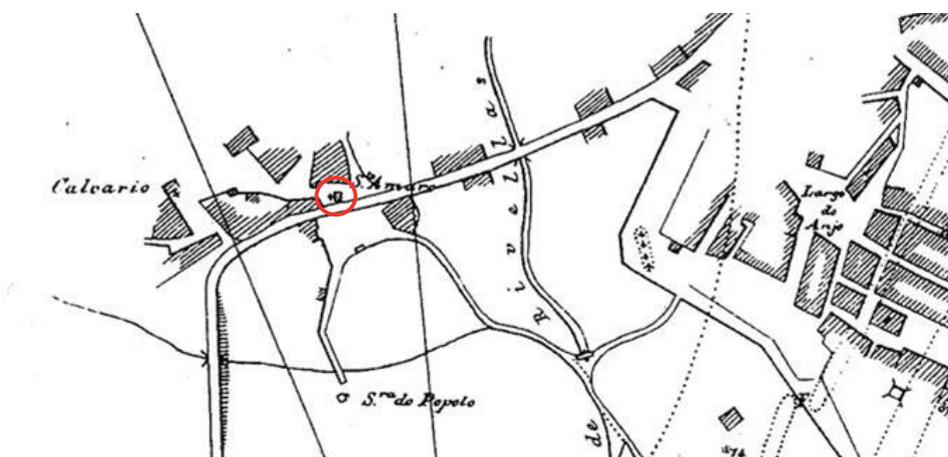
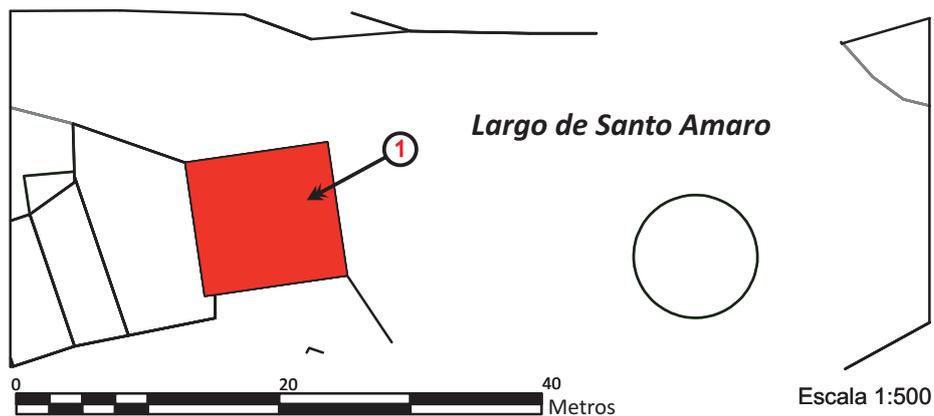
e) 1965



i) Pormenor do Cristo Pantocrator

Folha:	C
- Fotografias das alterações efectuadas ao longo do séc. XX	
Data:	2010
Legenda	
1- Campanário	
2- Corpo da igreja	
3- Altar Mor	

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves Medieval
Capelas medievais



- Pormenor da planta do Estudo Geo-Hydrologico de Chaves onde vem representada a Capela de Santo Amaro



- Pormenor da planta Chaves e as suas dependências de 1801, onde vem representada a Capela de Santo Amaro

Folha:	A
- Capela de Santo Amaro	
Data:	2010
Legenda	
1- edifício actual onde anteriormente se localizava a Capela de Santo Amaro	

Capelas medievais



0 80 120 160 Metros

Escala 1:2000

Folha:	B
- Capela de Santa Catarina	
Data:	2010
Legenda	
1- Área da implantação original da Capela de Santa Catarina - Séc. XIII	



- Capela de Santa Catarina actualmente situada na Rua 1º de Dezembro



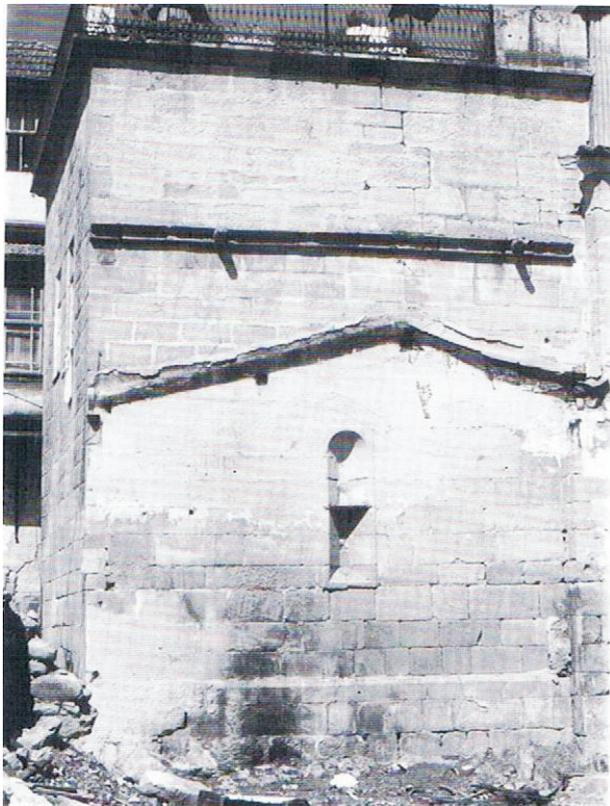
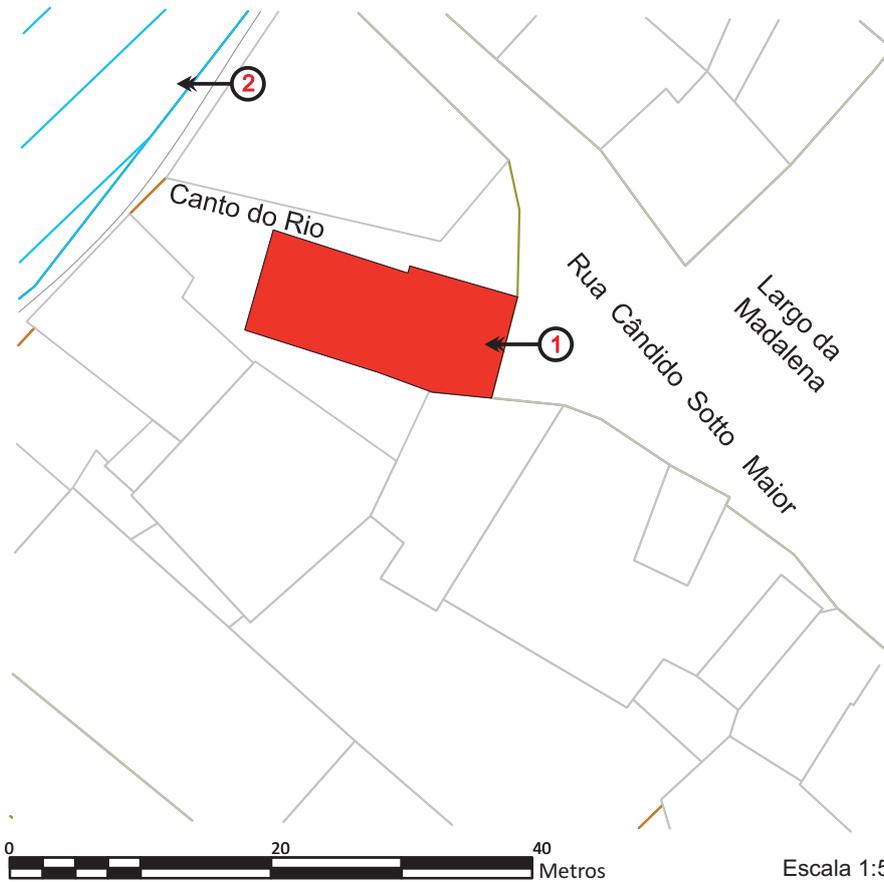
- Inscrição que refere a sua fundação original:
 "FUNDOU-SE ESTA CAPELA NO SITIO DO TOURAL NA ERA DE 1287
 QUE CORRESPONDE AO ANNO DE CHRISTO DE 1249"



- Inscrição que refere a sua transladação:
 "ESTA CAPELA MANDOU MUDAR O PRINCIPE D. PEDRO,
 GOVERNADOR DESTE REINO DO SITIO DO TOURAL POR PERJUDICAR
 A FORTIFICAÇÃO A PEDIMENTO DO ADMINISTRADOR GREGORIO DE
 CASTRO MORAIS COMENDADOR DA ORDEM DE CHRISTO, FIDALGO
 DA CAZA DE SUA ALTEZA, SARGENTO MAIOR DE BATALHA,

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves Medieval

Capelas medievais



-Obras na Capela de Santa Maria Madalena nos anos 80

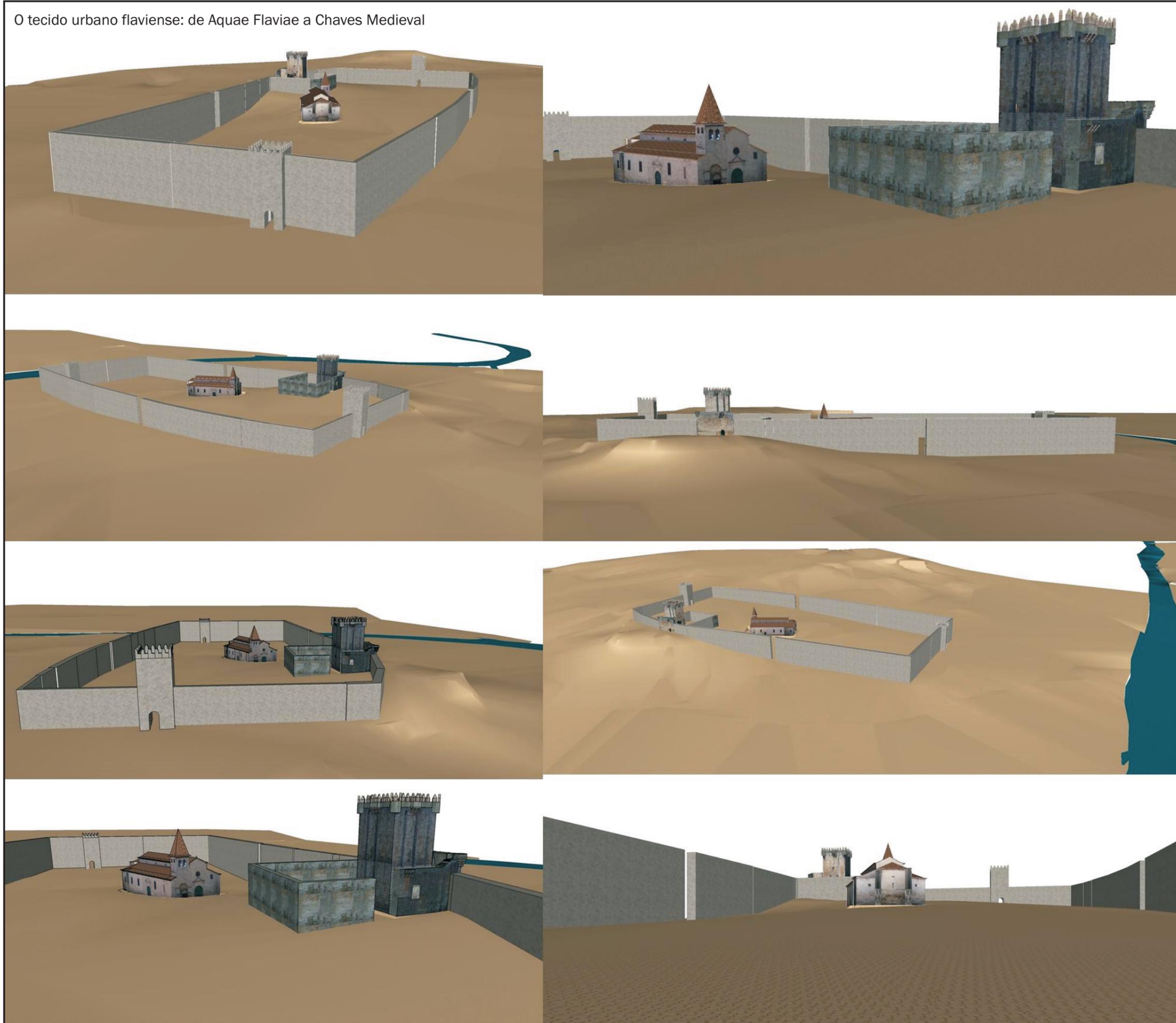


-Edifício da Capela de Santa Catarina usado como loja comercial

Folha:	C
- Capela de Sta. Maria Madalena	
Data:	2010
Legenda	
1- Capela de Santa Maria Madalena	
2- Rio Tâmega	

Apêndice III

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Modelação 3D	Folha A
- Reconstituição tridimensional da topografia do terreno, e dos elementos definidores da vila medieval	
Data:	2010

O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves Medieval



Modelação 3D	Folha B
- Reconstituição tridimensional do Castelo	
Data:	2010



Modelação 3D	Folha C
- Reconstituição tridimensional da Igreja de Santa Maria Maior	
Data:	2010

